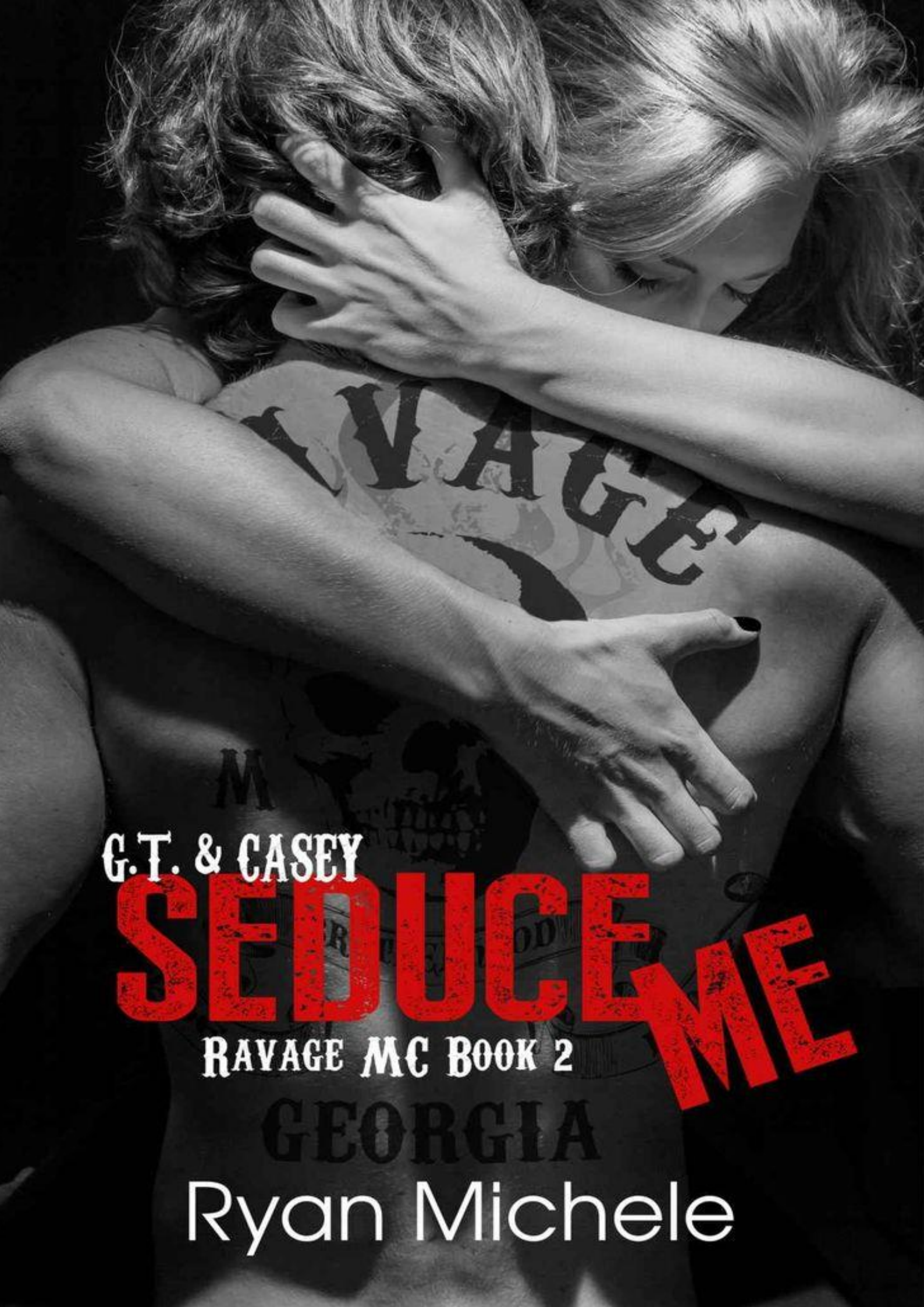




G.T. & CASEY

SEDUCE ME

RAVAGE MC BOOK 2

GEORGIA

Ryan Michele



Ryan Michele

#2 Seduce Me

Série Ravage MC

Seduce Me Copyright © 2014 Ryan Michele

SINOPSE

Casey Alexander cresceu sendo parte da família Ravage MC desde o dia em que foi abandonada pela sua mãe e atirada nos braços do seu pai. Sempre vendo a si mesma como alguém de fora, ela passou a vida toda tentando se encaixar, mas jamais teve muito sucesso. Quando ela perde seu amado pai, a pura solidão a consome, fazendo com que ela procure consolo com o único homem que ela sempre desejou. Confessar seu amor por ele só resulta em devastação quando ele a manda embora. Convencida de que ela precisa de um novo começo, Casey deixa tudo para trás e vai em busca de curar seu coração partido e construir um futuro sem ele.

Gage Thomas (G.T.) Gavelson se apaixonou pelo seu Anjo quando ele ainda era um pequeno garoto. Bonita e inteligente, ele sempre achou que ela merecia alguém muito melhor do que ele. Crescer ao lado dela no clube só continuou a testar sua força de vontade, até que em uma noite ele cede à tentação. Percebendo que ele só iria afastá-la da vida que ela merecia, ele a empurra para longe, fazendo com que ela acredite que nunca seria o bastante para ele. Deixá-la ir embora foi a coisa mais difícil que ele já fez na vida. Mesmo que ele achasse que era a coisa certa a se fazer, não se passou um dia em que ele não foi consumido pela tristeza e solidão.

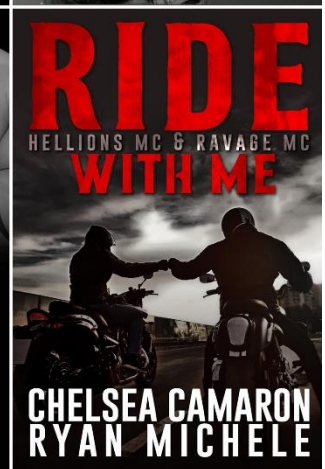
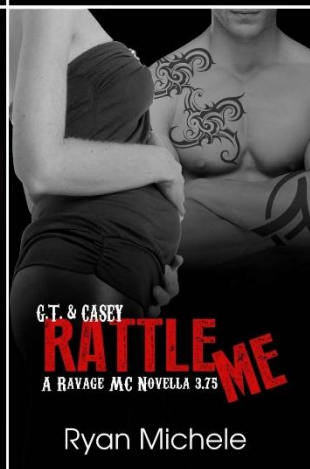
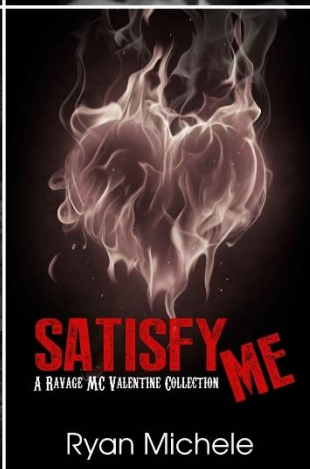
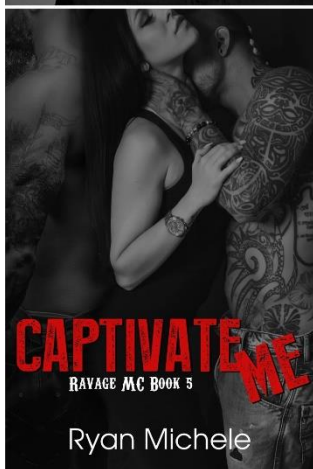
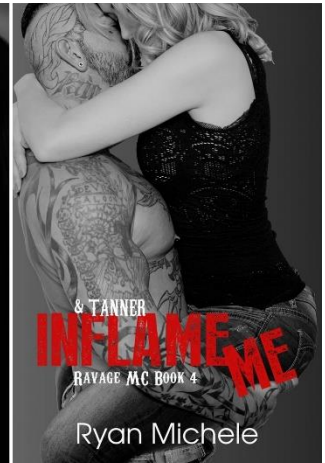
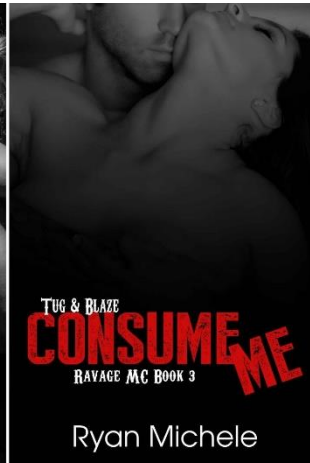
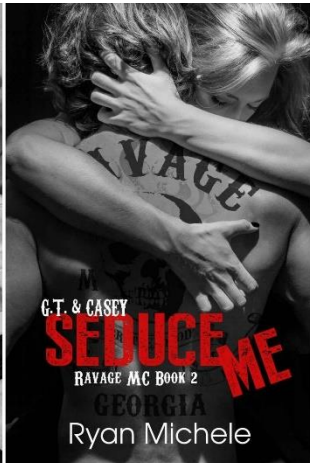
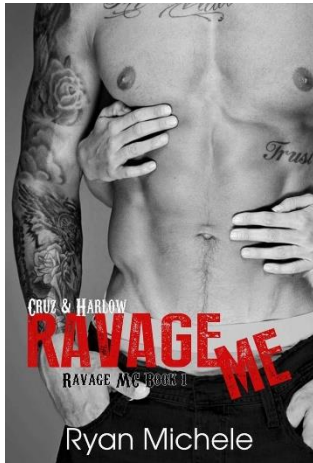
Quando trágicos acontecimentos ocorrem, tudo muda, e mais uma vez suas vidas são interligadas. Quando você encontra o caminho de volta para a única pessoa com quem quer estar, perdoar deve ser fácil. Mas, às vezes, estamos machucados demais para o perdão.

O amor deles é forte o bastante para curar a dor?

A SÉRIE

Série Ravage MC

Ryan Michele



Um

CASEY

O ar da manhã corre pela minha pele quando eu saio lentamente da casa principal do clube, caminhando até o meu carro. Eu já me despedi de Harlow duas vezes, mas essa última foi a mais difícil de todas. O peso nos meus ombros está me arrastando para baixo; minhas pernas acham difícil dar o próximo passo. Eu não quero ir. Essa é a minha casa, a única vida que eu conheço.

E minha única conexão com Bam, meu pai, mas isso precisa ser feito.

Coloco a mão na minha barriga e fecho os olhos, respirando fundo, sentindo o ar correr para os meus pulmões. É engraçado como a vida se repete. Acho que é isso que o Dr. Phill quer dizer com “comportamentos passados predizem comportamentos futuros”, e maldito seja se isso não é totalmente verdade.

Caminhando até o meu Chevy vermelho e branco, eu deslizo para dentro lentamente e coloco a chave na ignição, fazendo o motor rugir para a vida. Meus olhos focam na oficina e meu coração afunda assim como eu no meu assento, o peso se tornando demais. Passei horas aprendendo dentro daquele prédio, mas as melhores foram as que passei com o meu pai, lado a lado sob o capô do seu carro. Ele passou muito tempo me ensinando tudo que podia, sempre paciente e respondendo as milhares de perguntas que eu tinha. Essa foi a melhor época da minha vida.

Crescer em um clube teve dificuldades, mas a cada desafio jogado na minha cara, eu me tornava uma mulher mais forte.

Nunca conheci a doadora de óvulo que foi a minha mãe, que também era uma das vadias do clube. Assim que eu pulei para fora do seu útero, ela me entregou para Bam e nunca olhou para trás. Eu nem ao menos sei o seu nome e, a essa altura da minha vida, não tenho a intenção de descobrir.

Passo a mão na minha barriga e a decepção corre pelo meu corpo. Como alguém pode simplesmente descartar o seu filho e nunca mais entrar em contato? Nunca querer vê-lo crescer? Esse pensamento é apenas inconcebível para mim.

Embora isso não faça sentido, é o que a minha mãe fez. Bam nunca teve escolha sobre me criar ou não, mas eu nunca me senti sendo um fardo para ele. Verdade, minha vida sempre foi muito diferente da dos meus colegas de escola, mas eu amava isso e não mudaria nada.

Para mim, estar sobre uma Harley antes mesmo de conseguir andar e participar de festas onde os homens fumavam, se embebedavam e beijavam mulheres quase sem roupa era o normal. Ver brigas estourarem por causa de merdas estúpidas quase todo dia era a vida no clube. Não me entenda mal, eu sempre fui muito bem cuidada, especialmente por Bam, mas ele era muito ocupado. Nesse tempo, um monte de vadias do clube entrou e saiu da minha vida, cuidando de mim por um tempo, mas nunca ficando tempo o bastante para formar uma conexão.

Bam estava lá o máximo que podia. Ele brincava de festa do chá comigo e me fazia cócegas que sempre me davam um ataque de risos. Eu o amava... eu ainda o amo. Suas lições de vida foram a melhor educação que uma garotinha podia ter. Eu nunca tive que lhe pedir nada, era como se ele soubesse o que eu precisava quando eu precisava.

Quando chegou o tempo dos garotos, ele sempre me dizia que *não havia homem bom o bastante para o seu bebê*. Nessa época eu revirava os olhos, mas agora eu desejava ter ouvido aquelas palavras que saíam da sua boca.

Derrubei a cabeça contra o peito, lutando para não derramar lágrimas. *Eu não vou chorar. Sou mais forte do que isso.*

Bam foi capaz de fazer isso, conseguiu me criar. Mesmo com todas as dificuldades, ele conseguiu. E também consigo, mas para isso preciso ir para longe daqui e descobrir quem eu sou. Eu preciso ser melhor para mim e para o meu bebê, minha família. Eu quero uma vida

aqui, mas, infelizmente, isso não é possível no momento. Não é minha escolha, mas do pai do meu filho.

Mesmo que ele não saiba sobre o preciso presente que tenho crescendo dentro de mim, ele deixou perfeitamente claro que não quer uma vida comigo. Ele parece interessado demais em correr atrás de buceta para se acomodar com uma só. Parte o meu coração e me fere profundamente saber que eu não sou boa o bastante. Mas estou aprendendo a aceitar, mesmo que isso me mate. Ele não deixou muito espaço para o contrário.

Mas eu preciso colocar a cabeça no lugar e parar com qualquer movimento de pena de mim mesma. Não sou esse tipo de mulher. Graças a Bam, eu sou o tipo de mulher que agarra a vida pelas bolas, lida com as consequências e faz seu próprio futuro. Isso é o que eu estou fazendo ao ir embora. Tenho todas as intenções de voltar, de apresentar meu filho ao seu pai e fazer meu relacionamento com Harlow voltar a funcionar. Assim que eu estiver com a cabeça pensando direito.

Levantando os ombros, coloco o carro em movimento e dirijo para a nova vida que planejei para o meu bebê e para mim.

* * *

Cherry Vale fica a apenas uma hora de carro de Sumner, mas parece milhares e milhares de quilômetros, um mundo totalmente novo. A cada marco que passo, enxurradas de memórias correm pelo meu corpo, me rasgando camada por camada. A pizzaria onde Bam costumava me levar em ocasiões especiais aparece na janela, aquecendo meu coração e me enchendo de tristeza ao mesmo tempo. A torre de água onde Harlow e eu costumávamos ir para fugir de tudo, lá em cima no céu. O velho moinho ainda está intocado após todos os anos de abandono. Eu continuo dizendo a mim mesma que há uma razão para a minha loucura, e é pelo meu bebê que estou me mudando.

Parando em frente ao apartamento que aluguei, estaciono o carro e olho para o prédio de tijolos de quatro andares. As janelas alinhadas na frente têm o sol refletindo nelas com tanta força que elas têm uma espécie de brilho. As persianas brancas ao redor de cada uma dão à construção uma sensação acolhedora, junto com todas as flores plantadas ao redor da base do edifício.

Meu apartamento está localizado perto do campus e eu preciso caminhar pouco para chegar à aula, mas ainda não é dentro do campus. Quando fiz minha pesquisa, não queria viver em um lugar onde só houvesse estudantes, preferindo um que tivesse famílias também.

Eu não sei muito sobre crianças, mas não queria ter que lidar com garotos e irmãs de fraternidade depois de grandes bebedeiras quando eu tenho um bebê chorando.

Antes de encontrar Harlow na oficina mais cedo essa noite, meu carro já estava carregado com a minha vida e pronto para partir, todo o resto foi no caminhão de ontem. Eu não queria voltar ao apartamento em que morava por um tempo, com medo de que não iria partir. Tinha toda a intenção de ajudar Harlow com Rocky e dar o fora daqui antes que mais alguma coisa acontecesse. Eu precisava ter certeza de que as coisas fossem exatamente assim.

Suspirando, pego a maçaneta e abro a porta do carro. A manhã ainda está chegando e é um pouco fria, mas nada como uma hora atrás, o calor e a umidade começando a se fazer presentes. Vou até o porta-malas e pego uma caixa. Garanti que todas as coisas realmente pesadas viessem no caminhão de mudança, não querendo ter que levantar muito peso.

Entro no prédio e aperto no botão do elevador, e enquanto espero, meus pensamentos vão para Bam. Quando eu era mais nova, ele sempre disse que queria que eu fosse para a faculdade e conseguisse o meu diploma. Ele me disse que eu era uma garota inteligente, com uma boa cabeça sobre os ombros, e eu queria provar que ele estava certo.

Espero que ele não fique desapontado comigo. Depois de tudo, eu acabei grávida assim como a vadia do clube que era minha mãe. Tal mãe, tal filha, exceto por uma grande diferença. Eu não vou desistir do meu bebê. Tudo que estou fazendo agora é por ele ou ela.

O elevador chega. Balançando a caixa, entro cuidadosamente. Dou um tapa no botão de número três e as portas começam a fechar.

— Espere! — uma voz profunda do outro lado diz. A voz é comandante, mas ainda suave. Tento achar o botão de abrir as portas no painel enquanto acomodo a caixa, não tenho sorte. Uma mão grande aparece entre as portas e faz com que elas reabram com um estalo.

O cheiro do homem enche o elevador. É uma mistura de suor, testosterona e algo mentolado. Ele está usando shorts de corrida, tênis

e uma regata branca que mostra seus músculos impressionantes. Seu cabelo loiro está pingando suor e sua respiração está ofegante. Quando seus olhos castanhos encontram os meus, um pequeno sorriso puxa o lado da sua boca. Meu corpo entra em alerta instantâneo e eu levanto minhas paredes defensivas.

— Você precisa de ajuda com isso? — sua voz reverbera dentro da pequena área fechada.

— Não, obrigada, — eu digo endireitando os ombros. Uma coisa que você aprende ao viver em volta de um monte de motoqueiros durões é presença. Quanto mais confiança você tem, menos provavelmente vão mexer com você, e não conhecendo o cara, não vou abrir muito espaço.

— Aqui, — a caixa em meus braços desaparece e eu sinto o alívio imediato. — Posso ajudar a levar isso até o seu apartamento. Não vou entrar, — seu sorriso cheio está esperando por mim, e ele é tão contagioso que me encontro sorrindo de volta.

— Obrigada, — eu desvio o olhar para ver os números mudando do um para o dois.

— Eu sou Jace, — sinto seus olhos queimando um buraco através de mim, mas não vou dar muito espaço a esse homem. Não vou deixar ninguém entrar... de novo.

— Casey, — continuo olhando os números, que vão do dois para o três, querendo que eles aumentem mais rápido.

— Você precisa de ajuda com outras caixas?

— Eu vou cuidar delas, mas obrigada, — o elevador apita no três e então me ocorre que Jace não apertou em nenhum número. Saindo do elevador, procuro o 303 e o encontro do lado direito do corredor. — Eu estou aqui, você pode ir. Obrigada.

Ele não faz nenhuma tentativa de largar a caixa, mas para perto da porta, seu ombro pressionado contra a parede. Com a minha visão periférica, vejo seus músculos dos braços se flexionarem enquanto ele segura a caixa como se não pesasse nada. Engulo em seco e rapidamente coloco a mão no bolso para pegar as chaves, tentando não as derrubar.

Abrindo bem a porta, entro no lugar. Várias caixas estão espalhadas pelo chão e junto às paredes, minha mobília está empilhada em vários montes, mas o lado bom é que não vejo a cama, então felizmente ela foi levada para o quarto. Solto um suspiro profundo e

caminho pelo apartamento, olhando para a bagunça que vou levar dias para arrumar.

Me viro para a porta. Jace ainda está parado com o ombro apoiado contra a porta, mas não acho que ele precisa de ajuda e a indiferença não é seu forte. Caminho rapidamente até ele e pego a caixa. Ele a entrega para mim com hesitação.

— Obrigada, — eu digo, me afastando dele e colocando a caixa sobre uma enorme pilha de qualquer coisa.

— A qualquer hora. Eu realmente gostaria de ajudar com as outras coisas. Minha mãe sempre me ensinou a ajudar uma dama. Ela bateria na minha cabeça se descobrisse que eu não ajudei você, — ele sorri, mas cobre isso com a mão.

— Eu só tenho mais duas caixas e uma mala. Posso cuidar disso, mas obrigada, — eu digo, ignorando o comentário sobre a sua mãe. Me viro e quando meus olhos se encontram com o seus de um tom marrom chocolate, eu instantaneamente olho para o chão, minha confiança balançando um pouco. Seu interesse em mim está escrito por todo o seu rosto, mas isso não vai acontecer e eu não quero lhe dar nenhuma falsa esperança.

— Se você precisar de qualquer coisa, me avise. Eu moro no 306, do outro lado do corredor, — ele se afasta da moldura da porta, mas não dá um passo dentro do meu apartamento. Ele mantém sua palavra sobre não entrar e eu aprecio o seu respeito.

— Obrigada, mas eu vou ficar bem. Tenho que desempacotar tudo, — eu seguro a pronta, pronta para fechá-la.

— Entendo. Prazer em conhecer você, Casey, — seus lábios formam um sorriso de parar o coração, um que faria a maioria das mulheres se arrepiar. Se eu fosse qualquer outra mulher, em outra situação, eu provavelmente estaria nas suas mãos. Mas eu não sou.

— O mesmo aqui, — eu seguro a porta com um pouco mais de força, Jace se vira e caminha alguns passos na direção da sua porta. Sem olhar, eu fecho rapidamente a minha porta e me viro, permitindo que minhas costas pressionem a madeira com alívio. Eu consegui. Estou aqui. Posso fazer isso.

* * *

Eu odeio desempacotar. Só fiz isso duas vezes na vida, a primeira quando me mudei para ir morar com Harlow, e agora. Levou a maior parte do dia, mas acho que finalmente tudo está onde precisa estar, pelo menos os móveis e as roupas. O resto pode esperar até outro dia.

Me atirando no sofá, inclino a cabeça para trás para descansar. Todo meu corpo dói, do topo da minha cabeça até os dedos dos meus pés. Meu estômago ronca, me lembrando que ainda não comi. Uma vez que não passei no mercado ainda, não há comida por aqui. Eu suspiro. Vou ter que conseguir comida antes de ir para a cama.

Minhas duas mãos vão imediatamente para a minha barriga. Não está nem perto de aparecer ainda, mas sei que há uma vida crescendo dentro de mim. Eu não tinha planos de ficar grávida. Quando o médico disse que o anticoncepcional era 99% eficaz, acreditei nele. Fui agraciada com o 1% sortudo, mas não posso dizer que estou desapontada. Essa gravidez pode não ser o que eu tinha previsto para mim, mas não mudaria isso por nada no mundo.

G.T. e eu não usamos camisinha. Foi um grande erro da minha parte e eu deveria ter insistido para ele usar. Eu o conhecia, sabia que ele nunca iria se comprometer com uma só pessoa, mas fiz isso mesmo assim, como uma estúpida adolescente apaixonada, esperando que eu fosse capaz de mudá-lo. Estúpida. Ele fez exames por mim e estava limpo, mas mesmo assim eu não deveria ter provocado o destino.

Meu relacionamento com G.T. nunca foi o que poderia se chamar de estável ou saudável. Quando éramos crianças, ele era o irmão mais novo que Harlow e eu amávamos aterrorizar e manipular sempre que podíamos. Fizemos ele fazer coisas bem nojentas, como beber cerveja velha com bitucas de cigarro e catarro de alguém dentro. Com apenas dois anos de diferença, nós passamos muito tempo juntos, mas maioria era do tipo *eca, ele é nojento*.

Mas parte de mim se apaixonou por Gage Thomas Gavelson quando eu tinha sete anos de idade e ele jogou lama na minha cara porque eu não quis pular em uma poça com ele. Isso selou o acordo para mim.

Pouco depois que ele começou a andar ao redor do clube, percebi que o irmãozinho fofo estava se tornando um homem e eu doentiamente passei de um caso de amor infantil para um queda total e esmagadora. Mas, por volta dos treze anos, Pops, pai de G.T., começou a levá-lo mais e mais para dentro do clube. Eu às vezes via ele do outro lado do estacionamento, quando Bam e eu estávamos trabalhando nos carros,

mas não era a mesma coisa. Eu sentia a sua falta. Então, as mulheres começaram a aparecer. Mulheres muito mais velhas. Primeiro eu pensei que elas talvez estivessem ali para ajudá-lo com a lição de casa ou para trabalhar para Pops. Como eu estava errada. Rapidamente aprendi que elas estavam lhe ajudando, mas definitivamente não era com a lição de casa.

A intensidade dos meus sentimentos por G.T. continuou a crescer, nunca diminuindo. Na verdade, meu desejo cresceu tanto que chegou a um nível que doía apenas vê-lo. G.T. continuava a guardar um lugar especial no meu coração; um que eu fechei e tentei desesperadamente manter contido. Mas cada sorriso que ele me dava ou cada batidinha no ombro quebrava ainda mais minhas restrições.

Em um dia fatídico, ele realmente me viu. Me viu de verdade. A emoção em seus olhos quando eles se encontraram com os meus deixou meu corpo em chamas. Aquele dia foi rápido, feroz e lindo. Aquele dia deu início à nossa curta história de amor.

Eu deveria ter sabido. Todo o bom senso me deixava quando eu chegava perto daquele homem. Eu vi as mulheres entrando e saindo do seu quarto no clube ao longo dos anos, mas, estupidamente, pensei que eu fosse diferente. Pensei que eu significasse algo para ele. Mas não. Eu só era uma de muitas. Não havia como mudar um homem como G.T. Por mais que eu quisesse ser especial para ele, não sou e tenho que viver com isso.

Nosso tempo juntos foi rápido e passageiro, mas com meus sentimentos por G.T. tendo raízes tão profundas, eu fui sugada por tudo que era ele. Mas depois de apenas três semanas juntos, ele terminou comigo e me deixou com um presente inesperado. Por mais doente que isso pareça, estou feliz de sempre ter uma parte dele comigo. E a parte mais doentia ainda é que eu sou a minha mãe. Sou uma vadia do clube que engravidou de um dos irmãos. Eu vou ser aquela que todos vão ver como uma puta. Mas a principal diferença é que eu não vou desistir do meu bebê ou abandoná-lo.

Vai chegar o dia, nos próximos meses, em que vou ter que contar para G.T. Não sou uma vadia sem coração que vai tentar manter a criança longe dele. Não importa o quanto isso me machuque, nunca faria isso com ele. Eu posso morrer ao ter meu filho ou filha ao redor do monte de vadias do clube que G.T. tem dentro e fora da cama, mas vou lidar com isso, como faço com tudo o mais. E vou deixar que ele ou ela escolha se quer a mesma vida do seu pai. Eu nunca vou fazer essa escolha pelo meu filho.

Mas o principal motivo de eu vir para cá foi colocar a cabeça no lugar. Eu não tenho dúvidas que G.T vai cuidar financeiramente do seu filho, mas quero ser capaz de fazer isso sozinha também. Esse bebê é meu e eu quero dar uma opção para G.T., diferente do que meu pai teve. Parte de mim quer desesperadamente que ele apareça e seja o pai que eu sei que ele pode ser, mas não vou obrigá-lo, como aconteceu com Bam. Vou conseguir o meu diploma e cuidar do meu filho. Não vou depender de ninguém, nunca.

Não só isso, eu preciso chegar a um acordo comigo mesma sobre a morte de Bam. Pensar nisso faz arrepios correrem pelo meu corpo e minhas mãos tremem. Mesmo depois de quatro anos, sua morte ainda me assombra. Fecho meus olhos, as lágrimas borrando minha visão. Tento segurá-las, mas descubro que é algo difícil. Bam é a única família que eu tenho, a única família que eu tinha. Mesmo que eu tenha crescido ao redor do clube, nunca me senti parte dele. Em vez disso, sempre me vi como uma observadora de fora. A filha do irmão, portanto todo mundo me tolerou.

Harlow é verdadeiramente a irmã que eu sempre quis, não por sangue, mas por vínculo. Mesmo que eu a considere minha família, ela agora tem a sua própria para cuidar. Não só isso, ela tem o clube. Agora que é uma *old lady*, ela está em um patamar diferente do meu. Certa vez nós já tivemos o mesmo status, mas agora ela está totalmente em outro campo, e eu respeito o seu lugar lá.

Mesmo quando crescíamos, sempre vi a diferença entre nós duas. Harlow é a *Princesa*, e eu sempre me senti como alguém que era suportado. Os irmãos sempre a adoraram, e eram gentis comigo, mas nunca nos trataram de forma igual. Olhando para trás atrás, soa muito mesquinho e invejoso, mas para uma garota de treze anos que está tentando achar o seu lugar, isso era tudo. Eu nem sei se os irmãos percebiam que estavam fazendo isso ou se importavam. Mas *eu* me importava.

Quando Bam morreu, todos os irmãos se apresentaram para cuidar de mim, mas outra vez eu me sentia uma espectadora olhando do lado de fora. Ali, mas sem fazer parte. E parte disso pode ter sido o luto, considerando que não saí do meu quarto por algumas semanas. Mas o clube era a família de Bam, não minha, embora eu quisesse que fosse. Eu sempre fui uma obrigação para os irmãos. Não preciso da piedade de ninguém, nunca mais. Mas sempre vou ter Harlow ao meu lado, de alguma forma; talvez não como antes, mas se eu a chamasse

agora, ela viria. Com certeza temos algumas coisas para resolver, mas eu sei que vamos conseguir superar.

Mas eu ainda não posso dizer a ela sobre o bebê. Eu quase contei ontem à noite, enquanto estávamos deitadas na cama depois do intenso episódio em que descobrimos que Rocky era um policial disfarçado. Eu quero alguém para falar sobre a gravidez, mas não poderia adicionar mais merda na pilha já enorme de coisas que ela está lidando, mesmo que eu deseje ter o seu apoio. Eu gostaria que ela me abraçasse e tirasse toda a dor e confusão. Mas, por outro lado, sei que ela vai ficar chateada por eu ter ido embora e vai me levar de volta e me obrigar a contar para G.T., mesmo que ele ainda não esteja pronto para saber. Mais importante ainda: eu não estou pronta para contar.

Um estrondo na porta da frente me faz saltar e apertar meu peito, meu coração bate. Droga. Eu ando hesitantemente até a porta e olho no olho mágico para ver Jace de pé com uma sacola de plástico em uma mão e uma caixa de pizza na outra. Meu estômago rosna, mas eu o obrigo a calar a boca.

Abro lentamente a porta e dou um pequeno sorriso. — Oi.

— Oi, Casey. Percebi que você estava ocupada desempacotando e pensei que trazer algo para você comer.

— Obrigada. Mas estou saindo para ir ao mercado, — meu peito se aperta. Eu não quero ser uma cadela, mas pelo brilho em seus olhos ele está seriamente interessado em mim, e eu não posso ter isso. Há muito em minha vida que precisa ser resolvido antes que qualquer coisa aconteça, e fazer ele acreditar em algo diferente é um erro. Especialmente quando ele descobrir que vou ter um filho; essa coisa de *pai instantâneo* não funciona muito bem com os homens. Mas é um gesto legal trazer comida para um novo vizinho.

— Eu já trouxe comida. Você deve estar cansada de trabalhar nisso o dia todo. Veja, é apenas um gesto de amizade. Posso ver as rodas girando na sua cabeça. Eu tenho que comer. Você tem que comer. Vamos comer e, quando terminarmos, eu vou embora, — Jace trocou de roupa e agora usa uma bermuda cáqui e uma camisa polo azul justa ao redor dos seus bíceps. Seu cabelo está desalinhado, como se ele tivesse passado os dedos mil vezes por eles, mas ainda bonito. Seus olhos brilham quando encontram os meus.

— Apenas amigos, — ênfase para ele, não para mim.

— Entendido.

Eu abro o braço e o conduzo para o meu apartamento, meu coração batendo acelerado.

— Ignore as caixas. Droga. Não sei se tenho pratos ou qualquer coisa que possamos usar, — passo para a cozinha, que brilha com os armários brancos, um tom levemente mais claro de uma cor azul-acinzentada nas paredes e uma grande ilha que tem dois banquinhos. Alcanço a maçaneta de cromo de um dos armários aéreos para pegar pratos e o toque de Jace na minha mão me assusta e eu instantaneamente me retraio.

— Desculpe. Eu tenho pratos de papel e copos. Não se preocupe, — na mesma hora eu me sinto péssima pela minha reação. Suspiro e me seguro no balcão para me estabilizar. *Se controle, porra.*

— Ótimo, obrigada, — dou a ele um pequeno sorriso. — Por favor, se sente, — eu me viro e aponto para um dos banquinhos da ilha.

Ele coloca todas as coisas em cima e pega na sacola de plástico os pratos, guardanapos e dois copos. Um ronco do meu estômago anunciando a minha fome faz Jace começar a rir.

— Viu, eu sabia que você ia estar com fome, — ele abre a caixa e tira um pedaço de pizza cheio de queijo derretido, colocando-o em um dos pratos. O cheiro de alho e molho de pizza atinge meu nariz e minha boca fica cheia d'água. A percepção de como eu estava com fome de atinge com força.

— Foi um dia difícil, — eu sorrio e pego a pizza do prato, dando uma grande mordida. Um leve gemido escapa dos meus lábios quando o molho atinge minha língua, tão bom. Ele sorri e começa a comer.

— Lembro quando eu me mudei, no ano passado. Eu fiquei exausto, — ele diz, obviamente não gostando do silêncio.

— Obrigada por me trazer comida, — eu limpo a boca e rapidamente volto a devorar a pizza, até porque, se a minha boca está cheia, eu não posso falar muito.

— Isso não foi nada. Para que servem os vizinhos afinal? — ele sorri e molho de pizza cai no seu lábio.

— Você está sujo, — eu aponto para o meu lábio, sua língua se lança para fora e limpa o pouco de molho. Definitivamente é atraente, mas eu reforço as paredes. Tenho que separar amizade de atração.

— Obrigado. Você está na faculdade? — eu aceno. — O que você está estudando? — ele pergunta.

Parte de mim não quer responder, não quer lhe dar nenhuma informação sobre mim. Mas eu também não quero ser uma vadia mal-educada. — Administração, mas estou apenas começando, então tenho que passar pelas disciplinas básicas primeiro.

— Eu estudo Administração também. Estou no segundo ano, então ainda estou nas básicas também. Espero que no próximo semestre a coisa fique mais séria.

Eu rio da sua fala. — Como são as aulas? — eu pego outro pedaço de pizza da caixa e começo a comer na mesma hora.

— Boas. Nada demais, — ele dá de ombros antes de dar uma grande mordida no pedaço na sua mão.

— Eu estou ansiosa para começar, — pego o copo e dou um grande gole, surpresa que falar com ele é tão natural que meu corpo começa a relaxar um pouco.

— Então, Casey, me conte um pouco sobre você, — eu enrijeço, a tranquilidade que comecei a sentir momentos atrás voando do meu corpo enquanto eu olho para ele. Jace nota a minha hesitação, — Estamos apenas nos conhecendo. Nada demais.

Seria legal conhecer alguém aqui e ele parece um cara bem legal. Inferno, ele me trouxe pizza. Posso falar com ele, apenas cuidar para não falar demais.

— Eu sou de Sumner. Amo trabalhar com carros e é isso, — eu volto para o meu pedaço de pizza.

Ele sorri. — Tenho certeza que há mais coisas aí, mas vou ficar com isso, — ele pausa. — Eu sou daqui, na verdade. Comecei a faculdade ano passado por insistência do meu pai. Trabalho com ele como peso de papel, então ele acha que pode ficar me dando ordens. Bem, acho que ele pode, — ele ri. — Eu saio para correr com frequência, amo assistir futebol e sou um cara *excelente*.

É a minha vez de rir. — Com certeza você tem uma ótima visão de si mesmo.

Ele mastiga a pizza e engole. — Nah. Nada disso. Apenas pensei que ia fazer conseguir ouvir a sua risada, e estou feliz porque consegui.

Eu fujo rapidamente do seu flerte, enchendo minha boca com mais pizza.

Ele levanta as mãos em rendição. — Desculpe. Eu vou parar. Estou deixando você desconfortável e isso é a última coisa que eu quero.

Limpo minha boca outra vez e me levanto lentamente. — Eu realmente gostei muito de você ter trazido o jantar, mas estou muito cansada.

— E essa é a minha dica para *ir para o inferno*, — ele grunhe enquanto levanta do banco. Eu não posso negar as suas palavras. — Obrigado por me deixar comer com você. Tenho certeza que nos vemos por aí.

— Obrigada novamente por me ajudar com a caixa e trazer o jantar. Foi muito legal da sua parte.

— O que todo cara que ouvir. Isso foi bom, — ele ri. — Não foi trabalho algum. Se você precisar de algo, estou no 306. Apareça a qualquer hora.

Eu aceno e me movo rapidamente em direção à porta para abri-la. — Obrigado. Vejo você por aí, Casey, — ele sorri apertando os olhos. É melhor que ele vá embora. Ele precisa ir embora.

— Tchau, — eu fecho a porta e tranco todas as fechaduras, limpando o que sobrou da janta, e vou para cama. Eu não estava brincando, estou morta. Preciso dormir agora, e o sono me consome assim que minha cabeça descansa no travesseiro.

Dois

CASEY

A primeira semana de faculdade passa correndo diante dos meus olhos e está quase acabando. Eu realmente gosto das minhas aulas e meus professores parecem legais. Meu trabalho, por outro lado, não é tão legal assim. O trabalho é difícil. Achar o seu lugar em uma indústria dominada por homens é um desafio, e a Foster's Garage não é diferente – e isso é o que eu esperava. Mesmo em Sumner, eu enfrentei diversos desafios para demonstrar minhas habilidades diariamente para os caras, e por isso eu sou respeitada. Aqui... não tanto.

Os caras fazem comentários imbecis sobre a minha bunda, mas eu deixo passar e finjo que não ouvi. Se eu deixar essa merda me afetar, então estou no trabalho errado. O que me irrita é o tom condescendente que alguns deles usam quando eu falo de motores. Na verdade, eu posso andar em círculos ao redor deles falando sobre motores, e muito provavelmente posso montar e desmontar um mais rápido do que eles jamais imaginaram ser possível. Novamente, isso se trata de provar minhas habilidades e eu aceito, apenas não tenho que gostar.

Felizmente, só trabalho algumas horas, dois dias por semana. Eu na verdade não preciso trabalhar de fato. Bam me deixou dinheiro suficiente para sobreviver por um bom tempo, e eu também economizei muito ao longo dos anos. Bam me ensinou muito bem as coisas relativas a dinheiro. Nunca gaste mais do que ganha e se quer alguma coisa, trabalhe para conseguir isso. É exatamente isso que estou fazendo agora. Além disso, eu amo estar sob um motor e não estou pronta para abrir mão disso ainda.

Uma das melhores coisas que me aconteceu foi conhecer Bella. Ela é realmente a única amiga que fiz na faculdade. Nos conhecemos

em duas aulas que temos juntas. Ela sentou ao meu lado um dia e eu não podia tirar os olhos dela. Seu cabelo era tão único, preto escuro, mas foi a maciez e o brilho que chamou a minha atenção; eu queria tocá-lo para ver se era real. E essa foi a primeira coisa que pedi a ela. Bella riu e disse que sim. Depois de conversamos mais um pouco, descobrimos que tínhamos muito em comum, e viramos amigas desde então. Começamos a ir a uma cafeteria no fim da rua para conversar depois das aulas.

Bella perdeu seu pai há cerca de um ano, e falar das nossas experiências fez com que um vínculo se formasse entre nós instantaneamente. Nós também estamos cursando o mesmo programa na faculdade, o que faz da gente um par perfeito. Ela na verdade mora no prédio ao lado do meu, o que foi uma feliz surpresa.

Quando entro na cafeteria, Bella é imediatamente notada. Seu longo cabelo preto flutua incontrolavelmente pelas suas costas. Seus olhos são azuis, mas possuem um toque púrpura que os torna únicos. Dizer que ela é exótica é um grande eufemismo. Somado a isso, ela tinha um corpo de morrer e uma personalidade inteligente e atrevida; os caras do clube a comeriam viva.

— Ei! Então, como você está? — Bella pergunta quando sento à mesa, próximo a ela.

Envolvendo as mãos ao redor da xícara de café que ela generosamente deixou esperando por mim, eu sorrio. — Ótima. E você?

— Tudo bem. Absolutamente nada de emocionante acontecendo, como sempre, — ela grunhe olhando para a sua xícara.

— Você ainda está vendo aquele cara... — minha voz some quando eu aceno a mão, sem lembrar do seu nome.

— Ele se chama Ethan, e não. Ele foi embora. Não tenho ninguém no momento, — seu sorriso perverso marca os lábios cheios.

— Você está brincando comigo, — eu a incitei com um sorriso. No pouco tempo que a conhecia, aprendi rapidamente que Bella sempre estava com alguém, e sempre havia alguém na fila para tomar esse lugar. Até agora, ela passou por dois.

Uma risada escapa dos seus lábios. — Nah. Eu preciso de uma pausa. Esse último era muito frouxo. Eu preciso de um homem... um de verdade, — o balançar das suas sobrancelhas me fez rir abertamente.

— Você tem certeza que consegue lidar com isso? — eu digo ofegante por causa dos risos, pensando em todos os irmãos do clube.

— Eu sou mais forte do que pareço. Por que você não me apresenta para um dos seus motoqueiros? — ela passa a língua lentamente pelo lábio superior. Contar para Bella sobre a minha vida foi muito mais fácil do que imaginei. Estou sempre apreensiva de contar as pessoas onde eu cresci, especialmente pela forma como todos reagem quando eu estava na escola.

Fui chamada de tudo, de cria de motoqueiros a vadia do clube, e muitas coisas entre isso. A maioria dos pais dos meus colegas disse a eles para ficarem longe de mim e Harlow; nós significávamos problemas, confusão e éramos más companhias. Quando olho para isso agora, vejo que foi algo bom. Harlow e eu não tivemos que lidar com amizades superficiais que parecem ser parte da experiência escolar da maioria das pessoas. Mas isso não significa que foi fácil.

Mesmo agora, adulta, eu ainda fico meio receosa, mas a única reação de Bella foi o puro desejo de ir ao clube para conhecer os caras. Só que de maneira alguma eu ia deixar ela se transformar em uma das vadias do clube. Não ia acontecer.

— Garota, eles iam te comer viva.

— Talvez seja isso que eu precise. Ser comida... pra valer, — a xícara que estava quase na minha boca bate com força na mesa e eu começo a rir incontrolavelmente. Por isso eu amo sair com Bella, essa boca que ela tem.

— Bem, essa é uma risada bonita, — meus olhos encontram os de cor de chocolate que estavam no meu apartamento. Eu os vi algumas vezes, mas não o bastante para conversar desde a noite da pizza. Foram sempre encontros rápidos, com ele entrando e saindo do seu apartamento. Eu sorrio levemente, mas nunca puxo uma conversa, e para minha surpresa ele apenas sorri de volta e vai embora.

— Oi, Jace. Como vai você? — eu pergunto, me virando para Bella, cujos olhos estão saltados. Jace é um homem muito atraente, com os músculos tonificados e os traços do rosto afiados. Eu sorrio sabendo disso.

— Estou bem. Como está indo a faculdade?

— Bem. Essa é a minha amiga Bella. Ela mora no prédio ao lado do nosso, — ele sorri educadamente para ela.

— Olá, — para o meu total choque, seus olhos correm de volta para mim, não dando atenção a Bella. Meu primeiro pensamento é o *que há de errado com ele* e o segundo é *droga*. Eu olho para Bella, que dá de ombros, mas nenhuma palavra sai dos seus lábios.

— Você quer sair sábado à noite? Meus amigos e eu vamos a um bar, o Dixie's, e eu adoraria que você fosse com a gente. Bella, você também é bem-vinda.

Antes que as palavras saiam da minha boca, Bella responde por mim. — Nós adoráramos. A que horas devemos nos encontrar?

Minha boca cai no chão e eu olho para seus lindos olhos azuis, querendo estrangulá-la. Seu sorriso só me deixa mais furiosa; ela sabia que eu ia recusar. Maldita seja.

Em vez de responder a ela, olho para o rosto triunfante de Jace. — Eu posso pegar vocês.

— Não, — eu balanço a cabeça. — Eu vou dirigir.

— Certo, certo. Às oito. Nos encontrem às oito.

— Vamos estar lá, — Bella diz. Jace sorri para Bella, mas de um jeito *quero dormir com você*; é mais um sorriso de agradecimento.

— Eu tenho que ir. Vejo vocês no sábado, — ele sorri. — Ah, espere. Aqui está o meu número. Me ligue ou mande mensagem, — ele me entrega um papel com seu número e vai embora.

Eu rosno para Bella. — Que diabos foi isso?

— Ah, pare com isso. Ele obviamente está muito afim de você e você ia dizer não. Você precisa sair e conhecer pessoas. Droga, eu preciso sair e conhecer pessoas. Isso é perfeito, — ela sorri e eu quero arrancar isso do seu rosto.

Eu não contei a ela que estou grávida. Droga, eu não contei isso para ninguém, e sair para beber não é a minha ideia de diversão.

— Eu não estou interessada nele, Bella. Estou tirando um tempo dos homens, — um tempo muito grande, assim que eles descobrirem que estou prestes a ser mãe.

— Você tem alguém na sua cidade? — Bella pergunta e eu arregalo os olhos. Nós conversamos um pouco sobre o clube e a minha vida lá, mas ela nunca me perguntou se eu tinha um homem e eu não sei se quero responder isso.

Um bebê ao longe começa a chorar e meus olhos se desviam para o som. Uma jovem mãe, um pouco mais velha do que eu, pega um pequeno bebê da sua cadeirinha no carro. O bebê está coberto de rosa dos pés à cabeça, e grita como uma alma penada. Eu observo com admiração quando a mãe entra com o bebê e abre um cobertor sobre a mesa. Ela começa a fazer uma mágica estranha em que enrola o bebê, prendendo suas mãos e pernas juntas. Quando ela termina, a garotinha parece um burrito, toda enrolada apertada. Seja lá qual foi a mágica da mãe, o bebê para de chorar na mesma hora.

A mãe a balança suavemente enquanto olha para a sua filha, o amor se derramando dos seus olhos. Meu coração aperta. Aperto a mão, não querendo colocá-la sobre a minha barriga em público, mas tudo em mim está gritando para sentir o bebê que carrego dentro de mim.

Eu vou fazer tudo no mundo por ele.

— Alô! — a voz de Bella estala, me trazendo de volta. — Onde você estava?

Levo alguns segundos antes de registrar suas palavras. — Estou aqui. Me desculpe.

— Então é óbvio que você tem um homem na sua cidade, — ela diz em tom de brincadeira.

— Eu tinha, mas não deu certo, — isso é um meio-termo.

— Me conte.

— Eu não falo sobre isso, mesmo, — eu olho para a minha xícara desejando que Bella deixe isso para lá, mas sei que ela não vai.

— Me conte, — seu tom é duro e absoluto.

Eu suspiro. — Seu nome é G.T. Eu sou apaixonada por ele desde que somos crianças, mas não deu certo. Agora eu estou aqui e ele está lá. É o melhor para todos.

— E por que isso?

Minha cabeça começa a doer e eu esfrego os olhos, soltando um suspiro profundo. — G.T. deixou bem claro que não quer nada comigo, — ou nada associado a mim. — Eu me recuso a implorar que ele me ame. Me recuso a cair aos seus pés. Eu não sou essa mulher. Foi escolha dele, e agora nós dois precisamos viver com as consequências.

— O que você está escondendo? — meus olhos encontram os dela, meus ombros endurecem e meu coração parece que vai sair do peito. Eu estou sem palavras. Minha boca abre, mas nada sai. De jeito nenhuma ela tem como saber isso.

— Esqueça, — ela diz. — Olhe, seja lá quem for esse G.T... ele é um idiota. Não estou dizendo que você tem que namorar Jace. Vamos apenas sair e nos divertir.

Dou um suspiro de alívio e fecho os olhos por um momento, então os abro e encaro o olhar intenso de Bella. Sinto que ela está olhando através de mim, direto para as minhas mentiras. Mas eu não estou pronta para contar a ela.

— Eu vou, — minha voz sai mais trêmula do que previ, então limpo a garganta e repito o que disse rapidamente.

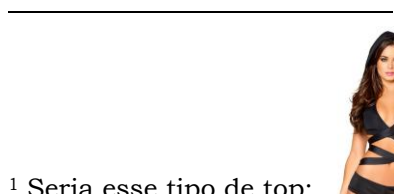
* * *

— Será que você poderia se apressar? — eu grito para Bella. Ela está no banheiro, “dando um jeito na cara” há pelo menos vinte minutos. Passei a semana toda com medo dessa noite, e pareceu que o tempo passou mais rápido do que o normal. Mas aqui estamos nós, e de jeito nenhum Bella vai me deixar fugir disso.

Marcamos de encontrar Jace e seus amigos daqui vinte minutos, mas com certeza vamos nos atrasar se ela não mexer esse traseiro.

— Estou indo, — ela diz enquanto caminha pelo corredor. Quando eu a vejo, longas cascatas de cabelo preto caem pelas suas costas, enquanto seus olhos estão escuros e incrivelmente tentadores. Seu jeans apertado com rasgos nos joelhos e um top roxo de faixas¹ dão ainda mais destaque para a cor dos seus olhos.

— Droga, garota. Você está gostosa! — Bella sorri e dá de ombros, como se não fosse nada.



¹ Seria esse tipo de top:

— Assim como você, baby, — eu optei por uma roupa com menos amarrações, indo com uma calça jeans justa que abraçava cada curva dos meus quadris, bunda e pernas. Meu top azul marinho tem um decote baixo, levantando as minhas meninas ao mesmo tempo em que marca minha cintura. Alguns dias atrás eu pinteí as pontas do meu cabelo de preto, enquanto o resto continuou loiro. Acho que ficou lindo. Fiz cachos nas pontas e ele cai pelas minhas costas, batendo na minha bunda. Também tirei um tempo metuculoso para fazer minha maquiagem, nem sei por quê. Coloco minhas botas, aquelas de salto alto que vêm até as coxas.

— Obrigada. Nós temos que ir, — eu digo, colocando meu gloss de cereja. Eu uso essa coisa há anos e não saio de casa sem ele.

No caminho até lá, Bella me fez rir tanto que eu achei que ia me mijar várias vezes. Ela falou de tudo, desde seus encontros sexuais no passado até o tamanho do pênis dos seus homens. Maldita garota. Meu bom humor muda meu estado de espírito.

Entramos no bar e a música é alta, a pista de dança vibrando. A multidão está começando a se formar enquanto caminhamos lá dentro. Eu não sou idiota. Posso sentir todos os olhos em nós enquanto vamos até o bar. Chegando lá, meus olhos encontram outros de cor chocolate e instantaneamente estudam as outras pessoas na mesa enquanto nos aproximamos.

Dois homens e duas mulheres se viram para nós enquanto Jace se levanta sorrindo. — Você veio, — seu sorriso contagiante se espalha pelo seu rosto.

— Eu disse a você que viria.

— Oi, Jace, — Bella diz parada ao meu lado, seu braço encostando no meu.

— Oi. Me deixe apresentar vocês, — ele se vira para a mesa. — Esse aqui é Alex, — o cabelo escuro de Alex está arrumado de forma perfeita, nem um fio fora do lugar. Parte de mim quer passar os dedos por ele, para bagunçá-lo. Eu sorrio ao pensar nisso. Seus olhos castanhos brilham com entusiasmo e, embora ele seja atraente, é muito limpinho e me dá a impressão de ser meio metido, diferente de Jace. Eu sorrio e dou a ele um pequeno aceno.

— Esse é Jared, — Jared, por outro lado, é todo áspero. Seu longo cabelo castanho parece um pouco fora de lugar quando olho para Jace e Alex, mas combina com seu dono. Ele está usando uma camisa preta

de mangas compridas e calça jeans, seu corpo é magro e musculoso. Mas é quando seus olhos encontram os meus que eu perco o ar. A intensidade deles vai um pouco além do esperado, mas eu consigo disfarçar e apenas sorrio.

Jace passa a mão no meu braço e eu paro de fazer contato visual com Jared. — E essa são as garotas. Joey está com Jared e Ella, com Alex, — a irritação no rosto das mulheres não passa despercebida, mas assim que Jace olha para elas, as duas escondem isso e colocam um sorriso cem por cento falso no rosto. Todas os meus apitos disparam como loucos. Eu definitivamente vou manter um olho nelas.

Ella é bonita, de um jeito muito *garota perfeita que nunca vai ter tatuagens*. Sua pele perfeita e o cabelo castanho claro só reforçam essa ideia. Joey, por outro lado, é totalmente falsa: unhas postiças, cílios postiços, silicone nos peitos. Seus olhos brilham de ódio e desdém, mas eu ainda não sei dizer por quê. Os olhos delas correm de cima a baixo por mim e Bella.

Eu endireito os ombros inadvertidamente. Essa mulher tem um problema, mas ela está louca se pensa em começar alguma merda comigo. Não estou apenas me protegendo, mas o meu bebê também.

— Sentem, por favor. Posso pegar algo para vocês beberem? — Jace pergunta, puxando cadeiras para longe da mesa.

— Sprite para mim, — eu digo olhando para Bella, seus olhos em mim, mas ela não está me julgando. Estive lendo várias revistas online sobre bebês e aprendi que eu não devo tomar cafeína, o que é um saco. Mas eu faço qualquer coisa pelo meu pequeno amendoim.

— Chope. Com colarinho, por favor, — Jace acena e vai para o bar para pegar as bebidas, voltando logo em seguida.

— Então, Casey, qual é a sua história? — Joey pergunta maliciosamente. Eu ignoro isso e acho estranho que ninguém na mesa, além de Bella, parece ter notado.

— Não há muito para contar, — eu digo a eles de onde eu sou e sobre o meu curso. Até falamos sobre como eu e Jace nos conhecemos, muita conversa fiada. Eu continuo a beber o Sprite enquanto Bella faz uma rápida recapitulação da sua vida.

— E a sua família, Casey? — Ella pergunta, e parece realmente interessada. Eu não sinto a malícia que senti com Joey. Flexiono os

dedos, abrindo e fechando a mão. Bella lidou muito bem com o estilo de vida da minha família, mas não tenho certeza de como eles vão reagir.

— Eu não tenho nenhuma. Meu pai morreu há alguns anos e agora sou apenas eu, — eu o meu bebê.

Jace se vira para mim, chocado. — Você não tem mais ninguém?

— Não deixe ela te enganar. Casey tem todo um clube para cuidar dela, — eu me viro para Bella de boca aberta. Mas o que é isso?

A cabeça de Jace estala para mim, suas sobrancelhas levantadas. — Que clube?

Eu respiro fundo. — Meu pai, Bam, era parte do Ravage Motorcycle Club. Minha melhor amiga, Harlow, é uma *old lady*, mas eu não sou parte disso.

— O que diabos é uma *old lady* e por que alguém gostaria de ser chamado assim? — Joey estala e Ella balança a cabeça, enquanto Alex e Jared apenas ficam quietos e escutam. Eu realmente não queria ter essa conversa. Parece que, toda vez que eu explico isso, as pessoas ficam com a impressão de ser algo horrível, que ser a propriedade de alguém vai contra todo o código moral do mundo. Mas eu, particularmente, daria tudo para ser propriedade de G.T. Suspiro, afastando esses pensamentos.

— Ser uma *old lady* é um sinal de respeito. É o status mais elevado de uma mulher no clube. Não é um nome derogatório e não há nada de negativo associado a ele. É uma honra ser uma *old lady*. Tem o mesmo peso e compromisso que ser a esposa de alguém.

— Você já foi uma *old lady*? — Ella pergunta.

— Não. Nunca. Se eu fosse uma *old lady*, meu homem estaria bem aqui ao meu lado, e todas as pessoas nesse bar saberiam exatamente a quem eu pertencço, — esse pensamento faz meu estômago apertar. Quem dera fosse assim.

— Você provavelmente sai por aí dando para todos os caras e é a vadia deles, — Joey ri, mas para o meu deslumbramento, toda a mesa se vira para ela e a encara.

— Mas que diabos há de errado com você, Joey? — Jace repreende.

O que a mesa não percebe é que essa é exatamente a merda que eu tive que lidar a vida toda. Uma das razões pela qual eu nunca quis ser uma das vadias do clube. — Ela não foi criada dentro de um clube. Está tudo bem, — eu aceno com a mão e olho diretamente para Joey.

— Eu não saio por aí transando todos os caras do clube. Número um, eu sou a filha de um membro e fui criada dentro dessa vida. Eu já vi coisas demais para algum dia fazer essa merda. Dois, você está falando do que nós chamamos de vadias do clube. São mulheres que estão lá e pulam na cama de um cara diferente a cada noite. Elas gostam disso.

— Mas quem iria querer fazer isso? — penso em G.T. A única razão pela qual eu estive na sua cama é porque eu era apaixonada por ele. Nada mais.

— Elas têm suas razões. Não sei qual é a de cada uma delas, mas vão de apenas querer ter um bom momento até desejar ser uma *old lady* e pensar que esse é o melhor caminho para chegar lá.

— Então isso é como uma gangue de motoqueiros?

Eu reviro os olhos.

— Não é uma gangue. É um clube, — ao longo dos anos, o termo gangue foi usado implacavelmente. Os irmãos sempre odiaram a palavra porque, em primeiro lugar, o Ravage é um clube de motoqueiros que amam montar e dirigir.

— Então...

Jace corta as palavras de Joey. — Já chega de falar do clube. Ela está se remexendo na cadeira. Ela não quer falar disso.

Percebo que estou, de fato, mexendo os quadris e paro imediatamente.

— Acho que precisamos de uma pausa. Você quer dançar? — Jace pergunta. De repente arrepios de frio correm pelo meu corpo e eu preciso desesperadamente de uma bebida. Agarro o canudo entre os lábios e começo a chupar, o líquido molhando a minha garganta. — É só uma dança. Nada demais.

Bella aperta meu braço e eu quero lhe dar uma cotovelada, mas me impeço. Deslizo lentamente para fora do assento. — Claro.

Jace pega minha mão e me leva para a pista de dança. Uma batida lenta enche o salão. Jace passa os braços ao redor da minha cintura, unindo seus dedos nas minhas costas. Não querendo que ele chegue muito perto, coloco as mãos nos seus ombros.

Por que de repente eu tenho a impressão de que estamos dançando como na maldita formatura do Ensino Médio? Não que eu tenha de fato feito isso.

— Me desculpe por isso, — olho para o rosto de Jace. Ele tem rugas marcando a testa e suas sobrancelhas estão unidas.

— Está tudo bem, — minha voz é suave comparada ao volume da música.

— Fico feliz por saber um pouco sobre você, — ele sorri.

Meus olhos se desviam, procurando por não sei o que, apenas pulando de pessoa para pessoa no clube.

— Ei, — ele diz, puxando meu queixo. Encontro seu olhar. — Eu quero conhecer você. Eu gosto de você, Casey. Existe alguma coisa em você.

Eu puxo meu rosto para longe da sua mão. — Nós só podemos ser amigos.

— Eu ainda quero conhecer você, — ele ri e tudo que eu quero fazer é ir embora, ficar longe desse homem. Por alguma razão, ele está fazendo o meu interior se apertar, e eu não estou pronta ainda. Não estou pronta para dar mais um passo com outra pessoa, qualquer pessoa, e fazer ele acreditar que sim seria muita falta de caráter da minha parte. Além disso, se ele souber sobre o bebê, vai querer ficar o mais longe possível de mim.

Eu me afasto dele. — Eu realmente acho que está na hora de eu e Bella irmos embora. Obrigada pelo convite.

Jace pega o meu braço, não com força, mas firme. — Por favor, não vá.

— É melhor assim, — eu me viro e acho Bella no bar. Vou rapidamente até ela.

— Preciso ir embora agora. Se você não quiser, vai precisar achar outra carona.

— O há de errado? — ela diz com os olhos crescendo em pânico.

— Nada. Eu só preciso sair daqui.

— Isso não tem nada a ver com o homem atrás de você se aproximando de nós, não é?

Merda.

— Eu só preciso ir. Você vem ou não?

— Vamos lá.

Eu me viro quando Jace nos alcança. — Muito obrigada por tudo. Nós estamos indo embora.

— Casey. Eu sinto muito. Você não precisa ir embora.

— Sim. Eu preciso. Obrigada.

Eu agarro o braço de Bella e a puxo para fora do clube e até o meu carro. Ela não diz uma palavra até que estamos ali dentro, com as portas fechadas.

— Mas que diabos foi isso? — ela se vira no seu assento, me encarando.

— Bella, eu sei que ele gosta de mim. Eu sei. Mas eu não sinto o mesmo, e vai ser uma merda total deixar ele pensar o contrário.

— Eu entendo você. De verdade. Você gosta dele, mas há outra coisa aí. O que é? — ela me olha e eu quero contar. Quero dizer tudo a ela, então vou ter mais alguém para conversar além da médica que vi apenas uma vez. Mas não falo nada.

— Nada. Estou apenas cansada, — não é uma mentira total porque eu realmente estou exausta; só não quero admitir nada, pelo menos por enquanto.

* * *

UMA SEMANA E CINCO DIAS DEPOIS

Enquanto dirijo de volta para Sumner, uma sensação de calma toma conta de mim. E sei que é por apenas uma razão. Entrando no grande campo que tem lápides de pedra alinhadas de um lado a outro, estaciono o carro em um lugar vago sob um grande carvalho.

Caminhando entre o labirinto de sepulturas, meus olhos correm para a que estou procurando. *Bam Alexander – Pai e Irmão*. Sento na grama e encaro a lápide do meu pai, colocando a mão sobre a pedra fria. Fechando os olhos, eu deixo ir.

— Oi, pai. Você vai ser vovô, — eu sorrio. — Eu sei. Você não está feliz com isso, mas pai, eu estou. Eu amo esse pequeno amendoim dentro de mim. Todos os dias eu imagino como ele ou ela vai ser, como vai ser a sua personalidade. Eu leio para o bebê todas as noites, pai, assim como você tentava fazer comigo. Na verdade, só comecei com isso na semana passada, mas estou tentando, — solto um suspiro profundo. — Eu não quero que você fique decepcionado comigo. Estou com medo que você esteja. Nunca tive a intenção de acabar grávida, e eu deveria ter me cuidado melhor. Pai, eu ainda não contei para o G.T., — eu não paro as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, não há porque fazer isso.

— Eu quero esperar para saber se é menino ou menina antes de contar para ele, — eu paro. — Bem, isso não é totalmente verdade. Eu quero fazer isso, mas também quero saber que posso fazer isso sozinha. Porque é assim que as coisas são, pai. Eu vou ser mãe solteira, assim como você foi pai solteiro. A vida é engraçada às vezes.

Eu arranco um punhado de grama da terra e começo a despedaçá-la lentamente, sentindo a suavidade entre os meus dedos. — Eu estou na faculdade, pai, assim como você queria. Ainda não sei como vou fazer para ir às aulas e cuidar do bebê, mas estou pensando nisso. Tenho uma boa amiga, Bella. Você ia gostar dela, pai, e estou pensando em pedir a sua ajuda. Ainda estou vendo como vai ficar a questão do meu emprego, mas tenho algum tempo, — me sinto um pouco atordoada com todo o meu divagar, mas preciso dizer isso a ele. Preciso dizer isso para alguém.

— Estou com cerca de onze semanas agora, e da última vez que fui ao médico ela disse que estava tudo muito bem. Fiquei de voltar em duas semanas, — respiro o ar quente da Geórgia, a umidade se prendendo à minha pele. — Queria que você estivesse aqui para me dar conselhos sobre como contar para G.T. Eu sei que ele vai ficar irritado comigo. Primeiro por estar grávida, embora ele tenha tanta responsabilidade por isso quanto eu, e depois por não ter contado logo para ele, — eu suspiro. — Pai. Estive dando duro desde que fui embora daqui para colocar minha cabeça no lugar. E acho que estou quase lá. Mas quando se trata dele, ainda sou aquela mesma garotinha apaixonada, pai, e eu odeio isso. Eu odeio isso.

— Ainda não contei a ninguém sobre o bebê, só para você. Nem mesmo para Harlow. Eu quero tanto fazer isso, pai. Mas ela tem uma nova vida agora, e eu não quero colocar mais isso nos seus ombros. Eu preciso tanto dela. Mesmo quando falamos ao telefone, a maior parte do tempo é ela falando e eu escutando. Tenho certeza que ela não faz por mal, mas acontece. E eu estou bem com isso.

— Eu vou deixar você orgulhoso, pai. Vou ser a melhor mãe do mundo. Vou contar para ele ou ela tudo sobre você. Eu sei que posso fazer isso, porque você fez. Eu te amo, pai.

Fico ali sentada por um bom tempo, curtindo o silêncio.

Eu não disse a Harlow que estava vindo para a cidade, porque ela teria insistido para eu ir vê-la, e eu não posso. Não posso olhar nos seus olhos e não contar sobre o bebê. Cada vez que falo com ela, fica mais difícil manter a boca fechada.

Durante minha viagem de volta a Cherry Vale, eu me recomponho. Sempre amei falar com meu pai, e isso é um grande alívio, mas me recuperar depois é sempre a parte mais difícil.

Chego no meu prédio e Jace está parado na porta da frente. Eu juro que parte de mim se pergunta se ele está me seguindo ou algo assim. Ele sempre parece saber onde eu vou estar. Desde que o vi no bar, ele me disse oi algumas dezenas de vezes e conversamos sobre nada em especial ocasionalmente. Ele até me trouxe o jantar umas duas vezes.

Maldito seja se ele não está ficando sob a minha pele.

Desço do carro e vou até a porta. — Oi. Como você está?

— Bem. Acabei de voltar de uma corrida. Onde você estava?

A pergunta inocente não me deixa surpresa como teria feito algumas semanas atrás. — Fui falar com o meu pai. Agora eu tenho que estudar. Pura diversão, — eu sorrio.

— Você precisa de ajuda?

— Nah. Mas obrigada.

* * *

UMA SEMANA DEPOIS

Eu tenho uma grande prova amanhã. Grande e de uma matéria que eu não consigo entender, estúpida civilização ocidental. Qual é o objetivo dessa aula? Eu sei que algumas pessoas provavelmente amam, mas não é para mim. Depois de três horas olhando para as minhas anotações e lendo esse livro, estou pronta para vomitar a maldita coisa. Só estou conseguindo gravar algumas pequenas partes, e preciso de um descanso.

Abro a geladeira e me chuto internamente por não ter ido ao mercado. Entre a faculdade e o trabalho, não tenho muito tempo, e não estou prestes a cortar o queijo velho que encontro na geladeira. Bella e eu temos feito corridas loucas para jantarmos juntas, e esse tem sido nosso único tempo juntas. Nós precisamos manter nossas notas e temos focado apenas nisso.

Meu estômago dói e se contrai. Eu me xingo mentalmente. Deveria cuidar melhor da minha alimentação, especialmente por causa do bebê. Tomo minhas vitaminas religiosamente, mas quando estou estudando todos os meus pensamentos sobre comida voam pela janela.

Pego minha carteira e as chaves e vou até a *delicatessen* na esquina comprar um sanduíche de peito de peru e pão de trigo, e o como enquanto caminho de volta para casa. O dia está lindo e ensolarado, o calor me acaricia como uma segunda pele.

Imagens minhas passeando com o meu pequeno correm pela minha mente, e excitação e felicidade me invadem. — Ei, o que é esse sorriso? — a voz de Jace vem do meu lado e me faz saltar. Ele está em uma das suas corridas, todo molhado de suor. Sua respiração está ofegante e ele puxa os fones de ouvido para podermos conversar.

— É que hoje está um dia lindo, — eu respondo, dando outra mordida e engolindo.

— Sim, está. Eu precisava sair para correr. Não posso deixar um lindo dia desses ser desperdiçado. Você se importa se eu te acompanhar no caminho de volta? — ele pergunta, ofegando.

— De jeito nenhum.

Enquanto caminhamos, eu continuo a comer, tentando acalmar a dor no meu estômago. Jace fala sobre as suas aulas e pergunta com interesse sobre as minhas. Nossa conversa é casual e flui naturalmente.

Uma coisa que eu realmente aprendi a gostar em Jace é como é fácil falar com ele.

Eu bocejo, — De repente eu fiquei tão cansada. Acho que é de tanto estudar, — eu sorrio suavemente.

— Sem problemas. Eu tenho que ir tomar um banho, — ele sorri e vai para o seu apartamento.

Enquanto entro no meu, uma enorme onda de exaustão me invade. Eu me enrolo na cama sentindo as cobertas frias abraçarem meu corpo enquanto caio no sono.

* * *

Dor. Dor. Dor. Meu corpo se contorce à sua própria vontade, não sendo capaz de ficar confortável. Minha cama parece ser feita de um colchão de pedras em vez de ter a maciez de sempre. Tento acordar desse sonho horrível, dessa dor horrível. Mas não consigo.

Me balanço de um lado para o outro, tentando ficar confortável, mas é impossível. Estalo os olhos abertos e imediatamente sei que a dor não é um sonho. É uma contração forte no meu ventre, e minhas mãos se movem para apertar minha barriga. Eu rapidamente tiro as cobertas, mas não vejo nada de errado. Mas minha intuição está me dizendo que há algo errado, muito errado.

Eu me levanto lentamente, cada movimento adicionando mais dor à minha agonia interior. Além disso, estou quase paralisada de medo e, por sorte, consigo me mover até o banheiro. Puxando minha calcinha para baixo, vejo que ela está coberta de sangue. — Mas que diabos! — eu grito e o pânico me domina. *Meu bebê.*

O mais rápido que posso, tiro minha calça e a calcinha e pego meu telefone. Preciso achar Bella. Ela pode me ajudar. Ligo para o seu número, mas cai instantaneamente na caixa de mensagens. Uma cólica me acerta com tanta força que eu derrubo o telefone e ouço ele bater contra o chão. Eu me dobro e fico assim por alguns minutos, agarrando o balcão para não cair até que a dor diminui ligeiramente.

Devagar eu coloco roupas limpas, tentando imaginar como chegar ao hospital. Jace. Indo até meu telefone, eu grito quando a dor me

atravessa, me fazendo cair de joelhos contra o azulejo do piso. Alcanço o telefone e ligo para Jace. Ele atende no primeiro toque. *Graças.*

— Essa é uma ótima surpresa. Você não está feliz por eu ter te dado o meu número? — eu não tenho tempo para os seus gracejos, então o corto abruptamente.

— Preciso que você venha aqui agora e me leve para o hospital. Estou grávida, 12 ou 13 semanas. Estou sangrando e com muita dor. Por favor, rápido, — eu peço a ele, lágrimas escorrendo pelo meu rosto quando percebo o que pode estar acontecendo agora. Antes que eu sequer termine de falar, escuto batidas altas na porta do meu apartamento.

— Estou indo. Está um pouco difícil chegar na porta, — eu digo, juntando toda a força que tenho para levantar do chão. Seguro minha barriga e tento caminhar o mais rápido possível, mas não é rápido o suficiente quando cada passo envia tiros de dor pelo meu corpo.

— Leve o seu tempo e respire. Eu vou te levar para o hospital, — sua voz é calma e segura enquanto ele fala comigo através da porta. Mas eu sinto tudo, menos calma e segurança.

Destranco a porta e a abro. — Merda, — ele murmura, seus olhos se arregalando com pânico quando ele olha para o meu corpo. — Venha aqui, — ele me levanta em seus braços, me segura perto do seu corpo durante a viagem de elevador e me coloca dentro do seu carro. — Respire. Nós já estamos chegando.

Eu mordo o lábio para tentar não gritar, mas a dor é tão intensa, como nada que já senti antes, minhas cólicas multiplicadas por mil. Fecho os olhos e descanso a cabeça no assento, empurrando para baixo o máximo de dor que eu consigo. Jace não diz uma palavra, ele só dirige... rápido, mas tudo é um borrão para mim.

Entramos na emergência e eu digo rapidamente aos médicos e enfermeiras o máximo que posso, então eles começam a me checar da cabeça aos pés. Eles me colocam em uma maca e me levam para outro lugar, todo o tempo eu agarro a minha barriga com força. O quarto em que eles me colocam é branco e frio, intravenosas são presas aos meus braços e grandes máquinas que fazem muitos barulhos são trazidas. Eles fazem Jace esperar do lado de fora do quarto, então eu estou totalmente sozinha.

As lágrimas escorrem incontrolavelmente pelo meu rosto. Eu sei que me bebê se foi. Lá no fundo, posso sentir que já o perdi.

Depois do que parecem horas, o médico coloca uma cadeira ao lado da minha cama e se senta próximo à minha cabeça. — Srta. Alexander, eu sinto muito, mas o bebê não sobreviveu. Nesse momento, ainda não sabemos as razões para você ter abortado, — soluços escapam da minha garganta; meu peito se aperta ao ponto que eu não consigo respirar. Eu me sinto sufocando... morrendo. — Preciso levar você para fazer um D&C. Isso é necessário para limpar o seu útero.

— Não! — eu grito alto. — Você não vai tirar meu bebê de mim! — eu me afasto dele e tento levantar, mas os fios e tubos presos ao meu corpo me impedem. Eu começo a puxá-los em pânico, a sensação do plástico estranha para o meu toque.

O médico se levanta e agarra meus braços. — Srta. Alexander, se acalme. Nós temos que fazer esse procedimento, não há outra opção, — sua voz está tentando me acalmar, não sem efeito algum.

Eu olho para ele e o medo me domina, meus braços abraçando minha própria barriga. Eu nunca contei ao pai que o bebê existia, e agora ele se foi. Se foi, assim como o meu pai.

— Vou chamar a enfermeira para te algo para se acalmar, — eu continuo a encarar o homem, minha mente se tornando uma grande tela em branco, cheia de nada. Eu não tenho a motivação para pará-lo ou discutir mais com ele. Eu apenas não me importo. Meu bebê se foi, e eu não tenho nada.

* * *

— Eu sinto muito, Casey, — a voz de Jace sussurra no meu ouvido. Sinto sua mão esfregar o topo da minha e eu lentamente abro os olhos, a percepção do que acabou de acontecer me atingindo como um caminhão.

Eu puxo minha mão da dele, colo as duas sobre o meu rosto e choro incontrolavelmente. Derramo toda a minha tristeza, frustração e raiva nas lágrimas que não param mais de vir. Eu apenas não consigo parar.

Sinto Jace ao meu lado, mas não o reconheço de fato. Eu não quero ele perto de mim agora. Eu não quero ninguém. Não preciso de ninguém.

A porta se abre, mas não me incomodo em olhar; em vez disso, faço meu melhor para me curvar em uma bola, tentando prender os pés no peito. A dor está ali, mas dessa vez é bem-vinda. Pelo menos eu consigo sentir alguma coisa.

— Oh, meu Deus! — a voz de Bella vem de algum lugar perto e ela desliza sobre mim, meus olhos apenas vendo um borrão da sua forma quando eles ficam cheios d'água. — Eu sinto muito, baby. Queria que você tivesse me contado.

Eu continuo a chorar e minhas palavras saem cortadas. — Isso não importa. Ele se foi. Tudo se foi.

Bella se deita ao meu lado e me abraça enquanto eu continuo a soluçar.

Três

G. T.

Montando. O único momento em que minha mente está livre de toda a merda na minha vida. Correndo pelas estradas abertas, sentindo a brisa bater no meu rosto e lavar todos os problemas, só por um instante.

Montar me liberta.

Alguns comparam montar a sexo, mas para mim é melhor. Não me entenda mal, eu adoro uma boa foda, mas mesmo no auge da minha luxúria, a minha mente não se fecha. O sexo ajuda, mas está sempre ali, zombando de mim, cuspidando toda a merda que eu já fiz desde que tinha treze anos de idade. A morte e a destruição estão sempre à frente, rindo de mim.

Só houve uma vez na minha vida em que sexo foi algo incrível. Quando o ato sexual realmente calou todos os pensamentos e me deixou viver aquele momento específico. Mas ela é boa demais para um babaca como eu. Ela merece toda aquela besteira de rosas e jantares que eu nunca vou poder lhe dar. Ela é diferente da minha irmã, Princesa. Embora ela tenha crescido no clube, não foi endurecida por ele. Ela é durona, não me entenda mal, mas é suave onde Princesa é áspera. Eu não queria terminar com ela, e quando fiz isso não foi certo, mas eu realmente acredito que fiz isso para protegê-la, no final de tudo. De mim. Agora, ela me odeia com cada fibra do seu ser, e é melhor manter as coisas desse jeito.

Ravage MC é a minha vida. Para isso que eu nasci e fui criado, para guardar e proteger. As pessoas de fora dizem que eu sou um pobre garoto que o pai jogou numa vida que ele não pôde escolher.

Besteira. Sempre há escolha. E daí? Eu aprendi mais sobre o mundo real aos treze anos do que a maioria daqueles filhos da puta sabem agora. Eu sei mais sobre gerenciar negócios, fazer dinheiro e proteger o que é meu do que qualquer um deles, e sei fazer isso muito bem. Eu posso nunca conseguir um diploma universitário, mas sei como ganhar um bom dinheiro.

Meus irmãos estão sempre me protegendo, e eu posso contar com eles para tudo. Quantas pessoas podem dizer que suas famílias fariam isso por elas? Não muitas.

Essa vida é o que eu queria. Todos os outros podem ir se foder se isso lhes incomoda, porque é problema deles, não meu.

No entanto, Pops me impôs algumas regras para que eu me tornasse um irmão no Ravage. Primeira, eu tinha que ter meu diploma do Ensino Médio em mãos. Segunda, eu tinha que ser maior de idade.

Na prática, eu me tornei um prospecto aos treze; eu só não percebi isso naquela época. Todas aquelas tarefas inferiores, como limpar o que sobrava das festas ou a merda do chão do banheiro eram testes para os irmãos. Sempre que Pops me dizia para fazer algo, eu fazia sem reclamar. Quando fiz dezoito anos, finalmente ganhei meu colete oficial de prospecto. A festa naquela noite foi arrasadora. Eu nunca estive tão feliz e comi tantas bucetas em minha vida toda.

Depois de receber o meu diploma, minha festa de formatura se tornou um verdadeiro encontro do clube, e eu ganhei meu colete de membro oficial. Melhor dia do caralho.

Virando na última curva com Dagger e Rhys ao meu lado, o armazém entrou em nosso campo de visão. Dewey era um fornecedor que transportava merdas para nós através do sul da Georgia. Eu ia vir sozinho, considerando a nossa relação de tanto tempo, mas depois da emboscada, quando conhecemos Ransom e a sua gangue, Diamond não queria nenhum de nós andando sozinho.

Estudando a área, vejo apenas três motos paradas em frente ao velho armazém depredado, e uma delas reconheço imediatamente como de Dewey. Estacionando e mantendo um olho em tudo ao nosso redor, Dagger e Rhys se movem bem ao meu lado.

— Pronto para essa merda? — Dagger pergunta olhando para a porta, uma arma firme em sua mão.

— Sim, — eu rosno, apertando a minha arma também. Hoje em dia nunca é demais ser cuidadoso. Girando a maçaneta, as portas rangem e anunciam nossa chegada. Armas em punho, três homens instantaneamente pegam suas armas e apontam para nossas cabeças. Dewey sorri e começa a baixar a dele. Olho ao redor da área e não vejo outras pessoas presentes, com exceção do pobre filho da puta preso com correntes em volta dos pulsos e pendurado em um gancho no teto. Interessante.

Levantando as mãos, coloco minha arma de volta no meu colete e gesticulo para meus irmãos fazerem o mesmo. O grupo de Dewey imita. — O que está acontecendo? — eu falo para o homem vindo na minha direção com a mão estendida para me cumprimentar.

Estendo a mão para apertar a dele, que diz, — G.T., é bom ver você. Me desculpe pela nossa companhia aqui. Os garotos só estavam se divertindo um pouco com o seu brinquedo antes da gente soltar ele.

Soltando sua mão, cruzo os braços sobre o peito e alargo a minha postura enquanto paio sobre ele. — O que você queria conversar que não podia nos dizer ao telefone? — o cabelo loiro mal cortado de Dewey cai até o seu queixo, e ele tem tatuagens nos pulsos e ombros. Ele não é uma figura imponente, mas essa é uma tarefa difícil para qualquer pessoa em relação a mim. Ao longo dos anos, minha determinação endureceu para qualquer uma dessas besteiras.

— Nova entrega. Um cara que eu conheço quer mais duas corridas por mês, — eu olho para ele, esperando, e minha mente instantaneamente corre para o nosso cronograma de entregas mensais. — Vai ser demais. Você precisaria de todos os seus homens, mas seria apenas um dia de estrada. E a melhor parte, 300 mil no seu bolso a cada corrida.

— O que exatamente nós vamos levar? — Dewey estala os dedos e um dos idiotas que está brincando com a sua refeição pendurada no teto vem correndo trazendo uma mochila. Dewey se abaixa e a abre. Porra. Olhando para Dagger e Rhys, seus olhos dançam, me dizendo a mesma coisa.

— Vou levar isso para Diamond e te informar. Mais alguma coisa? — eu pergunto precisando dar o fora daqui, porque o simples fato de olhar o que tem na mochila pode jogar todos nós na cadeia por um bom tempo, e eu ainda não estou pronto para arriscar meu rabo por uma merda dessas.

— Eu preciso saber até o mês que vem. Se você não quer, preciso achar outro jeito, — achar outro jeito o caralho. Nós somos o único jeito e ele sabe muito bem disso. Eu totalmente odeio jogos, mas é assim que o mundo funciona. Todos tentam ameaçar para ganhar vantagem, mas o Ravage não é ameaçado por ninguém. Dewey precisa ser lembrado disso.

Sorrindo para os meus irmãos, aceno com o queixo, acabando com o encontro.

Essas corridas para Dewey são grandes. Todos nós vamos sair lucrando uma enorme quantidade de dinheiro, mas o risco é imenso. Não apenas todos os membros estarão na estrada, como, se formos pegos, vai ser o nosso fim. Eu estou sempre do lado do dinheiro, mas meus instintos estão gritando que há alguma coisa errada, e eles nunca me deixaram na mão antes.

Eu vou levar o assunto para uma missa e ver o que vai acontecer, mas vamos precisar de muitas informações antes de aceitar isso.

A viagem de volta é tranquila, mas minha mente continua correndo para a única mulher que consegue me aborrecer. Eu deveria estar feliz que ela foi embora para começar sua própria vida. Feliz que ela está indo para a faculdade e vai ter uma vida melhor. Feliz que ela está encontrando uma vida que a faz feliz. Mas lá no fundo, eu não estou. Eu sou um filho da puta egoísta e, mesmo que eu a tenha afastado, eu a quero em casa. Eu não posso manter meus malditos olhos nela lá, e mesmo que eu não tenho direito nenhum, me preocupo com ela.

Casey tem mexido comigo desde que éramos crianças. Crescemos juntos, e isso teve seus altos e baixos. Altos quando ela me dava uma real atenção, sem me ver como o irmãozinho mais novo da sua melhor amiga, o que era uma merda. E baixos quando ela me evitava como uma praga. Eu ainda me lembro dela entrando quando eu estava fodendo uma das vadias do clube, uma que eu não lembro o nome e nem quero. A luz nos olhos de Casey se quebrou bem na minha frente, e eu não fiz nada para consertar isso. Nunca pensei que ela realmente me quera até aquele momento, mas fui um grande babaca por nunca ter feito nada a respeito.

Ver ela andando pelo clube com seus shorts curtos e ouvir sua risada alta era a mais linda tortura que eu podia ter. Eu podia ter transado com ela a qualquer momento, só pela diversão, mas Casey nunca foi esse tipo de garota. Eu nunca quis que ela fosse esse tipo de

garota, e com certeza teria dado uma surra de merda em qualquer um que se achesse a tratá-la assim.

Um dia, quando eu era mais jovem, Bam me pegou olhando Casey. Eu não percebi que estava fazendo isso, mas não conseguia parar. Ele sentou ao meu lado e suas palavras ficaram presas na minha cabeça desde então. *Filho, até que você esteja pronto para ser o homem que ela precisa, fique longe. Ela não é um pedaço de carne de qualquer um aqui. Ela é esperta demais para isso. Eu garanti isso. Quando você souber que é homem o bastante para a minha garota, então você vai merecê-la.*

Ser homem o bastante não é o problema, e sim lhe dar a vida que ela merece. Eu nunca perguntei se ela queria essa vida, a minha vida.

Mesmo que isso me cortasse o coração. Cada mulher com que eu já estive foi só um corpo quente. O que Casey não sabe, e eu com certeza nunca disse a ela... é que o seu rosto é o único que eu via. Quão fodido é isso? Eu não podia dizer os nomes delas, ou como se pareciam... nada. Nada mesma. Tudo que eu vejo são os lindos olhos verdes de Casey brilhando para mim. Perverso. Perverso do caralho. Essa é uma das razões pela qual ela está melhor sem mim.

Quando Bam morreu, fui eu que contei a ela. Princesa estava tão fodida que não conseguia se recuperar tempo o bastante para fazer isso. Quando Casey derreteu em meus malditos braços, ficou ali por uma semana. Eu dei tudo de mim para ter certeza que ela estava bem. Eu até cozinhei para ela, porra. Às vezes, era como cuidar de uma criança, mas eu amei cada minuto daquilo, embora nunca tenha contado para ela.

Foi durante aquela semana que eu soube que tinha que manter distância de Casey, ou a merda ia ficar feia. Um homem tinha um limite até onde podia se segurar dizendo a si mesmo que era para o bem dela, mas porra, era difícil.

Um ano e meio depois de Bam morrer, Princesa foi para a cadeia por chantagem, embora nós soubéssemos que ela não tinha feito nada, e Casey virou uma bagunça fodida outra vez, mas eu mantive longe. Eu sabia que um olhar para aqueles olhos verdes ia me fazer querer proteger ela novamente. E eu não achava que dessa vez ia conseguir me controlar. Eu a vi chorando do lado de fora da oficina várias vezes, mas não me aproximei.

Quando vi Tug a consolando, isso totalmente me matou, porque eu sabia que deveria ser eu. Eu não podia olhar para aquilo. Pulei na

minha moto e saí por aí tentando colocar a cabeça no lugar. O problema é que eu não conseguia. Nada estava no lugar no que se referia a Casey. Enquanto eu deveria estar extático por ter dinheiro no bolso, poder e mulheres por todos os lados, estou incrivelmente miserável e preciso aceitar isso.

Sempre fiz meu trabalho com os irmãos, e fiz isso bem. Pops e Diamond me colocaram ao longo dos anos em diversas situações para ver como eu reagiria e o que eu iria fazer. Eles achavam que eu não sabia... mas eu sabia. Eu posso não ter ido para a faculdade, mas isso não significa que eu sou idiota, especialmente quando se trata dessa vida. Cada teste que eles me fizeram passar estava me levando para o dia em que eu estaria ao lado de Pops. Sentado ao lado direito de Pops na mesa, com ele na cabeceira, quando chegasse a hora. Esse é o nosso legado.

Quando meu avô, Striker, morreu, Diamond assumiu o clube. Ele era o vice-presidente de Striker e era assim que as coisas funcionavam. Diamond foi eleito e era isso. Eu nunca perguntei como Pops se sentia sobre isso, mas sabia que não havia nada mal resolvido entre eles, só de olhar para os dois ao longo dos anos. Mas eu sabia que um dia ele gostaria de estar sentado na ponta da mesa, assim como o seu pai. Então tudo, desde que eu tinha treze anos de idade, estava me preparando para esse dia. E eu estou mais do que pronto para quando esse tempo chegar. Eu não tenho pressa. Tenho muito tempo ainda.

Uma noite, quando voltei de um dos testes de Diamond e Pops, estava uma fodida bagunça. Nunca deixava isso aparecer para os meus irmãos, determinado a não demonstrar fraqueza. Mas essa merda pesava sobre um homem, às vezes. Tirar a vida de alguém nunca era fácil, mesmo que o desgraçado merecesse. Eu me lembrava da noite em que experimentei minha Angel² pela primeira vez.

Estacionando a minha moto, vejo que Casey ainda está ocupada trabalhando em um dos motores da oficina. Como já é tarde, fico realmente surpreso por ela ainda estar aqui, e realmente não quero vê-la. Cada vez que isso acontece, é só mais um lembrete do que eu não posso ter.

Depois de descer da moto e tirar o capacete, olho na direção de Casey. Seu joelho está apoiado sobre o carro, enquanto o outro pé está firme no chão. Seu corpo se vira lentamente para mim, como se ela pudesse dizer que eu estava lhe olhando. Encontrando seus olhos, me

² Anjo. Ele se refere a ela como seu anjo, mas mantive no original.

sinto paralisado. Porra. Casey me dá aquele seu sorriso de um milhão de megawatts e acena levantando um pouco a cabeça para mim.

Acenando de volta, eu sei que devo ir embora. Eu sei que devo ir encontrar alguma vadia e me perder nela por um tempo. Mas... Casey é um imã do qual não consigo me afastar. Ela me chama... e eu não consigo dizer não. Eu não quero dizer não.

Enquanto caminho até a oficina, Casey se vira na minha direção, colocando os dois pés no chão. — Oi, G.T. Como você está? — meu pau puxa dolorosamente contra o zíper da minha calça de couro. Ela faz isso toda maldita vez. Não há como escapar.

— Tudo certo. E você? — eu sou um pouco mais duro do que pretendia, mas a frustração dentro de mim está crescendo.

— Aqui. Tentando dar um jeito nesse carro. Ainda não consegui descobrir o que diabos ele tem de errado, — ela diz e se vira seu bonito corpo para o carro, acionando o motor. Meus olhos seguem suas longas costas cobertas por um horroroso macacão. Mas eu sabia o que ela escondia ali embaixo, no entanto, eu tinha a observado por anos e a queria demais.

— Tenho certeza que você vai descobrir, — eu deveria me virar e voltar para a sede do clube. Eu deveria, mas não faço isso.

Ela se vira e dá de ombros. — Sim, eu vou dar um jeito. E você, está bem? Você parece um pouco ausente, — suas sobrancelhas se juntam, fazendo sua testa enrugar, preocupação enchendo seus olhos. Cara, isso fodeu totalmente com a minha cabeça. Merda.

— Noite difícil. Eu tenho que ir, — eu digo, precisando dar o fora dali. Eu preciso ir para longe dela, enquanto cada maldito osso e músculo no meu corpo está me dizendo para ficar.

Uma pequena mão agarra o meu braço e me faz parar no meio do caminho. — Você sabe que pode falar comigo. Eu vou escutar, G.T., — suas palavras doces correm por mim quando me viro para olhar nos seus olhos verdes brilhantes, e algo dentro de mim estala.

Quando os olhos de Casey se arregalaram, eu sabia que ela também podia sentir, seja lá que diabos isso fosse. Eu não posso continuar fazendo isso. Eu não posso ficar longe dela. Eu preciso dela, mais do que ela jamais vai saber. Com meu braço ainda preso firmemente pela sua mão, eu alcanço ao redor dela, puxando o elástico do seu cabelo e deixando que ele caia solto pelas suas costas. Passo

meus dedos pelas lindas mechas loiras e procuro seus olhos, querendo e não querendo que ela me peça para parar, e quando ela não pede... meus lábios encontram os seus em uma onda frenética, na qual ela me dá tanto quanto recebe.

Os braços de Casey circulam o meu pescoço e me puxam para mais perto, enquanto uma das suas mãos agarra o meu cabelo. Cada puxão parece desesperado, como se ela pensasse que eu ia me afastar dela. Mas eu não ia a nenhum lugar maldito. Não dessa vez.

Soltando seu cabelo, minhas mãos param na mesma hora no seu traseiro redondo e a puxam para cima, deixando suas pernas sem outra opção que não se enrolar na minha cintura. Caminhando lentamente, abro meus olhos para encontrar o botão vermelho que fecha a porta da oficina. O bato nele, e o som da porta se fechando não detém Casey nem por um segundo; na verdade, isso parece que a deixa em chamas. Seus quadris se movem em sincronia com os nossos beijos.

Sua língua dança com a minha, e um sabor de menta e cereja invade a minha boca. Voltando para o carro, eu a coloco para baixo e quebro o beijo, instantaneamente sentindo a perda. Sua respiração está ofegante, e ela alcança o zíper do seu macacão, lentamente o puxando para baixo e revelando sua regata justa e sua calça jeans apertada. Ela empurra o macacão para baixo tão lentamente quanto se mexe, balançando o corpo para se livrar dele. Quando ele alcança o chão, fazendo um monte aos seus pés, seus olhos encontram os meus. — Quer me ajudar aqui, garoto da moto? — ela sorri maliciosamente; a confiança nas suas palavras faz com que eu me arrependa de todo o tempo que perdi e podia estar com ela.

— Garoto o caralho, — eu puxo as suas botas junto com o macacão, enquanto ela continua ali deitada toda vestida, mas completamente aberta para mim. Essa é uma fantasia com a qual sonhei todas as noites, e agora ela está deitada na minha frente, pronta para ser tomada. E foda-se quem acha que eu não vou tomar.

Minhas mãos correm pelas suas pernas cobertas pela calça jeans e a cabeça dela cai para trás, batendo no para-brisa do carro. Minhas mãos fazem um caminho lento até o centro das suas pernas. Meus dedos fazem um trabalho rápido em puxar o jeans fora do caminho, revelando um minúsculo triângulo de tecido que finge ser uma calcinha. Um rosnado baixo escapa dos meus lábios, o inferno no meu corpo perdendo o controle. — Eu posso sentir o seu cheiro, Casey. Você quer isso.

— Sim, — ela sussurra sem fôlego.

Minhas mãos sobem pelo seu corpo e escorregam debaixo da sua regata, sentido a pele macia da sua barriga. Quando minhas mãos levantam a sua regata, minha língua vai para o seu umbigo, lambendo o mesmo que minhas mãos estão expondo. Sua doçura misturada com o suor de todo o dia do trabalho faz meu coração bater tão rápido que eu penso que ele pode explodir.

Alcançando seus peitos, que balançam para cima e para baixo, no ritmo da sua respiração pesada, eu puxo um deles do confinamento do sutiã cor de rosa, que combina com a calcinha. Nessa posição, seu mamilo se levanta esperando por mim, mas não por muito tempo. Meus lábios se fecham e chupam com força, e ela grita o meu nome; suas mãos sobem para a minha cabeça e ela prende os dedos nos meus cabelos.

Me afastando, seu protesto baixo me faz sorrir. — Coloque as mãos acima da cabeça e não mexa elas, porra, — eu ordeno. Os lindos olhos de Casey se abrem largos, sua língua sai para lambe o lábio inferior. Ela levanta os braços lentamente acima da cabeça, os olhos nunca deixando os meus. Algo dentro de mim sempre gritou que ela obedecer aos meus comandos instantaneamente. Eu continuo a atacar seus peitos, um de cada vez, sentindo seu corpo tremer sob o meu toque. Puxo fora a sua regata e a jogo no chão, enquanto Casey volta a colocar as mãos no exato lugar que eu disse a ela, me fazendo sorrir. Droga.

— Enquanto eu adoraria brincar, não posso agora. Preciso estar dentro de você, — quando digo isso, seus olhos reviram para trás da cabeça. — Olhe para mim, Casey. Seus olhos ficam sempre comigo, — ela os abre instantaneamente e foca em mim. Eu arranco todas as minhas roupas rapidamente, e seus olhos nunca deixam os meus.

Segurando meu pau totalmente ereto, subo e desço minha mão lentamente, observando a vista à minha frente, devorando cada curva do seu corpo na minha cabeça. Casey está exposta para mim como uma sobremesa perfeita pronta para ser comida. Seus braços estão esticados, e as pernas abertas. Alcançando sua minúscula calcinha cor de rosa, rasgo um lado do tecido e então o outro, fazendo um suspiro sair dos lábios cheios de Casey quando jogo o que sobrou sobre as minhas roupas. Essa eu vou guardar.

Subindo sobre o seu corpo, minha pele estala em cada ponto que ela toca em mim. Não posso mais esperar, minha necessidade esmagando a minha sanidade. Eu empurro dentro da sua buceta molhada rápido e duro, e o carro embaixo de nós range alto. — Porra, baby. Você está tão apertada e molhada. Porra, — agarrando seus quadris, eu bati no seu corpo, nunca sentido que tinha alcançado fundo o

suficiente. Os olhos de Casey ameaçaram fechar, mas de repente se abriram outra vez.

— G.T.! — ela grita uma e outra vez olhando para mim, suor começando a escorrer pelo meu nariz e pingar no seu corpo. Eu não vou durar, ela é perfeita demais e eu esperei muito tempo por esse momento.

— Goza em mim, baby. Goza pra mim. Me deixe ouvir você, — agarrando seus joelhos, puxo seu corpo para baixo até a borda do carro, sua buceta agora alinhada com o meu pau enquanto eu me levanto. De novo e de novo e de novo eu empurro dentro e fora dela. Os olhos de Casey estão colados nos meus, e estou aliviado por isso. Eu preciso saber que ela está aqui comigo agora. Ela grita alto meu nome e cai para trás em uma pilha contra o carro quando o orgasmo a atinge, e ela perde o contato visual que eu tanto queria.

— Droga, Casey. Droga, — meu gozo dispara rápido e quente, e todo meu corpo convulsiona quando sinto Casey até os dedos dos pés. Depois que as ondas de choque se acalmam um pouco, eu desabo sobre ela, esmagando seu corpo contra o carro. Seus braços passam ao redor das minhas costas suadas; seus lábios beijam o lado do meu rosto.

— Sim... droga, — ela sussurra no meu ouvido, respirando com dificuldade. Nós ficamos ali deitados por um bom tempo, nenhum dos dois disposto a ser o primeiro a se mexer. Meu pau começa a amolecer dentro dela e eu sinto meu gozo escorrendo da junção dos nossos corpos. Meu corpo endurece quando percebo algo horrível.

— Porra, Casey. Eu não usei camisinha. Porra! — eu lato alto enquanto saio lentamente de dentro dela. Eu sempre transo com proteção, mas que diabos há de errado comigo?

— Você está limpo? — ela me pergunta nervosa enquanto eu me levanto e fico ali parado vendo o meu sêmen escorrer da sua buceta e descer para o vão da sua bunda. Meu pau fica duro na mesma hora outra vez.

— Sim. Eu estou sempre protegido. Sempre.

— Não sempre, — ela suspira. — Eu tomo injeções, então podemos ficar tranquilos sobre qualquer gravidez, — Casey começa a sair do carro enquanto eu só fico ali encarando a sua buceta. — Você pode parar de olhar agora, — ela sorri, saltando para fora.

— *Baby, ver a minha porra escorrendo de você é a coisa mais sexy que eu já vi na vida, — eu lambo os lábios, contemplando se deveria jogar ela de costas sobre o capô do carro e deixar ela limpa.*

Balançando a cabeça, ela passa por mim e vai para o banheiro da oficina. Eu saio da minha névoa pós-goço e coloco minha calça de couro, sem me incomodar em fechar o botão. Porra, eu quero ela de novo. Eu preciso dela outra vez. Quando ela vem andando nua, estudo cada centímetro do seu corpo fantástico. A maneira como seus peitos se destacam de um jeito único, a curva dos seus quadris, o jeito que o seu cabelo voa livre nas suas costas.

Quando ela se aproxima de mim, seu sorriso aumenta, como se ela estivesse lendo a minha mente. — Esse foi um orgasmo longo, garoto motoqueiro, — ela fica na ponta dos pés e beija a ponta do meu nariz. Ah, não. Isso não é uma despedida. Eu não acabei. Passando os braços pela sua cintura, esmago meus lábios nos dela e sinto gosto de sangue por um momento, mas não dou a mínima.

As duas semanas seguintes foram as melhores da porra da minha vida, Casey ficava na minha cama e eu fodia ela de toda maldita maneira que conseguisse imaginar. Eu não toquei em nenhuma outra mulher, nem ao menos olhei para uma. Eu tinha a única que eu realmente queria. Quando ela começou a falar sobre a faculdade e não querer ficar longe de mim, eu sabia que não podia ficar com ela. Casey tinha a intenção de desistir da faculdade só para ficar perto de mim, e eu não podia deixar isso acontecer. Ela merecia algo muito melhor do que um imbecil como eu. Mas eu não podia abrir mão dela. Melhor dizendo, eu não queria abrir mão dela.

Me destruiu dar o golpe final em Casey, mas eu sabia que precisava ser feito. Não importa quanto eu a queria, não podia ficar com ela.

— *Oi, DeDe. Você já vai acabar?* — *perguntei para a mulher arrumando a minha cama. Eu tinha DeDe limpando meu quarto há alguns meses. Ela é uma vadia do clube, e nós já tivemos os nossos momentos, mas muito da atração se vai quando muita merda é feita. E eu preciso dessa porcaria de quarto limpo, e não vou fazer isso.*

— *Oi, estou quase acabando, — ela olha para mim e sorri, batendo aqueles longos cílios que costumavam deixar meu pau duro na mesma hora, mas agora, nada. Não com a minha Angel na minha cama. É tudo sobre o maldito tempo, eu esperei demais para ter ela.*

Mas não posso tirar da minha cabeça as palavras que ouvi hoje mais cedo. Palavras que estão me matando por dentro. Palavras que vão me fazer desistir da única coisa que eu quero tão desesperadamente. Que grande maricas. Mas por ela, eu faço qualquer coisa.

— Você precisa que eu fique? — ela pergunta sedutoramente, caminhando até onde eu estou, parado na porta.

— Nah, baby. Eu estou bem, — eu dou um passo para trás, saindo do quarto, e dando espaço para ela passar. Ela fica na ponta dos pés e me dá um selinho rápido nos lábios, que eu não retribuo.

Um suspiro vem do final do corredor e os olhos de Casey me penetram. Se eles fossem adagas, eu estaria morto em uma maldita poça do meu próprio sangue. Seus olhos se estilhaçam diante de mim, a luz é consumida pela escuridão, e por mais que isso me mate, volto a pensar naquelas malditas palavras, e aproveito o momento.

— Desculpa, baby. Preciso de mais de uma buceta. Eu sempre gostei de variedade, — dou de ombros como se isso não fosse nada, mas por dentro eu estou caindo no chão. Ela não diz uma palavra, só se vira e vai embora. Leva tudo de mim não correr atrás dela e dizer que era tudo a porra de uma mentira, mas não posso, porque essa é a única maneira.

Fazia semanas que eu tinha estado com ela a última vez, e ainda assim não conseguia tocar em outra buceta. Eu tentei, mas não rolou. Eu sempre acabava com a vadia apenas me chupando, e isso era só para o meu alívio físico.

Eu não falei com Princesa sobre essa merda. Eu nem sei o que dizer. Eu só me afastei dela, porra. Se ela tenta falar comigo, eu a empurro e vou embora. Mesmo com a nossa grande discussão, no dia em que lutamos no ringue, eu não falei. A única razão pela qual lutei com ela foi porque ela me desafiou. Eu não podia ignorar essa merda, e também sabia que ela podia aguentar. Cada soco que eu dei não me fez sentir nada melhor, e a única coisa que essa luta conseguiu foi me deixar sangrando e machucado. Mas isso ajudou a me dar uma espécie de alívio, mesmo que eu sentisse falta do meu anjo.

Chegando no clube, Buzz está nos portões principais para fazer a cerca de aço nos deixar entrar. Não estamos em bloqueio, mas Diamond insiste para deixarmos o lugar bem seguro, o que significa um prospecto nos portões principais o tempo todo, decidindo quem entra e quem sai. Pessoalmente, eu acho que isso é algo bom.

Eu sei que Dagger e Rhys vão querer sentar e discutir o que vimos antes de levar isso para a missa. Depois de estacionar e entrar no clube, nos sentamos em uma das mesas, levantando o queixo em cumprimento para todos que víamos, mas ficando mais na nossa por um momento. Breaker nos traz três garrafas de cerveja, uma garrafa de uísque e copos. Ele nos conhece bem.

— Então, que porra nós fazemos? — Dagger começa, e eu tenho a mesma coisa passando pela minha cabeça.

— Merda. Eu não sei. Seria uma tonelada de dinheiro, mas porra... essa merda é pra valer. Nós estaríamos fodidos se fôssemos pegos. Não teria como escapar dessa, — Rhys fala depois de uma dose de uísque. Ele está totalmente certo. Eu concordo com a cabeça.

— Algo não parece certo, caras. Eu não sei o que é, mas algo está estranho, — minha intuição está gritando. Eu sempre confiei nela. O pagamento é ótimo e difícil de recusar, mas dinheiro não é tudo. Liberdade é.

— Eu concordo. Vamos levar isso para votação, — Rhys diz, batendo a mão na mesa.

— Certo. Então, rapazes... eu acho que preciso transar, — Dagger olha para o sofá, onde duas vadias do clube estão deitadas, assistindo TV. — Meu pau ficou duro de pensar em todo aquele dinheiro.

— Eu entendo, — Rhys diz. — Eu já fodi aquelas duas várias vezes. Precisamos de carne nova nesse maldito lugar, — ele rosna. Eu levanto o queixo em concordância, mesmo que eu não esteja dando a mínima.

Dagger caminha até o sofá e estende as duas mãos para as garotas, que as seguram imediatamente, e vão os três para os fundos do prédio. Dagger tem uma *old lady*, Flash, mas o que acontece no clube, fica no clube.

— O que está acontecendo, irmão? — Rhys me pergunta, tomando outra dose de uísque. Rhys não é o tipo de cara que gosta de bater papo e jogar conversa fora, então quando ele pergunta, você responde.

— Muita merda na Cabeça. eu vou ficar bem, — ele gira dentro do copo a bebida que acabou de servir, olhando para o líquido.

— Você tem estado muito assim ultimamente, — seu tom é acusador.

Minha raiva sobe. — Que porra isso quer dizer? — eu o encaro.

Seu olhar incisivo empurra minha raiva para baixo, mesmo que só por um momento. — Olhe. Se você precisar de mim, eu estou aqui.

— Valeu, cara. Mas eu estou bem, — eu o corto. Eu preciso falar sobre isso, mas não faço a menor maldita ideia de por onde começar.

— Você voltou com Casey? — suas palavras me param, mas eu as afasto.

— Nah. Ela está melhor onde está.

— Não foi o que eu perguntei. Todos sabemos que as mulheres estão melhores longe de nós. Quer me dizer o real motivo para você mentir?

Porra. Como diabos ele sabe de toda essa merda, e quando nos tornamos um bando de maricas falando sobre isso? Minhas narinas queimam e eu fecho os punhos, pronto para dar um soco no meu irmão, mas quando ele continua, eu congelo. — Olhe, desde que ela foi embora, você está completamente miserável. Você faz o seu trabalho, vai às festas, mas não é você. Essa merda ainda vai te matar. A sua maldita cabeça não está aqui.

Eu não posso discutir com isso. Minha cabeça está em todos os lugares, menos onde deveria estar no momento. Mas as coisas têm sido difíceis. Esfregando as mãos no rosto, — Eu vou ficar bem.

Eu passo a mão uma última vez no rosto e me levanto. — Eu só preciso da droga de um tempo para dormir.

Quatro

CASEY

Nada. Não sinto nada por dentro, como se eu fosse uma pessoa vazia, um desperdício de carne e ossos. Meu coração não sente nada; sua única função é me manter viva, por alguma razão. Deitada na cama, tudo que eu faço é existir, tomando o ar de alguma outra pessoa no planeta. Eu não fui à aula toda essa semana, e provavelmente não vou ir na próxima também. Qual é o objetivo? Meu bebê está morto. Se foi. E o pior, não há um corpo para enterrar. Nada, como se eu jamais tivesse tido uma vida no meu corpo, não a tivesse carregado por semanas, não tivesse me ligado a ela. Nada. Eu não posso ir visitar o meu bebê como faço com o meu pai. O bebê apenas desapareceu, como se não fosse nada no mundo.

— Casey. Você tem que sair da cama, — Bella vem aqui quatro ou cinco vezes por dia, tentando me fazer levantar da cama. Eu agora lamento ter dado a ela uma maldita chave do meu apartamento, porque tudo que eu quero é ficar sozinha. — Você tem que comer. Vamos lá, — eu gemo. Eu odeio comer. Eu odeio respirar, na verdade. Pensei que a morte do meu pai foi difícil; esse é um tipo totalmente diferente de dor. Um que tem tantos “ses”, que o meu coração se despedaça mais a cada minuto. Eu nem sei mais porque eu estou viva. Pelo menos com o meu bebê eu tinha um propósito, um objetivo. Agora, eu não tenho nada.

— Jace está vindo aqui para me ajudar a te dar um banho. Ou você se lava sozinha ou nós vamos fazer isso por você, mas garota, você vai tomar um banho. Você está fedendo. E você vai comer. Eu posso ver a droga dos seus ossos, Casey.

Eu me viro para ela, fecho os olhos e desejo poder dormir.

* * *

TRÊS DIAS DEPOIS

Eu cheguei à conclusão de que a dor no meu peito nunca vai passar. Ela está tão firmemente enraizada que nada vai poder me ajudar. Mas eu estou tentando me mexer. Pelo menos ao redor do meu apartamento. Depois que Bella e Jace me vieram com as suas lindas conversas de incentivo, cheguei à conclusão de que eles não iam me deixar em paz, e para me ver livre dos dois eu precisava pelo menos aparentar estar começando a melhorar.

Eu me recuso a ir às aulas. Disse a eles que eu tinha uma emergência médica e deixei por isso mesmo. Meus professores deram minhas tarefas para Bella, mas elas continuam intocadas sobre a minha mesa.

Mas eu nunca estou sozinha, no entanto. Bella ou Jace estão aqui o tempo todo. Eu deveria estar agradecida por ter eles, mas eu realmente queria que eles me deixassem em paz. Eles andam atrás de mim o tempo todo. Sempre se entreolhando e tendo conversas silenciosas entre eles. Parecem que eles querem me fazer explodir, mas não tenho vontade disso. Não há nenhuma razão.

— O que você quer fazer hoje? — Jace pergunta do sofá, onde ele está meio deitado com os pés para cima, passando os canais na TV. Se eu estivesse com a cabeça em bom estado, eu diria para ele dar o fora e parar de agir como se essa fosse a sua casa. Mas eu não posso e não vou.

— Nada, — é a minha resposta para cada vez que ele faz essa pergunta.

— Vamos ver um filme, você escolhe, — ele insiste.

— Não, — eu ando até a geladeira, abro a porta e a fecho rapidamente. Nada parece bom e o meu estômago revira só de pensar em comida. Bolacha água e sal... talvez bolacha água e sal.

— O que é esse barulho? — Jace anda na minha direção, tentando descobrir de onde vem isso. E eu escuto um som baixinho e instantaneamente reconheço.

Merda. — É o meu telefone. Preciso encontrá-lo, — lentamente procuro pelo telefone pré-pago que, se não for atendido, vai causar uma tempestade de merda no clube que eu não estou em absolutamente nenhuma condição de lidar nesse momento.

Cavando na pilha de papeis, eu o encontro dentro da minha bolsa marrom. Rapidamente aperto na tela e coloco minha voz mais feliz para responder. *Falsa*.

— Alô, — eu respondo, rapidamente me afastando de Jace.

— Oi, garota! Quando você vem me ver? — a alegria na voz de Harlow irradia pelo telefone, e só me faz sentir pior.

— Eu não posso ir agora. Aulas e trabalho, — mentir para ela é uma merda. Eu sempre odeio isso e raramente faço, mas dessa vez é um mal necessário. Alguém limpando a garganta me faz olhar para Jace, que balança a cabeça. Eu o encaro, sem precisar dessa merda agora. Por que ele ainda não foi embora?

Eu viro de costas, esperando que isso dê o recado. — Como está a vida em Cherry Vale?

Horrível. — Ótima. Tudo está ótimo.

— Você está mentindo para mim, — minha respiração fica presa e eu fico imóvel por um segundo. — Você nunca está assim tão feliz ou animada, nem quando está de bom humor. Você vai me dizer o que está acontecendo?

A mão segurando meu telefone começa a tremer, e a minha determinação feliz começa a se desfazer. Eu penso rápido, — É só que a faculdade é dureza, mas eu estou conseguindo me virar. Está tudo bem, — eu tento dizer de forma tranquilizadora.

— Sim. Certo. Eu não acredito em você, algo está acontecendo. E eu vou descobrir o que é, — meu coração para. — Vou deixar assim por agora, mas eu não vou esquecer. Cruz e Cooper mandaram oi. Cooper é um grande garoto, Casey. Ele está crescendo tão rápido. Queria que você estivesse aqui para ver isso, — lágrimas enchem meus olhos pelo bebê que eu nunca vou ver crescer, nunca vou ver dar os primeiros passos ou dar a primeira mordida na sua comida favorita, nunca vou segurar nos braços. Afasto o telefone do rosto e puxo uma respiração profunda, então o trago de volta para perto da boca, tentando me acalmar.

— Diga a eles que eu mando oi, também. Sabe, eu tenho uma prova muito difícil nos próximos dias. Realmente preciso ir, — ou eu vou acabar perdendo o controle aqui.

— Certo. Eu sei que algo não está certo. É melhor você estar bem. Se você me contar da próxima vez que eu ligar, eu vou ir até aí, — merda. Harlow não desiste nunca.

— Sim. Só estou ocupada. Vou te ligar logo. Ok?

— Certo. Te amo.

— Te amo, também, — desligo rápido a ligação; minhas pernas cedem, minha bunda bate no chão com um baque surdo, e meu corpo vem em seguida. Jace passa na mesma hora os braços ao meu redor, me levantando, me puxando contra o seu peito como se eu fosse uma criança. Lágrimas escorrem rápido pelo meu rosto, e Jace apenas me puxa mais apertado contra o seu peito.

Cinco

G. T.

OITO DIAS DEPOIS

Quando paramos no grande espaço aberto, os homens de Rabbit estavam nos esperando. Esses últimos meses com Rabbit foram uma grande merda. Houve tiroteios, espancamentos, destruição de propriedade e Babs, a *old lady* de Rabbit, atacou Princesa e sequestrou seu filho, Cooper, o que foi uma confusão gigantesca. Nós cuidamos disso, mas não exatamente da maneira como gostaríamos. Apesar disso, Diamond diz que está tudo bem e maravilhoso. Claro. Rabbit ainda não teve o que merece.

Rabbit está de pé ao lado da sua moto, cercado por vários dos seus homens enfileirados, cada um deles segurando armas nas mãos, o que é normal. Se eles não estivessem fazendo isso, eu acharia que algo estava errado.

Diamond, Pops, Dagger, Rhys, Cruz, Zed, Becs e eu descemos das nossas motos e as apoiamos contra as barras, enquanto Tug, Breaker e Buzz lentamente estacionam a grande caminhonete que nós usávamos para levar tudo que precisaríamos, caso fosse necessário. Diamond deu um passo à frente, mas antes que qualquer palavra saísse da sua boca, tiros altos foram disparados ao nosso redor. Todos os irmãos tropeçaram para trás das nossas motos, as usando como escudos. É o melhor que tínhamos no momento.

Olhando ao redor rapidamente, vi que todos os homens estavam com suas armas levantadas, disparando em velocidade. Do outro lado do estacionamento, a gangue de Rabbit se moveu para trás do lugar em

que eles estavam nos esperando, mas sem atirar, suas armas para baixo. Porém, seus olhos são frios e estão focados em todos nós. Enquanto procuro pelo lugar de onde os tiros estão vindo, de alguma posição ao nosso lado, uma gangue local chama T-Darts vem disparando suas armas até nós. Um tiro depois do outro, errando por pouco o alvo ao atingir o metal das motos nos protegendo e ricocheteando para longe.

Saindo apenas um pequeno passo de trás de uma grande árvore, Paine, o presidente dos T-Darts, mira em todos nós com fúria. Seus olhos vazios estão focados e controlados. Essa merda é séria. — Nós temos que dar o fora daqui! — eu grito para os caras, tentando fazer com que eles corram para a caminhonete.

— Fique atrás de nós! — Dagger grita para Diamond, mas ele não ouve, o maldito velho teimoso. Em vez disso, ele começa a disparar sua arma junto com o resto de nós.

— Pops, atrás de mim! — eu grito, mas ele é apenas tão cabeça-dura quanto Diamond, e continua a atirar ao nosso lado.

Diamond late, — Vão para a caminhonete! Agora!

Um tiro atrás do outro acerta a terra e nossas motos, pois podemos ouvir o estalo metálico ao longe. Tentar manter uma precisão certa de onde todos os tiros estão vindo é difícil pra caralho. Nos movemos rápido e mantemos o passo juntos. Diamond está andando bem na minha frente, e eu tento posicionar meu corpo na frente do seu.

Grunhidos altos. Porra. Diamond. Sangue se derrama do seu corpo. Usando toda a força que tenho, o empurro com tudo para a caminhonete e o vejo cair no chão. Quando saio correndo até ele, uma dor afiada invade e voa por todo meu corpo. Instantaneamente, minhas penas cedem, e eu também caio no chão.

Porra! Agarro minha arma firme na mão e continuo atirando, mesmo que a dor seja avassaladora. Cruz me agarra por debaixo dos braços e me arrasta na direção da caminhonete. Quando entramos, meus braços caem nos meus lados, meu corpo sem mais energia para mantê-los erguidos. Posso ouvir palavras, mas é tudo tão abafado que é como se eu estivesse debaixo d'água. Mais barulhos e algum movimento, mas eu estou completamente inútil, nada parece querer funcionar no meu corpo. Eu tento, mas tudo permanece imóvel. Sinto meus olhos começarem a se fechar lentamente. Eu quero mantê-los abertos, mas é demais para eu aguentar. A última coisa que vejo antes de tudo ficar escuro é o rosto lindo de Casey.

* * *

— Acorde, seu idiota! — a voz de Princesa é tão alta que é como se ela estivesse colocado um megafone no meu ouvido. Minha cabeça está latejando pra caralho, e meu corpo está quase todo dormente. Na mesma hora em que tento me virar, meu corpo é segurado por algo grande e forte. Estou fraco e dormente demais para lutar contra. Não posso fazer nada além de ficar deitado ali.

— G.T., levante essa bunda maldita agora mesmo! — Princesa late mais alto dessa vez. Eu quero dizer a ela para calar a boca, mas minha boca está seca e eu encontro dificuldade em abri-la. Tento então abrir os olhos, mas não consigo levantar nem uma pálpebra. Então a escuridão me encontra outra vez, e a voz de Princesa desaparece ao longe.

* * *

— Doc, eu lhe dei os remédios como você disse, mas ele não acorda. Ma não sai daqui, e também não fala nada. E eu só o vi se mexer no primeiro dia, e então desmaiar. Que porra está acontecendo? — a voz de Princesa parece muito mais clara agora do que antes, e eu na verdade até consigo processar o que ela está dizendo.

Tento abrir os olhos de novo, mas os malditos parecem ter fita adesiva os prendendo ao meu rosto. Uma dor nauseante corre através do meu peito e ombros, e quando tento me mover outra vez, nada acontece. O pânico cresce. *Que diabos há de errado comigo?*

— Se acalme, mocinha, — Doc diz para Princesa. — Ele perdeu muito sangue. Eu fiz a transfusão, mas vai demorar um tempo até ele se recuperar. Ele a morfina o mantém apagado. Vamos tirar metade da dose de morfina e ver se ele acorda.

Morfina. Remédios. É por isso que eu não consigo mexer meu corpo. Eu posso lidar com essa resposta. Pelo menos eu não estou morto.

— Certo, — Princesa estala. Posso sentir sua presença ao meu lado. — Vamos lá, seu idiota. Acorde para eu poder te xingar.

— Princesa! — Ma grita. — Não! — ótimo, as duas estão aqui.

— Vamos lá, Ma. Você sabe que ele não vai reagir às minhas palavras doces sussurradas no seu maldito ouvido. Eu preciso trazer Casey aqui. Ela vai conseguir fazer ele acordar.

Esse nome. Casey. Deus, eu quero vê-la, sentir o seu cheiro, o seu corpo.

— Sim, acho que ela conseguiria. — Ma murmura. — Você dois precisam resolver essa merda. Quando ele acordar, você vai dar um jeito nisso.

— Eu preciso dar um jeito? É ele que está puto comigo, Ma. Como diabos eu vou dar um jeito?

— Se vire! — Ma diz, e eu a senti apertar minha mão.

— Ele vai sair dessa, Ma, — Princesa diz.

— É melhor que ele saia.

Eu desligo o som de suas vozes, e os pensamentos na minha linda garota me fazem voltar a dormir.

Seu cabelo loiro voa no vento enquanto eu a vejo sentada em uma mesa de piquenique. Eu já a vi ali milhares de vezes, e ela sempre está usando praticamente nada. Se não a conhecesse melhor, eu diria que ela está tentando virar uma das vadias do clube, mas ela nunca faria isso. Ela é apenas assim.

Caminho lentamente até ela, seus olhos se arregalam de surpresa quando eu a prendo em meus braços e bato meus lábios nos seus. Ela só precisa de um momento, e então está ali comigo, retribuindo o beijo com a mesma intensidade.

Todo o mundo desaparece e há apenas nós dois no meio do pátio, nada mais existe. Eu beijo o seu pescoço e faço uma trilha de lambidas, provando o sol e o suor da pele. Seus gemidos e choramingos me deixam mais louco.

Puxo o pequeno pedaço de tecido, que ela chama de camiseta, pela sua cabeça, puxo seus peitos para fora do sutiã e os chupo com força. Seu corpo arqueia para fora da mesa e ela grita o meu nome.

— *Por favor, — ela implora. Eu arranco seus shorts junto com o meu jeans, e deslizo para dentro dela com uma única estocada. Dentro e fora, eu pego o ritmo e ela me encontra a cada movimento...*

Eu acordo com o som da voz de Pops. — Quais as novidades? — ele berra longe de mim, me puxando para fora do meu sonho.

— Ele está se mexendo um pouco e gemendo algumas coisas, mas não abriu os olhos, — Princesa respondeu com uma voz cansada.

Meus olhos parecem cheios de areia, areia grossa e áspera, seca como o deserto. Eu quero tanto abri-los, mas a droga do meu corpo não escuta. Se eu não estou morto, com certeza não quero ficar aqui deitado ouvindo Princesa gritando todos os dias, pelo resto da minha vida. Tentando com tudo que tenho, lentamente consigo abrir um olho, mas a aspereza da areia torna difícil enxergar.

— Merda, — a voz de Pops diz perto de mim. — Garoto... Garoto, você pode me ouvir?

Minha garganta está seca e arranhada. Tento limpá-la, faço alguns sons e gemidos pouco comuns. Finalmente, abro os dois olhos e pisco rapidamente para dar foco às figuras borradas na minha frente. Eu sei quem eles são pelas suas vozes, mas todos são um grande borrão sem forma. Quando eles lentamente entram em foco, vejo que Pops está parado ao meu lado, os braços cruzados sobre o peito, respirando sem fôlego. Olho em seus olhos e vejo a dor dentro deles. — Diamond, — eu coxo em uma voz que não tem nada a ver com a minha.

— Ele se foi, irmão, — a dor na voz de Pops é profunda.

— Merda, — eu gemo. O peso do que aconteceu começa a me esmagar. Eu não o empurrei para fora do caminho rápido o bastante. Eu não o salvei, porra. É tudo minha maldita culpa.

— Como você está se sentindo? — Ma pergunta parada do meu outro lado, me tirando dos meus pensamentos. Sua mão empurra meu cabelo para longe dos olhos.

— Uma merda, — eu coxo como um maldito sapo.

— Você nos assustou pra caralho! — Princesa grita do fim da cama, mas eu não consigo levantar a cabeça para olhar para ela.

— É bom te ver também, mana, — brigar com ela não está no topo das minhas prioridades nesse momento, mas a conhecendo, sei que ela não vai me dar muita escolha.

Olhando para Pops e ignorando Princesa, — Qual o plano?

— Você fica melhor, depois a gente conversa, — ele desconversa.

— Você é o Presidente? — Pops acena a cabeça, mas não diz uma palavra. Eu faço grunhidos e murmuro baixo para quem quiser ouvir e responder. — Quanto tempo vou ter que ficar aqui?

Princesa me corta. — Não sabemos ainda, seu imbecil teimoso. Mas guarde as minhas malditas palavras, enquanto está deitado aqui: nós vamos conversar e resolver essa merda, — eu fecho os olhos e desejo silenciosamente que Princesa desapareça. — Você não vai fugir da conversa essa vez, — o ultimato em suas palavras me irrita pra caralho, porque de jeito nenhum a gente ia conversar, especialmente quando eu estou deitado aqui e não posso fugir dela.

Seis

CASEY

— Estou orgulhosa de você, — os olhos tempestuosos de Bella se focaram nos meus e eu a encarei de volta sem expressão, me perguntando de que diabos ela estava falando. Desde que o meu bebê morreu, estive vivendo com um zumbi. — Você é uma mulher incrível.

Eu rio baixinho. — Não, eu não sou. Se eu fosse *incrível* como você diz, eu teria sabido como salvar o meu bebê.

— Querida. Não havia nada que você pudesse fazer. Nada, e isso não é sua culpa, — a sinceridade em seus olhos é demais. Eu gemo e me viro para longe dela. Essa última semana está passando tão rápido, mas eu fui várias vezes à aula e peguei todas as tarefas que havia perdido. É bom poder focar em algo além do fato do meu bebê ter ido embora.

Eu tenho sido uma vadia total com Bella e Jace, mas não consigo evitar. A raiva dentro de mim continua fervendo, se esparramando pelo chão como lava quente. Eu quero meu bebê de volta. Ao longo dessa semana, decidi que o meu bebê era uma menina e lhe dei o nome de Mia. Quando contei para Bella e Jace, eles apenas se entreolharam, mas nenhum dos dois disse uma palavra sobre isso.

Minha era uma pessoa, ela era a minha pessoa, e eu me recuso a jogar ela para baixo do tapete como se nunca tivesse existido.

Bella coloca uma mão no meu ombro e meu corpo tenciona. — Casey. Você é uma mulher inacreditavelmente forte. Você tomou decisões que eu não sei se conseguiria tomar, para tornar a vida melhor

para o seu bebê. A vida é uma merda e puxou o seu tapete, mas com a sua força você vai passar por isso.

Lágrimas enchem os meus olhos. Eu me viro para os braços de Bella e choro silenciosamente. Desejando que a dor vá embora, eu a solto, vou para o meu quarto e puxo as cobertas sobre a minha cabeça.

Quando acordo, o sol está começando a se pôr, criando sombras pelo mundo, exatamente como eu me sinto, escura e sombria. Vou até a cozinha e o cheiro de manjerição invade o meu nariz. Bella está se mexendo pela cozinha, andando de um lado para o outro rapidamente, pegando utensílios e ingredientes do armário como uma máquina bem lubrificada. Eu respiro fundo de novo e dessa vez o cheiro de molho de tomate vem até mim, meu estômago roncando me lembra que faz um bom tempo que eu não como de verdade. — Como você está? — ela pergunta, mexendo algo em um pote.

— Bem. Desculpe por antes.

Bella vem e passa os braços ao meu redor com força. — Não precisa se desculpar. É para isso que eu estou aqui. Nós vamos passar juntas por isso, — eu aceno e a abraço apertado.

— O que você está fazendo? Eu estou com fome, — Bella me afasta e olha para o meu rosto com um olhar incrédulo.

— Sério? Acho que é a primeira vez que você diz isso em semanas, — ela sorri. — Spaguetti.

— Parece bom, — eu vou até a ilha da cozinha e pego um guardanapo. Começo a rasgá-lo em pedaços bem pequenos sem sequer pensar muito sobre isso. Meu apetite está voltando lentamente, mas eu só consigo suportar pequenas quantidades de comida sem vomitar.

— O seu telefone está tocando como um louco ali. Coloquei no silencioso porque não queria que acordasse você, — ela aponta para o meu celular pré-pago e eu sei que apenas uma pessoa liga para ele.

Meu estômago bate no chão. De jeito nenhum eu vou conseguir falar com Harlow agora. Apenas ouvir sobre a sua família já me embrulha o estômago. Eu quero ficar feliz por ela. Ela merece isso. Mas ficar ouvindo como Cooper e Cruz são perfeitos apenas me mata por dentro. Eu não quero ter ciúmes da minha melhor amiga, mas não consigo evitar. Ela tem tudo que eu sempre quis e eu estou totalmente sozinha, de novo. Mas se eu não ligar para ela logo, Harlow vai mandar a cavalaria para me achar.

— O que há de errado? — Bella pergunta, tirando os olhos do pote.

— Eu apenas não sei se consigo falar com Harlow agora. Não querer ouvir como a família dela é perfeita faz de mim uma pessoa horrível?

Bella larga a colher e senta ao meu lado na ilha. — Você precisa contar a ela o que aconteceu, Casey, — eu ofego e ela pega minha mão e aperta suavemente. — Não, sério. Você precisa contar para ela. Ela é sua melhor amiga há anos, e pelo que você me contou, ela parece ser uma mulher compreensiva. Você também precisa contar para o pai do bebê.

— Eu tinha a intenção de contar para os dois. Queria esperar até saber se era menino ou menina. Harlow estava passando por tanta coisa que eu não queria lhe trazer mais problemas. E G.T., ele não queria ter nada a ver comigo, — eu olhei para o guardanapo em pedaços na minha frente. — Eu o conheço a vida toda, e parte de mim estava aterrorizada que ele rejeitasse o bebê, mas agora isso não importa, — Bella apertou minha mão com mais força.

— Importa sim.

— Ele me vê apenas como mais uma vadia do clube, e eu não posso fazer isso comigo mesma. Isso me mata. Eu estive apaixonada por ele por tanto tempo que o pensamento de ter uma parte dele crescendo dentro de mim me fez mais forte. Quanto ridículo é isso? — eu balanço a cabeça.

— Isso não é ridículo. Você é forte com ou sem o bebê. Você tem que saber isso.

Eu lhe dou um pequeno sorriso, não acreditando de verdade nas duas palavras. — Eu vim para a faculdade para construir algo para mim e Mia. Agora, eu não sei o que preciso fazer. Eu estou meio perdida.

— Está tudo bem você não saber. Você vai andar com um pé de cada vez. É tudo que você pode fazer agora.

Eu olho para o telefone. — Quantas vezes ele tocou? — eu pergunto.

— Provavelmente umas dez ou mais.

Eu pulo do meu banco. Harlow nunca me ligaria tantas vezes assim se algo não estivesse errado. Pegando o telefone, eu olho e vejo 13 chamadas não atendidas e uma mensagem de voz piscando. Não me incomodo em olhar as mensagens, apenas ligo para ela de volta.

Harlow atende no primeiro toque.

— O que aconteceu? — eu pergunto imediatamente.

— Pegue as suas merdas e venha para casa agora, — a voz de Harlow está em pânico.

— O que está acontecendo, Low? — eu pergunto usando o apelido que eu lhe dei quando éramos crianças.

— Diamond está morto.

Tudo para. Eu agarro a cadeira mais próxima e consigo me sentar, com dificuldade. O ar do meu corpo sai em pequenos jatos enquanto eu tento processar as palavras que acabaram de sair da sua boca. Ele estava envelhecendo, é verdade, mas ainda estava cheio de vida.

— Como? — eu sussurro no telefone enquanto minha mãe trêmula tenta segurá-lo firme.

— Baleado.

— Oh, Deus, — eu seguro meu peito quando a dor vem rápida e forte. Diamond sempre manteve um olho em mim, desde que Bam morreu. Ele ia até a oficina e perguntava como eu estava, mas nunca de um jeito superprotetor. Apenas como um avô faria normalmente.

Eles todos se foram. Meu pai, Mia, Diamond. A nuvem escura de tristeza que eu senti sobre a minha cabeça pelas últimas semanas fica ainda mais escura, e eu me sinto ainda mais perdida.

— Tem mais, — sua voz quebra com as palavras.

— Merda. Quem mais? — eu pergunto não sabendo se posso lidar com a resposta, mas precisando saber.

— G.T. — um pânico devastador corre pelo meu corpo e consome cada célula que pode encontrar. De alguma forma eu caio da cadeira, atingindo o chão com um baque alto, o telefone na minha mão começa a tremer e eu o agarro mais forte para não o derrubar. Bella vem correndo para o meu lado.

— Você está bem? — Bella pergunta e eu balanço a cabeça, sem poder sair do lugar.

— Casey! — eu ouço Harlow gritar no telefone, mas não consigo formar palavras. — Casey! Me responda, droga. Ele não está morto! — ela grita mais alto.

Ele não está morto. Ela acabou de dizer que ele não está morto, certo? — O quê? — eu murmuro.

— Merda. Não faça isso, porra! Você não tem ideia da merda que eu tenho passado, e você acabou de me assustar pra caralho.

— Me fale sobre o G.T., Harlow, — eu respondo rapidamente.

— Ele foi baleado duas vezes. Uma no ombro e outra no peito. Doc o costurou e disse que ele vai ficar bem. Ele esteve fora por dois dias. Completamente apagado.

— Então isso aconteceu há dois atrás e você só está me ligando agora? — eu grito quando minha raiva cresce. Como ela pôde me manter longe de tudo por tanto tempo?

— Foi tudo muito rápido e confuso. Eu estava cuidando dele o tempo todo, e quando não estava, tinha os meus garotos. Foi uma loucura. E eu queria ter certeza de que ela ia ficar bem.

— E se ele não fosse? Você não acha que eu tinha o direito de me despedir, Harlow? — eu lato ainda mais alto no telefone quando minha raiva toma conta. Eu levanto do chão e começo a andar de um lado para o outro.

— Eu não pensei nisso, — a vergonha na sua voz normalmente me acalmaria, mas eu não estou no humor de perdoar agora.

— Não! Você não pensou. Ele está acordado e falando? — meu corpo endurece sem saber se ela está prestes a me despedaçar com as notícias.

— Sim. Ele é um idiota teimoso. Olhe, você precisa pegar suas merdas e vir para casa.

— Quando é o velório? — eu sei que estou sendo rude, mas não dou a mínima. Como ela ousa não me contar?

— No fim da semana, eles acham. Mas tem mais. Os caras estiveram no meio de um tiroteio. Eles não estão falando sobre isso,

apenas disseram que alguém está armando para eles. Nós estamos em bloqueio, e isso inclui você.

— Não. Eu não posso. Eu tenho minha vida aqui. Eu vou para o velório, mas não vou entrar em bloqueio, — eu vou bater o pé nisso. Eu não tenho nada a ver com eles, exceto com Harlow. Não vou me submeter a um bloqueio ou a estar em um espaço fechado com todos eles.

— Você não tem escolha, porra. Buzz está a caminho para te ajudar a arrumar as coisas e te seguir no caminho até em casa, uma vez que eu sei que você não vai deixar o seu carro aí. Comece a empacotar suas merdas pensando em ficar por um tempo.

— Não. Eu não vou ir, Harlow. Como eu disse, vou estar aí por Diamond, mas não vou entrar no bloqueio, — eu argumento.

Harlow grita no telefone, me obrigando a afastá-lo do meu ouvido. — Vai se foder! Sim, você vai! Você é parte dessa maldita família e Deus te ajude se eu precisar sair daqui agora para arrastar sua bunda até em casa, porque eu vou, porra. Minha cabeça está em vários lugares agora, Casey, e eu não vou ficar me preocupando com você! Arrume suas coisas e esteja pronta quando Buzz chegar aí!

Embora Harlow tenha a cabeça quente, ela nunca falou comigo assim antes. E embora eu ainda esteja irritada com ela, o desespero em sua voz me faz empurrar para baixo a dor e todas as outras emoções me assombrando. Ela está assustada pra caralho e não tem controle sobre nada. Esse é o seu jeito de conseguir algum controle, mesmo que para isso ela tenha que me dar ordens. Eu sei o que preciso fazer, embora eu não queira.

— Eu vou falar com os meus professores. Vou tentar conseguir duas semanas, mas depois disso eu não prometo nada.

— Obrigada, — ela solta um bufo exasperado no telefone. — Me desculpe, — ela sussurra. Eu não sei se é por causa da sua explosão ou por não ter me ligado para falar sobre G.T., mas eu ainda não estou pronta para perdoá-la.

— Eu sei, mas você deveria ter me ligado logo que tudo aconteceu, — eu não sou estúpida e sei que não tenho direitos sobre G.T., mas Harlow sabe a história toda. Eu decido mudar de assunto. — Pops foi promovido?

— Sim.

— G.T.?

— Nada oficial ainda, — ela sabe exatamente o que eu estou perguntando. Eu quero saber se G.T. se tornou o VP. Quando Bam estava vivo, ele costumava me dizer que um dia Pops e G.T. iam comandar o Ravage. Ele sempre dizia ‘*esse vai ser o dia*’. Eu nunca entendi aquelas palavras. Até hoje.

— Eu preciso de um dia ou dois para arranjar tudo.

— Buzz deve estar aí em trinta minutos.

Eu suspiro em derrota.

— Ok... eu te amo, Low.

Surpreendentemente, um fungado baixo vem do outro lado da linha. — Eu te amo também. Venha para casa.

— Eu vou estar aí logo, — com isso, nós desligamos.

Me virando, Bella está ao meu lado. — O que foi isso?

Eu coloco as cadeiras de volta na mesa, uma vez que elas pareciam ter saído andando pela sala, e gesticulo para ela vir e se sentar. Explico o que está acontecendo e lágrimas enchem meus olhos.

— Então você está indo embora? — ela pergunta pegando a minha mão, seu tom tranquilizando me ajudando.

— Por um tempo.

— O que diabos é um bloqueio? — ela pergunta me encarando. Eu não tinha lhe dado o Manual dos Motoqueiros ainda.

— Exatamente isso. Todos os irmãos e suas famílias vão para a sede do clube e ficam presos lá dentro pelo tempo que o Presidente determinar. Geralmente, até tudo estar seguro de novo.

— E você pode sair em algum momento?

— Claro. Se um irmão ou um prospecto estiverem com você. Não podemos sair sozinhas, — Bella pode saber ou não que ela está me dando uma ótima distração de todo o pesar e dor que sinto em meu coração, com todas essas perguntas.

— Então me deixe ver se entendi direito... você vai ficar presa por tempo indeterminado com todos aqueles pedaços de mau caminho?

— Exatamente, — eu dou de ombros. — Não que isso importe, — eu olho para baixo, envergonhada.

— Eu posso ir? Sério, aquelas fotos no seu celular... droga, garota, — se eu estivesse de melhor humor, provavelmente riria disso, mas não é o caso.

— Não.

— Você vai ficar bem?

— Não, — eu respondo honestamente. Eu vou ter que contar a eles sobre Mia, e isso me assusta demais. Isso é muito mais cedo do que eu tinha planejado, mas não vou conseguir me segurar o tempo todo em que estiver lá. Eu mal estou fazendo isso aqui.

— Por que você? Seu pai morreu. Como isso funciona?

— Eu sou a filha de um membro muito respeitado. Harlow diz que eu sou considerada parte da família. Eles protegem a família.

— Droga. E o que acontece em um bloqueio?

— Nossa, você não para mais de fazer perguntas, — eu resmungo.

— Garota, você não falou quase nada em semanas, e se isso vai te fazer falar, vou perguntar tudo que eu conseguir pensar.

Eu lhe dou um sorriso pequeno. — Eu vou responder, mas tenho que arrumar minhas coisas e ligar para os meus professores. Considerando que já perdi muitas aulas, não sei o que eles vão dizer. Ah... Buzz está vindo. Você vai espumar pela boca com ele.

Eu explico a ela sobre bloqueios e os procedimentos, que são bastante diretos e objetivos.

— Me fale mais sobre Harlow, — ela pergunta enquanto eu jogo coisas nas minhas malas. Eu já liguei para meus professores, que disseram que desde que eu consiga entregar os trabalhos, está tudo bem. Eles até se ofereceram para me deixar assistir as aulas por Skype, o que eu achei muito legal. Não há porque ligar para o meu chefe. Depois que perdi Mia, parei de ir e me demiti sem dizer a ele. Tenho certeza que ele está puto. Eu não ligo.

— Harlow. Vamos ver. Ela é a Princesa do clube.

— Sim, você disse isso. Por quê?

— Ela sempre foi a Princesa do clube, filha do VP e tudo mais. Ela é chamada assim desde criança, mas o que realmente fez o apelido pegar foi o fato dela não ter absolutamente nada a ver com isso, — eu continuo empacotando enquanto falo, e Bella se senta na cama e ouve. — Ela é uma vadia fodona, e graças a Deus ela é minha amiga, senão eu morreria de medo dela.

— Por quê? — ela pergunta pegando a camisa que acabei de colocar sobre a cama e a dobrando para mim.

— Ela é uma lutadora. E não estou falando daquelas lutas de mulherzinha onde umas puxam os cabelos das outras. Ah, não. Harlow sabe lutar. Ela entre no ringue para lutar com os irmãos e é páreo para todos eles. Na verdade, foi assim que ela se tornou uma *old lady*. Ela lutou com o seu homem. Foi épico.

— Ela realmente lutou contra ele?

Pegando meu telefone, eu acho a foto de Harlow com Cruz e Cooper. Meu coração dá um pequeno aperto, mas eu o empurro de lado. Mostro para Bella. — Essa é Harlow e o seu *old man*. O cara contra quem ela lutou.

— Puta merda! Você está brincando? Nem pensar, — ela balança a cabeça em descrença.

— Sim. Sério.

— Ela não é tão grande e bem... ele é um monstro. E é gostoso pra caralho!

— Sim. Mas acredite em mim. Ela é única.

Uma batida alta vem da porta da frente, fazendo as paredes tremerem. — Droga, Buzz, — eu digo indo até a porta, Bella em meus calcanhares.

— O quê? Você não achou que eu ia perder isso, achou? — reviro os olhos e nós andamos até a porta, e quando quase a alcançamos, as batidas começam outra vez.

Olhando pelo olho mágico, vejo um lindo Buzz parado do outro lado, parecendo agitado ou irritado, eu não posso dizer.

Antes de abrir a porta, Bella pega o meu braço e eu me viro para ela. — Você vai ficar bem? — ela pergunta.

— Eu não sei. Não vai ser fácil, mas eu não tenho muita escolha,
— eu lhe dou um pequeno sorriso e me viro para a porta.

— Você pode fazer isso, — ela me tranquiliza. Eu pego a sua mão e dou um pequeno aperto.

Me viro e abro a porta. — Droga. Você vai derrubar minhas malditas paredes, — eu lato.

Ele não responde, apenas passa os braços ao meu redor e me abraça com muita força, esmagando meu rosto em seu peito até o ponto em que não consigo respirar. — Sentiu minha falta, Buzz? — eu murmuro.

— Estou feliz que você está indo para casa, — sua profunda voz rouca me lembra a voz quente de quem acabou de transar. Quando me afasto, olho para seus olhos azul-céu, olhos que definitivamente foram feitos para hipnotizar as mulheres. Seu cabelo loiro cresceu desde a última vez que o vi, mas não é só isso. Ele deve ter malhado também, porque seu corpo está mais definido. Posso ver isso pela camiseta branca justa em seus ombros e bíceps, as tatuagens correndo pelos seus braços. Com o colete de couro e a calça jeans, ele parece bom o bastante para ser comido.

Ele se afasta e seus olhos me avaliam de cima a baixo. — O que há de errado com você? Não tem comido? — ele pergunta e meu coração afunda com a percepção de que todos vão saber que algo não está certo assim que me virem. Merda.

— Eu não tenho me sentido bem, mas estou melhorando. Onde você estava? Harlow me disse que você que você estaria aqui em meia hora, — eu me afasto da porta, esperando que ele não pressione a minha mudança de assunto.

— Eu tinha coisas para fazer, — é a sua única resposta, seus olhos estão presos em Bella, atrás de mim. Sua respiração fica presa e isso me faz dar uma risadinha pela primeira vez em muito tempo. Eu sabia que os caras não iam durar muito perto dela.

— Buzz, essa é minha amiga Bella. Bella, Buzz, — minha mão acena entre um e outro.

— Puta merda, — Bella geme baixinho. — Oi, — ela dá um pequeno aceno com a mão.

— E existem dois dele, — os olhos dela se arregalam e seus lábios se abrem levemente. Pego meu telefone e procuro uma foto dos dois

juntos para mostrar para ela. — Sim, o gêmeo dele, Breaker, é um irmão também.

— Deus me ajude, — ela sussurra, balançando a cabeça enquanto agarra meu telefone.

— Tenho certeza que nós poderíamos passar te mostrar o que é diversão, linda.

Os joelhos de Bella começam a tremer. Eu agarro o seu braço, não querendo que ela desmaie no chão.

— Tenho certeza que vocês poderiam, — ela se vira para mim. — Me leve com você.

— Não. Você tem aula. E você tem que anotar a matéria para mim, — Bella bufa, saindo do feitiço induzido por Buzz. — Buzz, nós não precisamos ir? — eu pergunto com os olhos fixos em Bella.

— Sim. Temos que pegar a estrada. Muita merda acontecendo, — a confiança em suas palavras transparece claramente.

— Como estão todos? — eu pergunto hesitante.

— Está uma confusão, Casey. Uma confusão da porra. Pegue as suas coisas e vamos lá, — eu aceno e puxo uma Bella praticamente congelada até o meu quarto, seus olhos não saindo de Buzz nem uma vez.

— Oh meu Deus, Casey... eu nunca... Deus, — eu jogo as últimas coisas que faltam dentro das minhas malas.

— Eu sei. É difícil aguentar às vezes.

Ela fica ali sentada por um tempo, sem dizer nada, enquanto eu fico falando sobre como Buzz é um prospecto ainda, e não um irmão realmente. Como ele tem que merecer seu lugar como irmão e algumas das coisas que isso envolve.

— Por que você não tem um apelido?

— Hm? — eu pergunto enquanto jogo os últimos itens de higiene pessoal dentro da mala.

— Princesa, Cruz, Buzz, Bam e G.T., e então tem você... Casey. Isso não parece certo.

Bella não sabia que esse fato me machuca um pouco. É como se eu tivesse sido colocada de lado, como se ninguém tivesse tido tempo de

pensar no meu apelido. Meu nome na verdade é Cassandra, Casey é apenas a versão reduzida. Mas no clube, todos têm um nome. Princesa ganhou o seu antes de aprender a andar. E eu? Nada. Outra razão pela qual eu não me sinto parte da família, mas sim uma intrusa.

— Eu não sei. Nunca perguntei. Você pode me ajudar a carregar isso? — eu não tenho tempo para cavar nesse buraco agora.

— Sim. Você tem certeza de que vai ficar bem? — sua mão agarra o meu braço e me segura com delicadeza.

Solto um suspiro. — Não. Eu não sei, mas vamos descobrir isso em breve, — eu lhe dou um pequeno sorriso.

Depois de uma despedida cheia de lágrimas e uma última volta pelo apartamento, eu tranco a porta, Buzz nos meus calcanhares.

— Casey, espere! — a voz de Jace ecoa pelo corredor. Buzz endurece ao meu lado.

— Está tudo bem, Buzz. Não se preocupe, — eu o tranquilizo, mas ele não relaxa.

— Onde você está indo? — preocupação marca a sua voz.

— Vou ter que ir para a casa por um tempo. Alguém do clube morreu.

— Oh meu Deus, Casey. Eu sinto muito, — Jace me puxa para um abraço, que eu retribuo.

— Se afaste dela, — Buzz rosna e o corpo de Jace endurece. Eu o solto e me viro para Buzz.

— Buzz, pare com isso. Jace é meu amigo, — eu tento acalmá-lo, mas tensão irradia de Buzz.

— Não gosto disso e não me importo.

Eu reviro os olhos e me volto para Jace, que me soltou e agora está parado na minha frente.

— Você vai ficar bem? — ele pergunta, seus olhos correndo de mim para Buzz.

— Vamos ver, — lhe dou um sorriso suave. — Eu tenho que ir. Bella ficou com a chave do meu apartamento.

— Ligue se precisar de algo.

— Eu vou, — eu me viro e saio do prédio.

Buzz segue o meu carro bem de perto quando tomamos o rumo da estrada.

Durante o trajeto, quando não tenho Bella para me distrair, deixo cair as lágrimas presas por Diamond e Mia. Sou esperta o bastante para ter jogado uma caixa de lenços de papel no banco do carona, porque inconscientemente eu sabia que ia precisar deles. Então meus pensamentos correm para G.T., eu mal posso esperar para vê-lo, abraçá-lo e ter certeza de que ele está bem. Mas eu também estou com medo. Estou com medo de que ele fique aliviado quando eu contar sobre Mia, porque eu não posso suportar isso. Se eu pensei que suas palavras me cortaram profundamente, seu alívio iria me quebrar, me despedaçar.

Parando em frente aos portões de aço do clube, um homem que eu nunca vi antes está controlando os botões. Olhando pelo retrovisor, vejo Buzz dar ao homem um aceno de cabeça, e então os portões se abrem lentamente. Tudo parece exatamente como estava quando eu parti, três meses atrás. Carros e motos enfileirados nos dois lados do longo caminho asfaltado. Mesas e cadeiras enfeitam o pátio. Homens e mulheres se misturam por toda parte. Quando estaciono o meu bebê, olho para a oficina e parte de mim formiga para ir até lá, uma sensação que não tive em semanas. Mas preciso achar Harlow primeiro.

Olho no espelho retrovisor e aperto os olhos. Os esfrego, tentando dar a eles uma boa aparência. Solto um suspiro profundo, não demorado demais com isso, então pego meu gloss e o passo rapidamente nos lábios. Pronta como sempre.

— Abra o porta-malas para eu pegar suas coisas e levar para dentro. Princesa arranjou um quarto para você lá embaixo, — Buzz diz e chama outro homem que eu nunca vi antes, usando um colete de prospecto.

— Minha nossa, oi linda, — o homem me come com os olhos de cima a baixo. Seu longo cabelo comprido e desgrenhado cai para baixo, me lembrando do corte que demos a Rocky todos aqueles meses atrás. O cabelo desse cara parece precisar de uma boa lavagem, assim como a barba farta que se espalha de forma descoordenada pelo seu rosto. Ela também precisa de um bom corte. Seus olhos cor de chocolate brilham quando seu sorriso aumenta.

— Oi.

— Quem é você e por onde esteve durante toda a minha vida?

Porra, sério? Mas antes que eu diga qualquer coisa, Buzz se intromete. — Skeezer, chega. Fora dos limites, — seu latido é controlado, mas autoritário.

— Porra. Quem é ela? — ele geme como se isso lhe doesse profundamente.

Interrompendo, eu digo, — Ela... só está por aqui e não é ninguém. Desculpa amigo, eu não transo com irmãos. Eu sou perda de tempo, — me virando para Buzz, — Obrigada, — eu saio rapidamente e vou direto para a sede do clube.

Eu estômago apertado. Então é isso. Endireito as costas e levanto a cabeça. Eu posso fazer isso.

Preciso encontrar Harlow. Parece uma eternidade desde que a abracei no quarto de Cruz e me despedi. Aquela noite foi inacreditavelmente insana, e eu aprendi algumas coisas sobre mim que não sabia que existiam. Quando Princesa sugeriu que nós prendêssemos Rocky em um quarto e tirássemos a sua barba, eu achei que ela tinha pirado. Falando sério, ela queria ser expulsa do clube?

Mas depois que Harlow me contou como Rocky a obrigava a foder com ele regularmente para lhe passar as ferramentas e informações que ela precisava para cuidar de algumas vadias que eram problema para o clube, minha opinião sobre a situação mudou drasticamente. Foda-se ele. Nós tínhamos que descobrir com certeza se ele era o guarda da prisão. Se estivéssemos erradas, iríamos sofrer as consequências. Só de pensar nisso, arrepios correm pelo meu corpo.

Quando Rocky estava amarrado e amordaçado em uma cadeira, Harlow raspou seus cabelos, revelando que ele era realmente o guarda. Foi como se Harlow se transformasse em outra pessoa, e eu também. Quase como se estivéssemos no piloto automático, demos àquele homem toda e qualquer dor que conseguimos inventar. A cena horrível foi um mal necessário. Cabos de vassoura, tasers, dildos e outros objetos aleatórios ficaram espalhados pelo chão, ao lado de um homem que estava sangrando e coberto dos cabelos cortados da sua cabeça. Isso ajudou Harlow a superar o que aconteceu, e eu faria tudo outra vez. Apenas por ela.

Eu preciso que Harlow me dê um abraço forte agora mesmo. Ainda que ela não saiba a razão, preciso do seu conforto mais do que qualquer coisa.

Ao abrir a porta do clube, uma pitada de medo corre por mim com o pensamento de ver G.T. de novo depois de todo esse tempo. Será que aguento ver ele com outra mulher? Como ele vai reagir à Mia? Eu preciso me controlar. Eu posso fazer isso. Ele está a salvo e não é minha responsabilidade.

— Puta merda! Olha quem apareceu! — a voz alta de Dagger anuncia enquanto ele se levanta e se aproxima, rapidamente me puxando para os seus braços, e os meus passam ao redor do seu pescoço. Ele continua a me abraçar forte, e eu estou grata por ele não colocar as mãos na minha bunda. Dagger ama mulheres e não faz nenhum segredo sobre isso. Seu longo cabelo loiro está preso em uma trança puxada que cai pelas suas costas, com sua característica bandana vermelha, azul e branca cobrindo o topo da sua cabeça. Seus braços são incrivelmente fortes, e ele me levanta como se eu não pesasse nada. O cheiro de cigarro e bebida irradia dele.

— Oi, Dagger. É bom ver você, — eu lhe dou um rápido aperto e ele me coloca de volta não chão, me estudando de cima a baixo.

— Droga, garota, — ele diz lambendo os lábios e levantando as sobrancelhas.

— Pare com isso, Dagger, — eu digo com a minha voz mais doce e lhe dou um sorriso suave. Dois podem jogar esse jogo.

— Venha aqui! — Becs grita do fim do corredor.

Eu solto Dagger e caio nos braços quentes de Becs, o abraçando o mais forte que consigo, tentando segurar as lágrimas que querem cair dos meus olhos. Sempre que estou perto de Becs, me sinto mais próxima de Bam. Eles eram melhores amigos, e eu sempre acabei sendo atraída para Becs por causa disso. Eles tinham tantas características parecidas, até mesmo a maneira como os dois colocam, como apoio, o dedo mindinho por baixo da xícara de café. Pequenas coisas que eu sei que ninguém nunca notou, mas eu sim. E eu amo ver essas coisas, mas machuca ao mesmo tempo.

— Oi, Becs, — eu sussurro no seu ouvido e ele me puxa para poder me encarar de frente.

— Universitária, hm? Estou tão orgulhoso de você.

Eu fecho os olhos e sorrio, ele não sabe que eu sinto como se o meu próprio pai estivesse dizendo essas palavras junto dele.

— Sim. Está indo bem. É difícil às vezes, — mas não por causa das aulas.

— Alguém está te incomodando lá? — os olhos de Becs se tornam ameaçadores em um instante, e eu quero imediatamente tirar esse olhar do seu rosto.

— Não. Ninguém. Só as aulas que são um pouco difíceis. Mas eu vou dar um jeito.

Assim que eu digo a última palavra, escuto um — Onde diabos ela está?! — sendo dito em alto e som por Harlow. Olhando atrás de Becs, vejo que Harlow está atravessando o corredor e vindo na nossa direção. Quando seus olhos encontram os meus ela começa a correr, empurrando as pessoas no caminho.

Dando a volta ao redor de Becs, dou um grande sorriso e me preparo para o impacto quando ela vem e colide comigo, quase me derrubando no chão. Seu abraço é inacreditavelmente apertado, e ela sorri, — Estou tão feliz que você está em casa. Eu preciso de você.

Eu também preciso de você. — Eu estou aqui, querida. Nós vamos superar isso, — ela me aperta como se estivesse com medo de que, se me soltar, eu vou desaparecer. Eu sinto prazer nessa sensação, e seguro outra vez as lágrimas. — Ei, está tudo bem. Eu vou te ajudar com o que for preciso.

— Obrigada, — sua voz é tão baixa que quase nem parece a de Harlow. Ela está sempre exigindo algo na sua cara. Mas não dessa vez.

— Não tem nenhum outro lugar onde eu preferiria estar. Nenhum. Eu te amo, — a raiva que senti dela mais cedo se dissipa do meu corpo.

— Eu te amo.

Nós ficamos na mesma posição por um longo tempo, com nossos braços apertados em volta uma da outra, e nossas cabeças enterradas no ombro uma da outra, apenas curtindo a proximidade. Deus, eu senti saudade dessa mulher, e isso é exatamente o que eu preciso. Sinto um pouco do peso deixando meus ombros apenas com esse simples e pequeno abraço.

— Nós vamos passar por isso, — eu lentamente me afasto de Harlow, que tem um sorriso apertado e forçado no rosto. Ela pega minha mão e me leva até o bar, onde Breaker está servindo bebidas.

— Fico feliz que você está em casa. O que vai querer? — sua voz grossa reverbera.

— Sprite, por favor, — dou um sorriso genuíno para ele.

— Ora, ora, ora. O que nós temos aqui? Uma vadia do clube disfarçada de cria de motoqueiro.

Eu salto abruptamente com a voz afiada atrás de mim, meu corpo endurece e calor corre por ele. A mulher ali parada tem cerca de 1,55m, um lindo cabelo castanho e um rosto muito bonito. Mas o seu olhar e sua atitude me mostram quem ela é de verdade. E é alguém que eu nunca vi antes.

Antes que diga alguma coisa, Harlow assume e me empurra para trás dela rapidamente. Eu me agarro no bar, tentando não cair sentada no chão.

— Que porra você acabou de dizer? — Harlow grita, um dedo apontado para a cara da mulher. A morena para abruptamente e olha para Harlow, o leve tremor em seu lábio me mostra que seu medo está crescendo. — Cria de motoqueiro? Você está brincando?

Rapidamente todo o cômodo se eletrifica e a tensão fica espessa. Cruz, Becs e Dagger correm até mim e Harlow, controlando a situação. — Que porra está acontecendo aqui? — Cruz empurra Harlow para trás dele, inconscientemente me empurrando também.

— Isso... — eu tento falar, mas não consigo. Princesa está furiosa e me corta.

Ela começa a falar nas costas de Cruz, — Essa puta chamou Casey de vadia do clube e cria de motoqueiro. Então agora eu vou acabar com ela, porra, — Princesa fecha as mãos em punhos.

— Quem diabos você acha que é, sua puta? — Dagger explode ao nosso lado, agarrando a mulher pelo braço.

— Eu... eu não pensei... — ela gagueja.

— Isso mesmo, sua puta. Você não pensou, porra. Casey é da família. Você não! — Becs caminha até o outro lado da mulher, que agora está visivelmente tremendo. Eu também estaria se tivesse Dagger e Becs segurando meus braços com ameaça mortal nos olhos.

É meio doentio dizer isso, mas nesse momento uma pequena parte de mim se sente querida e amada.

— Agora que você se deu a porra de uma passagem só de ida para fora daqui, nunca mais apareça, — Cruz diz acenando para Dagger e Becs.

— Sêrio, eu sinto m... — os homens carregam a mulher para fora do clube, e eu acabo não conseguindo ouvir suas palavras.

— Me desculpe, Casey. Você não deveria ter que lidar com essa merda quando está em casa, — Cruz se vira para mim, seus olhos brilhando com simpatia. Eu posso ver porque Harlow o ama tanto.

— Está tudo bem. Eu estou bem, — eu tento tranquilizar todos e diminuir a tensão no lugar.

— Não deixe isso para lá, Casey. Se alguma dessas vadias te disser alguma merda, você tem que levantar e se defender. Ela é apenas uma puta do clube. Ela não tem esse direito, — ela espuma.

O triste é que aquela puta tem um pouco de razão. Eu sou uma vadia do clube, no que diz respeito a G.T. Respiro fundo, — Querida, eu nem tive a chance. Você pulou na minha frente. Lembra? — lhe dou um sorriso tímido.

— Aquela puta... puta nenhuma fala com você assim. Eu vou matar todas elas, — seu rosto está vermelho e seu corpo está tremendo um pouco.

— Eu sei. Se acalme agora, — eu passo meus braços ao redor de Harlow e tento afastar toda a rigidez do seu corpo. Depois de um tempo, ela passa os braços ao meu redor também e se derrete, toda a tensão a deixando. Cruz acena com a cabeça e volta para o outro canto da sala, nos dando um momento.

— Tudo tem sido tão difícil e... eu só... perdi a cabeça, — ela sussurra tão baixinho em meu ouvido que eu mal consigo ouvi-la. *Difícil.* Eu conheço o sentimento.

— Eu sei, querida. Eu sei, — eu a abraço com força, o calor se espalhando para o meu corpo.

— Eu quero um pouco disso aí, — a voz rouca de Tug vem do meu lado. Eu lentamente me afasto de Harlow e olho para ele, lhe dando um pequeno sorriso.

Ele é um homem muito bonito, com um cabelo castanho que cai na altura das orelhas e os olhos do mais rico tom de chocolate que eu já vi. Mas o que eu amo em Tug é que ele fala comigo e me escuta.

Quando eu ainda vivia aqui, Tug ia até a oficina, conversava comigo e procurava me ajudar, sendo o amigo que eu precisava. Ele é um ótimo ouvinte e eu me sinto totalmente à vontade na sua companhia. Eu posso lhe contar qualquer coisa e ele sequer pisca. Pensamentos sobre Mia me invadem, mas eu os coloco de lado rapidamente. Eu não pude contar a ele sobre o bebê, porque ele teria contado para G.T. Algumas coisas você não pode esconder do clube.

Ele sabe sobre G.T. e eu, e eu tenho certeza que a maioria dos outros caras também, porque nós não fomos discretos. Mas ele não me julgou; ele me ouviu e até me deixou chorar no seu ombro quando as coisas ficaram ruins. A parte realmente triste é que eu não falei com ele desde que fui embora, e eu sinto muito a sua falta. Eu realmente espero que ele não esteja bravo por isso.

Ele me puxa com força contra o seu corpo forte e passa seus braços ao redor da minha cintura, enquanto eu prendo os meus em volta do seu pescoço. — Senti saudades, — eu sussurro.

— Você pode ter me ligado, — ele murmura no meu ombro.

— Eu sei. Me desculpe, — um grunhido baixo vem da minha esquerda, quase como um rosnado, algo que eu não achava possível, mas quando os cabelos da minha nuca se arrepiam e meus ombros endurecem, eu sei quem entrou na sala.

Me afasto lentamente e meus olhos se prendem na mesma hora com os olhos azul oceano cristalino de G.T. Esses olhos me puxam como mil cordas invisíveis, e é impossível parar meu corpo. Não importa o que ele tenha me dito ou a perda de Mia, eu não consigo ficar parada.

Sem pensar, me movo diretamente para ele, deixando Tug e todos os outros para trás. Tudo que posso ver e ouvir é G.T. Seu cabelo loiro mel liso e macio cai baixo na altura do pescoço, mas as mechas laterais estão presas atrás das orelhas. Seus ombros largos estão agora cobertos por uma cinta que mantém o braço e o ombro imóveis de um lado. Quando um pecaminoso sorriso sexy aparece no seu rosto, cercado pela barba loira de poucos dias, meu coração aperta.

Eu preciso senti-lo, preciso sentir o seu calor e saber que ele está vivo. Mesmo que ele não precise de mim, eu preciso dele mais do que ele jamais vai saber. As cordas invisíveis continuam a me puxar na direção de G.T., e antes que eu saiba, estou cara a cara com esse homem lindo. Sem perder tempo, eu me atiro nele com força, envolvendo meus braços ao redor da sua cintura, mas com cuidado para não tocar seu braço, e enterro o rosto em seu pescoço. Respiro

profundamente várias vezes, sentindo o cheiro familiar de couro e o cheiro erótico do seu corpo. Eu juro que ele nunca usa perfume ou algo assim, mas existe algo na sua pele que sempre me atrai e me transforma em uma lunática doida por sexo.

O braço bom de G.T. passa ao redor dos meus ombros e ele me puxa para o mais perto possível. Quando seu rosto cai na curva do meu pescoço, sua respiração faz cócegas na minha pele, mas eu não me mexo. Nesse momento eu estou perdida e vou ficar tanto tempo quanto ele me deixar... talvez até para sempre.

Nós ficamos ali, parados e sem nos importar com o que estava acontecendo ao nosso redor. Mesmo com todo o movimento e pessoas, nós ignoramos tudo. G.T. sussurra, — Eu senti sua falta, — no meu pescoço.

— E eu senti a sua.

De repente, algo no abraço muda e o corpo de G.T. cai sobre o meu. Seu peso é demais para eu segurar. — G.T. — eu o chamo, mas ele não responde. — G.T.! — eu grito, tentando puxá-lo para ver o seu rosto, mas não posso me mexer ou ele vai cair no chão.

— Harlow! Me ajude! — eu grito com tudo que tenho. Eu não vou deixá-lo cair; vou deixar que ele me esmague no chão antes que isso aconteça.

— Merda! Ele desmaiou. Cruz, rapazes! — Harlow chama e uma comoção começa ao meu redor, todos latindo ordens. Antes que eu possa pensar sobre a situação, solto G.T. e Cruz o pega e o deita no sofá. Seus olhos estão fechados, mas o leve sobe e desce do seu peito me diz que ele está vivo. Solto um pequeno suspiro de alívio.

— O que aconteceu? — eu pergunto enquanto abro caminho pela multidão que se formou ao redor dele, tentando chegar mais perto.

— Você o nocauteou, — Harlow me responde sorrindo com uma leve risadinha.

— Engraçadinha. Sério, o que há de errado? — eu o observo inconsciente.

— Você sabe que eu estou certa. Enfim, o corpo dele passou por muita coisa e, tecnicamente, ele não deveria sair da cama. Mas o idiota teimoso ouviu Cruz me chamando para dizer que você estava aqui e isso aconteceu, — ela acena com os braços para G.T. dramaticamente.

— Merda. Eu deveria ter ido falar com ele, — eu me abaixo e tiro uma mecha de cabelo dos seus olhos, sentindo os olhares de todos ao meu redor.

— Coisa de homens, — Harlow dá de ombros como se isso não fosse nada, e tenho certeza que para ela não é. Ela já viu mais dessa vida do que eu. Ela é essa vida. Eu não. — Vou pedir para Cruz colocar ele na cama e ligar para o Doc, mas ele parece bem. A cor está boa.

— Eu quero ir com ele, — eu digo sem tirar os olhos de G.T.

— Eu sei, — ela passa um braço pelos meus ombros e me dá um abraço de lado. Eu não paro de olhar para G.T.

Quando Cruz e Dagger o levantam, meu coração acelera. Cruz leva a metade de cima do seu corpo, o segurando por debaixo dos braços, enquanto Dagger agarra os pés. A maneira como o seu corpo cai frouxo, balançando a cada movimento que eles fazem, envia arrepios pelo meu corpo. Se eu não tivesse 100% de certeza que ele está vivo, eu teria gritado.

Harlow começa a se agitar ao redor de G.T., lhe dando alguns olhares rápidos e o checando depois que os homens o colocam na cama. Ma entra no quarto, seus olhos arregalados de medo. — O que aconteceu?

— Foi só colocar os olhos em Casey que ele desmaiou, — Harlow ri e eu coro. Vadia.

Eu fico no canto do seu quarto e observo, me sentindo mais uma espectadora do que uma participante. Ma estende as mãos para mim enquanto caminha para me abraçar apertado. — Eu sinto muito que você tenha que vir para casa assim, mas estou muito feliz de você estar aqui.

Eu nunca tive uma mãe, nunca soube como era ter uma. Ma é o mais perto que eu já cheguei. Ela sempre dava um jeito de me fazer sentir amada, mesmo quando eu não era. Eu me prendo à sensação do seu calor. — Obrigada.

— Ele está bem, apenas não deveria ficar andando por aí, — ela diz, respondendo à pergunta que esteve me preocupando desde que ele desmaiou.

— Quando ele vai acordar? — eu falo para Ma, mas meus olhos estão focados em G.T. deitado na cama, aparentemente em paz.

— Logo, ele só precisa dormir um pouco. Doc vai vir aqui dar uma olhada nele.

— Eu posso ficar com ele? — eu pergunto, porque sinto que preciso da permissão dela. Esqueça isso, eu *quero* a permissão dela.

Ela se afasta de mim e encontra os meus olhos. Ma é uma mulher bonita. Seu cabelo loiro dança ao redor do seu rosto e cai em ondas, e seus olhos verde-claros brilham, como se ela tivesse gostado do que eu acabei de lhe perguntar. — Mas é claro. Você pode ficar com ele o tempo que quiser, — seus olhos penetram os meus enquanto suas palavras afundam, um significado inacreditável se derramando delas. E por mais que eu queira lhe dizer que eu adoraria isso, uma parte minha lá no fundo, uma que eu não estava querendo encarar no momento, sabe que assim que ele melhorar, eu vou embora.

Afasto esse rápido pensamento, não querendo enfrentar nisso agora, e o tranco nas profundezas da minha mente.

— Obrigada, — eu me afasto e caminho até a cama. Pego uma cadeira e sento do lado dele, com medo de tocá-lo.

— Ele só precisa dormir. Você pode tocar nele, não vai machucar. Na verdade, ele vai gostar. Eu lhe dei um pouco de morfina, então ele vai ficar fora um tempo. Vou cuidar para ninguém entrar, — Harlow diz, apertando meus ombros, atrás de mim. Todos no quarto saem, me deixando sozinha com o um homem muito gostoso e inconsciente. Eu suspiro. Ótimo.

Eu pego a sua mão quente e áspera e olho para as linhas e cicatrizes que a marcam. Tenho certeza que há uma história para cada uma delas. Suas unhas estão limpas e curtas; a parte da limpeza deve ser graças a Harlow, porque G.T. não dá a menor importância para isso. Ele é do tipo que gosta de sujar as mãos.

Esfrego minhas mãos na sua e sinto sua palma áspera, mas macia. Prendo meus dedos com os seus e levo sua mão aos meus lábios, lhe dando um beijo suave. — Eu sinto muito, — eu sussurro.

Tudo até esse momento, as palavras cruéis que saíram da sua boca e a perda de Mia, explodem em mim. Lágrimas escorrem incontrolavelmente pelo meu rosto, e eu seguro a mão de G.T. com mais força, sentindo o seu calor. Coloco minha cabeça próximo à sua mão sobre a cama, fecho meus olhos e me permito sentir a dor.

— É tudo sua culpa, G.T. Você sequer percebe isso? — eu sussurro na cama. — Se você apenas pudesse estar comigo. Se eu apenas pudesse ser o bastante para você, nós poderíamos ter tido tudo, — eu deixo as lágrimas caírem.

— Casey? — a voz grogue de G.T. chega aos meus ouvidos. Eu pulo rapidamente, secando as lágrimas do rosto. Na mesma hora, sinto falta do calor da sua mão na minha.

— Oi, — eu digo suavemente, tirando seu cabelo macio dos olhos.

— Você está mesmo aqui? — ele pergunta, os olhos vidrados, provavelmente por causa dos remédios.

— Estou sim, — coloco uma mão na sua bochecha barbuda, e adoro a sensação do pelo grosso na minha palma. Ele levanta a mão e cobre a minha.

— Não me deixe. Por favor, — suas palavras são quase uma súplica, mas como ele está totalmente anestesiado, não vou interpretar nada mais das suas palavras, mesmo que lá no fundo eu queira que isso seja verdade.

— Eu estou aqui.

— Cansado. Se deite comigo.

Eu não deveria. Isso apenas vai me trazer mais dor, mas não consigo me controlar. Seus olhos suplicantes me prendem e eu sou uma idiota por cair no seu feitiço. Mas para ser completamente honesta, eu preciso disso.

Eu sorrio. — Sim, — eu chuto meus sapatos e me deito na cama sob as cobertas, sentindo o calor do seu corpo mesmo sem estarmos nos tocando. Deito minha cabeça no travesseiro desocupado e mantenho meu corpo bem longe do dele.

— Venha aqui, — suas palavras são exigentes e incendeiam o meu corpo. Droga, se eu não amo a sua força. Mas eu não me mexo. Não consigo me mexer.

— Eu não quero te machucar. Vou ficar deitada aqui, — eu olho para o seu perfil lindo. Seu nariz tem uma pequena curva de uma briga em que ele se meteu quando era mais novo, sua mandíbula forte tem um ângulo perfeito.

— Agora, — a intensidade das suas palavras faz meu corpo se mover por conta própria. Eu nunca consigo controlar a reação do meu corpo com ele, e uma parte de mim o deseja. Eu chego mais perto e ele estende o braço bom e me puxa o mais perto possível do seu corpo. Minha cabeça descansa no seu bíceps e eu deito de lado, uma mão sobre o seu peito duro e minhas pernas próximas às dele. Estou me coçando para esfregá-las nas dele, mas as deixo onde estão. Seu braço me segura com força contra ele, e eu me mexo para ficar confortável, mas isso não demora muito.

Eu afundo no conforto que ele está me dando. Apenas vou deitar aqui um pouquinho, eu digo a mim mesma. Mas o seu calor é demais, e meus olhos começam a ficar pesados.

Sete

G. T.

O rangido da porta ao se abrir me tira do sono mais pacífico que tive em meses. Abrindo os olhos devagar, vejo minha Angel enrolada no meu corpo, seu braço perto dela, como se ela soubesse instintivamente que não deveria tocar nos meus ferimentos. Suas pernas então entrelaçadas nas minhas, e seu peito sobe e desce lentamente, me dizendo que ela está em sono profundo. O rosto lindo de Casey descansa no meu braço. Seu cabelo loiro, agora com mechas pretas, se espalha pela cama como uma enorme cortina. Cereja. A maldita mulher sempre teve cheiro de cereja, e eu amo isso pra caralho.

Meus olhos correm para o barulho na porta e eu vejo Doc parado ali, esperando.

— Eu ouvi que ela estava de volta, — Doc diz baixinho, olhando para a minha garota. Eu quero arrancar seus malditos olhos por sequer olhar para ela, pegar ele e lhe dar a porra de uma surra inesquecível.

— O que você quer? — eu rosno, querendo que ele vá embora, feche a porta e me permita esquecer o maldito mundo lá fora.

— Ma ligou. Disse que você desmaiou. Agora eu vejo o porquê, — ele sorri enquanto procura algo dentro da sua maleta.

— Pare de olhar para ela, porra, — minha advertência faz os seus olhos correrem para os meus.

— Calma aí, garotão. Eu não quero a sua garota. Apenas é bom ver você um pouco mais alerta, — ele coloca um estetoscópio nos ouvidos e começa a posicionar o disco redondo e frio pelo meu corpo, para me escutar.

— Não acorde ela, — eu o encaro nos olhos.

— Não sonharia com isso, — ele diz sorrindo, só para fazer minha raiva explodir vermelha. Quem diabos ele pensa que é?

Ele confere as minhas ataduras e ferimentos enquanto eu observo meu lindo anjo dormir pacificamente em meus braços, sem nem sequer se mexer enquanto Doc trabalha. Sua pele de porcelana é tão luminosa contra a minha bronzada, e as pequenas sardas na ponte do seu nariz são a única cor em seu rosto. Eu amo essas malditas coisas; foi por causa delas que eu a apelidei de Angel. Suas sardas são beijos de um anjo, e ela é o meu anjo.

O pequeno corpo de Casey está pressionado contra o meu, e eu me delicio com as suas curvas suaves. Nunca quis que uma mulher se deitasse comigo dessa forma. Nunca. Casey é a única. Sempre foi. E foda-se se eu não quero ficar assim para sempre. Maldita recuperação.

— Não há infecção. Continue tomando seus antibióticos. Você precisa descansar, — Doc diz, me fazendo olhar para ele. Ele olha para Angel, e eu o encaro. — Estou falando sério. Se você descansar por um dia, eu garanto, vai se sentir muito melhor e vai poder se levantar e andar por aí sem desmaiar. O seu sangue está tentando se refazer. Você precisa ficar quieto para colaborar com esse processo.

— Certo. Você pode ir agora. Obrigado, — eu resmungo, querendo que ele desse o fora do meu quarto e ficasse bem longe da minha garota.

— Talvez *ela* consiga te manter na linha, — antes que eu pudesse lhe dar uma resposta, o corpo de Angel se move levemente quando ela começa a acordar. Eu aperto seu corpo com força, esperando que ela queira saltar para longe, especialmente quando souber que tem alguém no quarto, mas eu não vou deixá-la ir embora.

— Oi, Angel, — seus olhos piscam lentamente e se arregalam quando ela me vê. Seus olhos verdes somente me puxam ainda mais na sua direção, e ela sequer sabe disso.

— Oi. Como você está se sentindo? — ela diz, tentando sair do meu aperto.

— Não. Se. Mova, — eu exijo, sentindo seu corpo contrair e então relaxar no meu. Ela sempre foi tão boa em obedecer às minhas ordens, seu corpo as seguindo instantaneamente, e eu estou apostando nessa merda agora.

— Eu apenas estava dizendo ao seu homem aqui que ele precisa ficar na cama e descansar.

Casey ofega e vira a cabeça rapidamente para o homem de pé na porta. Ela tenta mais uma vez sair do meu aperto, mas eu a seguro com firmeza.

— Eu disse para não se mover, — eu falo a ela novamente, meus braços se flexionando ao seu redor. Ela deita a cabeça no meu peito, mas a rigidez do seu corpo não vai embora dessa vez. Cada músculo do seu corpo está em alerta máximo. Muitíssimo obrigado, Doc.

A voz suave de Casey questiona o médico. — Doc, ele está bem? — Pura preocupação se derrama da sua voz, e eu a puxo contra mim o mais perto possível. eu me dobro e lhe dou um beijo no topo da cabeça, sentindo seu cabelo macio nos meus lábios. Assim que meus lábios tocam na sua cabeça, seu corpo congela e eu daria qualquer coisa nesse momento para desfazer o que fiz com essa mulher.

— Ele vai ficar, se descansar. Ele tem que ficar na cama pelas próximas vinte e quatro horas, então sua quantidade de sangue vai poder se reestabelecer e voltar ao normal. Ele precisa tomar os antibióticos, os analgésicos e passar a pomada nas feridas, assim elas não vão infeccionar. Princesa tem feito isso para ele, graças a Deus.

— O que acontece depois de vinte e quatro horas? — suas palavras saem abafadas por ela estar deitada no meu peito.

— Reavaliação. Vamos ver como ele está. Nesse momento, suas feridas estão cicatrizando incrivelmente bem. A pomada que dei a ele é uma antiga receita dos índios americanos que eu consegui com um colega meu. É uma maravilha, se o paciente descansar.

— Ele vai. Eu vou ter certeza disso, — confiança apertada a sua voz.

— Você vai... vai o quê? Como você vai fazer isso, Angel? — eu pergunto enquanto olho para ela, e seus olhos se levantam para encontrar os meus.

— Eu tenho o meu jeito, — seu sorriso é tão brilhante quanto o sol, e ela morde o lábio inferior, fazendo o meu pau inchar. Ela deve sentir isso, porque sua perna se move lentamente para longe do meu pau aumentado. Preciso que ela fique comigo e não fuja. Eu sei que se eu empurrar essa questão essa é a primeira coisa que ela vai fazer assim que puder. Ela vai fugir, e ela tem todo o direito de fazer isso.

— Vamos fazer um acordo, Angel. Você fica comigo, nesse quarto, pelas próximas vinte e quatro horas, e eu fico quieto aqui. Promessa, — eu sorrio, esperando que ela responda, mas ela me surpreende totalmente com a sua rapidez.

— Fechado. Viu, Doc. Eu tenho o meu jeito, — ela sorri e deita a cabeça de novo no meu peito.

— Princesa tem todo o necessário. Fale com ela. E Casey?

— Sim? — ela responde.

— Boa sorte, — ele finalmente sai do maldito quarto, fechando a porta ao passar. Eu preciso trancá-la, mas não vou me afastar um centímetro do corpo quente deitado ao meu lado.

— Então você vai ter que cuidar de mim, hm?

— Sim. Agora me deixe levantar para eu começar a fazer isso, — ela tenta se afastar de mim pela terceira vez.

Eu endureço o braço. — Não. Você fica aqui.

— Vamos lá. Eu não posso cuidar de você deitada.

Há tantas coisas que ela pode fazer por mim deitada. Meus pensamentos correm para imagens dela montando meu pau, me chupando, sua buceta na minha cara, mas eu guardo tudo para mim. Não vou assustar a garota dessa vez.

Eu a machuquei, pra valer. Eu vi o momento em que todo o brilho deixou seus lindos olhos e eu me chuto cada maldita vez que me lembro disso. Continuo me dizendo que foi para o melhor, que ela merecia algo melhor.

E ela merece. Mas eu sou um filho da puta egoísta e quase morrer coloca algumas coisas em perspectiva. Eu não a mereço, mas preciso dela. Preciso dela como ar. E dessa vez, eu não vou foder tudo. Eu não posso.

— Você está me mantendo na cama. É tudo que você precisa fazer agora, — eu preciso sentir o seu corpo e o seu calor, só de ter ela aqui já fez com que toda a dor evaporasse. Seja lá qual o feitiço vodu que ela tem, ele está entrando em mim e eu não quero me afastar disso.

— Você quer ver TV? — ela pergunta, o que me faz perguntar a razão disso.

— Não.

— Ok, — ela suspira.

— O que há de errado, Angel? — minha mão corre pelo osso do seu quadril distraidamente. Seus shorts são tão malditamente curtos que meu dedo raspa na pele e, mesmo que ela não diga uma palavra sobre isso, o arrepio do seu corpo a cada vez me diz que ela sente também. O corpo de Casey, que já foi curvilíneo, agora é só pele e osso. Estou quase com medo de apertar muito forte, porque ela pode quebrar. Ela é apenas uma casca do que era da última vez que eu a vi. Mas eu a tenho em meus braços, e vou manter a boca fechada por hora.

— Você me assustou, — ela murmura baixinho.

— Eu estou bem, Angel.

Ela vira a cabeça e descasa o queixo no meu peito. Seus olhos encontram os meus, cheios de preocupação. — Eu achei que você tinha morrido com Diamond. Quando Low me disse o que aconteceu, houve um momento em que eu achei que era você. Que você tinha ido embora, — a dor invade os seus olhos e isso me mata. Eu quero afastar tudo isso e nunca mais vê-la machucada outra vez.

— Eu estou aqui, Angel, — meu braço desliza pelas suas costas, segurando seu braço, e eu a puxo para ficar cara a cara comigo. Levantando a cabeça do travesseiro, meus lábios se conectam com os dela. Achando que ela vai hesitar, fico surpreso quando ela me encontra a cada movimento. Meus dedos se enterram nos seus cabelos, agarrando os fios, e eu aprofundo o beijo. Se eu pudesse rastejar para dentro dela nesse momento, faria isso. E ficaria lá, viveria lá para sempre. Nosso beijo é apaixonado, mas preguiçoso, e eu tomo o meu tempo. A intensidade está ali, mas por trás existe muito mais. Eu derramo tudo que posso nesse beijo, dizendo a ela sem palavras como eu me sinto, e ela me dá tudo de volta.

Sua mão pressiona o lado do meu rosto, enquanto a outra corre pelo meu cabelo. Eu amo suas mãos me puxando exatamente para onde ela me quer. Nossas línguas fazem uma espécie de dança ritmada e eu saboreio cada segundo disso.

— Bem, isso não demorou muito, — Princesa zomba quando abre a porta. Casey voa para fora da cama tão rápido, cobrindo a boca com a mão, que eu não consigo segurá-la. O pânico que se espalha pelos seus olhos é doloroso de olhar. Mas eu fiz essa merda com ela. Fui eu o único a criar isso. E agora está na hora de consertar.

— Você não sabe bater, porra? — eu rosno para a minha irmã.

— Não. Está na hora dos seus remédios, pirralho, — ela me entrega um copinho enquanto eu me sento recostado nos travesseiros e engulo as cápsulas rapidamente. — É bom ver que você está melhor.

— Cuide da merda da sua vida, — eu grito alto, fazendo Angel saltar. Instintivamente eu quero confortá-la, mas apenas fico ali sentado porque minha cabeça está girando um pouco. Eu não vou conseguir fazer nada por ela agora.

— Eu tenho que ir, — Casey diz, agarrando sua bolsa.

— Onde diabos você está indo? Nós temos um acordo! — eu lato, completamente irritado com ela.

— Para o meu quarto. Tenho que pegar algumas coisas, — ela diz com pressa.

— Quando você voltar, traga todas as suas merdas para não ter que sair outra vez, — eu exijo.

— Eu volto em um minuto, — ela passa correndo pela Princesa sem nem olhar na sua cara. Porra.

— O que foi isso? — Princesa pergunta enquanto chega mais perto da cama.

— Mas que porra, Princesa? — eu rosno.

— Calma, garotão.

— Não me venha com essa de calma. Você precisa pensar antes de fazer as merdas! — eu grito.

— Eu só vim te dar os remédios. Como diabos eu ia saber que você estava aqui com os lábios esmagados nos dela? — ela dá de ombros.

— Você percebe que eu vou te derrubar no ringue, certo?

— É difícil fazer isso com apenas um braço, — seu sorriso irradia confiança.

— Vá se foder.

— Não, obrigada. Olha, você tem que me dizer que merda está acontecendo. Eu não aguento mais isso, G.T. Você tem que falar comigo.

— Não há nada para falar.

— Besteira. Nós lutamos. Você se lembra dessa merda, e ainda assim você não fala comigo. Me explique tudo isso, porque eu não entendo.

Na noite em que Princesa me desafiou para uma luta, não consegui me controlar. Eu tinha que me encontrar com ela dentro do ringue. Eu tinha um misto de emoções sobre isso. Eu precisava deixar isso sair do meu sistema, mas eu realmente não queria fazer isso com a minha irmã. Mas a cada soco que um dava no outro, eu me sentia um pouco mais aliviado. Isso não me ajudou em nada a esquecer Casey, mas naqueles poucos minutos eu tinha outra coisa para me focar.

— Eu estava puto comigo mesmo. Ainda estou. Me desculpe, ok, — olho para longe dela, não quero que ela veja dentro de mim. Odeio o fato dela sempre conseguir ver dentro de mim, sabendo que há mais coisas lá do que eu quero admitir.

— Por que você estava puto?

— Eu não vou falar disso, — eu digo, determinado a não responder.

— Você sabe que ela te ama, certo? — meus olhos correm para encontrar os de Princesa.

— O quê?

— Casey. Ela te ama. Ela é apaixonada por você desde que nós éramos crianças. E agora essa merda está com você. Se você foder tudo de novo, ela nunca mais será sua.

Eu a machuquei antes, permitindo que uma das vadias do clube me beijasse. *Porra*. Fecho os olhos e deixo as palavras correrem pelo meu corpo e entrarem na minha alma. Eu a magoei profundamente. Mais do que eu jamais soube que tinha o poder de fazer. Merda.

— Ela nunca me contou o que aconteceu entre vocês. Eu estou supondo que você fodeu as coisas, pelo pouco que ela disse.

Rosnando, eu salto girando meu corpo para ela. — Eu não a traí, — eu pauso enquanto Princesa espera. — Só deixei que ela pensasse isso.

— Por que diabos você faria isso? — a raiva da Princesa vem à tona, seu rosto ficando vermelho.

Esfregando minha mão boa no rosto, — Era o que precisava ser feito.

— Por quem? Casey? Porque eu sei que isso é um monte de merda.

— Ela merece mais, — ela merece muito mais do que a minha merda fodida.

Princesa vem na minha cara. — Você é realmente um idiota do caralho, — suas palavras me cortam fundo, mas minha raiva prevalece, uma ira avassaladora corre por mim.

— Eu não sou um idiota! — eu grito de volta e Princesa salta para trás, me olhando assustada. Ela não disse uma palavra por um tempo muito longo, apenas ficou ali parada me encarando.

— Então é isso. Você não acha que é o bom o bastante para ela porque não tem um diploma em alguma universidade cara, mas que merda. Me deixe te dizer uma coisa. Casey não dá a mínima para a sua educação, ou a falta dela. Ela não se importa que você não fica o dia todo sentado em um escritório, usando um maldito terno, fazendo milhões de dólares. Você sabe que diabos ela quer. Lealdade. Honestidade. Confiança. Ela quer um homem que somente vê ela, e não o outro milhão de mulheres que existe no mundo. Ela quer um homem que a trate com respeito, um em quem ela possa confiar que vai sair e não vai dormir com toda a população feminina da cidade. Ela quer você, G.T. E agora é com você, tire a cabeça da bunda e faça acontecer. Porque eu sei. Ela é a única que você quer.

— Se você contar a qualquer um sobre essa conversa, eu vou derrubar a sua bunda no chão.

Princesa ri. — Awww... o grande motoqueiro durão não quer que ninguém saiba que ele tem um coração.

— Cale. A. Boca, — eu rosno. A risada de Princesa enche todo o quarto. Eu preciso que ela dê o fora daqui. Agora.

— Decida o que você quer e dê um jeito nisso, mano. Que acordo é esse que vocês fizeram?

— Ela tem que ficar comigo por 24h e eu prometi descansar.

— Ótimo. Então use esse tempo a seu favor, — Princesa me dá um rápido aceno e sai do quarto.

Usar o tempo a meu favor. As palavras ecoam nos meus ouvidos e penetram na minha cabeça. Eu nunca tive que seduzir uma mulher. Mas com Casey, eu tenho que fazer muito isso. Como? Não faço a menor ideia.

Oito

CASEY

Remexendo através de todas as minhas coisas, eu preciso de uma distração para escapar da culpa que está me comendo viva. Estou não faz um dia em casa e já estou beijando ele como uma adolescente cheia de hormônios. Eu preciso contar a ele, mas merda, ele não consegue nem ao menos ficar de pé sem desmaiar. Como diabos ele vai reagir ao saber da criança que eu perdi?

Meu estômago dói e aperto aumenta.

Foi apenas um beijo, certo? Quem diabos eu estou enganando? Não foi apenas um beijo, eu quero muito mais do que isso. Assim que seus lábios tocaram os meus, o fogo lambeu meu corpo, me incendiando. Tudo com ele parece tão intenso, e eu me sinto tomando um chute na bunda todas as malditas vezes. Merda.

Me viro para a porta quando uma batida alta vem dali. Quando a abro, uma Harlow sorridente me encontra ali, e eu quero arrancar seus olhos fora. Não que eu pudesse, mas eu quero... muito. Ela sabe demais.

— Você está apaixonada por ele. Isso é o que se espera que aconteça.

— Eu não posso ficar com ele, Harlow. Eu sabia que vir para casa seria um erro, — eu balanço a cabeça, cansada de repetir isso para mim mesma uma e outra vez.

Harlow bate a porta e se senta na cama. Eu vou com ela e torço minhas mãos juntas. Olhando para minhas mãos, eu quero desaparecer. Quero contar a ela, preciso contar a ela. — Vir para casa

era o que devia acontecer, também. Precisava acontecer. É uma droga que tenha que ser assim, mas não podemos mudar isso. Você e G.T. precisam resolver essa merda toda.

— Resolver o que, Harlow? Ele quer uma variedade de mulheres e eu não consigo lidar com isso. É tudo ou nada comigo, — e assim que eu contar para ele sobre Mia, vai estar tudo acabado.

Harlow agarra minha perna, que eu não noto que está balançando incontrolavelmente. — Você precisa falar com G.T., talvez você se surpreenda. Depois, ele vai te beijar de novo. Você sabe disso, e da próxima talvez eu não esteja lá para interromper.

Eu aceno.

— Eu sei que o meu irmão é um babaca, mas você tem que saber, Casey, ele te ama. Ele não vai admitir isso porque é teimoso demais, mas ele ama.

— Se um homem te ama, ele não quer mais ninguém além de você.

— Você precisa falar com ele sobre isso, Casey.

— O que você sabe? — eu pergunto, levantando uma sobrancelha.

— Não é meu para contar. Fale com ele enquanto você está lá. Nada de papinho. Fale de verdade. E dê um jeito nessa merda.

— Ele contou para você? — ela assentiu. — No que eu estava pensando? — eu digo balançando a cabeça, frustrada comigo mesma. Essa é uma péssima ideia, estar trancada em um quarto com ele.

— Ah, eu posso imaginar. Doc disse algo sobre ele te agarrar e te puxar para ele, — ela ri. — Ele é um homem inteligente. Sabia que você ia ajudar.

Eu lhe dou um pequeno sorriso, porque sei que ela está certa e eu caí nessa como um patinho.

— Eu sei que voltar para tudo isso é muito, mas você está bem?

Eu olho novamente para as minhas mãos. Essa é a hora. Minha abertura. Eu balanço a cabeça para dizer que não.

— O que há de errado, Casey? Você não está gostando da faculdade?

Eu não posso mais segurar. As lágrimas que eu estive fazendo um ótimo trabalho em segurar finalmente escorrem pelo meu rosto e caem sobre as minhas mãos, meus ombros começam a tremer. Tudo em meu corpo dói, e meu estômago se revira em nós.

— Merda, Casey. O que há de errado? — as palavras não saem da minha boca, é como se elas estivessem presas em minha garganta e eu preciso tão desesperadamente que elas saiam. Ela passa os braços ao meu redor e é então que eu explodo. Eu desejei ter ela ao meu lado desde que descobri sobre Mia. E agora ela está aqui.

— Me diga o que está acontecendo, querida. Eu posso te ajudar, — ela sussurra no meu pescoço, sua mão correndo para cima e para baixo pelas minhas costas.

— Eu estava grávida, Low, — eu fungo no seu pescoço, perto o bastante para sentir todo o seu corpo endurecer.

— Estava?

— Eu perdi meu bebê faz duas semanas, — eu choro incontrolavelmente.

— Meu Deus, Casey. Por que você não me disse? Eu teria estado lá do seu lado.

— Eu não podia. Aconteceram todas aquelas coisas com Babs, e depois Cooper. E então Rocky... estava tudo uma bagunça. Eu não podia vir com mais isso, — eu a aperto mais forte e não a deixo ir, porque preciso dela agora mais do que nunca.

— Era do G.T., — eu aceno a cabeça em concordância. — E ele não sabe de nada sobre isso, — suas palavras saem mais como conclusões de um fato do que uma acusação. — E você esteve lidando com tudo isso sozinha. Você deveria ter me dito, porra.

— Não. Eu tenho dois amigos em Cherry Vale.

Harlow se afasta de mim. — Você contou para eles e não para mim? — ela me acusa, a dor brilhando em seus olhos.

— Não. Eu não contei para ninguém. Não até que a dor começou e eu precisei de ajuda. Chamei o meu vizinho, Jace, e ele me levou para o hospital. Eu tive que contar a ele. Havia tanto sangue, Low, — minha voz falha quando as lembranças daquele dia me atingem. A dor nas minhas entranhas sobe para o meu peito, eu esfrego o meu coração. —

Eu estava tão assustada quando eles me disseram que Mia havia partido, eu não podia suportar. Eu ainda não posso.

Os braços de Low me abraçam forte quando eu me atiro dentro deles. — Está tudo bem. Nós vamos superar isso, — sua mão esfrega a minha cabeça e ela me conforta como se eu fosse uma criança. Eu agradeço pelo seu abraço. Eu preciso disso.

— Você disse Mia. Você sabia que era uma menina?

— Não, mas eu tinha a sensação de que era uma menina, então lhe dei o nome de Mia Low Gavelson.

— Você deu o meu nome para ela? — o choque em sua terra me feito rir em qualquer outra ocasião, mas não agora.

— Claro.

— Você ia nos contar sobre o bebê? — eu odeio ver que ela está cética quanto a isso, mas parte de mim que isso ia acontecer.

— Sim. Eu nunca manteria vocês longe dela. G.T. pode não me querer, mas eu tinha esperanças de que ele fosse querer conhecer a filha.

— Ele nunca teria deixado você ir embora se ele soubesse.

— Eu sei. Por isso eu não contei para ninguém. Eu precisava colocar minha vida em ordem. Eu precisava do meu diploma e um emprego. Eu quero ser capaz de sustentar a mim e ao bebê. E eu não queria que ele ficasse preso em algo que não queria, — eu me afasto dela e olho para o chão. — E eu não queria ser como a minha mãe. Mas agora... nada disso importa.

— Tudo importa. Você não é como a sua mãe. Você tem que saber disso.

Eu dou de ombros, sem ouvir de fato as palavras. — Você tem que contar para G.T. Agora, — ela me segura pelos ombros, os olhos fixos nos meus, e a seriedade em sua voz é determinada.

Eu a encaro. — Eu não posso.

— E por que diabos não? — ela late com raiva.

— Ele mal consegue ficar de pé, Low. O que você acha que isso vai fazer com ele? Me dê alguns dias e eu vou falar com ele, ok?

— Você não pode ir embora daqui sem contar para ele, Casey. Estou falando sério. Ou eu mesma vou contar.

— Deus, obrigada pelo voto de confiança, — eu fecho os olhos e respiro profundamente. Foi exatamente por isso que não pude contar nada a ela, em primeiro lugar.

— Que besteira. Você sabe que eu acredito em você. Eu só preciso que você me dê a sua palavra que vai contar para o meu irmão. Isso é grande demais, Casey.

— Eu sei. Eu vou.

Uma batida alta sacode a porta e as paredes. — Quem é? — Harlow grita.

— Eu, — a voz grave de Cruz vem do outro lado da porta. Harlow pula da cama e abre a porta rapidamente. Cruz passa os braços ao redor dela e a levanta para alcançar seus lábios. Meu estômago revira e eu me viro rápido. Estou feliz por eles. De verdade. Mas não consigo olhar para isso agora.

— Casey, G.T. está te chamando, — eu me viro para o homem parado com os braços ao redor da minha melhor amiga. Ele não mudou nada desde a última vez em que estive aqui. O mesmo cabelo castanho bagunçado, jeans e colete. Agora, no entanto, ele parece feliz, feliz de verdade.

Eu suspiro. — Vou estar lá em um minuto. Low, vá na frente.

— Tem certeza?

— Sim, — eu sussurro, precisando de alguns minutos para me recompor antes de voltar a encará-lo.

— Certo, se precisar de qualquer coisa, me chame.

— Pode deixar, — eu aceno suavemente quando eles deixam o quarto e fecham a porta. Enterrando meu rosto no travesseiro, eu me rendo. Lágrimas, gritos e soluços explodem contra o travesseiro indefeso. Quando o meu corpo para, eu estou ofegante e meu rosto parece áspero da umidade.

Eu de alguma forma consigo levantar da cama e ir até o banheiro, onde lavo o rosto rapidamente e pressiono uma toalha gelada sobre os olhos. Minha respiração está mais calma, mas a dor ainda está presente.

— Casey? — eu me olho no espelho rapidamente e vejo a área vermelha e inchada ao redor dos meus olhos; não há nada que eu possa fazer para esconder isso. Solto uma respiração profunda. Mas que diabos é isso? Uma estação de metrô?

— Oi, Tug. Eu vou aí em um minuto.

Eu abro a porta e dou um pequeno abraço em Tug.

— Ei, o que aconteceu?

— Ouvi que você estava aqui embaixo. Queria te ver, — ele diz na porta.

Ele caminha para dentro do quarto e então até a cama. O quarto é incrivelmente pequeno, apenas uma cama, uma cômoda e um minúsculo banheiro no canto. Mas é muito melhor que os quartos compartilhados com todos os outros. Com ele aqui dentro, o lugar parece de repente ainda menor. Sem ter outro lugar para sentar, eu vou até cama. — Se sente.

— Como você tem passado?

Olhando em seus olhos castanhos, eu sinto calor e conforto. Confiança. — Bem. A faculdade é legal. Algumas aulas são mais difíceis, mas é legal na maior parte.

— Você quer me dizer por que seus olhos estão vermelhos?

— Não. Como estão as coisas por aqui? — eu olho para longe, não querendo que ele veja dentro de mim. Quando todas as coisas com G.T. desandaram, Tug estava lá, conversando, rindo e sendo o ombro amigo que eu tanto precisava.

— Uma merda... o que você acha? — ele balança a cabeça. — Você gosta de lá?

— É ok, — antes eu amava estar lá, mas agora apenas me faz lembrar de Mia e a tristeza é ainda muito grande.

— Apenas ok? O que está acontecendo? Você precisa me dizer agora, — sua voz se torna mais firme, mas ainda carinhosa. Ele só quer me ajudar, mas eu não posso contar para ele antes de G.T. Isso apenas soa muito errado.

Antes que eu possa falar, sou salva por outra batida na porta. Pulando rápido, vou até a porta e a abro totalmente.

Fico surpresa ao ver um G.T. muito despenteado parado ali, seu sorriso cai instantaneamente quando ele olha para dentro do quarto e vê Tug. Eu fecho os olhos, suspirando. Eu não sou de G.T., mas o olhar predador em seu rosto indica um confronto.

— Que porra ele está fazendo aqui? — ele rosna alto para Tug, me fazendo pular.

— Apenas conversando, — Tug diz se levantando e parando atrás de mim. Não é o melhor movimento.

— Cai fora! — G.T. ergue o rosto de um jeito tão ameaçador que uma veia do lado do seu pescoço salta. Isso vai piorar rápido.

Coloco a mão no peito de G.T., o que faz seu corpo tremer. Quando seus olhos encontram os meus, eles suavizam um pouco. — Ele só estava dizendo oi. Eu estava me arrumando para ir encontrar você, — eu sorrio docemente. Sabendo que o incêndio está prestes a começar, eu não vejo isso como uma mentira, porque ia mesmo voltar para o quarto dele, em algum momento. — Tchau, Tug. Vejo você depois, — eu digo sem tirar os olhos de G.T.

— Depois, — Tug diz enquanto anda até a porta. G.T. mal se move um centímetro, e Tug precisa esmagar seu corpo grande para passar. Maldito homem.

— Você não deveria estar fora da cama, — eu digo com a minha mão ainda no peito de G.T. Posso sentir sua força por debaixo da camiseta.

— Você deveria estar comigo. Eu vim te buscar, — ele resmunga sem se desculpar.

— Eu estou aqui, — eu quero afastar meus olhos dos seus, mas eles capturam os meus em submissão e me puxam para dentro.

Sua mão para sobre a minha e ele aperta gentilmente. G.T. se abaixa devagar e me dá um beijo puro nos lábios. Meu coração salta. — Eu vou mandar um prospecto levar as suas coisas para o meu quarto.

Eu congelo e penso rápido. — Nah. Está tudo bem. Eu vou levar o que preciso para as 24h, — eu tento me afastar, mas ele me segura com mais força. Eu acho que consigo me soltar, uma vez que ele está me segurando com apenas um braço, mas não quero machucá-lo.

— Você acha que depois que o nosso tempo acabar, eu vou desistir de você? — ele balança a cabeça. — Angel, você me conhece melhor do que isso.

Sim, eu conheço.

— G.T., eu... — minhas palavras são interrompidas pelas dele.

— Nós vamos conversar. Pegue a suas coisas. Eu preciso me deitar, — ele puxa minha mão para os seus lábios e dá um beijo suave; meu estômago cai nos joelhos com a delicadeza do gesto. Ele me solta e eu pego uma pequena mala que trouxe, jogando ali dentro roupas extra, um pijama e escova de dente, além do meu laptop e telefone.

— Pronto? — eu pergunto, mas quando me viro G.T. está abrindo e fechando os olhos rapidamente, seu corpo está inclinado para o lado e ele luta para manter o equilíbrio. — Essa não, grandão, — eu largo a mala e corro ao redor dele para pegar uma cadeira da sala de jogos. Assim que a coloco atrás dele, ele cai sentado sobre ela com um baque. Droga. Mas assim como ele apaga, ele acorda outra vez. — G.T.?

— Eu estou bem. Apenas cansado, — ele tenta abrir os olhos para mim, mas pela sua expressão de dor, não está dando certo.

— Descanse um minuto. Eu vou ver se consigo achar Cruz.

Ele assente, o que me surpreende. Ele desde estar realmente muito mal para aceitar ajuda tão facilmente. Correndo pelo clube, vejo pessoas em todos os lugares, mas as ignoro totalmente na minha tentativa de achar Cruz. Finalmente o encontro em uma mesa, desenhando com Cooper. — Cruz! Preciso da sua ajuda, por favor! — eu digo a ele. O homem se levanta na mesma hora e caminha na minha direção.

— O que há de errado? — ele junta as sobrancelhas com preocupação.

— G.T. saiu da cama para me encontrar. Agora ele está aqui embaixo, quase desmaiando em uma cadeira. Preciso da sua ajuda para levar ele de volta para o quarto, por favor, — eu imploro, sem vergonha alguma de fazer isso.

— Buzz, Breaker, venham comigo, — ele grita enquanto caminha na direção das escadas, comigo grudada em seus calcanhares. — Ele ficaria bem se apenas parasse para descansar, porra.

Depois que os caras levam G.T. de volta para a cama, Harlow dá a ele mais alguns remédios e ele apaga de vez.

* * *

— Angel? — G.T. chama. Levanto os olhos na mesma hora para o homem deitado na cama. Eu ando rapidamente para o seu lado. Meu interior se aperta pela maneira como ele me chama. Ele começou a me chamar de Angel a alguns anos atrás, e eu nunca questioneei isso.

— Eu estou aqui. Como você está se sentindo? — ele sorri diabolicamente, a cor de volta ao seu rosto.

— Melhor agora que eu sei que você está aqui. O que você está fazendo? — ele pergunta e eu me sento ao seu lado, o encarando.

— Dever de casa. Eu não quero ficar muito para trás, — eu não sei se ele realmente quer saber sobre a faculdade. Hoje em dia, eu sinto que não sei muito sobre quase tudo.

— Me fale sobre isso, — ele diz, enquanto eu olho em seus olhos cristalinos. Posso ver ali que ele genuinamente quer saber. E então eu conto a ele tudo, do começo ao fim, e ele ouve atentamente cada palavra que sai da minha boca, deixando de fora apenas o que diz respeito a Mia. Não sei por quanto tempo eu falo, mas ele continua ouvindo até o final. — Uau. Parece muito trabalho.

— E é, — eu sorrio, levantando um ombro, sabendo que se eu não resolver os meus problemas logo, tudo vai ficar ainda mais difícil.

— Estou orgulhoso de você.

Eu sou pega de surpresa pela sua declaração. De todas as pessoas, eu não sabia se ele se importava de alguma forma. — Obrigada, — eu olho para as minhas mãos, não com vergonha, mas bastante tímida.

— Venha aqui, — ele me diz. Eu rapidamente levanto as minhas defesas.

— Eu preciso pegar os seus remédios. Harlow me disse para fazer isso assim que você acordasse, — eu corro até a mesa onde Harlow deixou tudo pronto com anotações. Meus olhos procuram pelos remédios que ele precisa tomar agora.

— Você está tentando me evitar? — ele ri.

— Não. Eu estou aqui, não estou? — eu respondo sem olhar para ele. Droga, aqui tem muitos frascos. Encontro o que ele precisa e coloco duas cápsulas em um guardanapo.

— Senti sua falta, Angel, — minhas mãos param o que estão fazendo. Eu fecho os olhos e respiro fundo, aproveitando um momento para amar as palavras que ele acabou de dizer.

— Eu também senti sua falta, G.T., — eu pego uma garrada de água e levo o remédio para ele. Seus olhos estão fixos em mim, levando embora tudo que eu tinha decidido em relação a esse homem. Entrego a ele as cápsulas e a água, e ele pega tudo sem nunca tirar os olhos de mim.

Ele me devolve a garrafa, e eu rapidamente me viro para organizar tudo. Ótimo! E agora, que porra eu vou fazer pelas próximas 24h? Meu estômago aperta e eu sinto uma sede instantânea. Com a garrafa de água de G.T. na mão, giro a tampa e tomo um grande gole, mas ele faz pouco para matar a minha sede. Eu quero contar a ele sobre Mia, mas preciso esperar até que essas 24h acabem, então ele vai estar mais forte. Eu posso fazer isso. Posso aguentar. Eu posso. Eu tenho que fazer isso.

— Você vai vir deitar comigo? — ele grunhe com expectativa.

— Não. Eu tenho minhas coisas para fazer. Você tem que ficar deitado e descansar.

— Esse não era o acordo.

— O acordo era que eu ficaria com você, mas não falamos nada sobre ficar deitada com você. Agora descanse, — eu digo voltando para a mesa e sentando na cadeira. Posso sentir seus olhos me perfurando, tentando me coagir a olhar para ele, mas faço o meu melhor para resistir. Arrepios correm pelo meu corpo e eu tento desesperadamente fazer com que isso pare.

— Angel, — suas palavras são como uma carícia sobre a minha pele. — Por que você não coloca um filme e se deita aqui comigo?

— Eu realmente preciso fazer isso aqui.

— Angel, — a doçura na sua voz evapora e é substituída por um tom mais exigente. Eu me viro e o encaro. A parte de baixo do seu corpo está coberta com um lençol fino, um braço esticado sobre a cama,

enquanto o outro está jogado sobre a sua cintura. Seu olhar quente está focado apenas em mim, fazendo meu corpo estremecer. Eu preciso ser forte, mas meu corpo não escuta.

Levanto da cadeira, pego o controle remoto sobre a mesa e o entrego a ele. — O que você quer ver? — eu pergunto hesitante, minhas mãos começando a suar.

— Ação.

Eu sorrio; ele sempre amou filmes de ação. Mesmo quando criança, ele sempre queria ver os filmes de ação.

Eu vou até a prateleira cheia com todos os DVDs dos seus filmes favoritos e escolho um com Vin Diesel, porque é bom um colírio para os olhos. Coloco o filme, caminho até a cadeira na mesa e a puxo para o lado da cama.

— Então é assim que você vai jogar, hm? — G.T. diz da cama.

— Eu não estou jogando. Estou sentada aqui e vendo o filme com você. É o que você queria, — ele sorri e volta a cabeça para o filme.

Vin Diesel é gostoso e tudo mais, mas depois de hora meus olhos começam a ficar pesados. As últimas semanas foram um inferno, e meu corpo está levando a melhor sobre mim. Descanso a cabeça no encosto da cadeira e meus olhos vão se fechando, me levando para o sono.

— Angel? — meu nome sendo chamado me acorda, mas o cansaço ainda está me puxando para baixo. — Venha aqui, baby, — meu braço está sendo puxado. Eu abro levemente os olhos e vejo G.T. me puxando na direção do seu corpo. Eu não tenho forças para ir contra, dormir é tudo que eu preciso. Eu subo na cama e descanso a cabeça no seu braço. Ele coloca uma coberta sobre o meu corpo e me puxa apertado contra o seu. Eu volto a dormir na mesma hora

* * *

Eu estou quente, muito quente. Meu corpo está pegando fogo e eu preciso de um alívio agora. Meus olhos se abrem e eu vejo a fonte de calor que está fazendo meu corpo derreter sobre a cama. O braço de G.T. está me puxando com força contra o seu lado e seu corpo irradia puro calor. Olhando para o seu rosto, vejo que ele perdeu toda a tensão,

o que o deixa muito mais jovem e relaxado, mais parecido com o garoto pelo qual me apaixonei todos aqueles anos atrás.

Eu queria que as coisas fossem diferentes entre nós. Eu queria que isso pudesse dar certo. Me mata saber que eu não sou o bastante para ele, e me mata ainda mais que eu perdi a única parte dele que tinha me restado. Lágrimas invadem os meus olhos. Eu coloco a mão na barriga e esfrego gentilmente, me lembrando do dia que descobri sobre ela, e sorrio. Eu nunca estive tão feliz em minha vida como no dia em que vi aquele teste de gravidez marcar positivo, e aquele dia está manchado por causa das ações de G.T. Balanço a cabeça e afasto o braço pesado de G.T. da minha cintura.

Ele murmura e grunhe, mas seus olhos não se abrem. Eu saio da cama e olho para o relógio. São 22h17. Droga, dormi demais. Meu estômago ronca e eu percebo que não comi nada desde de manhã cedo. Olhando de volta para o pacífico G.T., sai do quarto à procura de comida.

A música ecoa por todo o clube, e eu estou surpresa de não ter ouvido nada quando estava no quarto de G.T. Entro no salão principal e há irmãos, *old ladies* e mulheres por todo o lugar, a maioria com bebidas nas mãos e dançando ao som da batida. Em cima de algumas mesas há mulheres usando quase nada e balançando suas bundas no ar. Como o clube está em bloqueio, eu sei que essa é uma festa do clube, para todos, e não apenas para os irmãos.

Uma festa do clube é para todos os membros, incluindo as *old ladies* e as strippers. Uma festa dos irmãos é uma festa sem limites, e por isso *old ladies* e namoradas não são permitidas.

Cruz está sentado em um banco no bar bebendo uma cerveja quando eu caminho até ele. — Oi.

Ele se vira no banco. — Oi, Case. Como está o paciente? — ele sorri como se soubesse de algo que eu não sei.

Eu o encaro. — Teimoso e dormindo.

Ele dá uma risadinha, e isso me faz sorrir, porque é engraçado ver um homem grande como ele fazendo tal coisa. — Você está indo bem, garota.

— Eu não fiz muito, Cruz. Praticamente só dormi metade do dia, — eu levanto um ombro.

— Mulher. Aquele homem não ficava parado cinco minutos. Você chegou e ele está dormindo como um bebê.

— Cruz. Ele só gosta de um corpo quente como companhia, e eu sou só a coisa mais perto disso que ele tem agora. Tenho certeza que a próxima vai vir em um dia ou dois e eu vou ser totalmente esquecida.

— Você precisa conversar com a Princesa sobre essa merda. E, para constar, você está falando um monte de merda, — ele pega a sua cerveja e me deixa no bar.

Olhando ao redor, Becs acena com a cabeça para mim, e eu aceno de volta. Procuro por Harlow, mas não a vejo em lugar nenhum. Ela deve estar com Cooper. Pensar nisso é como uma faca de dois gumes. Eu quero vê-lo, mas sei que vai doer muito ver o garotinho correndo por aí, quando a minha pequena nunca vai ter a mesma chance.

Balançando a cabeça, vou até a cozinha, onde Ma está preparando a comida com Legs e Bubbles. — Oi, — eu dou um rápido aceno e todos os olhos se voltam para mim. Ma corre para mim e me dá um abraço apertado, que eu retribuo.

— Cara, eu senti sua falta, garota. Estou tão feliz de te ver em casa, — meu interior se aquece e eu sinto o seu amor. Também sinto minhas bochechas ficarem vermelhas. Ma se afasta. — Olhe para você! É só pele e osso. Você precisa de comida, agora — ela balança a cabeça com desaprovação.

— Eu como, Ma. Só andei muito estressada com a faculdade, mas logo vou melhorar, — eu garanto a ela, sem saber de fato se vou melhorar.

— Você vai comer enquanto está aqui. Se eu tiver que alimentar você na boca, eu vou, mocinha, — eu sorrio. — E você precisa ficar forte para cuidar do meu garoto, — meu sorriso se desfaz e eu fecho os olhos.

— Ma, isso é por apenas algumas horas e então ele vai estar por conta própria, mas obrigada.

— Querida, meu menino é teimoso como o pai. Você não vai desistir dele, me ouviu?

Eu aceno e o aperto no meu peito retorna. Eu tusso baixinho para limpar a garganta. — Preciso levar comida para G.T. Ele não come nada faz algum tempo.

— Vou preparar para você, querida, — ela me solta e começa a se mover rápido pela cozinha.

Legs se aproxima de mim, — Você é tão bonita, Casey, e superinteligente. Seu pai estaria muito orgulhoso de você agora.

Apenas uma pequena menção a Bam e eu já estou lutando contra as lágrimas que eu pensei que tivessem secado. — Obrigada, — eu engulo com dificuldade para evitar chorar.

— Nós estávamos tão preocupadas quando você foi embora. Ainda estamos. Eu sei que Bam queria que você fizesse faculdade, mas você não poderia fazer algo a distância? — eu fico ali parada, chocada com as suas palavras. Nunca ninguém falou nada sobre a minha partida. Nunca ninguém disse que queria que eu ficasse. — Quero dizer, nós sabemos que você é inteligente e pode dar conta, mas sentimos sua falta, querida, — ela sorri.

— Eu nunca pensei em fazer faculdade à distância, — eu digo. Na verdade, quando descobri que estava grávida eu não podia dar o fora daqui rápido o bastante.

— Apenas pense nisso, — ela pisca para mim e volta para o balcão com comida.

Bubbles ri enquanto caminha até mim e me dá um braço apertado. — Eu concordo com tudo o que disseram. Mas eu quero falar mais uma coisa, G.T. precisa de você. Ele não tem sido ele mesmo desde que você foi embora.

Eu me afasto do seu abraço, machucada pelas suas palavras. — Ele não me quer, Bubbles. Ele deixou isso bem claro e eu vou voltar para a faculdade assim que o funeral de Diamond tiver acabado, — algo dentro de mim endurece. Eu não ligo se ele não tem sido o mesmo. Isso tudo é sua maldita culpa. Não minha. Ele causou isso, não eu.

— Fico triste de ouvir isso, — ela balança a cabeça de um lado para o outro. — Com certeza nós vamos sentir saudade.

— Eu realmente preciso pegar comida para G.T. e voltar para o quarto. Ele vai acordar logo, e seu eu não estiver lá ele vai sair da cama, — ela acena e se afasta.

Eu me viro para Ma, que está segurando dois pratos com um morro de comida. — Obrigada. — Ma não diz uma palavra quando eu saio da cozinha e faço o caminho de volta para o quarto de G.T.

Assim que eu entro no quarto, os olhos de G.T. encontram os meus. — Eu trouxe comida, — eu levanto os pratos, mostrando a ele.

— Você não deveria sair daqui, — sua voz está tensa e apertada.

— Eu só saí por um minuto, — eu caminho até a mesa e largo os pratos.

— É para isso que serve o telefone. Você poderia ter ligado para lá, — ele insiste.

— Eu precisava de um pouco de ar. Mas eu estou aqui. Se acalme, — eu pego um dos pratos e caminho até a cama, posicionando a pequena bandeja de cama para colocar a sua comida.

G.T. lentamente se senta e eu coloco a bandeja no seu colo. — Você precisa ficar aqui comigo. Certo? — seu tom de voz me implorando me pega de surpresa. Eu paro e o encaro, e vejo que sua expressão combina com o tom de voz pedinte.

— Eu estou aqui. Não se preocupe. Vamos comer, — eu ando até a mesa para pegar meu prato e levá-lo até a mesa de cabeceira de G.T. Nós comemos em um silêncio confortável. Eu apenas consigo comer um pouco, meu apetite ainda não voltou ao normal.

— Você só vai comer isso, Angel? — ele pergunta ao engolir sua comida.

— Estou satisfeita.

— Você mal comeu alguma coisa. Aqui, — ele estende para a minha boca o seu garfo com uma porção de peru e purê de batatas e fica esperando. Eu reviro os olhos, mas abro a boca. — Viu, não é tão difícil.

— As *old ladies* são boas cozinheiras.

Pelos quinze minutos seguintes, G.T. dá duas garfadas e me alimenta com uma. Calor corre pelo meu corpo pela doçura do seu gesto. Meu coração parece que vai sair do peito. Eu tento não ler mais nisso do que realmente existe aqui, mas ele está deixando isso difícil.

Depois que acabamos, eu coloco os pratos sobre a mesa, uma vez que G.T. se recusa a me deixar levá-los para a cozinha. Eu dou a ele seus remédios, que os toma sem reclamar.

— Harlow disse que eu preciso trocar as suas ataduras. Se você não se importar.

— Acho que a pergunta é, você se importa?

Eu endireito minha espinha e meu rosto mostra determinação. — Claro que sim. Eu posso lidar com qualquer coisa.

Eu tiro as suas ataduras, vendo pela primeira vez os ferimentos que poderiam ter acabado com a sua vida. Meu peito se aperta quando penso em perdê-lo. Uma coisa é não estar com ele, outra é perdê-lo para sempre. Eu limpo a ferida e coloco a pomada que Doc nos deu, e então recoloco novas ataduras.

— Por que você não vai dormir? Eu tenho que terminar minhas tarefas, — eu dou a volta na cama e volto a sentar na cadeira junto à mesa.

— Acho que nós precisamos conversar.

Meu sangue fica gelado; eu tenho certeza que Harlow não teve a chance de falar com ele sem eu estar por perto. Eu continuo olhando para a mesa. — Sobre?

— Angel, sente aqui comigo.

Eu solto uma respiração profunda e me sento na beira da cama. Ele segura a minha mão com força e as palavras mais inesperadas do mundo saem dos seus lábios. — Eu menti.

Eu o encaro, sem ter ideia do que ele está falando. — Eu não transei com aquela mulher que estava aqui no meu quarto aquele dia. Eu menti sobre isso.

Eu engasgo e pulo para longe do seu aperto, me afastando da cama. — Por que você faria isso? — eu dou o meu melhor para me manter firme.

— Porque eu sou um maldito idiota, — ele grunhe e eu espero. — Bam queria que você fosse para a faculdade, que conseguisse o seu diploma, — ele para. — E você precisa de alguém melhor. Alguém que não viva essa vida fodida.

A raiva se levanta em minhas entranhas. Uma força que eu achei que tivesse perdido quando perdi Mia volta com toda a potência. Eu ando rápido para o outro lado do quarto, precisando de espaço. — Vai se foder! Eu precisava de você! Eu quero você e só você! E eu tenho certeza que você transou com qualquer uma que apareceu na sua frente.

— Não.

Eu o encaro. — Então esse tempo todo, eu pensei que você tinha me traído. Que eu não era o bastante para você! Que a minha buceta não te satisfazia, — eu me viro para não dar a ele a satisfação de ver as minhas lágrimas. Ele não as merece.

— Você não era o bastante? — a voz de G.T. reverbera pelo quarto e me faz saltar. — Você é boa demais para mim, Angel. Perfeita demais. Com você, eu não quero mais ninguém. Eu não preciso de mais ninguém, — eu ouço movimento vindo da cama.

— Não levante da cama, — eu ordeno com os dentes apertados. — Se você desmaiar, eu vou te deixar aí caído com a bunda no chão.

— Angel. Olhe para mim.

— Não, — eu não vou cair nessa merda. — Eu vi você beijando ela, G.T. Não me diga que aquilo foi fingimento ou coisa da minha cabeça.

— O que você viu foi só um agradecimento. Não foi um beijo. Ela limpou o meu quarto, Angel. Foi só isso.

— Então você está me dizendo que nunca transou com ela, — eu seco as lágrimas e foco na raiva crescendo dentro de mim.

— Eu não disse isso. Mas foi antes da gente ficar junto.

Ele fez isso. Se ele não tivesse mentido, eu teria contado a ele sobre Mia e eu não teria a perdido. É tudo culpa dele. — Olhe, eu fodi tudo. Eu sei. Por favor, venha aqui.

— É sua culpa. É tudo sua maldita culpa! — eu grito tão alto que acho que as paredes estremecem. A raiva corre pelo meu corpo e eu não consigo controlar mais nada, especialmente minha boca. Minha mão treme e minha visão fica embaçada. — Você é a razão dela ter ido. Se você não tivesse mentido, se tivesse me dito a verdade, nada disso teria acontecido! — eu aperto os punhos querendo socar alguma coisa, especialmente a cara de G.T.

— Quem é ela?

— Mia!

— Quem diabos é Mia? Você está me deixando confuso.

Eu nem sequer noto o olhar confuso em seu rosto porque eu não me importo. Eu não me importo com nada. Nada.

— No dia em que você me disse que eu não era boa o bastante, você se lembra? Bem, naquele dia eu estava indo contar a você que eu estava grávida! — seus olhos se arregalam. — Sim. O seu bebê estava crescendo dentro de mim, mas não, aquele momento feliz foi arruinado porque você foi um babaca do caralho! — eu grito.

— Você está carregando o meu bebê? — seus olhos se movem para o meu estômago plano, e sua testa enrugada. Eu seguro a minha fúria e a agarro com as duas mãos, porque se eu quebrar agora, vou virar uma pilha no chão. Fúria é a única coisa que me impede de desabar nesse momento.

— *Estava*, G.T., estava carregando o seu bebê.

Eu me viro para ele e ele se apoia na cama para conseguir em toda a sua altura, que passa do 1,90m. Seu rosto se torna cruel, e se eu fosse qualquer outra pessoa, provavelmente estaria me cagando de medo agora. Mas eu não sou. Eu mantenho a minha posição.

— Você quer dizer que abortou o meu bebê? — cada palavra sai com raiva, junto com uma pequena quantidade de cuspe. Suas palavras me batem e eu perco todo o bom senso.

— Não, seu imbecil do caralho! Não! Eu nunca mataria o *meu* bebê! — eu aponto para o meu peito, enfatizando a palavra *meu*. — Eu tive um aborto espontâneo, seu maldito idiota!

Ele cruza os braços sobre o peito, rugas se formam ao redor dos seus olhos como se ele estivesse perdido em pensamentos profundos. É tão difícil respirar que estou começando a me sentir tonta, mas mantenho a cabeça erguida. — Você não ia me contar. Porra, você foi embora carregando o meu bebê e não ia me contar, Casey? Que diabos há de errado com você? — ele sibila.

Eu dou uma risada sem alegria. — Eu ia vir contar para você, mesmo que você não merecesse saber. Só estava esperando até descobrir o sexo do bebê!

— Você acabou de dizer que era uma menina, porra.

— Eu não sei se era. Eu apenas acho que era uma menina. Eu perdi o bebê antes de descobrir, — minha explosão de raiva está começando a perder força, mas eu a seguro com as pontas dos dedos.

— Então se eu não tivesse me ferido e Diamond não tivesse sido morto, você nem sequer ia me contar isso, porra? Você ia apenas seguir com a sua vidinha feliz de estudante?

— Vai se foder. Eu cansei de me explicar para você. Você já sabe sobre ela e as suas 24h estão oficialmente encerradas. Fique bem longe de mim enquanto eu estou aqui.

Eu caminho até a porta e seguro a maçaneta. — Como diabos eu vou saber se esse bebê era mesmo meu? — ele pergunta atrás de mim maliciosamente.

A faca com a qual ele já tinha me esfaqueado atravessa o meu coração. Qualquer sentimento dentro dele murchou até virar nada. — Você não tem como saber. Acho que então você não tem nada para ficar chateado, — eu abro a porta e a bato com força ao passar. Eu viro para ir para o meu quarto, mas paro. Se eu for para lá, vou chorar até cair no sono. Preciso estar perto de outras pessoas, só assim eu vou conseguir me controlar.

Caminho até o salão principal do clube e vou direto para o bar, onde Buzz dá um grande sorriso quando me vê, mas ele desaparece. — O há de errado, garota? — ele pergunta com inocência.

— Nada. Preciso de uma garrafa de uísque e um copo, por favor, — eu aponto para a garrafa na parede.

Buzz pega tudo e me serve a primeira dose, a queimação corre pelo meu corpo e eu sinto o exato momento em que a bebida chega ao meu estômago. Eu fecho os olhos por causa do fogo, mas os abro rapidamente outra vez para servir outra dose. Eu geralmente não bebo, mas foda-se. Foda-se tudo. Eu sirvo outra e outra dose, bebendo cada uma delas mais rápido que a anterior.

— Acho que você quer segurar a onda aí, raio de sol, — Tug diz atrás do bar, perto de Buzz.

Eu aceno para ele cair fora e tomo mais uma dose. Minha cabeça já está girando, mas não consigo parar. A música e a comoção ao meu redor não fazem nada para deter meu interesse no líquido âmbar à minha frente. Se eu puder esquecer por apenas um tempo. Eu viro outra dose e a garrafa é puxada para longe de mim.

Eu viro a cabeça para o culpado e suspiro. Becs. — O que você está fazendo, garota? — a garotinha dentro de mim quer se jogar nos

seus braços, apenas para me sentir um pouco mais perto de Bam, mas me seguro.

— Só tomando uma bebida. É o que nós fazemos por aqui, Becs. Bebemos, transamos e bebemos mais um pouco.

— Já chega para você, — ele diz com autoridade, mas eu reviro os olhos.

— Não chega, não! Me dê a garrafa e eu vou para o meu quarto, — eu grito olhando em seus olhos, que estão cheios de grande preocupação.

— Não, você se importa de me contar que porra está acontecendo?

— Culpa! — alguém grita do outro lado do salão e todo o movimento no lugar para. Eu solto uma respiração profunda, desejando estar de volta a Cherry Vale mesmo que o lugar me lembre de Mia, porque lá é melhor do que isso aqui.

Eu o ignoro e me viro para Becs. — Apenas me dê mais uma, por favor, — eu imploro, mas é como se ele fosse surdo.

— Culpa pelo que, Casey? — eu balanço a cabeça para a pergunta de Becs.

— Por não me dizer que ela estava grávida do meu filho e ter ido embora como uma maldita covarde! — G.T. grita. O choque audível ao redor do salão faz o meu estômago apertar, porque mesmo que o que ele esteja dizendo seja uma mentira, ainda dói.

— Vá para o inferno! — eu grito sobre o ombro.

— Você está grávida, Casey? — Becs pergunta segurando a garrafa com tanta força que suas articulações ficam brancas. Eu penso que é certo que ele vai quebrar a garrafa.

Eu o encaro nos olhos. — Eu perdi o bebê, — eu sussurro apenas para ele, mas não tenho dúvidas de que todos no salão ouviram.

— Sim. Ela diz que perdeu o bebê. Como eu vou saber que ela não o matou porque quis?

Eu pulo do banco do bar e vou direto para G.T., minha cabeça um pouco zonzinha. — Eu não matei o *meu* bebê, porra! Eu a amava mais do que tudo nesse mundo. *Eu* que a carreguei por treze semanas e dois dias. *Eu* que a senti crescendo dentro de mim. *Eu* que cuidei dela como

se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo. *Eu!* — eu grito, não me importando que o clube inteiro escute isso porque provavelmente todos vão saber tudo pela manhã mesmo, então que eles pelo menos saibam a verdade.

— Porque você não me deu uma chance! — ele grita de volta.

— Mas você se lembra do que me disse? Você não sabe nem se ela era sua. Me considerando uma puta que dormiu com todos os seus irmãos. De quem mais você acha que ela poderia ser? — eu bato com o dedo no queixo, fingindo estar pensando nisso. — Hmm... Oh, aposto que você é acha que do Tug, certo? — seu rosto se ilumina com fúria vermelha. — Não se preocupe, nós nunca transamos. Você é o único imbecil que eu deixei me tocar! — eu balanço a cabeça. — Deus, eu estava tão errada sobre você, porra.

— E eu sobre você! Como você pôde manter o nosso bebê em segredo?

— Porque você tinha acabado de me dizer que queria foder outras mulheres e que eu não era o bastante. Como eu ia saber que você ficaria feliz de saber que eu estava esperando um bebê? Você tinha acabado de me dizer que não me queria. Então o que eu deveria dizer? *Oi, G.T., agora eu tenho o seu bebê. Você está preso a mim,* — eu balanço a cabeça. — Eu jamais faria isso. Eu fui embora para construir uma vida para mim e para a minha filha. Você ia conhecer ela, mas eu ia construir uma vida digna para ela com ou sem você.

— Ah, que nobre da sua parte, — ele estala. — Apenas um problema: você deveria ter me contado desde o começo, porra.

— Bem, eu não contei. E se eu tivesse que fazer tudo de novo, faria da mesma maldita maneira. Foi você quem mentiu. Foi você quem colocou tudo isso em movimento. Você, G.T.! Uma mentira foi tudo que precisou para colocar essa grande bola em movimento. Você é tão culpado quanto eu, — eu me viro e vou direto até Becs.

— Eu quero uma garrafa, — eu exijo.

— Baby, você não precisa passar por tudo isso sozinha, — ele diz baixinho.

— Eu não pertenço a esse lugar. Essa é a família de Bam, não a minha. Eu nunca pertenci a esse lugar.

— Isso é besteira e você sabe, — Becs acena ao lado para alguém, mas eu não me viro para olhar.

— Que mentira. Vamos ver. Eu não me encaixo. Eu não vivo a vida. Eu não dirijo uma moto. Eu não luto. Preciso continuar?

— Você acha que toda essa merda importa, Casey? Você é filha de Bam, e *isso faz* você parte dessa família, — a voz de Bec é calma, e eu quero gritar com ele.

— Não. Isso faz com que eu seja uma obrigação, — lágrimas se formam nos meus olhos, mas eu consigo segurá-las. Estou cansada dessas malditas lágrimas.

— Mas que merda você está falando? — Harlow grita atrás de mim, e eu respiro fundo para evitar revirar os olhos.

— Eu vou para o meu quarto! — eu digo me afastando de Becs e dando de cara com uma Harlow totalmente irritada.

— Você não é parte dessa família. Você está brincando, Casey? — seu rosto está a apenas alguns centímetros do meu, e eu posso sentir o cheiro de menta em seu hálito. Eu vou dar a volta ao seu redor, mas ela me impede. — Ah não, você não vai sair daqui, — ela dá um passo de lado e segura os meus braços. — Você não é uma maldita obrigação. Se você fosse, todos nós seríamos considerados assim. Esses homens e mulheres amam você, Casey. Eles dariam as suas malditas vidas por você. Como você pode não saber disso?

Eu dou de ombros, sem saber o que dizer. A vida inteira eu me senti uma intrusa olhando para o que acontecia, sem nunca me sentir verdadeiramente parte de nada.

— Besteira. Você não se lembra da formatura no colégio? A festa que essas pessoas fizeram para você?

— Aquilo foi para você, Harlow.

Ela me encara e inclina a cabeça. — Você realmente acredita nisso, não é?

Eu aceno em concordância.

— E quando você e Bam acabaram o seu carro? Você se lembra daquela noite?

— Aquilo foi para Bam.

— Puta merda. Você realmente não vê, — eu baixo a cabeça e deixo que a humilhação corra por mim.

Harlow começa a apontar para cada um dos membros do clube no salão. — Olhe para eles. Você vê? — eu balanço a cabeça. — Baby. Todo esse clube te ama. Aquelas festas eram para você também.

— Então por que eu não tenho um nome de estrada, *Princesa*?

Harlow olha atrás de mim e eu me viro para ver Becs parado logo atrás de mim. — Bam nunca quis que você tivesse um nome de estrada. Ele nos pediu para não te dar um.

— Por que ele faria isso?

Ele limpa a garganta várias vezes e vem sentar ao meu lado. — Bam era um pouco mais tradicional com o clube. Ele nos disse que o seu *old man* iria te dar um nome de estrada, caso você escolhesse ser parte dessa vida. Não é fácil. Você sabe disso e Bam queria ter certeza que fosse sua escolha.

— Bem, se esse é caso, eu sempre vou ser Casey, — eu murmuro. Becs e Princesa se entreolham, e eu reviro os olhos. — Eu preciso me deitar, — eu digo para Harlow. — Eu preciso fazer isso ou alguém vai ter que me carregar, — olho ao redor e vejo que G.T. já não está mais aqui, o que me faz suspirar de alívio. Eu não posso mais fazer isso. A luta está me deixando rápido.

— Vamos lá. Eu vou te acomodar.

Nove

G. T.

Cruz me puxa para fora do salão principal, latindo ordens para eu dar o fora. Em qualquer outro momento eu daria uma surra no maldito homem, mas não dessa vez.

Eu ouço Princesa e Casey gritando, algo sobre ela não ser parte da família ou alguma merda estúpida assim. Maldita mulher.

O copo sobre a mesa voa para o outro lado do quarto, meu braço parecendo incrivelmente forte nesse momento. A adrenalina corre pelo meu corpo, e eu não me sinto mais fraco. Grávida. E ela não me contou. Porra!

— Se acalme agora, porra, — Cruz diz da porta. Eu me viro e aperto os punhos. Eu adoraria uma luta agora mais do que tudo, mesmo que o meu corpo não possa aguentá-la. Mas ele me daria uma surra, e eu não quero viver com essa merda pelo resto da vida.

— Vai se foder.

— Não, obrigado. Eu tenho a sua irmã para isso, — ele sorri presunçoso; minha respiração fica presa e eu aperto mais os dentes. — Essa é uma merda dura de lidar, deu pra ver pelo que eu ouvi. Você vai desmaiar de novo, e estou cansado de carregar o seu traseiro para todos os lados.

— Então vai embora.

— Não posso fazer isso, — ele entra e se senta na cadeira junto à mesa, coloca os pés em cima da mesa e cruza as pernas, parecendo estar totalmente à vontade. — Fale.

— Eu não vou falar sobre isso, porra. Você já ouviu! — eu lato e vou até a janela. Olho para fora, carros sobem e descem pela estrada, um atrás do outro, me lembrando que o mundo sempre continua, mesmo quando todas as merdas acontecem.

— É verdade o que você disse a ela? Que ela não era boa o bastante e que você queria bucetas diferentes?

Eu continuo a olhar para fora da janela, minha fúria apenas borbulhando baixo agora. — Eu nunca disse que ela não era boa o bastante. Ela mesma concluiu essa merda. Eu disse a ela que precisava de bucetas diferentes e que beije a vadia do clube que estava saindo do meu quarto. Eu menti, disse que eu tinha transado com a garota.

— Isso foi idiota pra caralho. Todos nós sabemos que ela é importante para você.

Meus ombros caem um pouco, mas não muito. — Não brinca? — eu balanço a cabeça. Casey está certa. Se eu ao menos não tivesse deixado aquela mentira sair da minha boca. Eu já me arrependo disso, mas agora ainda mais.

— Por que você fez isso?

— Foda-se se eu sei.

— Eu digo que isso é mentira.

— Chame isso da merda que você quiser. Pode sair agora, — eu me viro para encarar meu irmão, ele está com as sobrancelhas levantadas.

— Se você não quer falar comigo sobre isso, tudo bem. É sua merda para resolver, não minha. Mas Princesa vai ficar em cima de você como uma mosca na merda, e então eu vou ter que ficar ouvindo ela resmungar. Assim, essa tempestade de merda me afeta. Então, meu irmão, que diabos você vai fazer sobre isso agora?

Eu o encaro nos olhos, sei que ele está fazendo o máximo para ajudar, ou pelo menos para ficar longe dessa bagunça, sei lá. — Eu não sei, porra, — digo com honestidade.

— Você precisa resolver essa merda. Nós temos Rabbit, Paine e os T-Darts para lidar depois do funeral de Diamond. O VP vai ser escolhido um dia depois. Você obviamente vai estar fora de combate por um tempo, mas precisa voltar para o jogo, e rápido. E também precisa dar um jeito nessa merda toda.

Eu não respondo. Ele está certo, e eu odeio isso pra caralho. — Me dê algum tempo. Agora sai daqui, — eu ordeno. Dessa vez ele me escuta e sai do quarto.

Eu me atiro na cama porque meu corpo está sentindo todo o esforço que acabei de fazer. Mia. Eu ia ser pai. O pensamento é esmagador. Eu nunca achei que fosse ser pai um dia, e agora estou triste que não sou. Eu posso ver o seu rostinho; ela parece com Casey, tão viva e cheia de atitude. Seu longo cabelo loiro desce em ondas pelas suas costas e voa no vento, e ela tem os maiores olhos verdes que eu já vi. Meu coração dói e eu jogo o braço bom sobre os meus olhos para bloquear a luz. Preciso de escuridão para combinar com os sentimentos nadando dentro de mim como abelhas prontas para picar.

Minha respiração fica presa e meu corpo se sente inacreditavelmente pesado de repente, mas eu gosto da sensação. Eu gosto da dor; é o mínimo que eu mereço. Uma única lágrima escapa do meu olho. Eu a seco e minha mente viaja sem fazer muito sentido, mas os pensamentos me invadem.

Diamond, T-Darts, Rabbit... VP... Casey... Mia... Mas que porra eu vou fazer? Fecho os olhos e então tudo fica preto.

* * *

— G.T. — uma voz diz acima de mim. — G.T., — o som é mais alto. — G.T.! — eu pulo quando Princesa projeta sua voz alta e clara.

— O quê?

— Está na hora dos seus remédios, seu idiota, — ela rosna e me entrega uma garrafa de água e algumas pílulas. Eu me sento lentamente e pego o que ela me dá.

— Obrigado.

Ela bufa. — Mas que diabos você estava pensando?

— Você sabia?

— Não. Não até hoje de tarde. Ela me disse que ia te contar tudo depois que as 24h acabassem. Ela queria ter certeza de que você estava bem o bastante para ouvir tudo.

— Eu não vou falar com você sobre isso.

— Certo, — ela cruza os braços sobre o peito. — Então me escute, porque eu só vou dizer essa merda uma vez para o babaca do meu irmão.

Eu me inclino para trás contra os travesseiros, esperando a bomba.

— Ela não ter contado para você é uma merda, mas olhe para as circunstâncias naquela época. Não foi apenas culpa dela. Você basicamente a colocou no mesmo nível da mãe dela, G.T., — meu estômago revira com o pensamento. Casey sempre desprezou a maneira como a sua mãe dormia com todos no clube e então a abandonou. — E o que foi a vida dela? Ela foi criada por um pai solteiro. Ela sabia que podia fazer isso sozinha, e era o que ela estava tentando organizar antes de falar com você. Ela estava te dando uma saída. G.T. Porra, você pode não ver isso, mas ela estava te dando a maldita liberdade que você disse a ela que precisava. Mesmo confusa e machucada, ela estava pensando em você, seu idiota. Ela queria ter o bastante para criar o bebê por conta própria, caso isso fosse necessário.

Eu levanto o braço sobre o rosto, não bloqueando o que a minha irmã está dizendo, mas mais tentando processar tudo isso. Eu não queria pensar que eu tinha feito isso com ela, então passei para a única alternativa. — Então por que ela não te contou? — eu estalo.

— Porque eu teria te contado. Ela não contou para ninguém, G.T. Só para o médico dela. Ela carregou isso sozinha por meses. E a única razão para ela ter contado para os seus amigos Jace e Bella foi porque ela estava sangrando muito e precisava de ajuda.

— Onde diabos você ouviu tudo isso?

— Onde você acha que eu estava nas últimas quatro horas e meia, mano? Eu estava lá embaixo, tentando consolar uma mulher inconsolável. Ela finalmente apagou, então eu vim aqui.

Como diabos tudo se transformou nessa merda tão rápido? Algumas horas atrás eu estava pronto para fazer Casey minha, e agora estou tão furioso com ela, e magoado, que eu não sei como tudo vai acabar. Tem que ser tudo culpa desses malditos remédios que eu estou tomando. Eu tenho que me livrar deles.

— Eu não sei o que está se passando nessa sua cabeça dura, mas você precisa resolver isso. Se você realmente ama Casey, agora é a hora

de mostrar. Ela é apenas a casca da mulher que já foi um dia, G.T. Perder Mia matou uma parte dela, e agora ela acha que perdeu você também. Ela está vazia e quebrada. Você precisa se decidir sobre o que quer, e rápido. Ela vai embora logo depois do funeral de Diamond, e dessa vez ela jura que dessa vez não vai voltar, não importa o que aconteça.

Princesa não me dá tempo para responder, o estalo da porta me diz que ela foi embora.

Eu rolo para fora da cama porque preciso de uma bebida agora mesmo. Não dou a mínima para os remédios. Eu preciso de álcool. Caminho para fora da casa principal do clube e os caras encostados contra a parede param para me cumprimentar ou dar tapinhas no ombro bom. Todos fazem isso, menos Pops, que está me encarando sério. Ele vem até mim e uma veia está saltada em seu pescoço.

— Igreja, eu e você, agora! — Pops me dá um encontrão ao passar e eu o sigo, fechando as portas ao passar.

Pops olha pela janela e não se incomoda em se virar para olhar para mim quando começa a falar. — Rapaz, essa merda acaba agora. Nós temos coisas demais acontecendo. Esse clube está em jogo e nós vamos resolver os nossos problemas muito em breve. Eu preciso da sua maldita cabeça aqui com a gente, e não focada na buceta de Casey.

Eu aceno. — Eu estou pronto.

— O caralho que você está pronto. Doc disse que você ainda vai ter mais algumas semanas de recuperação, o que significa que você vai ficar para trás.

— Foda-se isso! Eu vou ficar bem. Você não pode dizer que eu tenho que ficar para trás.

— Posso e disse, — ele se vira e me olha nos olhos. — Você vai lidar com as coisas daqui de dentro, mas não lá fora. Nós vamos cuidar disso.

— Mas que porra, Pops?

— Não seja pego com as calças abaixadas, — ele sorri. — Consegui informações de Ransom. Rabbit tem uma reunião secreta marcada para daqui alguns dias. O filho da puta está tentando ser rápido e ficar fora do radar, mas Ransom tem pessoas trabalhando nisso, — eu aceno para que ele continue. — Todos os seus membros em um único lugar e essa é a nossa chance.

— Bomba? — ele assente. — Buzz precisa estar nessa, assim como Tug. Eles são realmente bons com essas paradas.

— Sim. Depois do funeral de Diamond vamos ter uma Missa e organizar tudo isso. Você vai trabalhar daqui. Entendeu?

— Sim, — eu resmungo nem um pouco feliz com isso.

— Nós também vamos escolher um VP, — eu começo a prestar mais atenção.

— Eu vou entrar na votação?

— Sim. Você e Becs, — e o encaro por um momento e processo isso. Eu jamais pensei que eu não estaria sentado ao lado de Pops naquela mesa, e ouvir o nome de outro nome me deixa chocado por um instante. — Sim. Você ainda é muito jovem. Se lembre disso, — ele diz abrindo a porta.

Porra. Todos aqueles malditos testes que ele me fez passar e talvez eu nem seja escolhido. Eu sigo Pops para fora da sala e paro de repente no meio do caminho. Casey está de pé atrás do bar, de costas para mim. Tug para quando me vê, mas então continua sua conversa com ela sorrindo, mas com um olho em mim. Homem esperto.

Os ombros de Casey caem e ela se vira, seus olhos encontrando direto os meus, tantos pensamentos e emoções trasbordando deles. Ela se vira abruptamente para Tug outra vez, que acena. Ela então caminha e sai pela porta da frente do clube.

Tug seca as mãos e vem até mim. — Irmão, ela quer que eu a leve em um lugar. Eu vou.

Isso não é um pedido de permissão, mas um apelo para que eu entenda.

— Onde? — eu pergunto abruptamente.

— Ela quer ver Bam.

Porra. Eu esfrego a mão no rosto, aceno e me viro. Ele pega a dica e vai embora.

Dez

CASEY

Durante toda a manhã eu ajudei Harlow e outras dez mulheres a prepararem a comida antes do funeral de Diamond, que é hoje. Nós fizemos comida para alimentar um exército, mas era exatamente isso que nós estávamos alimentando. Um exército de irmãos. Eu faço tudo que posso para ficar longe da espiral girando em minha cabeça, mesmo que seja só por um momento.

Depois de voltar do cemitério, onde fui ver Bam ontem, eu fiquei trancada no meu quarto. Harlow me levou comida e tentou me convencer a sair, mas eu precisava ficar sozinha. O que é totalmente irônico, considerando que tudo que eu queria antes era o conforto que ela podia me dar.

Eu não sabia realmente como G.T. ia reagir ao saber de Mia, e mesmo que ele esteja totalmente puto, eu estou feliz com isso. Feliz porque ele se importa. Quer dizer que ela significava algo para ele. Ainda que ele não suporte estar na mesma sala que eu, pelo menos ele se importa o bastante com ela para ficar chateado. Isso é tudo que interessa.

— Você vai na limusine, — Harlow diz entrando no quarto. Eu acabei de terminar a minha maquiagem. Decidi ir com um vestido preto simples que se prende ao meu corpo, mas é rodado na parte de baixo. Simples, mas arrumado.

— Ok.

— Você vai ir com G.T.

Eu me viro abruptamente. — Você acha que é uma boa ideia? Nós dois em um espaço fechado?

— Você é da família. Você vai na limusine. Ele ainda não pode montar, então ele vai com você no carro.

— Certo, — eu resmungo. Essa é uma péssima ideia.

— Vamos lá. Estão nos esperando lá em cima. — Harlow está usando o seu colete de couro. Todos os irmãos e suas *old ladies* vão montar em homenagem a Diamond.

— Você vai na sua moto ou vai com Cruz? — eu pergunto enquanto subo as escadas que levam ao salão principal.

— Vou ao lado de Cruz, — ela responde rápido.

Quando eu estou olhando o salão, os olhos de G.T. encontram os meus na mesma hora e me arrastam na sua direção. Eu olho para o lado, não querendo ser levada a um caminho em que vou me machucar, neste momento. Já é muito difícil todos dias, e eu não preciso somar isso aos meus problemas.

Uma comoção na porta chama a nossa atenção e todos os olhos no clube se viram naquela direção. Uma pequena mulher está ali de pé, apontando o dedo para todos e ninguém em particular. Eu me aproximo para ver melhor. Ela está usando um vestido de cetim preto que mostra a sua silhueta de ampulheta. Seu longo cabelo castanho avermelhado cai liso pelas suas costas. Quando ela se vira, eu a reconheço imediatamente.

— Shaina? — G.T. pergunta no sofá ao longe. Meus olhos correm para ele. E ele está gostoso demais. Sua calça preta se agarra as suas pernas, uma camiseta preta justa se abraça ao seu peito e o seu colete é a cereja do bolo. Eu balanço a cabeça e volto a focar em Shaina.

Ela faz contato com ele. — Ora, se não é o garoto de ouro do clube, nascido e criado para comandar esse buraco do inferno. Uma pena que o meu pai teve que morrer para isso acontecer.

— É bom ver você também. Não achei que você fosse vir, — nenhum de nós pensou que ela ia dar as caras por aqui, mas acho que estávamos errados... a relação dela com o pai não era das melhores, pelo menos isso é o que nós sabíamos.

— Ah, qual é G.T. Que tipo de filha eu seria se não viesse me despedir do meu papai? — o seu tom de voz me irrita. Ele é esnobe e arrogante, e totalmente desrespeitoso com Diamond.

— Você não queria falar com ele quando ele estava vivo. Duvido que importe alguma merda que você tenha vindo se despedir, — G.T. late alto.

— Que homem leal e feroz você é, G.T. Não se preocupe, depois de hoje eu vou ir embora para sempre. Assim que você me der o meu dinheiro.

G.T. se levanta do sofá. — Que porra de dinheiro é esse?

— Eu sei que existe uma tonelada de regras de merda nesse lugar. Não existe algo sobre um irmão matar outro? — ela caminha e para na frente dele, sua voz fica gelada quando ela diz as três últimas palavras. Meu corpo tenciona e parte de mim quer ir até lá defendê-lo, mas eu me controlo.

— Sua vadia do caralho. Você acha que eu matei ele? — G.T. ruge.

— Eu acho que você devia ir embora, — Harlow diz ao meu lado. Os olhos de Shaina correm rápido para ela.

— Ah, se não é a Srta. Princesa. Você não está linda usando todo esse couro? — ela provoca Princesa, que fica cara a cara com ela.

— Você precisa calar a boca agora mesmo, ou todos esses homens vão te chutar para fora daqui.

Ela sorri com malícia e se vira para G.T. — E o que você tem a dizer sobre não proteger o meu pai?

— Eu tentei salvar ele, porra, — G.T. estala e uma veia em seu pescoço começa a pulsar.

— Parece que você não fez um trabalho muito bom, hein? — G.T. avança na direção da mulher, mas antes que ele a alcance, Harlow a agarra pelo pescoço.

— Você não é bem-vinda aqui. Se você quer ir ao funeral, tudo bem, mas não se atreva a dar um passo aqui dentro, porra, — G.T. rosna. — Buzz, coloque ela para fora. Agora.

Ele assente, agarra Shaina e a leva para fora do salão.

— Nada como começar assim o dia, — Harlow diz enquanto esfrega as mãos na calça para limpá-las.

— Está na hora, — Pops grita do lado de fora do clube, sem saber de toda a comoção que acabou de acontecer, e todos saem.

— Eu vejo você lá, — Harlow diz quando eu entro na limusine.

— Sim. Sem problemas, — eu não sei se estou garantindo isso a ela ou a mim mesma. Ela assente e vai embora, deixando a porta aberta. Eu me sento o mais na ponta possível do banco, não querendo encostar em G.T. Olho para fora da janela enquanto espero ouvir o rosnado de todas as motos que vão nos seguir. Eu amo esse som.

Meu corpo vibra, sentindo a sua presença antes de sentir o movimento no banco. Eu não me viro para ele nem falo nada. Acho que nem consigo respirar. Isso é o mais perto que já estivemos um do outro desde que eu contei a ele sobre Mia, e mesmo que ele tenha dito coisas horríveis, eu sei que é porque ele estava magoado naquele momento. Não posso dizer que eu não teria feito o mesmo.

Sua respiração é o único som que escuto até que todas as motos atrás de nós rugem para a vida e começamos a andar. O banco começa a tremer repetidamente. Eu olho para ver a perna de G.T. balançando incontrolavelmente enquanto ele olha para as motos, seu rosto se contorcendo. Ele está arrasado por não poder ir na sua moto, montando com os outros. Meu interior se aperta.

Instintivamente minha mão aperta a sua perna, o que o faz saltar, e eu me afasto rápido. — Me desculpe, — eu murmuro e volto para a janela. Calor sobe pelo meu corpo. Ele grunhe, mas nenhuma palavra sai dos seus lábios.

É estranho que no curso de um dia, G.T. e eu destruímos tudo que construímos ao longo dos anos. Palavras. Elas machucam profundamente, mais do que ações. Tudo o que dissemos foi em um momento de dor, e eu sei disso na minha cabeça, mas meu coração é outra história.

Raiva irradia de G.T., e se eu estivesse sentada mais perto dele, provavelmente pegaria fogo. Hoje, no entanto, eu não tenho ânimo para brigar com ele. Quando acordei essa manhã precisei juntar todas as minhas forças, mas nesse momento, nos aproximando do cemitério, a força está me deixando, e sinto apenas a tristeza me estrangulando como uma chave-de-fenda.

Tudo está exatamente igual a quando Bam morreu, a limusine, os irmãos e irmãs atrás do carro e todas os membros das outras facções atrás deles, formando uma corrente de motos infinita. Eu respiro fundo, porque posso e vou fazer isso.

A limusine para e eu aperto o lenço na minha mão, disposta a sair do carro. — Está na hora, — a voz grave de G.T. ecoa nas paredes do carro. Eu assinto e abro a porta. O ar quente acaricia minha pele quando eu me viro para todas as motos. Respiro fundo para parar as lágrimas, mas a dor no meu coração é forte demais e eu tenho medo que elas me derrubem.

O calor bate nas minhas costas e eu suspiro quando G.T. coloca a mão no meu ombro para dar um aperto gentil. A delicadeza do seu gesto é quase demais para suportar, mas eu aceito, mesmo que seja por um breve momento.

Eu acho Harlow na multidão. Ela estaciona sua moto junto com as outras, pega a mão de Cruz e caminha até a limusine. Ela vê o seu irmão atrás de mim e eu posso sentir as adagas que ela está enviando para ele com o seu olhar penetrante. — Tudo bem?

Eu tusso para tirar o nó na minha garganta. — Sim.

— Vamos lá, — ela segura minha mão e me puxa para ir com ela e com Cruz. Eu mantenho o olhar para frente, não querendo olhar para trás e ver G.T. parado ali.

O serviço é longo, o que é esperado, mas toda a comoção está começando a me afetar. Eu olho para G.T., que está apenas alguns metros na minha frente, sua cabeça abaixada, e eu quero ir até lá e abraçá-lo. Amor não é algo que simplesmente desaparece quando você está irritado com a pessoa. Ele sempre se coloca na frente. Ele sempre se eleva sobre todos os outros sentimentos.

E eu sei que as palavras de Shaina o magoaram profundamente.

Entrelaço meus dedos juntos em frente ao meu corpo e olho para o homem falando para o grande grupo. É o mesmo homem que falou no funeral do meu pai; quando seus olhos encontram os meus, ele dá um pequeno aceno de reconhecimento. Eu deixo minha cabeça cair até o peito e não me incomodo de parar as lágrimas que escorrem pelo meu rosto dessa vez. Lembranças de Bam, Mia e Diamond giram tão rápido em minha cabeça que tudo parece estar ficando nebuloso.

Percebo uma mão no meu braço, mas isso não para a tontura em minha cabeça. — Casey, — alguém sussurra em meu ouvido, mas não consigo responder. Minha boca está seca como se eu não bebesse nada há dias. Meu corpo começa a parecer leve. — Casey, — a palavra é mais forte agora, mas ainda não consigo responder. Sinto as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, mas nada disso importa.

— Cruz, algo está errado, — eu escuto Harlow dizer, e eu quero responder, quero dizer a ela que eu estou bem, mas as palavras não saem. Meus joelhos se dobram e eu caio no chão, mas não sinto dor nenhuma. Me sinto apenas entorpecida.

* * *

G. T.

Enquanto estou ali de pé, sinto um grande peso em meus ombros me puxando para baixo. As palavras de Shaina ainda estão ecoando na minha cabeça. Lá o fundo eu sei que fiz tudo que podia para proteger Diamond naquele momento, mas não posso afastar a culpa por não ter conseguido salvá-lo.

Olho para a minha esquerda, para a linda loira parada ao lado da minha irmã. Eu estou tão puto porque ela não me contou sobre o bebê. Eu quero ser racional e dizer a ela que eu entendo, mas não posso, e isso é por causa dela. Pensar no meu filho crescendo dentro dela me traz esse turbilhão de sentimentos, e eu gosto, gosto muito.

Eu disse merdas pesadas para ela. Eu sabia que ela nunca faria um aborto, mas disse isso assim mesmo. Eu também sabia que o bebê era meu, eu nunca tive dúvidas disso. Mas minha maldita raiva continua a me fazer cagar pela boca.

Olhando para o chão eu foco na grama cortada e penso na minha vida. Eu amo o meu clube. Eu vou protegê-lo e todas as pessoas que fazem parte dele. Mas está faltando ela. Casey, meu anjo. É dela que eu preciso.

Uma comoção à minha esquerda chama minha atenção. Harlow e Cruz se abaixam para pegar Casey, que parece estar desmaiando, mas eles não são rápidos o bastante e os joelhos dela batem no chão. Minhas pernas se movem rápido, eu ando empurrando a multidão no caminho.

— Que porra aconteceu? — eu rosno para a minha irmã, que está ajudando Cruz a colocar Casey em uma cadeira.

— Merda. Eu não sei. Ela apenas começou a balançar para trás e para frente, do nada. Eu a chamei, mas ela não respondeu, e então ela simplesmente desabou. Eu tentei pegá-la, — ela se agacha e para entre as pernas de Casey. Seus olhos estão abertos, mas desfocados. — Casey? Me responde, droga, — Harlow grita, estalando os dedos na frente dela.

— É demais para ela. Cruz, levante ela, — ele faz isso e então eu me sento na cadeira e ele a coloca no meu colo. — Está tudo bem. Por favor, volte, — eu abraço Angel o mais forte que consigo; seu corpo cai mole contra o meu.

Depois que o serviço acaba, eu anuncio. — Eu vou levar ela de volta para a limusine. Vamos participar da procissão de volta, e então eu vou colocar ela na cama, — eu tento me levantar da cadeira, mas não consigo manter o seu peso com apenas um braço. — Cruz, me ajuda aqui, porra.

Raiva cresce dentro de mim por eu não poder nem levantar a minha garota, mas aqui não é a hora nem o lugar para essa merda.

— Aqui está, — Cruz a levanta sem esforço, e eu não posso deixar de sentir um pouco de inveja.

— Cuide dela, — Princesa me diz quando aperta meu braço com força.

Eu olho para a minha irmã. — Sempre.

Um sorriso aparece em seu rosto e ela me deixa ir.

A viagem de volta para o clube é silenciosa. A cabeça de Angel descansa no meu colo e seus olhos agora estão fechados. Eu não acredito nem por um minuto que ela está dormindo, e quando ela fala eu sei que ela esteve acordada o tempo todo. — Eu sinto muito. Eu não queria dar um show.

Minha mão acaricia os seus cabelos, sentindo a maciez escorrer pelos meus dedos. — Você não deu show nenhum. Eu sabia que era demais para você. Eu deveria ter estado ao seu lado.

— Você não precisa estar em nenhum lugar em que não queira.

— Eu sempre quero estar onde você está, querida.

— Me desculpe. Eu deveria ter te contado, — eu passo o polegar pela lágrima que escapa pelo canto do seu olho.

— Sim, você deveria, e eu não deveria ter mentido para você também. Nós dois fodemos as coisas.

Ela abre os olhos e me encara, as linhas ao redor deles cheias de preocupação.

— Tudo vai ficar bem.

— Você não sabe isso. Eu acho que as coisas nunca mais vão ficar bem.

Não, eu não sei, mas vou fazer tudo que eu puder para que seja assim. — Nós vamos passar por isso juntos.

Ela arregala os olhos e respira fundo. Quando ela tenta se mover, eu a prendo no lugar com o meu braço. — Fique.

Ela não mexe, mas a tensão que irradia do seu corpo a mantém praticamente amarrada. — Você não está falando sério, — ela suspira e afasta o olhar.

— Olhe para mim, — ela traz os olhos lentamente até os meus. — Eu estava muito puto quando falei aquelas merdas. Eu não falei sério. Você é a minha garota, Angel. Você é a minha garota por todos esses malditos anos, e eu cansei dessa besteira toda. De agora em diante nós vamos resolver tudo juntos. Entendeu?

Ela me encara e pisca. — Você vai conseguir me perdoar por não ter contado sobre Mia antes?

Eu não posso mentir. — Eu quero, mas nesse momento as coisas ainda estão muito cruas. Vamos ter que trabalhar nessa merda. E o mesmo vale para você e o que eu fiz. Mas Angel, dessa vez eu não vou ir embora, eu não vou dar alguma desculpa idiota e não vou desistir de você. Nós estamos juntos; vamos dar um jeito no resto.

— Você realmente acredita nisso?

— Sim, porra. Eu te perdi uma vez, isso não vai acontecer de novo.

Nós fomos os primeiros a chegar no clube, e eu levo Angel para o meu quarto. Depois de tirar suas roupas devagar e vesti-la com uma das minhas camisetas, eu a deito na cama e a cubro com as minhas cobertas. Tiro os sapatos e a calça e então deito o lado dela. — Durma,

— eu digo a ela enquanto passo os dedos gentilmente pelo seu cabelo até sua respiração se acalmar.

Eu saio com cuidado da cama. Eu não quero deixá-la, mas há uma grande festa em homenagem a Diamond que eu não posso perder.

* * *

CASEY

Eu acordo de repente e olho rapidamente ao redor do quarto. *É o quarto de G.T.* Eu suspiro e sinto os lençóis ao meu lado, eles estão frios. Ele provavelmente está na festa de Diamond, que é onde eu deveria estar também. Eu me levanto e pego minha bolsa na mesa. Eu abro e pego três fotografias em preto e branco. São as únicas fotos que eu tenho de Mia, e eu olho para cada uma delas, que mostram apenas um pequeno amendoim no papel.

— Eu te amo, minha garotinha, — eu sussurro, mas dessa vez não sinto as lágrimas enchendo meus olhos, como sempre acontece quando olho para elas. Em vez disso, um sorriso aparece em meus lábios com a lembrança de ter ela crescendo dentro de mim.

A porta se abre e eu salto. Encaro os olhos azuis do homem que me manteve encantada pela maior parte da minha vida. — Você me assustou, — eu digo baixinho.

— O que você tem aí? — ele aponta para as minhas mãos.

— Fotos de Mia, — seu rosto se contorce quando ele chega mais perto.

— Eu posso ver?

Eu sorrio. — Claro, — eu as entrego a ele, seus olhos grudados no papel.

— Ela é um pequeno amendoim.

Eu rio. — É assim que eu a chamava.

Ele me entrega as fotos e se senta na cama.

— O que nós estamos fazendo aqui?

— Eu não sei ao certo, nunca fiz isso antes. Mas eu falei sério no carro, não vou te deixar ir embora.

Meu corpo pulsa com as suas palavras. Eu esperei tanto para ouvir elas. — Eu deveria ir embora amanhã, — eu digo baixinho.

— Eu sei, mas você não pode. É muito perigoso. Não nesse momento. Eu sei como a faculdade é importante para você. Nós vamos dar um jeito com aulas online e coisas assim. Você vai se formar, eu prometo, mas você não pode ficar lá sozinha.

— Eu não quero voltar, — eu sussurro. — Lá é onde Mia estava. Foi naquele apartamento que eu a perdi.

— Venha aqui, — ele abre os braços e eu passo meus braços ao redor da sua cintura e o aperto. — Então você não vai voltar, — ele diz de maneira definitiva.

— Eu queria que tudo fosse simples.

— Olhe para mim, — eu levanto a cabeça e descanso o queixo no seu peito duro. — Isso é simples. Nós vamos achar uma maneira de você conseguir seu diploma e ficar segura. E porque eu sou egoísta, vou manter você aqui comigo.

Eu sorrio para ele. — Egoísta, é?

— Exatamente.

Eu fico na ponta dos pés e levo meus lábios diretamente aos dele. Sua respiração fica presa e minhas mãos correm para as suas coxas. — Você quer isso? — ele rosna.

— Sempre, — eu sussurro nos seus lábios. Ele não me dá tempo para pensar. Sua mão vem atrás da minha cabeça e me puxa na direção dos seus lábios, e nossas bocas se entrelaçam em uma dança perfeita. Ele me puxa para baixo enquanto se senta e eu me escarrancho em cima dos seus quadris, sentindo seu eixo crescer sob a minha calça, junto com a minha umidade, que está sempre lá para ele. G.T. me encara nos olhos.

— É você, Angel. Sempre você, — ele puxa meu rosto para perto do seu e me beija outra vez, mas esse beijo é cheio de promessas, esperança e amor. Eu posso sentir isso em cada fibra do meu corpo, e quero acreditar nisso. Mais do que tudo. Eu quero isso... quero ele. Sendo o mais cuidadosa possível para não tocar no seu braço e ombro,

coloco os braços ao redor do seu pescoço e começo a me balançar para trás e para frente contra o seu corpo.

Nossos lábios fazem uma dança mágica que é sensual e carinhosa, não como das outras vezes. Isso é diferente, quase como se estivéssemos em um nível diferente. Uma coisa que eu sempre amei em G.T. é a sua intensidade, mas isso... isso está fazendo o meu coração apertar.

Eu continuo a balançar meu corpo contra o dele, o massageando e o sentindo ficar duro como pedra. Ele passa os dedos pelo meu cabelo e me puxa exatamente para onde ele me quer, me dando um beijo tão profundo que aumenta ainda mais a conexão já intensa crescendo entre nós.

Eu me afasto lentamente, precisando de um pouco de ar, e eu estou ofegante. Descanso minha testa na dele. — Eu preciso de você, Angel, — todo o meu corpo se incendeia com as suas palavras, pulsando e latejando. — Tire a camiseta, — ele ordena e eu obedeço com satisfação, jogando-a no chão.

* * *

G. T.

Seus mamilos rosados se levantam pedindo atenção e me imploram para prová-los. — Dê eles para mim, — Casey se apoia em seus joelhos e coloca as mãos nos peitos, levando eles até a minha boca. Eu amo o jeito que ela me ouve durante o sexo; me deixa excitado pra caralho. Com a minha língua e meus dentes eu ataco essas belezas. Coloco um mamilo na boca e chupo com força, sentindo-o endurecer enquanto trabalho nele. Os gemidos de Casey me estimulam. Eu amo os sons que ela faz quando a gente transa.

Seu mamilo salta da minha boca e eu dou atenção ao outro, dando o mesmo tratamento que o primeiro. Eu nunca conheci uma mulher antes que conseguisse gozar só de ter os mamilos chupados e mordidos, mas minha Angel consegue. Sua respiração fica cada vez mais ofegante. Ela está perto. Eu me afasto. — Brinque com o seu clitóris — Sua mão escorrega para dentro da calcinha. Apenas um toque e ela explode como um relâmpago. Sua cabeça cai para trás e ela aperta a boca fechada, abafando seus gritos. Foda-se isso.

Ver ela gozar é a coisa mais quente que eu já vi na vida. Sua respiração se acalma e ela desce do meu colo, seus olhos grudados nos meus. — Na próxima vez eu quero te ouvir. Me entendeu? — ela acena com a cabeça. — Eu não ouvi.

— Sim.

— Angel. Eu vou precisar da sua ajuda aqui. Tire a calcinha, — ela se mexe rápido e para ao lado da cama, enquanto eu me deito de barriga para cima, com cuidado para não esmagar o maldito braço. — Na primeira gaveta.

Ela sorri e vai até a primeira gaveta da mesa de cabeceira para pegar uma camisinha. Eu abaixo as calças rapidamente e consigo tirá-las usando os pés. Meu pau salta livre, ela pega a camisinha, a coloca sobre a cabeça inchada e a desliza pelo meu eixo. Apenas o leve toque da sua mão já me deixa pronto para gozar.

— Está bom assim?

— Sim, Angel. Sobe, — ela se posiciona acima do meu pau, e de uma forma dolorosamente lenta, vai se abaixando centímetro por centímetro. Eu quero empurrar ela com força, mas me controlo, pelo menos por enquanto. Ela começa a me montar, subindo e descendo, seu cabelo voando de um lado para o outro. Apenas essa visão me faz inchar ainda mais dentro dela.

Com os pés apoiados em cada lado dos meus quadris, a única parte do seu corpo que está tocando em mim é a sua buceta gostosa enquanto ela desliza para cima e para baixo. Suas pernas são fortes e ela me monta cada vez mais duro. Meus quadris empurram para cima com força, e eu uso minhas pernas para me dar a força que meu braço não tem. Angel apoia as mãos no meu abdômen e eu coloco a minha no seu quadril.

Empurro dentro dela e a puxo para baixo cada vez com mais força. — G.T., — ela grita e seus gemidos ficam mais altos, me levando junto.

— Se toque, agora, — eu lato. Ela desliza a mão lentamente até a sua buceta doce. Ela se esfrega e enquanto eu observo, meu pau entra e sai duro do seu aperto molhado. É a melhor coisa que eu já vi. — Goza pra mim, Angel.

Como se estivesse esperando a minha ordem, ela explode gritando meu nome alto o bastante para que cada filho da puta nesse lugar

possa ouvir. Mais três estocadas dentro dela e eu gozo duro, rebentando na maldita camisinha. Eu odeio essa merda, mas ela é necessária. Angel é a única mulher que eu já fodi sem uma, mas com toda a história sobre Mia, ainda não é a hora.

Angel desaba sobre o meu ombro bom, com cuidado para não tocar no outro. Sua respiração está inacreditavelmente difícil enquanto ela tenta tomar fôlego. Eu percebo que estou fazendo o mesmo, mas a aperto com mais força, não querendo que ela se afaste.

* * *

A primeira hora da missa é uma homenagem a Diamond. As histórias contadas aqui envolvem negócios do clube que não precisamos que sejam ouvidas por outras pessoas. Quando a discussão volta ao dia em que ele morreu, eu me preparo. Estou esperando o julgamento dos meus irmãos, mas ele não vem. Eu não posso dizer que estou aliviado, porque não importa quanto ódio possam sentir por mim devido a essa situação, não se compara ao ódio que sinto de mim mesmo.

Afastando esses pensamentos, eu olho ao redor. Pops está sentado na cabeceira da mesa. À sua direita está Dagger, e à esquerda há uma cadeira vazia. Meu estômago revira porque eu sei o que vem a seguir.

— Certo, próximo ponto. G.T., estamos felizes de ter você de volta, filho, — Pops diz feliz. — Diga aos irmãos como você está se sentindo.

— Obrigado. Eu estou bem. Meu braço e o peito estão cicatrizando bem.

— Nós tivemos uma conversa enquanto você estava de cama, — aí vem. — A votação para VP está entre você e Becs.

Eu assinto e olho para Becs, que faz parte do clube há tanto tempo quanto Pops. Ainda que Diamond e Pops tenham me preparado para esse papel desde que eu tinha treze anos de idade, algo dentro de mim me diz que não é a hora. E eu estou bem com isso. Eu realmente sinto um peso sendo tirado dos meus ombros com essa compreensão.

— Eu voto em Becs. Ele é o homem para o trabalho, — todos os olhos imediatamente se viram para mim, até mesmo os de Pops. — Eu retiro o meu nome da votação. Becs deve ser o VP.

— Você tem certeza? — Pops pergunta.

— Absoluta, — eu me viro para Becs e acendo um cigarro, tragando profundamente.

— Vamos votar então.

A votação é rápido e Becs é o nosso novo VP, e eu estou realmente aliviado. Embora eu seja totalmente capaz de assumir essa posição, ainda não é a minha hora. Eu não sinto isso. É melhor para o clube assim, deixar que a antiga geração dê continuidade ao legado que eles iniciaram. Eu vou ter a minha vez.

— Nós precisamos atualizar G.T. sobre o que está acontecendo. Dagger, é com você, — Pops diz.

— Paine precisa morrer, — eu sou totalmente a favor disso. — Ele entrou em contato comigo um dia depois de Diamond ser assassinado. Disse que um já era e mais iam morrer. Filho da puta, — meu sangue ferve. Ele não vai ameaçar os meus irmãos. Eu não vou permitir isso. — É por causa do território. Pops, você precisa me ajudar aqui, porque eu entrei um ano depois de tudo ter acontecido, mas isso foi o que entendi. Cerca de quinze anos atrás, Zane, o pai de Paine, era o dono desse território. Nós precisávamos de acesso a ele porque era uma rota direta para a Flórida. Zade não queria permitir a passagem. A guerra estourou e nós entramos nessa. Houve tiroteios e sangue por todo o lado, mas o Ravage ganhou e tomou o território. Zade ficou puto e quis vingança. Diamond sugeriu uma luta corpo a corpo.

— Becs e eu estávamos lá. Foi feio, — Zed intervém. Becs assente.

Dagger continua. — Zane concordou, e jogou sujo. Mas de alguma forma Ravage conseguiu vencer e ganhou a terra de forma justa. Zane deixou essa merda para lá. Ele morreu cerca de um ano depois e seu filho mais velho, Paine, assumiu os negócios. Ele quer as terras de volta, de qualquer maneira.

— Certo. O que ele está oferecendo? — eu pergunto assoprando a fumaça.

— Merda nenhuma. Ele disse que vai tomar as terras de volta, como se nós tivéssemos roubado elas do seu pai. E se não desistirmos, ele vai acabar com cada um de nós, um por um.

Fúria explode em minhas veias. Dagger está absolutamente certo. Esse filho da puta vai morrer. — O caralho que ele vai. Onde ele está? — eu exijo saber.

— Fora do radar. Não consigo encontrá-lo. Ele sumiu depois da ligação. É como se fosse um maldito fantasma, — Cruz passa as mãos pelo cabelo com frustração. — Ele foi visto pela última vez em uma lanchonete. Depois disso, desapareceu.

— Você perguntou para todos os nossos contatos? — eu me dirijo a Cruz. Eu posso não ser o VP, mas eu preciso descontar o tempo perdido devido às minhas férias forçadas.

— Sim. Todos menos Ransom me responderam. Eu espero ouvir algo dele até o fim do dia com algo que valha a pena, depois dele ter a confirmação. Mas fora isso, nada. Nem sinal do filho da puta.

— De onde o dinheiro dele está vindo? — eu pergunto. Ninguém consegue sumir do radar tão bem assim sem um bom dinheiro.

— O clube dele ainda está ativo. Apenas Paine parece ter sumido. Mas tenho certeza que ele levou alguns homens com ele, — Dagger responde.

— Então vamos achar alguns membros do seu clube e fazer eles falarem, — eu falo com toda seriedade.

— Concordo com isso. Vamos levá-los para aquela pequena casa na floresta. É tranquilo lá, — Dagger sorri, o filho da puta sádico.

— Ótimo, vamos fazer isso! — eu digo e bato as mãos na mesa, realmente animado por estar de volta ao jogo.

— Nós vamos, você fica, — Pops fiz, cortando minha empolgação.

— O quê? — eu rosno me lembrando das suas palavras no outro dia e não gostando delas nem um pouco.

— Isso não é algo novo. Você fica aqui até estar 100% recuperado. Não podemos ter você lá com apenas uma maldita mão, — Pops rosna de volta.

— Que besteira. Eu estou bem, eu dirijo o carro, — eu digo, sabendo que uma das razões é eu não posso montar ainda.

— Não. Fim de discussão, — Pops diz, batendo o martelo.

— O que eu devo fazer, então? Ficar aqui sentado com o dedo na bunda? — eu pergunto realmente irritado agora.

— Por que você não vai comer Casey? Liberar um pouco dessa tensão, — Rhys disse com uma gargalhada.

— Você apenas está com inveja porque ela está na sua cama, — eu digo me levantando da mesa e saindo da sala, para fazer exatamente isso.

* * *

— Onde você está indo? — eu lato quando entro no meu quarto. Angel está guardando seu vestido da noite passada e juntando todas as suas coisas.

— Eu descii e empacotei minhas coisas. Breaker vai ir comigo, — Angel diz sem olhar para mim.

— Nós não tivemos essa maldita conversa ontem à noite?

— Calma, garotão. Eu preciso ir falar com os meus professores e ajustar algumas coisas. Vou estar de volta em alguns dias. Não se preocupe.

— Não.

Ela para na metade do que está fazendo, se vira e me encara. — O que você quer dizer com *não*?

— Você não vai ir sem mim, — eu digo com firmeza. — Eu vou te levar até lá.

— Você não vai dirigir o meu carro com apenas uma mão, — ela diz. Um pequeno sorriso aparece em seus lábios.

Eu me aproximo dela. — Se apresse. Nós vamos sair em duas horas.

Ela levanta os olhos para encontrar os meus. Eles brilham e sua respiração fica ofegante. — Esse é o velho G.T. que eu conheço, — ela morde o lábio inferior com os dentes.

— Exatamente. Aqueles malditos remédios estavam mexendo com a minha cabeça. Doc me deu uns novos, que não me fodem tanto.

— Você tem certeza que pode dirigir?

— O que você acha? — ela não diz nada, apenas anda ao meu redor na direção da porta. — Eu vou estar lá embaixo.

— Mas que merda foi aquela, garoto? — Pops invade o meu quarto enquanto estou colocando camisetas em uma mochila.

— O quê?

— Por que diabos você não quis ser o novo VP? — a veia saltada no seu pescoço me diz que ele está com o coração acelerado.

Eu me sento na cama e passo a mão no rosto. — Eu amo esse clube. Eu sou esse clube, Pops. Mas essa é a vez de Becs. A minha vai vir depois.

— Depois que eu estiver morto, porra, — ele rosna. — É melhor isso não ter nada a ver com Casey.

Minha raiva incendeia ao som do nome dela sendo dito de uma maneira tão depreciativa. — Não, não tem nada a ver com ela. Isso é coisa minha, assim como cada maldita coisa.

— O que isso significa?

— Nada. Olhe, Pops, essa era a coisa certa a fazer. Apenas deixe assim.

Pops aperta os punhos, mas acena com a cabeça.

— Eu tenho que levar Angel para resolver umas coisas. Ela vai voltar para casa e dessa vez não vai mais ir embora, — eu digo enquanto coloco uma calça jeans na mochila.

— Ótimo. Então talvez você consiga tirar a cabeça da bunda, — ele diz abrindo a porta e a batendo com força ao sair.

Algumas decisões que nós tomamos são boas, outras não. Lá no fundo eu sei que ser VP não é o que deve acontecer comigo agora.

Onze

G. T.

Eu olho para uma Angel agitada no banco do passageiro, suas mãos no colo e nem um dedo sequer parou de se mover desde que saímos do clube. — Nervosa, Angel?

Ela olha para mim e um sorriso aparece em seus lábios. — Um pouco, — ela engole em seco e olha pela janela. — Nós estamos indo para o lugar em que eu pensei que teria Mia e onde a perdi. Apenas é difícil voltar.

Um nó se forma na minha garganta, mas uma pequena tossida ajuda ele a passar. Eu quero segurar a sua mão, mas como estou dirigindo com apenas um braço, isso não vai acontecer. — Eu estou aqui, Angel. Nós vamos superar isso, — eu tento tranquilizá-la.

Não posso dizer que estou feliz por vir aqui e que não há raiva alguma quanto a isso. Mas ela não queima como no início. Agora, é mais sobre o fato de eu não ter feito parte disso. Arrependimento. Embora eu saiba lá no fundo que estava à parte de tudo, ainda não me sinto bem. Se eu não tivesse mentido, talvez, apenas talvez Mia ainda estivesse aqui. Nós poderíamos ser uma família. Eu paro o carro no semáforo e passo a mão no rosto tentando limpar minha mente.

* * *

Eu estaciono em frente ao edifício e Angel dá um pequeno suspiro antes de abrir a porta. Eu a sigo e dou a volta no carro rapidamente

para passar meu braço bom ao redor do seu corpo. Esfrego meu nariz no seu pescoço e a puxo com mais força contra mim. — Está tudo bem. — Ela assente com a cabeça. Eu solto a sua cintura e seguro sua mão quando entramos no elevador. Dou um apertão gentil em sua mão antes de soltá-la para abrir a porta.

— Casey! — uma voz profunda chama da minha esquerda e eu rapidamente coloco Angel atrás de mim. Um cara usando bermuda e uma camiseta chique vem na nossa direção. Angel vai falar, mas eu a interrompo.

— Quem diabos é você? — o cara estremece e a mão de Angel cai do meu ombro quando ela dá a volta ao meu redor.

— G.T., se acalme. Esse é Jace, — ela sussurra.

— E isso não significa merda nenhuma para mim, — minha raiva estala. Meus olhos estão fixos no homem vindo pelo corredor na direção da minha garota. O idiota tem a coragem de continuar vindo; seus olhos mostram um pouco de medo, mas não o bastante.

— Ele me levou para o hospital e ficou comigo. Ele é meu amigo, — ela esfrega o meu braço para cima e para baixo, enviando choques para o meu pau. Mas agora não é hora de ficar duro. E então eu percebo que Jace é o nome que Princesa me disse. Merda.

— Você cuidou das minhas garotas, — eu digo quando o encaro direto nos olhos. — Eu aprecio isso, — isso é o mais perto de um agradecimento que ele vai ter, porque não confio no sujeito.

Casey anda ao meu redor. — Oi, Jace. Esse é G.T.

— Eu imaginei, — seus olhos não se deixam os meus, e não posso afastar a sensação de que há um impasse de algum tipo. Seja lá que porra seja isso, eu vou acabar com ele.

Eu rosno. Angel passa os braços ao redor da minha cintura e se inclina em mim levemente, meu corpo instantaneamente aquecendo com o dela e calma corre por mim.

— Nós apenas viemos pegar algumas coisas e ir ver minha situação na faculdade. Eu vou voltar para casa, — os olhos de Jace se voltam na mesma hora para Casey, e uma leve vermelhidão sobe pelo seu pescoço.

— O quê? — ele perguntou para ela e eu me preparo para o que vem a seguir.

— Eu estou voltando para casa, Jace.

Ele fecha as mãos em punhos como se fosse dar um soco e eu puxo Angel para trás de mim. No instante que faço isso, Jace solta uma respiração profunda e solta os punhos. Mas seus olhos são frios e duros. — Alguns dias em casa e você joga tudo fora, — o seu desagrado é perfeitamente visível.

— G.T. não vai me machucar, — ela vem para o meu lado, mas eu a mantenho apertada contra o meu corpo. — Jace. Eu não vou jogar nada fora. Eu vou terminar a faculdade, mas vai ser online. Eu preciso estar em casa.

— Eu achei que você estava recomeçando. Eu achei... — sua voz falha e eu preencho as lacunas.

— Você achou que ela ia montar no seu pau. Nope. Não vai acontecer.

— G.T.! — Angel me repreende, mas eu a ignoro e ela rosna. — Quando vocês dois acabarem com essa competição para ver quem mija mais longe, eu vou estar lá dentro fazendo as malas, — ela destranca a porta e entra irritada.

— Fique longe dela, porra, ou eu vou te colocar no chão. Ela é minha, — eu cerro os punhos com força.

— Ela não é uma propriedade que você pode reivindicar, — ele late cruzando os braços sobre o peito. A pontada de medo que eu vi antes sumiu e foi substituída por desafio.

— Ela vai ser minha propriedade muito me breve, e vai usar o meu couro. Fique longe, — eu o encaro, entro no apartamento e fecho a porta na sua cara. De jeito nenhum que esse otário vai entrar aqui. Eu vou acabar com ele.

Quando entro no lugar, tudo ao meu redor é a cara de Casey, desde a cor das paredes até as revistas de carros jogadas sobre a mesa. Eu ando pelo pequeno corredor e olho no primeiro quarto. Angel está juntando suas roupas.

Ela me olha e suspira. — Você não precisava falar assim com ele.

— Sim, eu precisava. Ele quer entrar nas suas calças e isso não vai acontecer, — eu me viro e me inclino contra a porta.

— Eu não quero ele. Eu sempre garanti que ele soubesse que nós somos apenas amigos e nunca lhe dei qualquer indicação de que fosse algo mais. O meu coração é seu, G.T., sempre foi, — ela sorri enquanto se aproxima e agarra a minha camisa.

Meu coração aperta. — Exatamente, o seu coração é meu, mas baby, você precisa abrir os olhos, porque esse homem te quer, — ela para e me encara, então volta para as suas roupas.

— Ele pode me querer, mas eu não o quero, — eu aceno e entro no quarto. — Se sente, — ela diz apontando para a beira da cama.

— Você precisa falar com o senhorio sobre o apartamento. Para encerrar a locação. Você quer que eu faça isso?

— Meu contrato é de um ano. Eu vou ter que pagar a multa.

Eu estalo as juntas dos dedos. — Eu vou cuidar disso.

— Não machuque o pobre homem, — ela sorri.

— Eu? Nunca, — eu me inclino para trás, apoiado no braço bom.

— Eu preciso achar um outro lugar para ir primeiro, então posso deixar minhas coisas aqui até lá. Me dê um mês, mais ou menos.

— Os meus irmãos vão levar as suas coisas e você vai morar comigo.

— O quê? Não. Nós temos muitas coisas para resolver.

— Sim. Nós temos. Até que o bloqueio acabe, nós vamos ficar no clube. Quando formos liberados, vamos ir para a minha casa. Se você quiser uma diferente, eu vou comprar uma para você. Mas sob nenhuma circunstância você vai se mudar para algum lugar que não seja ao meu lado. Nós vamos resolver nossos problemas, mas não vou passar mais nenhuma noite sem você na minha cama e nos meus braços.

Angel vai protestar, mas um grito interrompe suas palavras.

— Puta que pariu! — eu salto da cama e paro na frente de Angel. A voz da mulher é doce como mel e porra, ela é linda – mas não tanto quanto a minha Angel.

— Bella! — Angel se move tão rápido que eu não consigo segurá-la, e ela se atira nos braços da mulher. Ela me contou um pouco sobre Bella.

Angel solta a amiga e seus olhos se arregalam quando ela faz contato visual comigo. — Oi, — eu digo e me sento na ponta da cama.

— Bem, oi, G.T., — a voz sensual de Bella é intoxicante.

— Eu vejo você me conhece, — eu sorrio presunçoso.

— Fotos. Casey me mostrou algumas. Mas você é muito maior pessoalmente.

— É o que todo mundo diz, — eu sorrio e Angel bufa, revirando os olhos.

— E ainda tem uma covinha para completar. Droga, garota. Você tem que levar a esse clube! — Bella se vira agarrando os ombros de Casey e minha espinha endurece, os olhos estreitando.

Quando a linda risada de Casey ecoa pelo quarto, eu me permito relaxar um pouco. Faz um bom tempo desde que ouvi uma risada despreocupada vindo dela. Eu amo isso.

— Eles iam comer você viva e, sem ofensas, mas eu não vou ser a responsável por te dar de alimento para os lobos, — Casey diz voltando para as suas roupas.

— Eu não quero todos os lobos, só Buzz. E talvez o irmão dele.

— Isso pode ser providenciado, — eu me movo para cima na cama e descanso as costas contra a cabeceira.

— Ah, eu gosto dele, — Bella diz olhando para Casey. — Um homem que faz as coisas acontecerem. Amei!

— Baby, você ainda não viu nada. Se você for ao clube, prometo que vai ter muita diversão.

Casey limpa a garganta e me encara. Eu levanto a mão em uma espécie de falsa rendição e lhe dou um grande sorriso. — Não comigo, baby.

— Sim. Certo, — ela murmura e volta para o armário. Eu não vou deixar isso passar.

— Angel! — eu grito com rigidez e ela para no meio do caminho, se virando com a mão no quadril. — Não há mais ninguém além de você, ok? — ela assente, mas não acredita nisso, e então volta para o armário. Eu sei que vou ter que fazer ela acreditar.

* * *

CASEY

Eu me deito na cama e repasso a conversa sobre morarmos juntos. Eu sei que o assunto vai voltar em algum momento, mas eu não posso me colocar em uma situação em que dependo de G.T. de jeito nenhum. Não ainda. Morar com ele agora apenas não é uma opção. Ele vai brigar comigo sobre isso, e eu vou precisar bater o pé. Por nós dois.

Ele ainda tem que entender completamente e sentir tudo que precisa quanto a Mia e o que eu fiz para ele. Quando os sentimentos por Mia vierem como um golpe, preciso ter certeza que ainda vai haver um lugar para mim. Mas eu preciso ir para casa. Não apenas por causa do bloqueio e do clube, mas por mim.

Será que eu me sentiria diferente se Mia estivesse aqui comigo? Talvez. Mas ela não está, e tudo mudou em um piscar de olhos. A vida se despedaçou tão rápido e eu não posso me apoiar em G.T. para reconstruí-la. Preciso fazer isso sozinha.

E eu preciso fazer isso em Sumner, não aqui. Considerando como minhas notas caíram nas últimas semanas e que estou pendurada por um fio para não reprovar, acho que aulas online em casa vão ser a melhor opção. Talvez G.T. e eu consigamos passar por tudo isso e sair mais fortes do outro lado. Uma mulher pode ter esperança.

Rolando para o lado, observo o leve subir e descer do peito nu de G.T., o lençol mal cobrindo a parte de baixo do seu corpo. Eu quero lambe cada uma das suas tatuagens, desde as tribais até os símbolos do Ravage Club que sobem pelos seus braços e peito. Mas eu não vou acordá-lo. Ele precisa se recuperar e ter o braço normal de novo. Em vez disso, deslizo para fora da cama silenciosamente e vou para o banheiro.

Quando termino, coloco uma camiseta e um short e vou para a cozinha. Eu preciso de café. Enquanto espero ficar pronto, pego meu telefone e o ligo. Ele vibra na mesma hora e eu foco na tela. Uma mensagem de Jace aparece. *Preciso falar com você, venha aqui no meu apartamento, por favor.*

Eu respondo. *O que está acontecendo?*

A resposta é imediata. *Venha aqui, por favor. Eu realmente preciso falar com você.*

Eu suspiro. Ele tem sido um ótimo amigo desde que eu cheguei aqui e me ajudou com Mia. Eu realmente não quero brigar. *Vou estar aí em alguns minutos.*

Ele responde apenas com um ☺.

Entro silenciosamente no quarto e coloco uma calça jeans, sutiã e outra camiseta. G.T. está ressonando alto na cama. Apenas a visão dele me faz sorrir.

Rapidamente escrevo um bilhete lhe dizendo onde eu estou e o deixo no balcão, então saio trancando a porta atrás de mim. A pequena caminhada até o apartamento de Jace não faz nada para dissipar a minha tensão. Eu quero que ele fique feliz por mim, e não chateado.

Bato baixinho na porta e ela se abre rápido, me assustando. Ele devia estar esperando.

— Oi, — ele sorri.

— Oi. O que está acontecendo? — eu pergunto olhando em seus olhos, eles têm uma faísca que eu não sei o que significa.

— Entre.

Eu entro no apartamento e quando ele tranca a porta, arrepios descem pela minha espinha. Eu nunca estive no seu apartamento antes. Ele sempre veio para o meu, e eu nunca parei para pensar muito nisso. O lugar é simples, com o mínimo de mobília. A cozinha está cheia de caixas de pizza e garrafas de cerveja, meio que me lembrando do clube.

Eu paro na sala de estar. — Jace, o que é tão importante que você precisou me chamar aqui? Eu não quero brigar com você.

— Eu também não quero. Eu apenas fiquei chocada quando você me disse que estava indo embora, — ele aponta para o sofá. — Por favor, sente.

Eu me sento e, por alguma razão, sinto que preciso me justificar. — É o melhor para mim. Eu vou terminar a faculdade e vou trabalhar na oficina. Isso vai me ajudar a trabalhar todas as emoções de perder Mia.

— Você trabalhar suas emoções aqui. Você não pode apenas ir embora por causa dele, — sua linguagem corporal muda diante dos meus olhos. Seu corpo endurece e suas mãos apertam os joelhos, como se ele estivesse tentando mantê-las no lugar. Um arrepio corre pelas minhas costas, e eu sei que vir até aqui não foi uma boa ideia. Algo não está certo.

— Eu não estou indo embora por causa de G.T. Estou indo por mim. Minha família está lá, — eu começo a calcular minha distância da porta.

— Como você sabe o que você precisa? — ele late e os pelos nos meus braços se levantam. Todo esse tempo em que convivi com ele, nunca, jamais ele falou comigo dessa maneira. Eu preciso sair daqui. Agora.

Eu me levanto lentamente do sofá e, sem deixar de olhar para Jace, começo a ir até a porta. — Jace, você tem sido ótimo e me ajudou muito. Eu vou manter contato, eu prometo.

— Você precisa parar de andar até a porta, — seus olhos se tornam cruéis, meu coração bate tão rápido que eu acho que ele pode explodir. Meu peito se aperta quando o medo aumenta.

— Eu estou indo, Jace. Falo com você depois, — meus pés se movem rápido quando me viro e puxo a maçaneta, mas nada acontece. Jace se levanta do sofá e anda na minha direção de uma maneira predatória. Suor escorre pela minha testa e eu começo a entrar em pânico.

— Você vai precisar puxar a trava em cima da porta, e vai precisar de suas mãos para isso, — ele sorri, mas não de um jeito que me deixa confortável.

Sua mão agarra o meu ombro e eu salto. — Por que você está fazendo isso? — eu pergunto, minha respiração cada vez mais ofegante quando o aperto no meu peito se constringe ao ponto da dor.

— Eu passei semanas segurando você quando perdeu o bebê. Antes disso, passei meses tentando te mostrar que nós faríamos um grande casal. Então, de repente, uma ligação para ir para casa e você está indo embora? Eu não posso aceitar isso, Casey. Nós devemos ficar juntos.

Eu respiro profundamente, uma sensação de puro terror me abraça; isso não vai acabar bem. Minha primeira reação é tentar fugir,

mas eu controlo, sabendo que ele vai conseguir me alcançar, e não só isso, eu não posso correr para dentro do seu apartamento, porque não há outra forma de sair. Penso rapidamente no que Harlow faria, levando meu joelho com força e bato com tudo nas suas bolas.

Ele rosna e me solta para segurar a sua virilha, tropeçando para trás. Eu viro rápido e olho para a trava bloqueando a porta. O corpo duro de Jace me esmaga contra a porta quando eu tento alcançar a trava. Eu choramingo com o impacto, mas começo a lhe dar cotoveladas com tudo que eu tenho, o acertando na lateral do corpo. Ele me solta, mas passa um braço ao redor do meu corpo e me puxa para o sofá, me jogando em cima dele.

Seus olhos são selvagens, e nada como os do Jace que eu conheço, ou conhecia. Eu me movo rápido, rolo para fora do sofá e fico de pé para me afastar dele. Como estamos no terceiro andar, a janela dificilmente é uma opção de saída, mas eu vou pular, se for preciso.

Eu olho ao redor, procurando por algo duro, mas não encontro nada. Ele se atira para mim e eu saio rápido do caminho, mas meu cabelo fica para trás. Ele o agarra firme e me puxa. Ele usa tanta força que lágrimas enchem os meus olhos.

Eu mexo os braços, tentando acertá-lo de alguma maneira, mas ele passa os braços ao redor de todo o meu corpo e me prende com força.

— Você é minha, Casey. Não de um motoqueiro estúpido que não dá a mínima para você. Você vai vir comigo.

— Não. Eu não sou sua! Eu vou voltar para o meu apartamento, Jace. Me solte, — eu luto contra o seu aperto.

A risada que escapa dos seus lábios está cheia de raiva maligna. Ele me aperta com tanta força, eu preciso dar o fora daqui rápido. Eu piso no seu pé com o meu calcanhar usando toda a força que eu tenho. Seu aperto afrouxa um pouco, mas é o bastante para eu lhe dar uma cotovelada nas costelas. Ele me solta e eu me afasto rápido.

— Casey, eu não quero te machucar, mas você não está me deixando escolha, — ele rosna e vem para mim, mas não usando tanta força quanto antes, então eu consigo pular para o lado e acabo acertando uma mesinha de centro. Um pequeno vaso de cerâmica cai no chão e se estilhaça em vários pedaços. Pensando rápido, eu pego um desses pedaços com uma ponta bem afiada. Assim que Jace vem para mim, eu o corto no rosto.

Eu me levanto tropeçando rápido; alcanço a porta e uma mão segura meu braço com força. Sem pensar, eu viro e o esfaqueio no peito com toda a força, usando o pedaço do vaso. Usando ao máximo todos os músculos do meu corpo, eu giro e lhe dou um chute no estômago, o que o faz tropeçar para trás. Eu deixo cair o pedaço de cerâmica no chão e destravo a porta.

Corro até a minha porta procurando entre as minhas chaves, então quando chego ela já está pronta. Eu abro a porta enquanto continuo olhando para trás para ter certeza de que ele não está me seguindo, e graças a Deus ele não está. Eu abro a porta de supetão, fecho, tranco e corro para o quarto mais rápido do que já achei que pudesse correr. — G.T.! — eu grito com o resto de forças que sobrou no corpo. Ele salta da cama e olha ao redor rapidamente.

Eu me jogo nos seus braços, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Que porra aconteceu, Angel? — ele me abraça apertado.

— Jace. Ele me mandou uma mensagem e eu fui falar com ele. Ele...

Ele se afasta, me separando do conforto que desesperadamente preciso. — Ele o que, Angel? — sua voz agora cruel envia um arrepio pela minha espinha.

— Ele... me disse que eu era dele e que ia me levar embora. Ele... — eu levanto a manga da minha blusa e mostro a ele as grandes marcas vermelhas que, sem dúvidas, vão se tornar enormes hematomas amanhã, e também minhas mãos cobertas de sangue. Ele se mexe tão rápido que quase me derruba no chão.

— Onde diabos ele está? — ele pergunta enquanto abre a sua mochila. Ele procura e tira a sua arma, soltando a trava usando o braço imobilizado, embora não deva fazer isso.

— No apartamento dele. Por favor, não me deixe sozinha! — eu imploro a ele.

Ele se vira, me olhando nos olhos. — Angel. Eu preciso cuidar disso. Você está machucada em mais algum lugar? — sua mão corre pelos meus hematomas e eu balanço a cabeça para dizer não. — Ele nunca mais vai te machucar, — ele me entrega uma arma. — Se ele vier aqui, você atira. Não precisa de motivo. Não faça perguntas. Atire nele sem hesitar, Angel, — eu assinto. — Eu vou voltar.

G.T. se veste rápido e sai do quarto segurando outra arma já apontada para a frente. Eu entro no meu armário e fecho a porta. Me enfito o máximo que consigo em um canto, aperto a arma na mão e espero.

* * *

G. T.

Eu pego o celular de Angel em cima do balcão quando passo, discando enquanto continuo andando.

— E aí, Casey? — Cruz responde no segundo toque.

— É o G.T. Venha para cá agora. Traga todos os irmãos.

— Agora mesmo. Detalhes?

— O cara que ajudou com Mia tentou sequestrar Casey. Estou entrando no apartamento dele agora. Venham rápido.

— Entendido.

Coloco o celular no bolso e ando segurando a arma com minha mão boa. Eu deslizo em minhas botas, abro a porta lentamente e olho para o corredor, não vendo nada nem ninguém. Vou até a porta de onde vi o babaca sair mais cedo e tento abri-la, mas está trancada. Eu deveria fazer isso sem deixar vestígios, mas foda-se. Parado na frente da porta com minha arma apontada, eu chuto a madeira e sinto que ela está presa na parte de cima. O filho da puta deve ter um tipo de trava ali. Eu continuo chutando até que a porta se rompe e eu entro, fazendo uma varredura do lugar rapidamente.

O lugar está vazio. — Ei, cuzão! — eu grito. Olhando ao redor, vejo que o lugar está uma bagunça. Uma mesa está virada e tem sangue por todo o carpete. Ela me mostrou que não estava sangrando, então estou feliz que é o sangue do filho da puta que foi derramado. Eu estou totalmente orgulhoso da força dela.

Dou uma volta pelo lugar e escuto, mas não ouço nada. Ando pelo apartamento sem fazer um ruído, conferindo cada um dos cômodos. Não há nada, exceto um rastro de sangue na sala, no quarto e no banheiro. O desgraçado se foi. Mas como diabos ele saiu e deixou aquela maldita trava abaixada? Eu preciso me apressar. A polícia

provavelmente já foi chamada, mas nós estamos com sorte que nenhum vizinho metido veio correndo ver o que está acontecendo.

Eu vou até as janelas. A do quarto dá para uma escada de incêndio. Eu olho para cima e para baixo e não vejo nada. Se o filho da mãe saiu por aqui, ele já se foi. — Merda!

Olho ao redor rápido, procurando por algo que seja útil. Na sua mesa tem um laptop, que eu levo comigo. Olho nas gavetas da cômoda, onde há muitos pen drives e CDs, pego tudo e coloco nos bolsos. Alguns cadernos de espiral estão por ali e eu também os agarro, colocando tudo no balcão da cozinha. Abro e fecho todas as suas gavetas do quarto rapidamente e então vou para o armário. Nada aparente.

Na cozinha é a mesma coisa, nada que me chame a atenção. Como eu preciso dar o fora daqui, pego todas as merdas que achei e volto para o apartamento de Angel. Passo pela porta e a tranco atrás de mim, colocando tudo que achei no balcão da sua cozinha.

Vou direto para o quarto. — Angel? — eu pergunto quanto não a vejo em lugar nenhum. A porta do armário se abre lentamente e uma arma é apontada para mim.

Meus olhos encontram os dela, então alívio os preenche e ela abaixa a arma. — Você está bem? — ela pergunta enquanto vem na minha direção.

— Estou. Ele se foi.

Seus olhos se arregalam e ela prende a respiração. — O que você quer dizer? Eu o esfaqueei no peito!

— Você o esfaqueou? — ela se joga nos meus braços e eu a abraço forte, beijando o topo da sua cabeça. Ela assente. — Preciso que você me conte exatamente o que aconteceu. Do começo ao fim.

Ela respira fundo e então despeja tudo sem parar. Meu corpo está tremendo com raiva assassina. Minha mandíbula está dolorida de tanto apertar os dentes, mas eu dou boas-vindas à dor. Eu faria qualquer coisa para levar Angel para bem longe daqui. Esfrego suas costas de cima para baixo, tentando acalmá-la. Mas uma grande parte minha está puta porque ela saiu desse maldito apartamento, para começar. Mas deixa isso para lá, no momento.

Nos sentamos na cama e ela sobe no meu colo, onde eu a abraço. Os sons de sirenes encham o ar e o corpo dela endurece. — Me desculpe, baby, — eu tento tranquilizá-la. — A polícia está aqui. Eu

esperava isso. Você vai ficar trancada nesse apartamento e não vai sair. Você não vai falar com ninguém antes de eu falar com os irmãos. Certo? — ela assente lentamente. — Preciso saber tudo que você sabe sobre ele, família, amigos e trabalho. E você sabe aonde ele poderia ter ido?

— Não. Sua família é daqui, o pai dele é o dono da Blankenship Enterprises. É onde ele trabalha. Seus amigos se chamam Alex, Jared, Ella e Joey. Ele estuda Administração, como eu. Além disso, eu não faço ideia, — seu corpo endurece e sua respiração engata. — Bella. Nós temos que achar Bella agora. Ele vai machucar ela. Ele sabe o quanto ela significa para mim. Ele vai machucar ela! — ela tenta sair do meu colo, mas eu a seguro firme.

— Se acalme. Ligue para ela e diga para vir aqui, — eu entrego a ela o telefone. Sua mão treme, mas ela consegue ligar.

Quando o rugido das motos faz as paredes tremerem, ela fica de pé na mesma hora. — Você ligou para eles? — ela perguntando olhando pela janela, sem dúvida vendo as motos e os policiais, uma grande família feliz do caralho.

— Claro que sim. Essa merda vai ficar feia, baby. Eu vou encontrar esse cara, eu te prometo, — eu lhe dou um beijo duro nos lábios e saio, mas escuto seus passos leves me seguindo.

Coloco minhas botas sem me incomodar em amarrar o cadarço e abro a porta do apartamento. — Eu vou lá falar com eles. Fique aqui. Não abra essa porta. Nem mesmo para a polícia.

— Ok, — ela aperta a arma que ainda está na sua mão desde que eu a entreguei para ela.

— Tranque isso, — ela assente e eu me apresso para encontrar meus irmãos, que chegaram aqui em um tempo excelente.

Caminhando contra a luz do sol, eu pisco para conseguir enxergar. Passo por vários policiais que me olham com suspeita, mas vou direto para os meus irmãos. Pops, Becs, Cruz, Dagger, Zed, Rhys, Tug e Princesa descem das suas motos e vêm na minha direção. — O que você está fazendo aqui? — eu lato para Princesa baixo o bastante para que somente ela e o pequeno grupo à minha frente escutem.

— Relaxa. Eu vim para acalmar Casey. Não vou me envolver nessa merda. Qual o apartamento? — eu dou a ela o número e olho para o nosso grande carro preto parado atrás deles, Buzz e Breaker no comando.

— Eu vou subir, — Princesa diz, dá um beijo em Cruz e parte.

— O que está acontecendo, filho? — Pops pergunta.

— Vamos subir. Conversamos lá em cima, aqui tem muitos olhos, — os caras olham ao redor, eles estão chamando muita atenção, todos os olhos estão focados apenas em nós, incluindo os dos policiais. Eles assentem e nós caminhamos para entrar no prédio.

— G.T.! — um grito vem do outro lado do estacionamento, e somente uma outra mulher me conhece aqui. Eu me viro rápido e vejo Bella correndo na nossa direção.

— Quem diabos é essa? — Dagger engasga.

— Bella, amiga de Angel.

— Puta merda, — ele rosna e eu entendo porquê. Ela não é apenas gostosa pra caralho, mas seu short apertado e sua regata deixam pouco para a imaginação.

Bella diminui o passo e todos os caras olham para ela. — Vamos lá, — eu digo, quebrando o encanto.

Ela balança a cabeça. — O que está acontecendo? — ela me pergunta. — E esses devem ser os irmãos, — ela acena com a mãos e os caras sorriem.

— Sim. Irmãos. Vamos para o apartamento e eu conto para vocês o que está acontecendo, — alguns caras vão pela escada, enquanto outros sobem de elevador. Eu destranco a porta com a chave e a abro. Dou de cara com duas armas apontadas para a minha cara. — Porra, garotas. Somos nós, — Princesa abaixa sua arma e Casey se joga em meus braços. Eu a abraço apertado.

— Casey, que porra está acontecendo aqui? Por que todos esses policiais? — Bella pergunta, dando a volta ao nosso redor.

— Oh meu Deus, Bella! — ela grita e se joga nos braços da amiga. Todos os homens entram, ela abraça cada um deles, demorando mais do que o necessário com Becs e Tug. Com Becs eu posso lidar, mas Tug precisa tirar as malditas mãos da minha garota.

Eu a puxo apertado. — Me dê a arma, baby, — eu digo baixinho, e pela primeira vez desde que eu a dei o ela, ela solta o revólver. Eu repasso toda a história, e Bella prende a respiração diversas vezes. Aparentemente, ela também não viu nada disso chegando.

— Nós precisamos encontrá-lo. Agora, — eu rosno, encarando meus irmãos.

Pops começa a latir ordens. — Buzz, pegue o seu laptop e comece a pesquisar. Ele não pode ter ido muito longe. Dagger, Rhys, Tug e Becs, se certifiquem que está tudo pronto para nossa partida. Os outros, fiquem aqui com as garotas, — todos então se mexem e começam as suas tarefas.

Angel ainda parece um pouco abalada, mas sua cor está voltando ao normal, assim como alguns hematomas feios estão aparecendo. Essas marcas me deixam ainda mais furioso, e tudo que eu quero é encontrar esse filho da puta e acabar com ele. E eu vou acabar com ele.

— O que eu devo fazer? — Bella pergunta do sofá.

— Quando Buzz terminar, vai levar você para o seu apartamento. Você precisa agir como se estivesse tudo bem. Se os policiais te chamarem, você vai dizer que não viu nem ouviu nada. Mantenha essa merda não importa o que aconteça. Você precisa pegar roupas para umas duas semanas.

— Não. Eu não posso ir embora por duas semanas, — ela começa a discutir, mas Angel a interrompe.

— Bella. Eu sinto muito, mas é assim que é. Eu preciso que os irmãos te protejam nesse momento. Eu não sei que diabos há de errado com Jace, mas ele sabe o quanto você significa para mim. Ele vai ir atrás de você. Então você vem com a gente.

Seu rosto se ilumina. — E eu vou ficar no clube? — Angel assente. — Estou dentro, — Bella sorri e Angel tenta fazer o mesmo, mas não consegue.

— Aqui vamos nós, — Buzz me entrega algumas folhas de papel. — Tudo sobre Jace Andrew Blankenship. Tem até a última vez que ele usou seu cartão de crédito. De acordo com isso, foi há trinta minutos em um lugar a uma hora daqui.

Eu ando até Angel. — Eu vou ter que ir com os caras agora, — eu lhe entrego a arma outra vez. — Se ele vier aqui, atire. Breaker vai ficar aqui com você, e Buzz vai voltar logo, — eu olho para as três mulheres. — Vocês três façam o que eu estou dizendo, ok? — eu faço questão de encarar Princesa, que acena com a cabeça.

— Sim, — eu escuto em uníssono.

— Baby. Vai ficar tudo bem. Eu vou cuidar disso, então ele nunca mais vai encostar em você. Certo?

— Tome cuidado, — ela diz baixinho. Eu a puxo do sofá e esmago seus lábios com os meus, em parte por mim, e em parte para deixar cada pedacinho de sentimento que eu sinto por essa mulher. Eu a amo completamente.

— Sempre, — eu olho para Princesa. — Cuide da minha garota.

— Pode deixar, — ela sorri e dá um tapinha na arma.

Eu aceno para Pops, sabendo que minha irmã vai proteger Casey de todas as formas que ela puder.

— Vamos lá, — ele diz e nós o seguimos. Infelizmente, eu ainda não posso montar, então estou preso no maldito carro com Tug. Não é exatamente o melhor lugar para mim, mas minha adrenalina está correndo com tanta força que eu não penso muito sobre isso. Eu me concentro no filho da puta e em acabar com ele. Para sempre.

Doze

CASEY

Já se passaram seis horas e ainda não temos notícias deles. Eu continuo a andar sem parar. Sei que estou deixando o carpete gasto, mas meus nervos estão inquietos. E eu não me importo. Preciso me mover. Bella já empacotou suas coisas e está pronta para ir conosco para o clube. Ela até mesmo já falou com seus professores e me ajudou a entrar em contato com os meus sobre uma “emergência familiar”. Parece que eu estou tendo muitas dessas ultimamente.

Os policiais chegam quando Bella está chegando. Harlow sabia que eles iam vir falar conosco, então inventou uma história e nos fez repeti-la várias vezes. Nós ficamos ouvindo música alta e não ouvimos mais nada. Ajudou o fato da música estar berrando quando Bella entrou. Nós também fizemos várias perguntas sobre o que tinha acontecido. Uma das policiais ficou me encarando, mas eu ignorei isso e mantive a história de que eu e Harlow tínhamos brigado por um cara. De alguma forma eles compraram isso e foram embora.

Harlow tentou me fazer comer várias vezes, mas eu não quis. Meu estômago está apertado e o simples pensamento em comida me faz querer vomitar. Ela também insistiu para ver se eu tinha ferimentos, embora eu saiba que não havia nada além de algumas contusões e hematomas. Podia ter sido muito pior.

Me deixa confusa o fato de Jace pensar que tínhamos algo a mais. Eu nunca lhe dei qualquer indicação disso. Ou pelo menos, eu nunca tentei fazer isso, e sempre fui direta com ele. E ele nunca me deu qualquer indício desse seu outro lado. Ele sempre me tratou com carinho, principalmente depois que perdi Mia, e jamais levantou a voz. Uma pontada de tristeza corre por mim quando percebo que perdi o

Jace que conhecia. Por que ele mudou? Que diabos aconteceu? Tantas perguntas para as quais eu provavelmente nunca vou ter resposta.

Eu me viro para Buzz, que está olhando para Bella desde que eles voltaram do apartamento dela, nunca deixando de olhar para ela por mais do que alguns minutos. — Novidades?

— Não. Essas merdas demoram. Você tem que se acalmar. Eles estão bem, — ele diz calmo demais.

— É fácil falar, — eu caminho... e caminho mais. Minha cabeça pensa em tantas coisas que é capaz de explodir. Eu não posso perdê-lo. Eu acabei de ganhar ele de volta.

— Eu estou a dois segundos de fazer você se sentar, — Harlow diz do sofá. Eu não paro, mas dou boas-vindas à irritação que as suas palavras me fazem sentir.

— Como você pode apenas ficar sentada aí como se isso não te incomodasse?

Ela acena com a mão. — Não me incomoda. Eles sabem o que estão fazendo e não são idiotas. E é somente um cara... vai ser mamão com açúcar.

Eu bufo para ela e roo as unhas, que agora estão curtas que estão prestes a sangrar. Como essa merda aconteceu tão rápido? Que diabos mudou?

O celular de Buzz toca e eu paro no meio do caminho, meus olhos colados nele e as orelhas atentas para ouvir o que podia da conversa.

— Sim. Entendi. Sim, os policiais vieram aqui, nós cuidamos disso. Ainda há três no prédio, mas saíram do apartamento. Certo.

Ele desliga o telefone e me encara sem dizer nada por um momento.

— O que foi? — eu grito, precisando saber de algo.

— Aparentemente o seu garoto é esperto. Ele foi para a casa dos pais, que fica a meia hora daqui, onde tem uma grande festa acontecendo. Os caras estão do lado de fora... esperando.

— Em primeiro lugar, ele não é *meu* garoto, — eu digo com os dentes cerrados. — Em segundo lugar, todos estão bem?

— Sim. A ação ainda não começou, — ele sorri e Bella suspira. Eu me viro e ela está encarando Buzz como se ele fosse tudo, mas quando ele olha, ela vira a cabeça para longe.

Enfim, eu não tenho tempo para esse drama deles agora. — Então nós esperamos, — eu digo e finalmente me sento no sofá pela primeira vez.

— Nós esperamos, — Harlow diz. — Então você e o meu irmão finalmente se acertaram?

Eu olho para Buzz, não querendo muito falar sobre isso na frente dele. Breaker está do lado de fora do apartamento, fazendo guarda. Ele deve ter sentido a minha hesitação porque, sem dizer uma palavra, ele se levanta e sai para o corredor pela primeira vez desde que chegou aqui.

— Sim. Não. Eu não sei, — eu falo rápido depois que ele fecha a porta.

— Ok... isso foi muito esclarecedor, porra. Cospe logo

Bella começa a rir, olhando para Harlow enquanto ela fala. Eu tenho a forte impressão de que elas vão se juntar muito em breve.

— O quê? — eu pergunto.

— Eu gosto dela, — Bella aponta para Harlow. — Muito, — Harlow sorri.

— Isso em geral não acontece, a maioria não quer ter nada a ver comigo, — Harlow balança a cabeça e vira os olhos brilhantes para mim. — Cospe.

Eu suspiro, me encosto no sofá e coloco o braço sobre os olhos. Essa é uma pergunta cheia de significado, e cada palavra que eu disser vai ser avaliada para que ela leia o que quer saber através delas. — Ele quer que a gente more juntos, mas eu disse que não.

— Por quê?

— Eu não acho que ele me perdoou totalmente por Mia e pelo que eu fiz. Acho que isso vai estourar, em algum momento. Eu concordo, mais do que nunca, que preciso estar em casa, mas preciso do meu próprio lugar. Preciso saber que quando tudo isso acabar, eu vou ter o meu lugar para onde fugir.

— Você realmente acha que ele vai te deixar ter um lugar só seu? — eu abaixo o braço de cima dos olhos e encaro Harlow. — Você esteve lá por tanto tempo quanto eu. Porra, Cruz exigiu que eu ficasse com ele. Você acha que depois de todos esses anos, agora que meu irmão tem você, ele vai te deixar ir embora? — ela balança a cabeça. — Você conhece essa vida, Casey. Não é nada novo para você, mesmo. Ele te ama e você o ama. Sim, vocês têm merdas para resolver, mas isso não muda nada. Meu irmão é orgulhoso, autoritário, teimoso e possessivo, mas ele tem um bom coração. Ele não vai te deixar ir dessa vez.

— Eu não quero que ele me odeie, — eu pareço tão patética que quero chutar minha própria bunda, mas há tanta verdade em minhas palavras.

— Ele não odeia. Ele vai superar essa merda, assim como ele faz com todo o resto. Você acredita nele, certo? — eu assinto. — Então acredite que ele vai cuidar de você, custe o que custar. Ele não vai cometer o mesmo erro duas vezes.

— Deus... eu quero um desses homens, — Bella suspira e eu não consigo parar o pequeno sorriso que aparece em meus lábios.

* * *

G. T.

Quatro horas fodidas e essa maldita festa continua a mil. Eu liguei para Buzz duas horas atrás, esperando acalmar Angel um pouco. Agora eu já estou ficando irritado pra caralho por esse cara estar desperdiçando o meu tempo. Se não houvesse um monte de pessoas de merda andando pela casa, nós teríamos entrado direto. Mas aqui estamos, esperando nessas malditas árvores por aquele filho da puta sair. Se ele for esperto vai ficar lá dentro, mas estou apostando que ele não é.

Pops vem e senta ao meu lado. Nós ficamos em silêncio, esperando.

Três horas depois, estamos todos impacientes pra caralho, famintos e realmente irritados. Rhys teve que ir dar uma volta várias vezes para conseguir se recompor.

— Ai está ele, — eu sussurro e os olhos de todos os caras se voltam para o carro de quatro portas azul no qual Jace acabou de entrar. Todos estão putos e querendo sangue.

— Deixem ele andar um pouco. Assim que ele chegar em um ponto mais isolado, peguem ele, — Pops diz com autoridade. Depois que Jace entra no carro, pega direto a estrada. Os caras sobem em suas motos e eu entro no carro. Nós partimos, mas as motos ficam bem para trás porque o rugido dos motores é alto demais e não precisamos que ele nos veja ainda.

Meu corpo está pulsando e minha mão boa está tão apertada que tenho certeza que minhas articulações estão brancas. Eu quero esse filho da puta. Agora. Ninguém mexe com o Ravage, e com certeza ninguém mexe com a minha garota.

Pops dá o sinal para irmos em frente. — Vai! — eu lato para Tug, que puxa para frente, disparando com o carro. Nós temos sorte que o fodido pegou as estradas secundárias, que são muito mais desertas.

Tug leva o nosso carro com rapidez, parando ao lado do outro carro. Jace olha para nós e eu aceno minha arma, dizendo oi. Ele arregala os olhos e tenta passar à nossa frente. Porém, Tug é mais esperto e joga o carro perto o bastante para não bater, mas em vez de Jace acelerar pela estrada, a terra do asfalto faz com o que seu carro pare.

Tug para e eu salto do carro rápido, corro até a porta de Jace e a abro com violência. Seu corpo está curvado sobre o volante e seus gemidos não fazem nada para diminuir minha raiva. O filho da puta vai pagar por colocar as mãos em Angel. — Saia! — eu lato, agarrando sua camiseta e o puxando para fora do carro. Meus irmãos estacionam suas motos e se juntam a mim ao lado da estrada.

— Precisamos levar ele mais para dentro da floresta, — Dagger diz. — E rápido. Aqui está tranquilo, mas não vai durar muito, — suas palavras me irritam. Eu adoraria ter um tempo para rasgar esse otário em pedacinhos.

— Se levante! — eu o chuto com a minha bota na barriga, mas ele não levanta. Eu aceno para Rhys e Dagger, que pegam o imbecil pelos braços e o levam mais para a escuridão. Eu lhe dou um soco com força, que faz sua cabeça voar para o lado. Ouço uma risada fraca vindo dos lábios de Jace. — De que porra você está rindo? — eu lhe dou outro soco, que faz sua cabeça estalar para trás.

— Vocês são um banco de idiotas do caralho, — ele diz depois de cuspir o sangue da boca. Dagger e Rhys puxam seus braços com força, quase os deslocando dos ombros.

— Que porra você acabou de dizer? — eu levanto a perna e lhe dou um chute forte nas costelas.

— Paine tinha razão. Vocês são um bando de ovelhas do caralho, seguindo uns aos outros por aí. Onde vocês acham que ele está agora? Colocando fogo no seu clube ou fodendo as suas garotas? — ele ri. Dessa vez eu não paro de dar socos até sentir seus ossos quebrando sob o meu punho fechado.

— Pare! — Pops late e eu preciso de toda a minha força para obedecer. — Como você conhece Paine, porra?

— Ele vai destruir cada um de vocês, seus otários. Então sim, vão em frente e me matem, eu não ligo. Eu fiz a minha parte.

Meu corpo estremece e minha respiração fica mais rápida. Eu me afasto do grupo, pego meu telefone e ligo para Angel.

No segundo toque minha mente já está acreditando no pior, e eu grito para ela atender o maldito telefone. No quarto toque ela finalmente atende. — G.T.? — sua voz é suave.

— Baby. Vocês estão bem? O que está acontecendo aí?

— Nós estamos bem. Só caímos no sono. Você está bem? — sua voz se acende, como se a névoa sonolenta tivesse se dissipado.

— Estou bem. Vou estar de volta em uma hora. Certo?

— Certo. Eu te amo, — ela diz.

— Eu também te amo. Vá dormir, Angel, — ela desliga o telefone rápido demais, e minha respiração fica presa imaginando que algo está acontecendo com ela. Eu afasto o telefone da orelha e ligo direto para Buzz.

— Aparafuse essa maldita porta. Você e Breaker devem ficar lá dentro, no mesmo cômodo que as garotas. Ninguém sai. Me entendeu?

— Entendi.

Jace está pendurado por Dagger e Rhys. Eu quero matá-lo. Acabar com isso. Mas agora que ele conhece Paine, Pops não vai

permitir que eu faça isso. Precisamos descobrir qual a maldita conexão entre eles. Porra.

Eu olho para Pops. — Filho, ele tem que vir com a gente, — ele cava no seu bolso e pega um telefone. — Vou ligar para o clube e ver se o que esse imbecil disse é verdade, — ele diz e se afasta.

Becs dá um passo à frente. — Você quer fazer isso ou quer que eu faça? — eu dou um simples aceno para ele. — Tug, pegue a fita. Dagger e Rhys, garantam que ele não se mova, não fale. Levem ele até o carro, e então liguem o motor.

Eu assinto ali de pé. Nada disso está indo como eu gostaria, porra. Pops volta. — Não diga nada para as garotas. Vamos levá-lo para o antigo armazém e ver o que conseguimos tirar dele, — ele suspira. — Eu sei que você quer acabar com ele. E você vai, na hora certa, — eu aceno, sabendo que os irmãos não vão tirar esse prazer de mim. — O clube está bem. Os irmãos da facção de Clayton estão lá, mantendo tudo sob controle. Todos estão de guarda e não há nada de incomum. Ele está nos falando mentiras de merda. Mas o fato dele conhecer Paine significa alguma coisa, e nós precisamos descobrir o que é.

— Ele tem que ficar longe de Angel, — as palavras escapam da minha boca sem pensar, impulsionadas pela minha preocupação.

— Você acha que nós deixariamos esse filho da puta chegar perto do complexo?

— Nah. Eu sei, — ele levanta o queixo e os caras começam a se mexer.

O trajeto de volta com o filho da puta no banco de trás do carro é desanimador. Tug e eu não falamos. O fato de estarmos levando esse cuzão de volta para o apartamento de Angel não passa despercebido por mim, mas ele vai ir embora assim que eu, Cruz e Becs descermos.

Quando eu entro no apartamento, Angel suspira e corre para o meu corpo. Eu a pego e abraço apertado. Ela começa a dar tapinhas no meu corpo freneticamente, e em outras circunstâncias eu faria algum comentário espertinho, mas agora não é a hora. — Você está bem? — ela diz ofegante.

— Sim, baby. Eu estou bem. Se sente, precisamos conversar, — ela se afasta e se senta perto de Princesa no sofá. Bella também se senta. — Breaker, você precisa montar com Tug, — ele acena e vai

embora. — Buzz, você fica com a gente, mas vamos todos para a casa juntos, — ele cruza os braços sobre o peito.

— O que está acontecendo, G.T.? — Princesa pergunta, pegando a mão de Angel. Eu me ajoelho na frente dela e olho em seus olhos perdidos. — Negócios do clube. Você já pegou suas coisas?

— Sim. A maior parte, mas algumas coisas não eram importantes. Buzz colocou tudo no carro.

Eu lhe dou um tapinha na perna. — Certo. Vamos para casa agora.

— Ok, — ela sussurra.

— Vamos lá.

* * *

Uma semana e três dias depois, o filho da puta ainda está vivo e continua a nos fazer perder tempo. Nós fomos atrás de cada maldita pista que o cuzão nos deu, e nada. Cada uma delas um monte de merda. Na sua casa, Buzz fez todas as paradas tecnológicas e nós perseguimos todos os caminhos possíveis, e mais uma vez nada. Isso tudo quase me irritou mais do que todas as malditas fotos de Angel que ele tinha na droga do seu laptop. Ele tirou fotos de tudo, desde ela descendo do carro até usando pequenos shorts no seu apartamento. Eu sabia como ele as tinha conseguindo, mas ele guardou todas elas.

Eu quero o filho da puta morto, mas Pops continua me dizendo que ainda não. Isso me irrita pra caralho, mas eu obedeço o meu Prez e ele continua a me dizer para dar uma surra nele, o que não é uma forma ruim de descontar minha raiva. Nós estamos atrás do pai do imbecil. Depois que o procuramos, ele desapareceu miraculosamente, mas Deara, uma amiga de Princesa que tem contatos, colocou os seus garotos para procurar. Nós estamos esperando.

Nós também descobrimos que Casey era o alvo de Paine. Ela é, afinal de contar, a filha de um irmão, e ele quer sangue. O trabalho de Jace era se aproximar dela, e supostamente isso foi tudo o que ele nos contou. Eu acho que ele está contando um monte de mentiras de merda.

Angel está de volta ao normal, em vários sentidos. Seu choro acalmou. Eu sei que ela ainda sente falta de Mia, porra, eu também sinto, mas ela não passa mais cada minuto do dia chorando por isso. Ela não acha que eu notei que ela anda um pouco assustada, no entanto. Se um irmão caminha atrás dela, ela realmente se assusta e seu rosto não consegue esconder isso. Espero que essa merda passe logo.

Doc diz que eu já posso começar a mover meu braço e voltar à ação. Ele me deu esses malditos exercícios que Angel me obriga a fazer, mas ela geralmente está nua quando isso acontece, então todos saem ganhando. Eu sinto que estou ficando mais forte a cada dia. Às vezes ainda dói pra caralho, mas eu não digo uma palavra sobre isso. Eu aguento essa merda calado.

Pops recebeu uma ligação de Ransom com as informações de Rabbit que estivemos esperando, mas vamos ter que encontrá-lo no seu território. Não que eu o culpe, da última vez que saímos juntos a bala comeu solta.

Paramos no Gizmos, o bar local, e eu desligo minha moto depois de estacionar bem na frente do estabelecimento. Pops, Dagger, Cruz, Becs e Rhys também param ao meu lado. Nós estamos usando nossos coletes com orgulho como sempre, mas estar no território de outro clube costuma ser uma situação tensa. Nós temos um entendimento com Ransom, no entanto, então Pops concordou que o encontro fosse aqui.

Quando entramos no bar, todos os olhos estão em nós. Dagger é o primeiro, Pops e Becs, depois eu, Cruz e o resto dos irmãos, apenas para estar do lado seguro.

— Estamos aqui para ver Ransom, — Pops diz para a bartender que usa maquiagem carregada e está com os peitos quase à mostra em um minúsculo top de biquíni.

Ela aponta para o outro lado do lugar. Quando viro a cabeça, vejo Ransom sentado em um banco de bar com uma garota loira, que provavelmente é menor de idade, sentada escarranchada em seu colo, sorrindo.

Todos no bar estão focados em nós, eles andam para o lado quando nós passamos. — Desculpe interromper a festa, mas nós temos coisas para discutir, — Pops diz com autoridade.

— Porra, Pops. Eu estava chegando na parte boa, — Ransom olha para nós sorrindo, seus lábios cheios de batom vermelho. — Baby, tire essas roupas e me encontre mais tarde, — a mulher desce do seu colo e ele dá um tapa na sua bunda enquanto ela sai. Em outros tempos eu acharia isso uma tentação, mas agora não mais.

Sentando em um banquinho, Pops e Becs ficam lado a lado enquanto o resto dos irmãos fica de pé atrás. — O que é isso? — Pops pergunta enquanto estala as articulações dos dedos.

Ransom afasta o seu colete com uma mão e coloca a outra por dentro. Nós todos ficamos em alerta e agarramos nossos coletes. — Calma, rapazes. É só um pedaço de papel, — eu continuo com a mão no coldre da minha arma enquanto o observo fazer exatamente o que disse. Ele entrega o papel para Pops.

Pops abre o papel e o lê. Então o dobra outra vez. — O que é isso?

— Uma reunião. Do clube de Rabbit. Essa é alguma merda super secreta e todos os filhos da puta estarão lá. É obrigatório, — Ransom sorri. — Eu te disse, e essa é a confirmação.

— E como você sabe disso? — eu pergunto com desconfiança.

Ransom me encara. — Eu tenho caras procurando por esse fodido em todos os lugares. Eu até tenho um homem infiltrado no seu clube. Ele vai estar morto antes de dizer qualquer merda, mas eu consegui o que precisava dele.

— E quando é? — Pops pergunta.

— Amanhã à noite. 20h.

— O que você vai fazer? — Dagger pergunta ao meu lado.

— Merda nenhuma. Vamos deixar você ficar com essa. Mas... — sua voz vai sumindo e ele sorri. — Tudo que eu peço é que vocês parem aqui depois que estiver acabado para nós brindarmos juntos.

— Que prova você tem de que isso está certo? — Rhys fala pela primeira vez e chama a atenção de todos.

— Você tem a minha palavra de que estou falando a verdade. É uma informação quente, — Ransom não quebra o contato visual com Pops e eu acredito nele. Não há nenhuma malícia escondida ali. Eu acredito que ele está dizendo a verdade. Mas se a sua informação está certa ou não vai precisar ser debatido.

Eu levanto o queixo para Pops, que se vira e olha para mim. Eu sempre fui um ótimo leitor de pessoas e aqui não é diferente. Ele sempre confiou em mim para isso. — Certo. Vamos estar aqui amanhã por volta das 21h, — ele diz e nós todos levantamos e apertamos as mãos.

Quando subimos em nossas motos, Pops ordena, — Missa, agora. Nos vemos lá.

* * *

— Eu acredito nele, — eu entro na discussão que está ocorrendo há quinze minutos. Esses malditos homens estão fazendo a minha cabeça doer. Então isso precisa acabar. — Ele não tem motivos para mentir, e ele quer aqueles filhos da puta tanto quanto nós.

— Você não acha que é uma maldita armadilha? — Dagger pergunta com os olhos grudados nos meus.

— Não. E não acho. Eu vi isso na cara dele.

— Eu concordo, — Pops interrompe. — Nós precisamos nos livrar de Rabbit. Traga Buzz aqui e faça ele trabalhar no GPS.

Dagger deixa a mesa e volta pouco depois com Buzz. — Buzz, nós precisamos ver esse lugar, — Pops entrega a ele um pedaço de papel. Buzz sai da sala e volta alguns segundos depois com o seu laptop. Ele digita rapidamente alguma coisa e então encontra o nosso destino.

Buzz mostra a tela para todos. Um velho armazém aparece no meio, com uma grande quantidade de árvores ao redor.

Com certeza, há uma centena de lugar para pessoas se esconderem, então entrar e sair sem ser notado não é uma opção. — Precisamos fazer isso à distância, — eu digo olhando para Buzz e então para Pops, que assente. — Você pode montar e detonar explosivos do seu computador?

— Porra, com certeza, — o enorme sorriso de Buzz me lembra o quanto ele é bom com essa merda.

Eu olho para Pops, — É nossa única opção. Vai ter um milhão de caras lá, e com um espaço tão curto para eles nos avistarem, mal vamos ter tempo de entrar, plantar as bombas e sair.

— Seria mais limpo também, mas foda-se, eu quero Rabbit, — o fogo em seus olhos é brilhante. Nós todos queremos Rabbit, mas fazer isso à distância vai ser o melhor para o clube, e isso é o que importa.

— Eu sei. Buzz, precisamos de câmeras para ver quem entra e sai. Precisamos ter certeza de que o filho da puta está lá dentro antes de explodirmos tudo.

— Sem problemas. Eu tenho um esconderijo, — nós todos olhamos para o homem. Mas que porra é essa? Ele dá de ombros e continua, — Essa merda vai ficar perfeita. Tenho todo o equipamento para montar as bombas. Só preciso de algumas câmeras.

— Breaker! — Becs chama da porta e ele entra correndo.

— Sim?

— Precisamos de câmeras que sejam controladas remotamente. Pergunte ao seu irmão. Consiga pelo menos dez e pague em dinheiro.

— Entendido, — Breaker assente com a cabeça e sai da sala, fechando a porta ao passar.

— Buzz, fale ao seu irmão o que você precisa, então monte com a gente. Precisamos checar o lugar, discretamente, — Pops ordena.

É hora de montar. Deus, é ótimo estar de volta à ação.

* * *

Depois de inspecionar o lugar, nós voltamos para o clube e fazemos um plano, então voltamos ao local depois que escurece. Está tudo deserto, o que eu acho estranho. Ou Rabbit não acha que sabemos de alguma coisa sobre isso e não está com medo, ou o encontro não vai acontecer. Espero que seja a primeira opção.

Depois de colocarmos os explosivos e as câmeras, voltamos para o clube e fazemos uma reunião para discutir tudo, incluindo como esperamos que tudo aconteça, e eu espero que aconteça exatamente assim.

— Oi, Angel, — eu venho por trás da minha garota e ela pula. — Desculpe, baby. Sou só eu, — eu coloco seu longo cabelo loiro para o lado, passando os lábios sobre o seu pescoço. Arrepios correm pelo seu

corpo, me fazendo sorrir. O cheio de cerejas emana do seu corpo e eu quer lamber ela dos pés à cabeça.

— Oi, — ela sussurra e se vira nos meus braços. Eu esmago seus lábios com os meus e chupo seu lábio inferior. Seu gemido me excita. Ela passa os braços ao redor do meu pescoço e aprofunda o beijo.

— Por mais que eu adore ver que vocês finalmente caíram na real, eu não preciso assistir isso, — Princesa late.

Angel se afasta e sorri. — Vamos lá, querido. Eu preciso de você.

* * *

— Ele entrou? — eu pergunto para Buzz, que está olhando para os três computadores que ele preparou no escritório de Pops.

— Sim. Aqui, eu tirei um print para você poder confirmar, — Buzz abre a foto e eu tenho certeza. Rabbit e seu VP entraram no local.

— Quantos dentro e quantos fora? — Pops pergunta.

— Dentro, 87. Fora, 6, — Buzz responde sem nem hesitar.

— Você contou? — eu pergunto, surpreso por ele ter pensado nisso.

— Claro, porra, — Buzz sorri presunçoso, e seu dedo aperta um botão.

— Certo, passe para mim, — o rosto de Buzz cai e Pops ri.

— Amigo, você nem é um membro ainda e Pops precisa dessa fazer isso, — eu digo segurando meu próprio sorriso.

Ele se levanta da frente do computador. — Aperte aqui, — ele aponta para três botões. — Assim que você fizer isso, elas explodem em trinta segundos.

Pops olha para a tela. Não sei o que se passa na sua cabeça. Quando seus olhos encontram os meus, eu dou um aceno curto. Ele faz o mesmo com Becs.

Pops aperta os botões que Buzz disse e nós esperamos, olhando para as três telas. Eu nunca percebi como trinta segundos poderiam

demorar, até esse momento. O pequeno cronômetro na tela nos mostra 5... 4... 3... 2... 1.

Nada acontece.

Nada.

— Que porra? — Pops ruge, se levantando tão rápido que a sua cadeira cai no chão. Buzz corre para os computadores, aparentemente pressionando todos os botões ao mesmo tempo.

— Buzz? — eu questiono.

— Eu não sei que porra aconteceu. Deveria ter explodido, — ele tropeça, mas seus dedos não param de voar pelo teclado. Não há nenhum movimento nas telas agora, e até mesmo os guardas desapareceram.

— Vão para lá agora e descubram que porra aconteceu, — Pops grita com raiva. Becs liga para as facções de Clayton e Guthree para que nos encontrem lá. Nós precisamos de mais gente e reforço, rápido. Saímos do clube e vamos direto para o terreno do armazém.

A tensão é tão espessa que você precisaria de um maldito facão para cortar essa merda. Nós vamos até lá em dois carros, porque não queremos fazer nenhum barulho além do necessário, e estacionamos longe do armazém. Não há pessoas à vista, o lugar está totalmente deserto. Outros quatro carros param atrás de nós e nossos irmãos de Clayton e Guthree se juntam ao grupo.

Andando lentamente na borda da linha de árvores, vemos que não há ninguém no caminho até o armazém, nem ninguém de guarda. Meu telefone vibra no meu bolso. É uma mensagem de Becs dizendo para todos ao redor do local que ele vai nos enviar outra mensagem para começar a contagem para abrir as portas quando o local estiver limpo.

Eu olho para todos os cantos ao nosso redor e não há nada.

Vou para a porta lateral com Buzz ao meu lado. Nós paramos e esperamos. Alguns momentos depois, meu telefone vibra dizendo para começar a contagem. Minha adrenalina está a mil e eu levanto os cinco dedos para Buzz e faço a contagem em minha cabeça. 5... 4... 3... 2... 1. Aceno com a cabeça para Buzz, que chuta a porta, e ela voa para longe sem resistência.

Um repentino cheiro metálico invade o meu nariz. Com minha arma em punho, meus olhos correm ao redor do armazém. — Mas que

porra? — eu digo baixinho. Dezenas de homens estão caídos no chão de linóleo, o sangue escorrendo dos seus corpos, ninguém está se movendo. As cabeças estão praticamente separadas dos corpos; várias marcas de facadas direto no coração, e alguns tiveram os membros arrancados.

Eu já vi umas merdas cruéis na minha vida, mas isso... isso é um maldito massacre, algo que eu nunca tinha testemunhado antes, e espero nunca mais ver na vida.

— Limpo! — eu grito para os vários caras esperando lá fora. Eu olho para os seus rostos surpresos, ninguém sendo capaz de falar algum coisa no momento.

Becs pega o seu telefone. — Pops. Nós temos um grande maldito problema, — ele começa a contar tudo que estamos vendo, incluindo detalhes gráficos que eu sei que vão ficar presos na minha memória por muitos anos ainda.

Eu ando pelo lugar lentamente, com cuidado para não pisar no sangue ou em um corpo, o que é bastante difícil. — Encontrem Rabbit, — eu digo para todos. Aquele filho da puta precisa estar morto.

— Acho que eu o encontrei, — Zed diz com a voz sombria. — E não é nada bonito.

Eu caminho lentamente até onde Zed está, com vários caras ao redor. Um homem está deitado em uma poça de sangue, uma grande faca enfiada na sua cabeça e um pedaço de papel cobrindo o seu rosto. Eu pego o papel, o puxando do corpo. Para o meu alívio, o homem é Rabbit. Quando olho para o papel, meu coração para enquanto leio as palavras.

— Que porra diz aí? — eu olho para Becs, com esperança de estar disfarçando os meus pensamentos.

— Diz... *É assim que Paine faz.*

— Paine que fez essa merda? — Dagger pergunta irritado.

— Sim. Está soletrado P-A-I-N-E. Ele nos deu um maldito soco aqui, — eu rosno e me viro para Becs. — Precisamos ir embora.

Becs assente e se vira para o seu telefone. — Pops, precisamos dar um jeito nisso. A culpa vai cair toda em cima da gente. Precisamos limpar isso aqui, — ele acena. — Entendido.

— Achem qualquer porra por aqui e coloquem fogo nessa merda rápido, — Becs ordena e nós começamos a trabalhar.

* * *

Quando entramos na Missa, Pops está fumando de pé em frente à mesa. — Aquele merdinha do caralho!

— Precisamos nos livrar dele, — Dagger diz.

— Não me diga. Como diabos nós o encontramos? Nós temos cada maldita facção procurando por ele e nada. Então me diga, porra, como diabos nós vamos fazer isso? — Pops atira de volta.

Pops é sempre tão controlado que ele mostrar sua raiva agora é um pouco enervante. Eu sabia que essa merda era ruim, mas pela sua reação, é pior do que eu pensava.

— Precisamos ver se Buzz pode fazer algo com sua merda tecnológica e rastrear Paine. É um tiro no escuro, mas é o que podemos fazer agora, — eu digo mais calmo do que me sinto. Preciso manter a cabeça no lugar, especialmente se Pops está perdendo a dele. — Vamos começar isso, — eu digo apontando na direção de Pops, que senta em sua cadeira, e então todos fazemos o mesmo.

— Certo. Positivo. Rabbit e seus homens estão mortos, — os caras assentem.

— Paine poderia estar em qualquer lugar. Vamos manter nossos olhos e ouvidos abertos, mas ele não vai fazer isso fácil.

— Precisamos ir falar com Ransom. Como vamos lidar com isso? — Cruz pergunta.

— Diga a ele exatamente o que aconteceu e o questione, porra. Precisamos saber quem era o seu maldito informante, — Pops diz, colocando os punhos fechados sobre a mesa.

— Você acha que ele é sujo? — Dagger pergunta.

— Nunca confie 100%. Olhos e ouvidos atentos, — Pops diz, nos dispensando.

— Sim?

— E você achou que não era sua hora de ser VP. Que besteira, — ele sorri e sai da sala.

Saindo da igreja³, vejo Angel sentada no bar com a Princesa. Cooper está sentado em seu colo, a olhando com uma expressão de encanto. Eu sei como ele se sente. Ela é linda, eu não posso culpá-lo.

Caminhando até ela, Angel me dá um sorriso, mas ele não alcança seus olhos. — Oi, baby. Preciso sair.

— Ok.

— Tio G.T.! — o gripo de Cooper me pega com a guarda baixa. Eu me viro para o garotinho, e seu sorriso é contagiante.

— E aí, homenzinho? — eu pergunto, ignorando o fato dele ter acabado de me chamar de tio, mas acho que isso era esperado, agora que Princesa é sua nova mãe. Só que foi a primeira vez, e pelo sorriso de Princesa, ela também pegou isso.

— Casey e eu vamos *bincar* de avião!

— Ah é? Parece divertido.

— Você quer *bincar*? — seu rosto se ilumina, e eu realmente não quero desapontar o garoto, mas tenho coisas para fazer.

— Não posso. Eu preciso sair, — o rosto de Cooper cai, e sinto um aperto no peito.

— Ei, amigão. Está tudo bem, nós vamos nos divertir muito. Posso falar com seu tio G.T. por um minuto? — Angel olha para Princesa. — Fica com ele?

— Claro, — Princesa me olha com conhecimento. — Se cuide, — ela diz e vai embora com Cooper.

Angel arregala os olhos e eu posso ver no seu rosto que ela quer perguntar, mas se contém. — Eu preciso sair. Volto logo, — puxo Angel do banco em que ela está sentada e bato meus lábios nos dela. Preciso senti-la contra mim. Com toda essa merda acontecendo, preciso mais dessa mulher do que respirar. Ela não sabe disso, mas é ela quem está me mantendo de pé. O fato de eu poder voltar de toda essa confusão e poder me enterrar dentro dela é o que está me ajudando a passar por isso.

³ É a sala de reuniões onde acontecem as “Missas”, as reuniões dos clubes.

— Eu vou estar aqui, — ela sorri.

* * *

O Gizmo está fervendo. Pops, Cruz, Dagger e eu encontramos com Ransom sentado no mesmo lugar de ontem, com uma mulher em cada um dos seus lados. Depois dele se livrar delas, nós podemos falar de negócios. Pops é quem fala. Depois dele montar sua cabeça está mais limpa e sua raiva desapareceu um pouco. Ela está lá, apenas melhor escondida.

Eu me sento e estudo a linguagem corporal de Ransom, o que é difícil, porque ele não me dá nada. Há apenas uma leve faísca em seus olhos que eu poderia ter facilmente deixado passar se não estivesse prestado atenção. Ele diz que não sabia o que ia acontecer, mas nós todos estamos com um pé atrás. É coincidência demais.

Ransom já se livrou do filho da puta que lhe deu informações, mas ele diz que vai investigar e nos deixar saber o que descobrir. Pops não está feliz. Se Ransom não nos disser alguma coisa, nós vamos acabar com ele. E o fato dele ter se livrado do seu informante antes que pudéssemos falar com ele é outra razão para não confiarmos no homem.

— Bebidas, — Ransom grita para a garçonete, que traz doses para todos. — As coisas não foram como planejado, mas o filho da puta do Rabbit está morto. Vamos beber, — nós todos nos entreolhamos e então viramos a bebida.

Treze

CASEY

Ver Cooper brincar com Harlow está trazendo à superfície emoções que eu venho tentando esquecer. Pelas duas últimas semanas, achei que estava indo muito bem. Eu ainda penso em Mia e em como as coisas poderiam ter sido esse tempo todo, mas também penso em como as coisas estão agora e isso ajuda.

Bella está ficando no porão e decidiu recentemente que é hora de voltar para a faculdade. Eu não posso impedi-la, ainda que eu saiba que Jace se foi. Ela tem passado muito tempo com Buzz e eu sei que ele não deixaria nada acontecer com ela. É mais fácil para ela ficar aqui, mas não posso obrigá-la. Apenas vou sentir sua falta e uma parte egoísta de mim quer pedir que ela fique. Mas não faço isso, no entanto.

— Você está bem? — Harlow pergunta, chamando minha atenção.

— Sim. Apenas pensando, — eu sorrio para Cooper enquanto ele corre pelo clube todo; é como se fosse o seu próprio parque de diversões.

— Como está a faculdade?

Eu falei com os meus professores antes de vir e eles concordaram em me deixar terminar o semestre, e então eu vou começar as aulas online. Eles disseram que posso terminar aqui em Sumner e que não vou precisar voltar. Então as coisas estão parecendo encaminhadas. — Bem.

— Você tem certeza que está bem? — ela pergunta de novo.

— Sim. Estou bem. Está ficando tarde, preciso ir para a cama, — Harlow agarra o meu braço.

— Você sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa. Certo?

Eu lhe dou um sorriso suave. — Sim. Eu estou bem.

— Famílias se apoiam, Casey. Se você precisar de mim, venha me encontrar, — eu aceno e vou para o quarto de G.T. Ele esteve fora cuidando de assuntos do clube pela maior parte do dia, e por mais que eu ame ter ele por perto, preciso de um descanso. O seu lado superprotetor está sempre no nível máximo, e quando ele não está ao meu lado, está pairando por perto, o que me deixa um pouco maluca.

Mas eu não posso culpá-lo. Não com toda essa merda acontecendo. Minha mente ainda pensa muito em Jace e no que ele ia fazer. Mas eu aprendi algo com essa confusão toda. Eu sou mais forte do que pensava. Eu sobrevivi à perda de Mia, Diamond e do meu pai. Eu sobrevivi à Jace tentando me machucar. Eu até mesmo sobrevivi a G.T. de certa forma. Eu sempre achei que Harlow fosse a garota forte, e ela é. Mas eu também sou, e descobrir isso é uma sensação maravilhosa.

Há dias em que eu desabo e choro, mas o negócio é que eu me levanto e continuo em frente. Continuo indo. Continuo vivendo.

Eu tiro a roupa e deito na cama, me cobrindo até o queixo, e então apago. Depois de algum tempo, a cama se mexe e braços fortes passam ao redor do meu corpo. Eu respiro fundo, sentindo o cheiro de G.T. e me aconchego em seu corpo. — Oi, baby, — ele sussurra e beija a minha cabeça.

— Oi. Você está bem? — ele suspira e respira fundo. Eu me mexo e olho para o seu rosto, o que me faz prender a respiração e eu me sento rápido. Há um grande corte em sua sobrancelha que parece que foi costurado.

— O que aconteceu? — eu pergunto, estendendo a mão para tocar o corte, e então tirando rápido.

— Negócios do clube, Angel, — ele me olha nos olhos. — Você é tão linda, — ele diz passando a mão pelo meu rosto, fazendo arrepios correrem pelo meu corpo. Esse é o lado de G.T. pelo qual eu me apaixonei, o do homem carinhoso, compassivo e amoroso que nem todos conseguem ver.

G.T. alcança os meus braços e me puxa para cima dele. Seu nariz escova contra o meu e borboletas começam a voar em meu estômago. Como ele faz isso está além da minha compreensão, mas eu não mudaria isso por nada.

Seus lábios deixam um rastro de fogo quando ele beija meu maxilar e meu pescoço. Minhas mãos se movem para os lados da sua cabeça, para me manter estável. Ele se afasta e olha profundamente em meus olhos. — Você é minha, — suas palavras ecoam em meus ouvidos.

— Eu sempre fui, — eu me inclino para baixo e pressiono meus lábios nos seus. O beijo é apaixonado, mas profundo e sem pressa. Cada movimento da boca de G.T. parece planejado, como se ele estivesse pensando com cuidado em cada um. Ou ele apenas sabe como me fazer vibrar e explodir.

Ele me vira deitada de costas tão rápido que uma risada de surpresa escapa dos meus lábios. — Você acha isso engraçado, hm? — ele provoca.

Eu sorrio e passo meus dedos pelo seu cabelo bonito, puxando os fios com força. — Você tem certeza que quer isso? — olhando em seus olhos, eu vejo o meu futuro. Vejo nós dois juntos, fazendo isso funcionar. Preciso saber que ele está nessa para valer. Que ele está nessa comigo. Que eu não estou ficando louca e vendo coisas que não existem de verdade. Eu quero isso. Eu quero ele.

Ele se inclina para a minha orelha, sua voz suave. — Eu queria isso desde a primeira vez que você jogou lama na minha cara. Eu te amo, Angel, — ele beija o meu lóbulo e meu coração incha no peito.

— Diga de novo, — eu sussurro, desejando que isso seja real e não um delírio da minha cabeça.

Ele paira acima de mim e seus olhos encontram os meus. — Eu te amo, Angel. Só você, — uma única lágrima escorre pelo canto do meu olho e G.T. se abaixa para beijá-la. — Eu preciso fazer amor com você.

Meu coração aperta. *Amor.* Eu não consigo achar minhas palavras.

Ele lentamente desliza para dentro de mim, tomando o seu tempo para me encher centímetro por centímetro, devagar. Seus olhos estão presos nos meus e ele começa a se mover. Eu fecho os meus, me deliciando com a sensação. — Abra os olhos, Angel, — eu os abro e vejo os dele, cheios de amor.

Ele não apressa suas estocadas, ele permanece em um ritmo calmo. Pequenas gotas de suor se formam em sua testa. Eu levanto os quadris e começo a encontrá-lo em cada empurrão. Passo minhas coxas em volta da sua cintura e prendo minhas pernas em suas costas. — Mais forte, — eu sussurro, querendo mais.

— Não. Não dessa vez. Você está quase lá. Eu sinto você.

— Eu sinto você também, — eu digo enquanto cravo minhas unhas nas suas costas, sem dúvidas deixando marcas. Não demora muito antes que suas estocadas lentas façam os dois caírem sobre a borda. Nossas respirações pesadas ecoam pelo quarto e seu sorriso vai ser a minha morte. Eu quero lambe as suas covinhas e começar tudo outra vez.

* * *

Bang... Bang... Bang.

Eu gemo e rolo para longe do corpo muito quente que estive aconchegado ao meu redor durante toda a noite.

Bang... Bang... — Abra essa maldita porta, — Harlow grita do outro lado e G.T. se senta. Eu sequer sabia que ele estava acordado.

— Dê o fora daqui! — ele grita de volta e eu estremeço. — E você volte aqui, — ele me alcança e me puxa com força contra o seu peito. Eu amo essa sensação. Eu amo me sentir segura e protegida.

Bang... Bang... — Agora, G.T.! Casey, acorde e abra a porra dessa porta!

— Qual o problema dela? — eu sussurro para G.T.

— Não faço a menor ideia. Apenas a ignore, — ele se aconchega no meu pescoço e me beija várias vezes.

— Se você não abrir a porta, eu vou colocar ela abaixo! — Harlow grita outra vez. — Cinco, quatro...

— Merda, — G.T. murmura, porque nós dois sabemos que ela com certeza vai fazer isso.

— Eu vou, — ele grunhe, mas me solta, então eu prendo o lençol apertado ao meu redor e vou até a porta.

— Dois... — eu abro a porta.

— Qual é o problema? — eu pergunto olhando para os dois lados do corredor, mas não há ninguém por perto.

— Vocês dois precisam se vestir e eu preciso das chaves do seu carro, — eu olho para ela como se tivesse acabado de lhe crescer três cabeças. De jeito nenhuma ela vai dirigir o meu bebê. Eu balanço a cabeça, mas ela me corta. — Não diga não. Apenas faça. Todo mundo está lá fora esperando vocês.

— Todo mundo? O que está acontecendo, Princesa? — G.T. rosna da cama e eu estou pensando em fazer a mesma maldita coisa.

— Todo mundo, — ela repete. — Agora, me dê as suas chaves.

Eu caminho até a cômoda de forma hesitante e olho para G.T., que assente. Entrego minhas chaves para ela com um olhar de advertência. — Pare com isso. Eu nunca danificaria o seu carro. Vocês têm trinta minutos para se vestir e nos encontrarem na sala principal, — ela gira nos calcanhares e sai andando pelo corredor.

Eu fecho a porta e olho para G.T. — O que está acontecendo? — ele dá de ombros.

— Não faço ideia. Por mais que eu queria ficar deitado na cama com você o dia todo, Princesa não vai desistir. Vamos ver que diabos ela está planejando, — ele joga as pernas para fora da cama e vai até o banheiro. Eu fico observando a sua bunda durinha e a enorme tatuagem do Ravage MC que cobre todas as suas costas. Um dia, muito em breve, vou lambe cada centímetro dela. Ele se vira de repente.

— Se você continuar me olhando assim, nós não vamos sair desse maldito quarto.

— Eu não quero sair, — eu passo a língua pelos lábios.

— Porra, baby, — ele vem até mim e me puxa para o seu corpo. — Banho, agora, — ele rosna e meu corpo se inflama.

O vapor do chuveiro acaricia o meu corpo enquanto G.T. me lava de cima a baixo. Ele me coloca gentilmente debaixo do chuveiro e lava o meu cabelo. Ele pega o shampoo e então massageia a minha cabeça, deixando meus joelhos fracos. Apoio as mãos na parede para me impedir de cair. Ele enxágua meu cabelo e então faz o mesmo com ele mesmo, deixando a água cair pelas suas costas.

Seus braços passam ao redor da minha cintura e ele me puxa apertado contra o seu corpo. — Isso vai ser rápido, se segure, — G.T. me gira e me levanta, e minhas pernas se enrolam em volta da sua cintura na mesma hora. Ele bate dentro de mim; eu grito pelo impacto e prendo meus braços ao redor do seu pescoço, me segurando com força.

O amante lento e carinho da noite se foi e em seu lugar agora vejo o homem feroz e exigente que eu também amo. Ele estoca dentro de mim e se inclina para pegar um mamilo na boca. Ele chupa e eu grito, sobrecarregada pela mistura de sentimentos correndo por mim.

Ele bate incansavelmente e de alguma maneira consegue fazer com que a gente não escorregue no azulejo. Ele me empurra contra a parede e usa uma mão para esfregar meu clitóris com força. Eu explodo. G.T. vem logo depois com *Angel* sussurrado pelos seus lábios. Ele descansa a cabeça no meu ombro enquanto os dois tentam recuperar o fôlego.

* * *

Entramos no salão principal com a mão de G.T. apoiada na parte de baixo das minhas costas, mas paro no meio do caminho quando vejo a quantidade de pessoas nos cercando. Para onde quer que eu olhe, de uma parede a outra, há irmãos e suas *old ladies*. Harlow dá um passo à frente. — O que está acontecendo? — eu sussurro.

— Você dois vão ter que confiar em mim, — ela puxa duas faixas de tecido.

— Mas que porra é essa? — G.T. rosna.

— Calma, irmão, — Cruz para ao lado de Harlow. — Apenas confie nela, — eu me viro para olhar para G.T. A confusão que vejo em seus olhos deve estar refletida nos meus. Eu dou de ombros, sem saber que diabos está acontecendo, mas eu confio em Harlow. Eu assinto.

— Certo, mas eu não estou gostando dessa merda, — ele resmunga. Eu coloco minha mão no seu ombro e esfrego para cima e para baixo.

— Vai ficar tudo bem, — eu lhe dou um rápido beijo nos lábios e me viro para Harlow. — Certo. Então você vai nos vendar, e aí?

— Nós vamos sair, — Cruz levanta minhas chaves e meus nervos se agitam. Eu só permiti que G.T. dirigisse o meu bebê, e ainda que eu tenha confiado em Harlow e Cruz, aquele carro ainda é a minha garota, e se algo acontecer com ela eu vou ficar destruída.

Respiro fundo. — Cuide do meu carro, — eu aviso e ele ri sem dizer uma palavra. Lá no fundo eu sei que ele vai cuidar, mas há sempre uma parte de mim que se preocupa.

Harlow vem atrás de mim e coloca um pedaço de tecido macio sobre os meus olhos, me colocando na completa escuridão. — Você pode ver? — ela pergunta com gentileza.

— Não. Está tudo escuro.

— Ótimo. Eu não vou deixar nada acontecer, — ela diz suavemente no meu ouvido.

— Agora você, — G.T. rosna para a sua irmã e eu sorrio. Pelo menos eu não vou estar sozinha nesse plano louco em que ela nos meteu.

— Você pode ver? — Harlow pergunta para G.T.

— Não, — ele resmunga e eu movo minha mão para cima e para baixo, tentando acalmá-lo.

— Certo. Cruz, segure G.T., — meu braço é tocado por mãos pequenos, que eu concluo serem de Harlow. — Eu estou com você. Vamos lá, — ela diz e nós começamos a andar, minha mão se separando da de G.T. Meus batimentos aceleram enquanto nós andamos e eu só posso confiar em minha audição, mas todos ao nosso redor estão falando tanto que só posso escutar uma grande massa de barulhos indistintos. Eu quero pegar a mão de G.T., mas não sei onde ele está.

A brisa gelada bate em minhas bochechas e é minha única indicação de que agora estamos do lado de fora. A porta do meu carro é aberta. — Você vai aí, — Harlow diz, eu me sinto e alguém fecha a porta. O lugar ao meu lado se move e eu sinto o seu cheiro na mesma hora, então me estico rápido e pego sua mão. Preciso de conforto desesperadamente.

— Está tudo bem, Angel, — ele aperta minha mão e a leva até seus lábios, beijando cada um dos dedos delicadamente.

— Bella ainda está aqui? — eu pergunto, me lembrando que ela iria embora hoje, porque não quero perder a chance de me despedir.

— Ela está na moto de Buzz. Ela vai nos encontrar lá.

— E onde diabos é *lá*, Princesa? — G.T. exige saber.

— Sente aí e aproveite a viagem. Não vai ser longa, — o som de muitas motos rugindo para a vida chega aos meus ouvidos e eu pulo. G.T. esfrega seu polegar sobre a minha mão, me tranquilizando. É incrível como eu sinto cada toque, mas o único som é o das motos.

A viagem é curta e o motor logo é desligado. Todos os motores das motos também são silenciados. Minha porta é aberta e eu aperto a mão de G.T. — Eu estou bem aqui, Angel, — eu aceno e então me xingo porque lembro que ele não pode ver.

— Aqui você sai, — Harlow diz e me puxa pelo braço. Eu solto a mão de G.T. com relutância. Passos de alguém usando botas me cercam e a brisa fria me atinge outra vez. O cheiro de grama recém-cortada invade o meu nariz.

— Onde nós estamos? — eu pergunto a ela, mas ela não responde, apenas me puxa. Meu braço esfrega contra algo, mas eu instantaneamente sinto que é G.T. Estico o braço e pego sua mão, interlaçando nossos dedos.

— Certo, Princesa. Essa brincadeira tem que acabar, — G.T. diz.

— Por que você não cala a boca? — Princesa rosna.

— Ah não, irmão. Mantenha essa porcaria nos olhos. Estamos quase lá, — Cruz diz à minha direita, me pegando de surpresa. G.T. deve ter tentado tirar a sua venda.

— Precisamos andar, — Harlow pega a minha mão, mas eu não solto a de G.T. e nós andamos. Ouço pessoas murmurando atrás de mim, mas não conseguido entender o que elas dizem.

Paramos de repente e Harlow me solta. Eu pressiono meu corpo contra o de G.T., procurando o conforto que eu tão desesperadamente preciso agora, e ele me dá ao enrolar o braço ao meu redor.

— Casey e G.T., nós trouxemos vocês aqui porque amamos vocês, porque vocês significam o mundo para nós e porque somos todos uma família. E família, não importa o que aconteça, sempre está lá para nos

cuidar, — as palavras de Harlow ecoam em minha cabeça. — Nós precisávamos fazer algo por vocês.

Posso sentir alguém atrás de mim e pulo. — Sou só eu, Casey, — as palavras de Becs me fazem relaxar na mesma hora, e ele solta a venda, que cai dos meus olhos.

Eu pisco várias vezes, tentando ajudar minha visão da escuridão para a luz brilhante do sol ao nosso redor. Bem à minha frente está a lápide de Bam, mas o que chama minha atenção são os balões cor de rosa e as flores na lápide ao lado da dele. Eu prendo a respiração e coloco a mão na boca enquanto caio de joelhos. G.T. não solta a minha mão, mas permanece de pé, imóvel.

Ao lado da lápide de Bam há uma outra, pequena e em formato de coração, onde se lê *Mia Low Gavelson – Você vai estar para sempre em nossos corações. Com amor, Mamãe e Papai.*

Meu peito se aperta com tanta força que não consigo respirar, e minha garganta se contrai. Minha visão fica borrada quando as lágrimas começam a escorrer incontrolavelmente pelo meu rosto e caem no chão. Tudo ao meu redor está girando, como se eu estivesse caindo no buraco do coelho de Alice e ele está me engolindo. O calor de G.T. me encontra no chão e ele me puxa para o seu colo, me balançando de um lado para o outro.

— Respire, Angel, — ele sussurra no meu ouvido, mas minha mente não está ouvindo. Uma mão suave para em meu ombro e aperta, mas eu não me atrevo a virar para longe da lápide à minha frente.

A mão não deixa o meu ombro, mas palavras são ditas em meu ouvido. — Nós queríamos que vocês tivessem um lugar para falar com Mia, — eu me viro para Harlow quando ela diz isso; lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto também. Eu me afasto dos braços de G.T. e abraço Harlow o mais forte que consigo, a puxando para baixo comigo.

Eu soluço enquanto ela esfrega a mão nas minhas costas. Olho para a lápide por cima do ombro, não acreditando que ela fez isso por mim... por nós. — Obrigada, — eu engasgo o melhor que posso. Olho para G.T. e seus olhos estão vermelhos, sua mão continua a secar suas lágrimas. Eu solto Harlow. — Eu te amo, — eu sussurro olhando nos olhos dela.

— Eu te amo também, — ela diz me dando um beijo na bochecha. Eu me movo rápido para G.T. Ele está sentado com os joelhos dobrado e os braços em volta deles. Seu rosto cai no meu pescoço e ele estremece

silenciosamente em meus braços, suas lágrimas escorrendo pelo meu pescoço. Eu esfrego suas costas, sem saber o que dizer. O choque do que acabou de acontecer está me mantendo calada.

Alguém limpa a garganta e eu olho para cima para encarar os olhos de um homem que eu odeio ver. Não por causa dele, mas pelo simples fato de que sempre que eu o vejo é porque alguém morreu. — Eu gostaria de dizer algumas palavras, se estiver tudo bem, — o pastor pergunta para G.T., afastando os olhos dos meus e olhando para ele. Ele seca o rosto e se vira para mim. Eu lhe dou um pequeno aceno.

— Está tudo bem, — a voz de G.T. sai estrangulada. Quando G.T. tenta se levantar, o pastor o impede.

— Por favor, fique onde está, — G.T. cai de volta no chão e passa os braços ao meu redor, me puxando com força.

Eu sento e ouço as palavras que saem da boca do pastor, cada uma mais doce que a anterior. Ele faz o sinal da cruz e diz *amém*. Ele caminha até G.T. e senta na nossa frente. — Mia sempre vai estar em seus corações, para ser amada e protegida. Que Deus abençoe vocês.

Eu fico ali sentada, sem saber o que dizer, e G.T. parece se sentir assim também, porque nenhuma palavra sai da boca desse cara durão, e eu não posso culpá-lo. O pastor coloca a mão em nossos ombros e sai. Eu me afasto de G.T. — Eu não sei o que dizer, — digo a ele com honestidade.

— Não há nada a dizer. Nós a amamos e nossa família nos deu o maior presente de todos, — ele pega minha mão e a beija. Ele puxa a barra da sua camiseta e seca o rosto com ela, se levantando. Eu faço o mesmo, mas um pouco mais discretamente. Ele estende a mão para mim e, pela primeira vez, eu me viro para trás.

Eu escuto todas as motos, mas não estou preparada para a visão. Centenas de irmãos e suas *old ladies*, e até mesmo amigos, estão parados atrás de nós, em solidariedade. G.T. aperta minha mão e entrelaça nossos dedos. As palavras ficam presas em minha boca e eu me sinto aliviada quando G.T. fala por nós dois.

— Obrigado a todos. Isso significa mais para nós do que vocês podem algum dia imaginar, — ele olha para o chão.

Harlow para na nossa frente. — Nós queríamos que Mia estivesse ao lado do seu avô, para que ele pudesse cuidar dela, — eu olho para o chão e lágrimas enchem os meus olhos, eu balanço a cabeça. — Casey.

Eu olho para Harlow. — Você está vendo todas essas pessoas aqui? — eu assinto. — Elas te amam. Nós estamos aqui porque você é nossa família. Nós vamos fazer qualquer coisa por você, não importa o que seja.

E pela primeira vez na minha vida, eu acredito nessas palavras.

Quatorze

G. T.

A viagem de volta para o clube é silenciosa e tranquila. Eu beijo a mão de Angel e a coloco no meu colo, precisando sentir a sua proximidade e conforto. O que nossa família fez por nós, eu jamais vou poder retribuir. E pela primeira vez, eu estou sem palavras. Ver irmãos de todas as facções parados juntos, com Pops na frente, me fez engasgar, para dizer o mínimo, e eu fiz o meu melhor para não me derramar em lágrimas, mas não consegui evitar. É em momentos como esse que você se lembra com quem realmente pode contar. Existe muita gente por perto quando as coisas vão bem, mas é nos momentos difíceis que você sabe em quem pode confiar. E eu... nós podemos confiar nos nossos irmãos e na nossa família.

Quando Ma me abraçou no cemitério, eu a abracei como se minha vida dependesse disso. Ela sempre foi a minha rocha, não importa quais decisões estúpidas eu fiz na vida. Mas as palavras que ela sussurrou no meu ouvido ainda ecoam na minha cabeça. *Fique com essa, G.T. Essa mulher é para sempre.* Ma sempre disse muita merda, mas dessa vez ela está completamente certa. Angel é minha para sempre, e eu vou mostrar isso a ela todos os dias.

— Temos uma festa planejada quando voltarmos, mas se vocês quiserem fazer uma pausa para respirar e descansar um pouco, vão em frente, — Princesa diz do banco da frente. Angel nem reclamou sobre Cruz dirigir dessa vez; ela se sentou no banco de trás sem dizer uma palavra e colocou a cabeça no meu ombro.

— Uma grande festa? — Angel pergunta com a voz rouca.

— Sim. Nós queremos celebrar Mia, — Princesa olha para Angel.
— Eu espero que esteja tudo bem, — a relutância de Princesa é uma mudança bem-vinda. Eu amo a minha irmã, mas ouvir a apreensão em sua voz me diz que ela quer deixar Casey confortável, e isso significa muito para mim.

— Está tudo bem, mas eu preciso me deitar um pouco para me recompor.

— Claro.

— Harlow? — a voz de Angel estremece.

— Sim?

— Obrigada. Você fez isso por nós, — ela para e respira. — Droga, eu preciso parar de chorar, — ela solta o ar e eu aperto sua mão. — Eu te amo muito, minha irmã.

— Eu te amo também, — Princesa se vira rápido e sua mão vai para o seu rosto; minha irmã durona não quer se vista chorando.

— Ei, mana, — eu berro.

— Sim, — sua voz quebra.

— Eu te amo, — eu digo e sua cabeça cai no peito. Seus ombros sobem e descem silenciosamente. Eu me estico no banco e aperto seu ombro. Ela levanta a mão na mesma hora e cobre a minha, apertando de volta.

* * *

Eu observo Angel dormir, seu rosto ainda está vermelho da manhã agitada que tivemos. Estivemos deitados aqui pelas últimas horas, mas eu não quero dormir. Tentei, de verdade, mas apenas continuo puxando essa mulher para mais perto para sentir o seu calor e seu coração batendo contra o meu peito.

Eu fico deitado pensando sobre as decisões de Casey, e enquanto nós podemos não concordar, eu a perdoo. Eu a amo e agora está na hora de deixar a raiva de lado e tirar isso do meu coração... do nosso. Eu vou me lembrar de Mia todos os dias da minha vida e do que poderia ter sido, mas não há mais raiva.

A música está tão alta que está penetrando as paredes. Estou surpreso que a Bela Adormecida aqui ainda não acordou. A festa está acontecendo há algumas horas, mas com sorte ainda é cedo, então vamos chegar lá a tempo de aproveitar... afinal, isso é uma celebração.

Angel se mexe em meus braços, seus olhos correndo para os meus. — Oi, — ela diz com a voz rouca.

— Oi. Você está bem? — eu tiro uma mecha de cabelo dos seus olhos e ela sorri.

— Sim. Acho que estou. Não posso acreditar que eles fizeram aquilo por nós, — ela enterra a cabeça no meu peito e me puxa para ela.

Eu suspiro e a aperto. — Nem eu.

— Eu sinto muito, G.T., — ela enterra a cabeça mais fundo no meu peito. — Por tudo.

— Olhe para mim, — eu exijo e ela fica imóvel, lentamente virando a cabeça para mim.

— Chega. Acabou. Entendeu? — ela não se move. — Angel, o que está feito, está feito. Nós vamos seguir em frente com as nossas vidas, — ela solta a respiração que não notei que ela estava prendendo.

— Como você pode dizer isso? Depois de tudo que eu fiz.

— Depois de tudo que *nós* fizemos, Angel. Nós estamos juntos nessa. Eu estou tentando superar, mas você tem que acreditar que eu te perdoo, assim como eu espero que você me perdoe totalmente.

Ela puxa uma respiração profunda. — Ok, — ela sussurra.

— Ok. Você está pronta para ir lá?

O sorriso dela ilumina o quarto. — Sim, vamos celebrar.

— Vamos.

* * *

Eu entrelaço meus dedos com os de Angel quando entramos no salão principal do clube. Há mesas e cadeiras por todos os lados. Um

DJ está instalado em um dos cantos, suas enormes caixas de som vibrando com o baixo quando a música voa delas.

— Aí estão vocês! — Princesa grita de trás do bar, correndo na nossa direção rapidamente. Antes que eu possa protestar, Angel solta a minha mão e Princesa a levanta e a gira ao redor. — Você está bem? — ela pergunta.

— Sim. Estou sim, — Angel diz, colocando os pés no chão.

— Ótimo. Tem comida. Você precisa comer, — Princesa olha para mim. — Eu vou ficar com ela um tempo.

Antes que ela possa levá-la embora, eu puxo Angel contra o meu corpo e passo um braço em volta da sua cintura, a trazendo o mais perto possível. Seus olhos se arregalam de surpresa. Eu esmago meus lábios nos dela, minha língua se movendo dentro e fora da sua boca. Ela me encontra em cada movimento, e eu agarro a sua bunda, pressionando o seu corpo contra o meu pau endurecendo.

Angel levanta os braços, os prende ao redor do meu pescoço e me segura firme, seu corpo derretendo no meu. Eu preciso levar ela para o quarto. Agora. Vivas e aplausos explodem no cômodo e ficam cada vez mais alto, conforme nós continuamos. Eu não dou a mínima se eles estão olhando, mas minha Angel se afasta um pouco. Eu mordo seu lábio inferior com os meus dentes e descanso minha testa na sua. Sua respiração está ofegante e eu tenho muito prazer em saber que fui eu que a deixei assim.

— Você acabou de marcar seu território? — Princesa dá um grande sorriso.

— Nunca. Mas isso vai bastar por enquanto, — Angel sorri e mordisco seu lábio mais uma vez antes dela me soltar relutantemente e ir com a Princesa. Eu fico observando seus quadris balançando de um lado para o outro e isso só me deixa mais duro. Eu passo a mão pelo meu jeans, tentando acomodar a ereção que ela vai cuidar daqui a pouco.

— Aqui, irmão, — Buzz chama e me entrega uma cerveja e um pequeno copo cheio de líquido âmbar. Eu bebo o uísque primeiro e depois começo a cerveja.

Olho ao redor procurando por Bella, porque sei que ela não iria embora sem se despedir de Angel. — Obrigado. Onde está Bella? — eu sei que ela montou de volta para cá com Buzz, mas não a vejo em lugar

nenhum agora. Bella teve boas aulas sobre nós nas últimas semanas. Embora tudo estivesse bastante calmo na maior parte, pelo que eu ouvi, ela esteve bastante ocupada conhecendo Buzz e Breaker um pouco melhor.

— Dormindo. Ela vai vir daqui a pouco.

— Você manteve ela ocupada? — eu sorrio maliciosamente.

— Porra, sim, irmão, — ele ri. — Ela é gostosa pra caralho e uma gata selvagem na cama.

— Ela ainda vai embora?

— Sim. Amanhã. Ela não iria perder isso, — eu assinto e vou para a grande mesa onde estão Pops, Dagger, Cruz, Rhys e Becs.

— Irmão. Já estava na hora de trazer seu traseiro para cá, — Dagger ri e levanta uma garrada de cerveja em saudação.

— Estou aqui, — eu abro bem os braços mostrando o meu colete e sorrio. Pego um cigarro, o coloco entre os dentes e acendo. Pops chuta a cadeira ao seu lado como um convite para que eu sente. A julgar pelo amontoado de garrafas na mesa, a festa está animada.

— Levantem os copos, rapazes, — Pops exige. Todos obedecemos, independente de para quem será o brinde. — À minha linda neta.

— Mia, — eles dizem em uníssono e eu sorrio antes de tomar um gole da minha cerveja.

— Princesa com certeza se superou dessa vez, — ela absolutamente me encanta às vezes. Com toda a merda que ela passou, ela está mais forte do que nunca.

— Irmão, você não tem ideia. Aquela mulher é incansável, — Becs diz sorrindo.

— Não me diga. Tente viver com ela, — Cruz ri. — Ela é uma bomba prestes a explodir. Só consigo acalmar a mulher transando com ela, — ele dá de ombros. — Não que isso seja um problema.

— Eu dei a ela muito espaço para criar, provavelmente mais do que eu deveria, mas eu sabia como isso era importante para você e Casey. E porra, quem não gosta de uma boa festa? — Pops sorri, tomando um gole da sua cerveja.

— Eu nem sei o que dizer, irmão, além de *obrigado*, — eu balanço a cabeça e procuro a minha garota. Eu a vejo em uma mesa do outro lado do salão. Princesa está ao seu lado e há um grande morro de comida na sua frente. Seus olhos encontram os meus, e ela me dá um sorriso tão bonita que ilumina todo o maldito cômodo. Eu levanto as sobancelhas sugestivamente e ela cora, voltando para a sua comida.

— Então irmão, ela é sua ou é jogo livre? — Rhys pergunta. Eu viro a cabeça para ele. Bato a garrafa em minha mão contra a mesa conta força que sinto ela rachar um pouco, mas não o bastante para quebrar. Aperto os dentes e meus batimentos aceleram, pura raiva correndo pelo meu corpo.

— Ninguém toca um dedo nela, porra. Me entendeu? — eu cuspo através dos dentes cerrados, o encarando direto nos olhos.

— Você vai colocar suas cores nela? — Becs me encara com intensidade, e é como se Bam estivesse me perguntando, não ele. Eu sei que Casey vê Becs como a coisa mais perto de um pai, por causa da forte amizade que os dois tinham, então essa pergunta não me irrita; na verdade, ela me acalma um pouco depois de Rhys abrir a boca.

— Claro, — eu respondo imediatamente.

— Bom garoto. Já estava na hora, caralho, — ele se levanta e se estica.

— Eu vou dar uma volta lá fora, me certificar de que todos estão felizes por lá, — Dagger sorri e se levanta também. Do lado de fora das portas do clube, as vadias do clube estão esperando até que a festa realmente comece. Aqui dentro é apenas família, por enquanto.

— Faça isso, — Pops responde com conhecimento. Nós ficamos sentados pelo que parecem horas, conversando sobre qualquer merda: esportes, mulheres, nossas motos. Membros de outras facções se unem a nós, repetidamente me dando tapas nas costas como forma de condolências, assim como suas *old ladies* se juntam ao redor de Casey. Ela pega meu olhar várias vezes, me dando um sorriso sexy como resposta em todas elas, e eu estou tentado a levá-la para o quarto e foder com ela até que ela perca a cabeça, mas me controlo. Por quê? Quem vai saber? Meu coração aquece pela maneira como as outras *old ladies* estão lhe tratando. Ela está se sentindo parte da família que nunca pensou que tivesse.

A festa começou para valer e as vadias do clube, usando praticamente nada, entraram, algumas com irmãos de outras facções pendurados nelas, algumas sozinhas procurando por diversão.

As *old ladies* tinham se soltado e estavam dançando na frente do DJ, balançando os quadris, Casey junto delas. No momento, ela estava presa entre Flash e Harlow, balançando seu corpo e me provocando com cada movimento. Os olhares atrevidos que ela me dava estavam me tirando do sério, porra. O único ponto negativo era que ela era a única que não tinha um *colete de propriedade*, mas essa merda estava prestes a mudar.

Eu fico a observando mexer o corpo de um lado para o outro e para cima e para baixo. Flash, a *old lady* de Dagger, a agarrou por trás e elas começaram a rebolar juntas. O rosto de Angel ficou vermelho quando ela empurrou o traseiro na direção de Flash, suas mãos abraçando os quadris dela com força.

Eu continuo observando, pegando seus olhares de vez em quando. A tensão sexual está se intensificando a cada minuto. Mãos femininas param no meu ombro, e eu olho para ver DeDe. Me lembro imediatamente do dia em que ela limpou o meu quarto. — Oi, — eu sorrio para ela enquanto ela dá a volta na mesa para colocar sua bunda quase nua sobre ela.

— Oi, bonito, — ela cruza as pernas e sua saia sobe. — Eu senti sua falta, — ela levanta a mão e toca minha camiseta.

— Como você está? — eu me afasto do seu alcance, suas unhas que já foram longas agora parecem adagas, e seu cabelo castanho escuro não é nada atrativo para mim.

— Bem.

— Você tem se cuidado?

— Sim. Algumas amigas quiseram vir essa noite. Ouvi falar da sua filha. Eu sinto muito.

— Obrigado.

— Eu estava esperando que nós pudéssemos nos encontrar, — ela sorri timidamente.

— Nah. Eu estou com a minha garota, — eu olho para a pista de dança e vejo muitos olhares me perfurando. Várias *old ladies* estão me assassinando em suas mentes nesse momento. Não vejo Angel em lugar

algum. Merda. Sem dizer uma palavra eu me levanto e DeDe me para, me agarrando pelo braço.

— Eu não vou contar para ela, — ela diz suavemente.

— Não há nada para contar, — eu rosno e saio de perto dela, indo direto para as *old ladies* na pista de dança. — Onde ela está?

— Ela precisava de ar, — Bubbles diz, mas não de um jeito feliz como ela sempre faz. Porém, eu não preciso explicar nada a elas, elas não importam para mim, apenas Angel me importa. Eu saio dali, rapidamente indo para a porta.

* * *

CASEY

Dançar com as *old ladies* me trouxe mais diversão do que tive em anos. Elas sabem como se soltar e, pelo que me disseram, elas se sentem seguras aqui, sabendo que os seus homens as protegerão. Eu também. Uma grande diferença, no entanto, é que elas possuem coletes. Todas elas usam seus coletes com orgulho, e isso me fez perceber que eu não notei o quanto desejava ter isso com G.T.

Eu dei duro para me manter conectada a G.T. durante toda a noite. Em parte, por razões egoístas. Eu quero que ele saiba que eu estou aqui e não quero que ele tenha qualquer motivo para achar que precisa de outra mulher. Jamais. Eu sou tudo que ele precisa.

Estou olhando para G.T. quando uma mulher se aproxima dele. Eu pisco várias vezes para ver melhor e então isso me atinge como mil marretas ao mesmo tempo.

É ela. Depois de todo esse tempo, é aquela mulher e ela está tocando nele, porra. Uma combinação de bebida e suor esquentando o meu corpo, e vendo ela ali... eu preciso de ar. Agora. — Eu vou lá fora, — eu grito no ouvido de Princesa. Ela olha para mim e então para G.T., e balança a cabeça.

— O que ela está fazendo aqui? — eu resmungo para mim sabendo que ninguém poderia ouvir por cima da música alta.

— Não. Ela não é nada, — ela segura o meu braço.

— Eu só preciso de ar. Eu vou ficar bem, — eu dou a ela o melhor sorriso que consigo e ela me solta. Eu sinto seus olhos me seguindo enquanto saio do prédio, o ar gelado me bate assim que abro a porta e eu respiro fundo.

A visão à minha frente é saída diretamente de um filme pornô, e eu acho que eles começaram a ação cedo aqui fora. Duas mulheres estão deitadas na mesa de piquenique, suas saias enroladas em volta da cintura, enquanto irmãos de outra facção estão com as cabeças entre as coxas. Um dos homens tem uma mulher esmagada com força contra a cerca, estocando nela incansavelmente, seu traseiro nu para todos verem.

Outros estão ao redor observando a ação acontecendo na frente deles. Nada como pornô ao vivo. Eu caminho até a oficina, a escuridão da noite menos intensa graças a todas as luzes altas que os caras instalaram.

Eu inspiro e expiro. Uma grande pedra ovalada está no canto do prédio. Quando eu trabalhava aqui, nós costumávamos usá-lo para bloquear o acesso à parte de trás do prédio. Eu sento nela e fico observando as pessoas.

Ver aquela mulher me trouxe muitas lembranças que eu quero muito manter guardas. G.T. diz que me perdoa por Mia, e agora é a minha vez de perdô-lo por mentir. A dor no peito ainda está lá, mas eu preciso me afastar disso.

Quando vi a mulher, tive essa forte necessidade de marchar até a vadia, arrancar seus cabelos e dar uma surra nela. Ela estava, afinal de contas, tocando no meu homem. Apenas uma coisa me impediu. Ele não é realmente meu homem.

Vivendo a vida do clube você aprende que tudo pode mudar de uma hora para a outra. Que vida. Eu ainda não tenho certeza se G.T. quer ficar comigo com exclusividade. Ele sabe que eu não vou dormir com outro irmão, nunca. Mas ele jamais falou comigo sobre compromisso ou monogamia, apenas que eu sou a sua garota. Até onde eu sei, ele poderia estar pegando alguém por fora, mas prefiro acreditar que não. Que ele só tem olhos para mim. Mas até que ele coloque um anel no meu dedo ou um couro nas minhas costas ele não é meu, e seu cobrar isso, vou afastá-lo. Já vi isso acontecer com muitas mulheres antes.

Gemidos atrás de mim me dizer que não estou sozinha. Quando uma mulher grita e um homem rosna, o barulho para. Alguns

momentos depois, uma loira baixinha usando uma saia muito curta – que ela está tentando puxar para baixo, sem sucesso – sai de trás do prédio. Ela sorri para mim e segue em frente. Ela passa as mãos pelo cabelo, tentando ajeitá-lo, mas isso também não dá muito certo.

— Oi, — a voz de Tug vem de trás de mim e ele está fechando seu cinto.

— Olá, — eu aponto para a garota. — Ela é bonita.

Ele dá de ombros e para ao meu lado, seu cabelo está todo despenteado, mas o sorriso em seu rosto é brilhante. — Ela fez bem o seu trabalho, — ele ri.

— Que seja. Acho que vale para os dois, — eu aceno com a mão.

— O que você está fazendo aqui fora? Onde está G.T.? E as garotas? — ele estreita um pouco os olhos. — Não é seguro para você ficar aqui fora sozinha. Você sabe disso.

Eu aceno com a mão outra vez. — A maioria desses homens conhecem Bam e a mim há anos, e eles já me viram com G.T.

— Mas você não tem um colete, baby. Se lembre disso. Sempre se lembre disso.

Suas palavras são um soco no estômago. — Eu sei, — eu sussurro.

— Você está bem?

— Sim. Eu só precisava tomar um ar, estava ficando abafado lá dentro, — eu sorrio olhando para o pátio e todas as pessoas.

— Eu imagino que foi um dia do cão para você, — ele se senta ao meu lado, e eu me mexo um pouco para lhe dar espaço.

— Sim. Muito inesperado, com certeza, — ele coloca uma mão sobre a minha, que está sobre o meu joelho, e dá um leve apertão.

— Você sabe que podia ter me contado sobre Mia, — eu me viro para encará-lo e vejo preocupação em seus olhos.

— Eu queria. Mas você teria contado para Princesa ou para G.T., e naquela época eu não podia arriscar. Eu não contei para ninguém, Tug.

— Você deveria ter me contado. Eu teria estado lá com você.

— Não. Ela deveria ter *me* contado e *eu* estaria lá com ela, — a voz de G.T. me faz saltar.

— Oi, — eu digo olhando para ele, seu rosto é uma máscara de raiva, mas ele não está olhando para mim. Eu sigo seu olhar e vejo que ele está encarando fixamente a mão de Tug sobre a minha. Eu a puxo levemente, não querendo causar problemas entre eles, mas pelo seu rosto, o problema já existe.

Seus olhos vão para Tug. — Eu e você. Me encontre no ringue em trinta minutos.

Eu pulo da pedra e paro na frente de G.T. — Isso não foi nada. Vocês não precisam lutar, G.T.

Seus olhos não encontram os meus, continuam fixos em Tug. — Certo, — Tug diz, tocando no meu braço. — Você vai ficar bem? — ele pergunta, fazendo G.T. rosnar alto.

— Eu estou bem, mas não briguem, — eu digo para ambos.

— Isso era para ter acontecido há muito tempo, Casey. Muito tempo, — Tug diz, se afastando de nós.

Eu olho para G.T. — Você não pode brigar com ele. Tug não fez nada de errado.

— Ele estava aqui fora, com você, no escuro, segurando a sua mão, — a raiva se derrama dele e a veia no seu pescoço começa a pulsar ameaçadoramente.

— Tug me viu aqui sentada e nós estávamos apenas conversando, é isso, — por alguma razão que eu desconheço, sinto que preciso me defender e implorar a ele ao mesmo tempo.

— Todos aqui sabem que você é *minha* garota. Minha. Ninguém toca em você.

Eu fico cara a cara com ele o olho diretamente nos olhos. — Acho que eu posso dizer o mesmo para você, certo?

— Eu sabia que isso era sobre ela. Ela não significa nada. Eu já te disse isso.

Eu suspiro baixinho. — Eu sei. Apenas esse não é o melhor dia para ela aparecer, você sabe.

— Você não tem com o que se preocupar, — eu fecho os olhos e inclino a cabeça para olhar o céu. Nada com o que me preocupar. Claro. Deve ser a bebida que está me deixando assim, mas eu começo a rir. Eu começo a gargalhar alto pelas suas palavras. — De que porra você está rindo?

— Você não é exatamente conhecido por manter o pau dentro das calças, G.T.

Ele me puxa para perto, nossos corpos se chocam e o ar sai dos meus pulmões. — Eu não tive outra buceta desde que você voltou para a minha vida. Eu não quis. Você é minha, Casey. Minha. Isso significa que eu vou colocar um anel no seu dedo e meu couro nas suas costas. Que você vai voltar para casa comigo todos os dias e acordar em meus braços todas as manhãs. Eu não vou permitir que nenhum homem toque em você, especialmente um prospecto que está tentando virar um membro deste clube. Regras, Casey. Ele vai aprender sobre elas essa noite.

Eu fico ali sem palavras, olhando em seus olhos e deixando que as palavras que ele acabou de dizer penetrem na minha alma. Então o medo pela ameaça contra Tug mostra suas garras e eu não consigo respirar. Eu não quero que ele se machuque, mas sei que é assim que as coisas funcionam. Se há um impasse você resolve isso no ringue, e então, com sorte, isso vai estar acabado e decidido.

— Você vai estar bem na frente, Angel. Eu quero te ver o tempo todo em que estiver dentro do ringue, — eu quero argumentar que talvez ele não esteja bem o bastante para lutar. Eu sei que ele foi liberado por Doc, mas para lutar eu não tenho tanta certeza. Porém, eu não vou questioná-lo, então apenas aceno a cabeça.

Seus lábios se chocam nos meus sem pedir permissão, exigindo, tomando. A língua de G.T. corre pelo meu lábio inferior e então eu abro a boca na mesma hora para que ele invada. Ele tem gosto de cerveja e cigarro, e eu não posso ter o bastante. Eu puxo a sua camiseta, precisando ter ele mais perto, ainda que o ar já esteja encontrando dificuldade de passar entre nós. Nossos lábios se movem em sincronia perfeita, meu corpo incendeia com desejo e necessidade.

Sua mão corre para o botão e o zíper do meu jeans, e os abre. Ele entra lentamente na minha calcinha e sente minha buceta molhada. — Eu amo como você fica molhada para mim, Angel.

Eu gemo e ele enfia um dedo ao mesmo tempo que meu corpo se move, e com precisão total ele brinca com o meu corpo até o limite.

Seus lábios continuam a devorar os meus e faíscas começam a tomar o meu corpo. Os lábios de G.T. silenciam os meus gemidos.

Minha respiração está ofegante e difícil de controlar. Eu alcanço a sua calça e massajeio seu pau totalmente ereto por cima do tecido. Sua mão pega a minha e impede os meus movimentos. Eu olho para ele maravilhada. — Depois da luta. Você é minha, — ele puxa o meu braço ao redor do seu corpo.

— Você não quer que eu te alivie agora? — eu pergunto piscando os cílios de forma provocativa.

— Sim, baby. Eu quero. Mas você me acendeu e agora eu estou pronto para entrar lá, — o medo corre por mim quando ele aponta para o ringue. Eu não quero que Tug se machuque.

* * *

Bella pega a minha mão e segura com força. — Você está bem?

— Não. Não mesmo, — G.T. está no meio do ringue balançando de um lado para o outro, suas mãos estão enfaixadas para a luta. Ele está sem camiseta e colete, então seu abdômen definido e suas costas tatuadas sexy estão à mostra. Eu fico atrás dele porque ele é o meu homem, mas isso não significa que eu tenho que gostar do que os dois estão prestes a fazer.

Tug está do outro lado ringue, as mãos também enfaixadas balançando como as de G.T. Mas há tantas diferenças entre os dois homens, no entanto. Onde G.T. é seguro, confiante e conhecedor, Tug é levemente inseguro, e sua confiança está diminuindo. O tamanho de G.T. ao lado de Tug é outra variável. Tug tem uns 10cm a mais, mas em termos de massa corporal eles estão praticamente empatados. Eu não quero ficar aqui e ver isso. Nada de bom pode vir dessa luta.

Dagger está no meio e declara que ele vai oficializar a luta, o que me surpreende. Isso em geral não acontece, mas por alguma razão desconhecida vai ser assim essa noite. Rhys toca o sino e eles se juntam no meio. Estou de mãos dadas com Bella e Harlow, uma de cada lado. Eu as aperto, precisando me acalmar de alguma forma.

G.T. pula de um lado para o outro. — Vamos lá, seu otário. Me mostre que você é homem mesmo, — G.T. provoca.

— Pergunte para a sua garota se eu sou homem, — Tug responde e G.T. ataca. Eu estremeço e fecho os olhos. Sons de rosnados, respirações pesadas, carne se chocando com carne continuam pelo que parece para sempre. Eu abro apenas um olho e vejo sangue escorrendo do rosto de G.T. e de Tug. Fecho o olho outra vez. Isso não deveria estar acontecendo, mas não posso fazer nada para parar. Seja lá que merda é essa, eles precisam se resolver.

Um baque alto me faz abrir os olhos de uma vez, e tanto G.T. quanto Tug estão tropeçando em seus pés, nenhum deles querendo desistir, e tudo que eu quero é que isso acabe logo.

— Tempo! — Dagger grita. G.T. se vira para mim com um grande sorriso no rosto, sangue escorrendo por todos os lados. Ele se vira de novo para Tug e abre os braços, Tug faz o mesmo. Eles se dão abraço masculino mais sexy que eu já vi. Os dois estão cobertos de sangue e suor, quem teria pensado.

E simples assim, qualquer merda que os tirou do sério passou. Acabou. Resolvida. Eu suspiro de alívio; pelo menos os dois estão saindo daqui vivos.

— Casey, traga o seu traseiro aqui! — Dagger grita e eu olho para Princesa com uma expressão de *o que eu faço?*

— Vá, — ela diz soltando a minha mão; Bella aperta a outra mão e me solta também. Eu vou até a pequena escada que leva ao ringue e paro na frente dos dois homens. Sorrio suavemente para os dois, mas caminho até G.T. Os cortes no seu rosto não são tão ruins, eles parecem piores porque há suor em seu rosto se misturando com o sangue.

— Venha aqui, Angel, — ele estica o braço e me puxa, esmagando seus lábios nos meus no meio do ringue. Os gritos e assobios provavelmente podem ser ouvidos a quilômetros daqui, mas meu corpo derrete no dele, ignorando tudo e todos ao nosso redor. Eu passo os braços pelo seu pescoço, seu corpo suado se pressiona no meu. Minha respiração acelera, assim como meu coração. Ele se afasta e olha em meus olhos.

— Agora não há dúvidas de que você é minha, — G.T. diz e dá um pequeno sorriso.

— Eu te amo, — eu sussurro. Ele me levanta no colo e me leva para fora do ringue, através do clube todo e direto para o seu quarto, sem dizer uma palavra para ninguém.

Quinze

G. T.

Eu preciso dela, agora. Chuto a porta fechada com meu pé rapidamente e a tranco, então vou direto para a cama. Meus lábios estão presos nos dela e eu movo seu corpo, então suas pernas estão ao redor da minha cintura e suas mãos estão pressionadas contra o meu rosto. Minhas mãos cobrem o seu traseiro e a seguro apertado contra mim.

Sua respiração está ofegante e seu coração está retumbando no peito, eu posso sentir quando seu coração encontra o meu através de nossas camisetas. Minha fome por ela cresce ao ponto do desejo incontrollável. — Eu preciso estar dentro de você agora, — eu rosno e me afasto para colocá-la no chão. — Tire as roupas. Na cama, de quatro, — um sorriso aparece em meus lábios quando ela rapidamente obedece, puxando sua camiseta sobre a cabeça e empurrando o jeans pelas pernas. Ela fica de pé usando apenas lingerie preta, a mão no quadril me olhando com intensidade. — Eu disse para tirar tudo. Agora.

— G.T. me deixe limpar você primeiro, — ela diz sem fôlego.

— Não, — eu arranco as faixas das minhas mãos e pego uma camiseta do chão para secar o suor do meu rosto. O banho vai ter que esperar, ela me encara com os olhos arregalados. Eu mexo as sobrancelhas. Esperando.

Ela lentamente alcança atrás das costas e solta o sutiã, a peça cai no chão e deixa à mostra seus peitos lindos. Os mamilos duros estão apenas esperando para serem chupados e mordidos. Ela se vira e escorrega a calcinha pelas pernas, se dobrando para isso e me dando uma ótima vista da sua bunda e da buceta. — Você está pronta para

mim. Venha aqui, — eu comando enquanto termino de tirar minhas roupas.

Meus lábios reivindicam os dela e Angel se derrete no meu beijo. Eu a afasto abruptamente. — De quatro, — ela lentamente sobe na cama e coloca seu traseiro delicioso para cima. Eu me dobro atrás dela e enterro meu rosto na sua buceta. Seu gosto invade a minha boca e meu pau cresce ao ponto da dor. Sua doçura cobre a minha língua e a sua bunda de mexe de um lado para o outro em pequenos círculos, e seus gemidos e suspiros são música para os meus ouvidos.

Eu empurro um dedo na sua entrada e a provoco, colocando apenas um pouco de cada vez. Eu sorrio quando seus fluidos escorrem da sua buceta. Ela vai para trás para tentar empurrar meu dedo mais para dentro e eu me afasto completamente, a língua também. Ela gira a cabeça para o lado e me olha com os olhos encapuzados de desejo.

— Quem está no comando, Angel? — ela baixa a cabeça.

— Você.

— Isso mesmo, — eu dou um tapa na sua nádega direita com força o bastante para deixar uma pequena marca vermelha, mas não suficiente para machucar. Seu corpo balança para frente e para trás. Minha língua volta a se mover pela sua buceta gostosa, indo fundo ao mesmo tempo que o meu dedo indicador, que entra apenas o bastante para encontrar aquele ponto interno especial, e eu esfrego.

Ela aperta ao redor do meu dedo e eu puxo para trás lambendo a sua buceta, mas fico longe do seu clitóris. Ela geme e sua cabeça cai sobre os travesseiros na cama. Eu me afasto completamente e então empurro todo meu pau dentro dela com uma estocada, e suas costas arqueiam. Coloco minha mão no meio das suas costas e a empurro de volta para baixo. — Oh, Deus... — ela geme.

— Não... é G.T., baby, — eu sorrio e começo a me mover dentro e fora da sua buceta apertada, seus sucos cobrindo todo o meu pau. Eu me vejo entrar e sair de dentro dela e isso envia ondas elétricas pelas minhas veias. Minha espinha se arqueia e minhas bolas se apertam. Eu não me seguro. Não posso. Cada estocada vai mais fundo e mais forte que a anterior. Cada estocada é como se eu estivesse tentando escalar dentro do corpo de Angel para nunca conseguir sair. E agora, nesse momento, é exatamente o que eu quero fazer.

Eu passo a mão pela sua cintura e chego no clitóris, que eu esfrego metodicamente com força. Angel aperta ao meu redor e grita o

meu nome alto o bastante para sacudir as paredes. Suor escorre pelas minhas costas e desce pela fenda da minha bunda, e eu me torno implacável. Cada estocada rompe mais do autocontrole que eu tinha.

— Goze de novo, — eu digo batendo com meus dedos em seu clitóris sem parar.

Ela geme e, apenas assim, explode ao meu redor, apertando meu pau. Mais duas estocadas duras e ela me ordenha para eu lhe dar tudo que eu tenho. Continuo bombeando lentamente até que todos os tremores desaparecem.

Eu saio de dentro dela devagar e vejo meu gozo escorrendo do corpo de Angel. Porra. Ela desaba na cama com os olhos fechados. Eu deveria pegar uma toalha e limpá-la, mas a ideia de ter o meu gozo dentro dela nubla o meu bom senso. Eu a puxo para os meus braços e a beijo fazendo barulho. Nós caímos exaustos no sono.

* * *

TRÊS DIAS DEPOIS

Batidas na porta me acordam. O corpo quente de Angel está curvado contra o meu e não quero me mexer, porra. Ela teve dias difíceis ultimamente, e não quero acordá-la ainda. Me movo lentamente para longe do seu corpo, então coloco minha calça jeans e não me incomodo em fechar o zíper.

Abro a porta e Becs está ali parado com as mãos nos bolsos. — Sim.

— Dewey quer a nossa resposta. Saímos em trinta, — ele sorri e vai embora.

Eu fecho a porta e vou para o banheiro. Desde a festa, os irmãos deram algum espaço para mim e Angel, o que significa que não saímos da cama todo esse tempo, e eu amei cada minuto do caralho. Depois de uma triste despedida de Bella, o sorriso de Angel voltou a ser radiante todos os dias. E eu amo o fato de que sou eu que coloca esse sorriso lá.

Dewey quase explodiu meu telefone por causa esse maldito acordo. Ele ficou fora do radar depois que toda merda aconteceu, mas agora ele está de volta e logo vai estar puto. Essa carga representa uma tonelada de dinheiro, mas o que ele não quer não vale a pena. O risco é grande demais para o lucro. Ravage gosta muito de lucrar, mas os

riscos precisam se encaixar no que é melhor para o clube. Isso faria todo o clube se extinto, e não é algo que estamos dispostos a arriscar.

Eu olho para a cama e para a linda mulher deitada ali. Seu cabelo loiro e preto está espalhado em cascatas sobre os travesseiros, e ela está deitada de costas, a cabeça virada. Seus braços estão debaixo do travesseiro, a projetando para cima. Eu amo como ela parece calma e em paz.

Eu tiro seu cabelo do rosto e dou um leve beijo em sua testa, e ela acorda. — Oi, — ela diz com a voz grogue.

— Oi. Tenho que ir trabalhar. Mais tarde eu volto.

Ela sorri. — Ok.

Eu me inclino e beijo seus lábios suaves. Me afasto e ela aperta o seu lábio inferior com os dentes, o prendendo com força. Eu balanço a cabeça para a minha pequena sedutora.

— Tchau.

— Tome cuidado, — ela sussurra, como se não devesse dizer isso.

— Sempre, — eu sorrio e fecho a porta atrás de mim. Quanto antes resolvermos essa merda, antes eu vou poder voltar para casa e me enterrar na minha garota.

— Mas olha só quem está aqui! G.T... está vivo! — Dagger ri. Eu vou em frente e toco o canto da minha boca com o polegar, e esfrego o lábio com força. Os caras estão sentados ao redor da grande mesa na sala principal. Ma e Princesa devem estar fazendo o café.

— Ciúmes é ótima logo pela manhã, — eu sento em uma cadeira.

— Porra. Eu teria sumido também se estivesse enterrado na minha garota, — Rhys se inclina para trás em sua cadeira e coloca as mãos unidas na nuca, apoiando a cabeça.

— Nem me fale isso, — eu resmungo pensando na minha garota na cama, esperando por mim. — Podemos fazer essa merda logo para eu pode voltar?

— Já foi amarrado pela buceta, — Pops balança a cabeça e eu o encaro.

— Não estou amarrado. Apenas gosto da minha buceta, — eu pego um cigarro, o prendo entre os dentes e acendo.

— Certo. Falando sério agora, — Pops grita e todos nós nos sentamos direito e acenamos com a cabeça. Sua voz baixa. — Precisamos de todos os recursos para achar Paine. Essa merda não acabou e quando ele voltar vai ser pior. Eu tenho um encontro com a amiga de Princesa, Deara, e o bando dela em alguns dias. Eu também falei com os meus contatos e eles estão do nosso lado. Essa merda vai acabar. Eu quero que acabe. Agora.

Ma e Princesa chegam à mesa e Pops para e sorri. — Olá garotos. Aqui está, podem comer, — Ma diz e coloca pratos de comida na frente de cada um de nós. Princesa se abaixa e beija Cruz.

— Casey ainda está dormindo? — ela me pergunta severamente.

— Sim. Eu acabei com ela, — eu rio balançando a cabeça.

— Eu quero uma conversa quando você voltar dessa corrida, — ela me diz e vai embora.

— Mas que porra foi essa? — eu lato para Cruz.

— Não me pergunte, — ele coloca um punhado de comida na boca. — Tenho certeza que você fez algo para deixar ela puta.

— Eu tenho certeza que sim.

Depois de comermos, vamos ao encontro de Dewey.

* * *

CASEY

Eu estou no epítome do inferno adulto. Tem que ser. Esse tem que ser o lugar para onde adultos vão quando fazendo terrivelmente horrível e precisam pagar a penitência. Eu não sei como diabos eu fui convencida a vir aqui. Eu não sei como diabos eu concordei com isso. Mas na verdade eu sei sim. Um par de olhos azul bebê me olhava tão cheio de esperança que eu não consegui dizer não. Agora estou pagando por isso.

— Mas que diabos é esse lugar? — eu olho assustado para o todo o lugar coberto de brinquedos infláveis balançando. Em uma parede há um grande circuito de escalada e cordas penduradas no teto, e várias crianças estão subindo. No canto mais afastado, há várias máquinas de

fliperama alinhadas e as luzes estão piscando. Cores. Puta merda. Eu nunca vi tantas cores juntas em um só lugar.

— Esse... é o Hora Feliz, — Princesa responde suspirando em derrota. — Eu só trago Cooper aqui muito de vez em quando.

— Eu posso ver porquê. Isso é uma loucura, — os barulhos vêm de todos os lados, gritos, música, xingamentos, roncoss... tudo.

— Ele só vai brincar por uma hora e então vai estar tão exausto que vai dormir por um bom tempo, — ela sorri. — Esse é o meu bônus por aguentar essa merda.

Nós entramos e eu analiso toda a área. Crianças correndo por todos os lados e adultos, usando camisetas em preto e branco com um logo, correndo atrás delas para impedi-las de se machucar. Alguns pais cuidavam dos seus filhos, enquanto outros estavam em seus laptops sem dar a mínima para o mundo.

— Tia Casey... você *binca* comigo?

Cooper olha para mim e eu não tenho outra opção além de responder — É claro. — E pego a sua pequena mãozinha. Nós andamos através do aglomerado de crianças, pais e brinquedos e as pessoas se viram e nos encaram. Eu tenho certeza que não é para ver a minha beleza ou a de Harlow, ou a coisinha fofa que é Cooper. Não. É por causa dos dois homens enormes parados atrás de nós.

Tug e Buzz se aproximam com suas mãos nos bolsos, estudando o lugar com os rostos fechados. Quando nós decidimos sair. G.T. e Cruz já tinham saído, e como não podemos ir a lugar nenhum sem os caras, Buzz e Tug eram a opção mais próxima. Droga, eu me sinto mal por eles. Merda. Eu me sinto mal por mim. Mas estou feliz, no entanto, que Tug e G.T. resolveram seus problemas, o que deixa a minha vida muito mais fácil.

Cooper puxa o meu braço. — Vamos lá! — ele grita e nós andamos.

Depois do que parecem horas, e não alguns minutos, nós estamos realmente brincando; Cooper vira sua atenção para Tug e Buzz, os puxando para dentro da multidão.

— Eu gosto de ter vocês três aqui. Menos trabalho para mim, — Harlow ri enquanto come seus nachos.

— Sim. Da próxima vez você já sabe qual vai ser minha resposta, — eu sorrio. Observo todos os pequenos correndo pelo lugar e se divertindo. É realmente muita coisa para assimilar. Uma garotinha com tranças loiras cai bem na nossa frente. Eu me agacho e a levanto quando ela começa a chorar. — Você está bem? — eu pergunto. Estou preocupada que ela tenha se machucado.

— Mamãe! — ela grita o mais alto que pode e uma grande mulher loira vem para exatamente na minha frente. De alguma forma, Tug está bem atrás de mim em um instante.

A mulher se abaixa sem deixar de me olhar e pega a garotinha. — Você está bem, baby? — ela diz com a voz suave.

— Eu caí, — ela chora.

— Está tudo bem, — a mulher olha para mim. — Obrigada, — e vai embora. Eu dou o meu melhor para não pensar em Mia, mas isso acaba sendo algo difícil. Ainda assim, eu sorrio para Harlow.

— Você está bem? — ela pergunta pegando a minha mão quando eu sento.

— Sim.

— Ei, o que você acha de a gente sair hoje à noite para nos divertirmos?

— Tipo onde? — diversão parece bom.

— Vamos ao Studio X, beber um pouco, aprender alguns truques novos e os caras podem ir nos encontrar quando voltarem.

— Parece incrível.

* * *

Nós vamos de um lugar barulhento para outro, mas pelo menos esse tem muitas bebidas. Eu viro a minha dose, bato o copo na mesa e olho para a mulher que sobe e desce no *pole dance*.

— Ela é nova? — ela não é nada como o que eu via por aqui antes de ir embora. Essa mulher parece ter vergonha de mostrar o seu corpo. Se isso é verdade, eu diria que ela escolheu a profissão errada.

— Sim. Está aqui há uma semana, só. Ainda está se acostumando.

Eu aceno e vejo as mãos da mulher tremerem enquanto ela abre o seu sutiã. Assim que sua música acaba, ela junta suas roupas mais rápido do que eu pensei ser possível e sai pela parte de trás. Eu levanto uma sobrancelha para Princesa.

— Eu disse a uma das garotas que ia dar uma chance a ela. É isso, — ela dá de ombros. — Blaze é a próxima.

Eu sorrio. Eu não a vi desde antes de ir embora da cidade, e é tudo minha culpa. Assim como aconteceu com todos os outros, eu não telefonei. Eu deveria. Junto de Harlow e Bella, ela é o mais perto que eu tenho de uma amiga. E o que eu amo nela é o fato dela ser tão independente. Ela é forte, durona e não aceita merda de ninguém. E ela não dorme com os irmãos. Merda, ela provavelmente poderia virar uma cidade de cabeça para baixo, se quisesse.

Ela é uma mulher de negócios muito experiente e também incrivelmente inteligente. Quando eu fui embora, falta apenas algumas disciplinas para ela concluir a faculdade, tenho certeza que agora ela já está formada. Ela me disse uma vez que se algum homem quisesse pagar pelos seus estudos, ela deixava. E deixou. A música começa a ecoar ainda mais alto das caixas de som, e entra em cena a famosa Blaze – mas na vida real, apenas poucas pessoas conhecem Taryn McKnight.

Seu corpo curvilíneo é perfeito, os peitos saltando na parte de cima do top. O que me impressiona em Blaze é a confiança que irradia dela quando ela sobe no palco. E é incrível que ela tem a mesma confiança quando não está lá em cima, também. Isso deixa os homens loucos. Cada um deles aqui daria qualquer coisa que tem para passar uma noite com ela. Mas ela nunca aceita.

O corpo de Blaze balança com a música. Ela corre as mãos por todo o seu corpo, desde os dedos dos pés, passando pelos seus seios e até as mechas castanhas que caem pelas suas costas. Ela passa uma perna ao redor do *pole* e dá aqueles giros e voltas, provando como suas pernas e braços são fortes. Ela tem todos no salão babando, porque eu estou assim também. G.T. precisa chegar aqui de uma vez.

As roupas de Blaze caem no chão uma de cada vez. Eu olho para um Tug muito encantado, que está ajustando sua calça jeans e sorrindo. Para mim, os dois fariam um casal perfeito, mas não que eu esteja planejando bancar o Cupido ou algo assim. Droga, eu mal

consigo manter o meu próprio relacionamento. Blaze termina sua dança e as luzes do palco se apagam. Gritos, palmas e assobios fazem a casa vir à baixo e Harlow sorri.

— Ela é incrível. Eu quero ir dizer oi, — eu grito sobre o barulho. Harlow pega a minha mão e me leva através do mar de gente que está tentando conseguir um pedaço de Blaze. Até mesmo eu sei que ela já está trancada no seu camarim, então nenhum deles vai chegar perto dela.

Harlow acena para os seguranças e empurra a porta. Ela cumprimenta as garotas e vai diretamente para a porta dos fundos, que está fechada. Ela bate.

— Quem é? — Blaze diz.

— Sua amiga! — eu grito de volta e a porta se abre rápido.

— Casey! — ela grita e me puxa para um abraço, o roupão de seda que ela está usando se prende à sua pele suada.

— Oi, garota. Como diabos você está?

— Bem, muito bem, — ela se afasta e me olha de cima a baixo. — Eu ouvi sobre o seu bebê. Eu sinto muito.

— Obrigada, — eu entro no camarim e ela tranca a porta. Alguém poderia achar que ela é paranoica, mas com todos os homens que querem um pedacinho dela, isso é para a sua própria segurança. Isso é algo que ela tem que fazer para se proteger, assim como levar uma 9mm aonde for. Eu sento no sofá e Harlow senta ao meu lado. Blaze se senta na nossa frente, em uma cadeira, com as pernas cruzadas, aparentando ser a dama perfeita.

— Me desculpe por não ter isso. Princesa me contou sobre o funeral, mas era apenas para a família e não pareceu certo eu ir.

Parece um *déjà vu* ouvir essas palavras saírem da sua boca. Eu não disse exatamente a mesma coisa algumas semanas atrás? — Você é da família. Claro que você podia ir, eu... — eu paro e olho para Harlow, que levanta o queixo. — Nós adorariamos ter você lá. Você se formou? — eu pergunto.

Seu rosto se ilumina. — Sim. Agora eu tenho o meu diploma.

— Você ainda vai trabalhar aqui?

— Por um tempo. O dinheiro é bom demais para abrir mão, e quanto mais eu guardar agora, melhor. Mas eu vou começar a ir atrás de alguma outra coisa em breve.

— Eu tenho certeza que sim, — isso me lembra que eu preciso descobrir se consigo meu emprego na oficina de volta. Com tudo que aconteceu, eu nem pensei nisso. Preciso fazer disso a minha prioridade máxima.

— Ei, Princesa, — Blaze se vira para ela. — Algumas garotas estavam dizendo que tem uma mulher vindo aqui todas as noites atrás de você. Shaina. Você conhece alguém com esse nome?

— Sim. É a filha de Diamond. Ela não foi embora de bem com o clube, provavelmente quer ver ela consegue limpar a sua barra com a minha ajuda.

— Ela tem sido meio ríspida, e bebido muito. Cali disse que ele teve que colocar ela para fora na outra noite, — ela dá de ombros. — Mas isso é apenas fofoca. Eu mesma não vi nada.

— Porque você está sempre aqui trancada, — eu rio.

— Exatamente. Eu tenho sempre que tomar cuidado.

Blaze já teve homens a seguindo de casa até o clube, escrevendo cartas, enviando todos os tipos de presentes, alguns que valiam até milhares de dólares. Isso é meio doido. Mas Blaze lida com isso com elegância e guarda tudo o que ganha na sua poupança. É mais para ela.

Batidas na porta tiram a atenção da nossa conversa. — Sim?

— Cali, — ele rosna e Blaze abre a porta. Tug está com os braços cruzados ao lado dele.

— Princesa tem visita. Alguém chamada Shaina. Por favor, faça alguma coisa com ela ou eu vou garantir que ela jamais volte aqui outra vez.

— Obrigada, Cali, — Harlow diz se levantando. — Você quer vir?

Eu olho para Blaze. — Eu tenho que me arrumar para a próxima dança. Vá com ela e nós conversamos depois, — ela diz e sorri.

— Claro, — eu abraço Blaze e sigo Harlow para o bar principal. Shaina está sentada com as pernas cruzadas, encarando a mesa do bar. Ela pula quando Harlow toca em seu braço.

— O que você precisa? — Harlow pergunta educadamente.

— Preciso do dinheiro do meu pai.

— Eu não sei nada sobre esse dinheiro, querida. Você precisa falar com Pops ou com a sua mãe. Eu não faço ideia.

— Você tem que me ajudar a conseguir isso. Você precisa.

O medo em seus olhos é evidente e alarmante. — O que há de errado? Para quem você está devendo? — Harlow pergunta como se ela interrogasse pessoas todos os dias.

Shaina afasta o olhar. — Vamos lá, — Harlow diz puxando o braço de Shaina e a levando na direção do seu escritório. Shaina se senta em uma cadeira de frente para Harlow, e eu sento em outra.

— Cospe logo, — Harlow diz entrelaçando os dedos na sua frente, todo seu corpo gritando poder.

— Não é nada demais. Eu só preciso do dinheiro que meu pai deixou para mim, vou pagar isso e vai ficar tudo bem.

— Não é o suficiente. Para quem e quanto? — Shaina olha para mim.

— Ei. Se você quer a ajuda dela, tem que responder às suas perguntas, — eu dou de ombros e ela cede lentamente, respirando devagar.

— Uns três meses atrás eu me envolvi com um cara. Ele é membro de um clube de forma de Sumner. Nós estávamos namorado e então ele sumiu. Ele devia vinte e cinco mil dólares para o clube, e eles querem que eu pague esse dinheiro ou vão me matar.

— Qual clube? — Harlow pergunta se sentando mais ereta na cadeira.

— T-Darts.

Meu coração acelera e eu faço a próxima pergunta. — Qual era o nome dele?

— Jace, — meu coração parece que vai explodir.

— Certo. Me deixe ver se entendi, — Harlow continua como se o chão não tivesse acabado de se partir debaixo de nós. — Você namorou Jace, ele desapareceu, ele está devendo para os T-Darts e agora eles estão atrás de você.

Ela assente.

— Quem está atrás de você, especificamente?

— Alguns caras vieram atrás de mim. Guns, Montgomery, Taft e Paine.

Meu coração então para. Em hipótese alguma, desde que conheci Jace, eu pensaria que ele conhecia Paine de alguma maneira. O homem não tinha sequer uma tatuagem em seu corpo. Seu comportamento era mais o de um homem de negócio do que os dos homens com quem fui criada. As coisas não estão fechando.

— Você ficou cara a cara com Paine?

— Sim. Várias vezes. Ele me ameaçou de várias maneiras, — ela estremece e esfrega os braços. Eu olho para Harlow, que me olha de volta, e trocamos uma mensagem sem falar. Se Paine a queria morta, ela já estaria morta, especialmente se eles ficaram sozinhos. Ou ele queria que ela viesse até o Ravage ou isso é uma armadilha. Eu espero que seja a primeira opção.

— Eu vou falar com eles, mas eles vão querer falar com você. Me deixe o seu número.

Shaina levanta o olhar. — Eu preciso ficar no clube. Eles vão me matar.

Harlow empurra sua cadeira para trás e se levanta. — Então você não devia ter se metido com eles. Eu disse que vou falar com eles, mas isso é o máximo que você vai conseguir agora.

— E o que eu faço?

— Cuide as suas costas. Agora vá, — Harlow ordena. Shaina se levanta com relutância e vai até a porta.

— Diamond iria querer que vocês me protegessem, — ela diz, abre a porta e sai, a fechando ao passar.

— Algo não está certo, — eu digo imediatamente. Harlow coloca um dedo sobre os lábios para que eu me cale e eu obedeço. Ela abre a porta para ver se Shaina se foi.

— Ela se foi? — eu escuto ela perguntar para Tug.

— Sim.

Ela fecha a porta e cai sentada na cadeira em que Shaina estava antes. — Não, algo não está certo. Será que é apenas uma coincidência ela ter se envolvido com Jace e agora dever dinheiro para eles? Ela é a filha de Diamond, e Paine não é idiota. E Shaina não quer ter nada a ver com o clube, por que agora?

— Você acha que ela é uma espiã?

— Poderia ser, — Harlow pega o seu telefone e aperta em alguns botões. — Oi, querido. Qual o plano, vocês ainda vão vir aqui ou querem que a gente encontre vocês no clube? Hm, está certo. Quando nós estivermos lá, precisamos conversar. Você consegue reunir todos os caras? Não há nada de errado. Shaina apareceu aqui e nós precisamos conversar. É uma longa história e você precisa montar. Te vejo em uma hora.

Ela desliga o telefone. — Bem, isso vai me valer uma sessão de tapas na bunda, mas eu não ligo, — ela ri.

* * *

Depois que explicamos tudo para os irmãos, eles dizem que vão cuidar disso. O que está bom para mim. Uma coisa que eu amo nesse clube é que eles cuidam de todos os problemas. Eu não tenho que me meter.

Quando deito na cama com G.T. me abraçando apertado, me sinto segura, protegida e amada. Isso é algo do qual nunca vou me cansar.

* * *

— Acorde, Angel, — G.T. sussurra as palavras no meu ouvido e eu abro os olhos para enxergar os do tom azul mais bonito que já vi.

— Bom dia, — eu sussurro e sorrio.

— Nós vamos dar um passeio hoje. Se arrume, — faz muito tempo desde que eu estive em uma moto. G.T. tem permissão para montar há algum tempo, mas ele não queria que eu andasse com ele até ele ter

recuperado o jeito. Eu estou supondo que ele recuperou. Excitação corre pelo meu corpo. — Droga, garota. Não quebre a droga do meu pescoço, — ele brinca me observando pular dentro do meu jeans e do meu couro, quase caindo no chão no processo. Eu corro para o banheiro, escovo o cabelo e faço uma trança apertada. Coloco apenas um pouco de maquiagem, sabendo que provavelmente vai sair tudo com o suor.

Saio do banheiro e G.T. está amarrando o cadarço das botas. Seus olhos encontram os meus e um assobio sexy passa pelos seus lábios. — Droga, Angel. Você está muito gostosa, — eu corro, meu corpo todo esquenta. — Mas há duas coisas faltando, — eu olho para a minha roupa; as botas e calça jeans estão bem onde deveriam estar. Nada está faltando.

— O quê? — eu pergunto e olho para G.T. apoiado sobre um joelho à minha frente. Eu ofego e cubro a boca com uma mão, as lágrimas enchem os meus olhos e meu olhar cai para um anel muito brilhante na sua mão. — Oh. Meu. Deus, — eu murmuro, meus olhos fixos nos dele. Dentro deles vejo o amor queimando, me puxando na sua direção.

— Angel, eu te amo. Eu te amo há muitos anos, e preciso tornar isso oficial. Quero você ao meu lado sempre. Quero você na minha cama todas as noites. Eu quero que você seja minha esposa. Eu *preciso* que você seja minha esposa. Você quer casar comigo?

Eu fico ali parada em choque. Tento mover os lábios, mas nada acontece, e eu acho que esqueci como se respira. Eu amo esse homem há tantos e tantos anos, e agora ele vai ser realmente meu. Eu nunca achei que esse dia chegaria. Nunca pensei que ele queria dar esse passo. Sempre sonhei que sim, mas nunca considerei que podia virar realidade. E aqui estamos, os olhos de G.T. imploram para os meus, mas há uma coisa que precisa ficar clara.

— Vai ser apenas eu de agora em diante. Ninguém mais vai tocar em você, nunca mais, — eu digo com toda a confiança que consigo, mas minha voz sai trêmula, o choque ainda evidente. Mas ele precisa responder a isso. É importante demais.

— Claro, baby. Não há ninguém mais para mim. Só você. Você é a minha razão para respirar. Você é a minha razão para viver. Eu te amo, — ele sorri e eu finalmente consigo respirar de novo, e isso vem tão rápido que me sinto um pouco tonta. Fecho os olhos para me recuperar, o máximo que consigo.

— Sim, — eu acho minha voz, mas ela é baixa e quebrada. Todo meu corpo treme e não há como controlar isso.

Ele sorri, me mostrando suas covinhas lindas, e eu quero lamber elas. Ele pega minha mão esquerda trêmula e leva até seus lábios para beijar o meu dedo anelar. Ele desliza o anel deslumbrante no meu dedo e eu respiro fundo, soltando o ar devagar. O diamante é quadrado e está preso na borda, que é de ouro branco ou platina, não tenho certeza. Pequenos diamantes estão incrustados na borda, fazendo todo o contorno. É a coisa mais linda que eu já vi na vida.

— Eu escolhi esse anel para você ainda poder usar suas luvas, porque planejo ter você na minha moto em todas as oportunidades possíveis. E eu sou um egoísta do caralho que quer isso no seu dedo mesmo quando você estiver trabalhando com motores na oficina, então as luvas vão protegê-lo, — ele sorri sedutoramente e beija o diamante que acabou de colocar no meu dedo.

— É lindo, — eu paro. — É a coisa mais linda que eu já vi. Obrigada, — eu encaro seus olhos de um azul cristalinos; ele se levanta e seus lábios cheios se chocam com os meus, paixão e amor explodindo através do nosso beijo. Suas mãos prendem o meu rosto e eu coloco minhas mãos sobre as dele. O beijo é carinhoso, terno e especial. Eu lhe dou tudo de mim, inclusive minha alma.

Ele se afasta, os dois ofegantes. — Mais uma coisa, — sua testa pressiona a minha rápido demais e ele vai até o seu armário e abre a porta. Meus olhos viajam até a sua bunda deliciosa, e minha boca fica seca. Lambo os lábios e o gosto de cereja explode em minha boca. Ele se abaixa e volta com uma grande caixa branca em suas mãos. Eu começo a suar. Eu sei o que tem dentro dessa caixa. É incrível que o anel tenha abalado minhas estruturas, mas isso, isso parece demais.

Ele lentamente puxa a tampa da caixa e então tira o papel fino que vem por cima. Eu paro de respirar e olho para a linda peça à minha frente. Um maravilhoso colete de couro preto, com intrincados laços cruzados na borda, está dentro da caixa. G.T. o pega pelos ombros e levanta. O patch na frente diz *Angel* e eu coro. Ele vira a peça de costas e minha boca fica seca. Na parte de cima está o emblema e o nome do clube, exatamente como no dele, e na parte de baixo se lê *Propriedade do G.T.*

Eu nem me incomodo em tentar segurar as lágrimas, que se transformam em soluços. Ele é realmente meu. — Eu tinha mandado

fazer isso para você. Está na hora de você ser minha esposa e minha *old lady*.

Eu aceno com a cabeça, incapaz de formular palavras, e tento controlar minha respiração. — Está na hora de colocá-lo, Angel, — eu tiro a jaqueta de couro que estou usando e viro de costas para G.T., que desliza o couro macio pelo meu corpo. Ele tem cheiro de couro e óleo, e eu me delicio com a maciez sob os meus dedos.

Eu me viro e sorrio para ele, secando meu rosto. — O que você acha? — eu digo, minha voz recuperando um pouco da força.

— Acho que você é a coisa mais bonita do caralho que eu já vi na minha vida, — ele me puxa para perto e esmaga seus lábios nos meus, e eu não consigo respirar dessa vez. Ele tira todo o ar do meu corpo e meus joelhos ficam fracos. Ele passa um braço pela minha cintura e me aperta com força contra ele, e eu seguro seus ombros, sentindo os músculos se flexionarem sob o meu toque. Ele se afasta e olha em meus olhos.

— Quando nós voltarmos, eu vou te foder a noite toda. Eu vou entrar tão fundo no seu corpo que você vai saber que é minha para sempre. *Minha garota. Minha old lady*, — arrepios correm pelo meu corpo e eu sorrio para ele, querendo isso mais do que palavras podem expressar.

— Isso é uma ameaça ou uma promessa? — eu provoco, mordendo meu lábio inferior e olhando para ele enquanto bato os cílios.

— Uma maldita promessa. Vamos lá antes que fique muito tarde e eles comecem a bater na porta, — eu aceno e dou uma conferida na minha maquiagem, agradecida por não ter borrado muito. Coloco um pouco mais de gloss de cereja nos lábios e estou pronta. G.T. segura minha mão e eu a aceito feliz, fechando e trancando a porta ao sairmos.

Nós entramos no salão principal abaixo de assobios. O núcleo dos principais irmãos e suas *old ladies* estão ao nosso redor, sorrindo. Harlow vem através da multidão, empurrando as pessoas para saírem do seu caminho. — Me deixe ver, — ela puxa minha mão e olha para o lindo anel. — É maravilhoso, — ela olha para o seu irmão. — Você escolheu bem.

— Você não tinha visto? — eu pergunto porque com certeza ele pediu ajuda da sua irmã. Certo?

— Não. O babaca aqui não deixou ninguém ver, então não fique surpresa se todos te encherem o saco para vê-lo agora.

Ele dá de ombros. — Eu queria que você fosse a primeira a ver, Angel. Meu doce e amável motoqueiro.

— Venha aqui! — Ma grita e empurra Harlow para fora do caminho. Ela é a única mulher no planeta que poderia fazer isso sem receber um soco na cara. Eu vou de boa vontade para os seus braços abertos e a abraço com todo o coração. — Eu estou tão feliz. Você o faz tão feliz, e isso é tudo o que eu quero. Mas sobre você, eu sempre te vi como uma filha, então agora estamos oficializando as coisas, — eu rio e seguro as lágrimas. Eu não vou mais chorar. Nem mesmo lágrimas de felicidade.

— Se vire! — Harlow diz alto e eu sei o que ela quer. Eu lentamente me afasto de Ma e me viro, deixando todos verem as costas do meu colete. Mais gritos e assobios explodem do grupo ao meu redor. Então eles estão todos em cima de nós dois, cada uma das *old ladies* e dos irmãos esperando a sua vez para nos abraçar e beijar.

Becs é um dos últimos a vir me cumprimentar. Ele passa os braços ao meu redor e eu respiro fundo, o abraçando apertando. Ele chega perto do meu ouvido. — O seu pau estaria tão feliz por você, garota, — eu balanço a cabeça no seu ombro. — O seu homem foi falar com o seu pai, — eu me afasto e encaro seus olhos felizes.

— Como?

Ele sorri. — Ele foi falar com Bam. Ele é um bom homem, Angel, — eu fecho os olhos e deixo as palavras entrarem e fazerem sentido.

— Angel, — eu sussurro.

— Você tem um nome de estrada, afinal, — Becs diz, me dá um beijo na bochecha e volta para a multidão. Eu me viro e vejo G.T. falando com Dagger. Eu sei que não deveria. Mas não consigo me controlar. Eu marcho na sua direção e pulo em seus braços. Ele me pega e eu esmago os seus lábios com os meus, passando minhas mãos pelo seu cabelo e o puxando o mais perto que consigo. Suas mãos agarram o meu traseiro e ele me aperta com força contra ele.

— Certo, vocês dois, — Pops fiz e eu me afasto de G.T. Seus lábios estão inchados por minha causa, o que me faz sorrir. — Se não montarmos agora, não vamos nunca.

Todos assentem e eu saio para um passeio com a minha família.

Dezesseis

G. T.

— Obrigado, — Pops aperta a mão dos homens de Lambrouni's, seguido por Becs e eu. Um homem está sentado na cadeira, sua cabeça baixa, as mãos amarradas às costas, e os pés amarrados juntos. O saco preto sobre a sua cabeça esconde seu rosto.

— Dagger, — Popos diz, levantando o queixo. Dagger caminha até o homem e chuta o seu pé.

— Acorde, filho da puta, — o homem pula e começa um monte de ruídos desarticulados que nenhum de nós entende. Pops acena para Rhys, que sai e volta com o cuzão, também conhecido como Jace. Ele entra tropeçando, seu rosto inchado e machucado. Eu ficaria surpreso se alguém conseguisse reconhecê-lo. Mas não que eu dê a mínima para isso.

Seus olhos correm para o homem com o saco na cabeça, que continua murmurando sem parar. — Você estava com saudades do papai? — Dagger pergunta, agarrando a cabeça do homem e puxando para trás.

— Como diabos vocês acharam ele? — Jace rosna entre os dentes cerrados.

— Não interessa. Agora me diga como achar Paine, porra, e ele vai embora daqui. Ou então não fale nada e eu vou matar ele bem na sua frente.

— Você não vai matar ele. Ele não fez merda nenhuma.

Eu sorrio para Cruz. — O filho da puta não entende essa porra, não é? Nós achamos que você fosse um dos garotos de Paine. Com certeza ele te mostrou como as coisas funcionam no nosso mundo.

Cruz para atrás do homem, puxando sua cabeça para trás com uma mão e uma faca na outra. Ele passa a lâmina afiada pela sua mandíbula e corta levemente a pele, deixando um rastro pequeno de sangue. O corte é apenas superficial, mas Jace precisa saber que estamos falando sério.

Jace rosna, mas não se move. — Pai!

A cabeça do homem salta para cima. — Jace. O que está acontecendo?

— Vai ficar tudo bem, aguento firme.

— Em que diabos você se meteu, Jace? Você não tem andando por aí com o seu primo Jared, não é? Você tem?

Todos os irmãos se entreolham.

— Jared tem algum outro nome? — Pops pergunta.

Jace grita. — Não responda! — mas o seu pai não escuta.

— Paine. O filho da puta estúpido. Porque o meu irmão se envolveu com uma gangue eu nunca vou saber, mas não satisfeito ele tinha que colocar seu maldito filho no meio, também. É disso que se trata, não é, Jace? — o homem balança a cabeça. — Eu disse para você ficar longe dele!

— Pai, cale a maldita boca! — Jace grita e Rhys lhe dá um soco no estômago.

— O que esses homens querem, Jace?

— Certo, chega dessa merda de laços fraternais, — eu interrompo, alimentando o espetáculo. — Jace, nos diga onde Paine está ou não vamos matar o seu pai. Eu cansei dessa merda.

— Ele está certo. De qualquer forma, você vai morrer hoje. Leve o seu pai com você se quiser, mas a sua hora chegou, — Becs diz cruzando os braços sobre o peito, e eu aceno.

— Dagger, — Pops levanta o queixo e ele puxa o braço do homem com força, provavelmente o tirando do lugar. Ele grita.

— Porra, — Jace diz quando Rhys o segura e eu dou alguns socos.

— Nós podemos continuar com isso toda a noite, — eu lato, balançando os punhos fechados.

Depois do que parece uma eternidade, Jace me dá um endereço. Mas com o seu histórico, eu preciso ter certeza. Eu tiro minha arma do coldre e aponto para a cabeça do homem. — Você quer repensar esse endereço, garoto? Porque se você estiver fodendo comigo, eu vou caçar o seu maldito pai e matar ele sem nem pensar duas vezes, — eu solto a trava e o homem começa a balbuciar outra vez.

— Eu juro que esse é o último lugar em que eu o vi. Se ele não estiver lá, ele tem uma garota e um filho que moram em Ebert Road, você vai encontrar ele ali, — eu tiro a arma da cabeça do seu pai.

— E o dinheiro que você deve e agora Shaina? Como diabos ela se meteu em tudo isso? — Cruz pergunta.

— Ela é filha de Diamond e um alvo fácil. Ele queria machucar o seu pai, blá, blá, blá...

Eu faço a pergunta que preciso saber a resposta. — Por que Casey? O que ela tem a ver com toda essa merda?

Ele sorri e eu decido que ele vai pagar por isso depois de falar. E, surpreendentemente, ele fala, com prazer evidente em seu rosto.

— Paine conhece todas as pirralhas de motoqueiros, — eu aceno para Dagger e Rhys, que puxam o seu braço, e ele grita e depois ri. — Vocês não entendem. Paine quer todos vocês mortos. Ele não dá a mínima para o território, isso é sobre orgulho. Vocês são tão estúpidos.

Eu dou um soco no seu estômago. — Você não está me dizendo porque Casey, — eu vou até o seu pai e coloco a arma na cabeça dele outra vez. — Me diga.

— Foi planejado. Eu me mudei uma semana antes dela. E eu menti sobre tudo. Ela foi muito fácil de convencer, surpreendentemente, — então ele começa a rir mais alto. — E então ela perdeu aquele bebê bastardo...

Eu já ouvi o bastante quando a fúria de um pai corre pelo meu corpo. Eu soco o seu rosto uma e outra vez até que ele fica ali pendurado, o sangue pingando no chão. Eu olho para Pops, que

assente. Aponto minha arma para Jace e puxo o gatilho sem arrependimento. Ele cai no chão imediatamente. O velho homem grita.

— Preste atenção. Vamos deixar você ir, mas você não pode dizer uma palavra sobre isso para ninguém, ou vamos te encontrar. Mesmo que ele tenha dito a verdade sobre o esconderijo de Paine, nós vamos te matar, não duvide disso, — Pops diz e acena para Dagger, que pega o homem e o leva embora.

— O que você acha?

— Esqueça o primeiro endereço. Vamos para a garota e a criança, — Becs anda até a porta. — Chamem Tug e Breaker aqui para limpar essa merda toda, — ele olha para baixo, para o homem coberto de sangue, e eu finalmente consigo respirar. O filho da puta está morto.

* * *

A casa é modesta, nada chique, mas é como se alguém que está se escondendo tentasse se encaixar na comunidade. A noite cai e as luzes brilham pelas janelas da casa, mas eu não vejo movimento algum. Ando ao redor da casa tentando conseguir um ângulo melhor, meus irmãos fazem o mesmo. As cortinas estão fechadas, mas a luz passa através delas, nos permitindo ver dentro.

Envio uma mensagem para os irmãos, dizendo que não vi ninguém. E recebo outras cinco mensagens dizendo o mesmo. Eu ando em silêncio até a porta, dou um passo para o lado e puxo a maçaneta, que cede. A porta se abre com um rugido e eu escuto. Um cronômetro. — Corram, porra! Bomba! — eu grito pulando para longe da porta no exato momento em que uma grande explosão atinge meus ouvidos.

Minha cabeça bate no chão. Eu sinto cheiro de fogo, enxofre e mais alguma coisa que não consigo identificar. Minha cabeça parece tão pesada, mas luto para me manter acordado. Rolo para o lado e escuto o grito do meu irmão. Olho para Cruz, Dagger e Becs, que estão carregando Rhys. — Porra, — eu me levanto em minhas pernas trêmulas e vou até eles.

— Ele estava bem aqui quando explodiu. Ele não deve ter ouvido você gritar, — o corpo de Rhys está preto, mas não há sangue.

— Ligue para Doc e diga para ele nos encontrar. Agora, — Becs late enquanto os caras levam Rhys para o carro.

— Você está bem, filho? — eu fico ali parado olhando para a grande pilha de destroços queimando.

— Sim. Mas nós precisamos dar o fora daqui. Agora.

Dezessete

CASEY

G.T. esteve fora o dia todo envolvido com assunto do clube, e isso foi ótimo. Não a parte dele estar fora, porque eu sinto sua falta, mas é que quando ele está aqui eu estou sempre preocupada. Hoje eu consegui fazer mais dos meus deveres de casa, e terminei a tarefa que um professor passou sobre um grande plano de negócios. Eu me sinto muito satisfeita com os resultados.

Me deito na mesa de piquenique, aproveitando a luz do sol. Logo vai escurecer, mas eu preciso de ar fresco. Irmãos da facção de Clayton do Ravage estiveram aqui o dia todo, enquanto os nossos homens estão fora. Eu sinto seus olhos em mim o tempo todo, mas os ignoro. Eles sabem que eu pertenço a G.T.

Harlow e eu fizemos sanduíches para eles, mas na maior parte do tempo, eles cuidaram das suas coisas e nós, das nossas. Harlow disse que Coop precisava descansar, então ela decidiu se deitar com ele enquanto eu aproveito os últimos raios de sol do dia.

É incrível como as coisas mudaram em tão pouco tempo. Eu nunca imaginei que eu e G.T. conseguiríamos chegar a esse ponto do nosso relacionamento. Houve muitos momentos difíceis e dolorido, mas por alguma razão, nós conseguimos. E eu nunca estive mais feliz.

— Oi, Casey, — eu escuto uma voz sussurrada no vendo. Eu me sento e olho ao redor. Shaina está parada ao lado da oficina, perto de uma das entradas.

— O quê? — eu não sei o que está acontecendo entre ela e o clube. Mas eu sei que ela é um poço sem fim de problemas, e eu não quero isso na minha vida.

— Eu preciso de ajuda.

— Com o quê?

Ela olha para trás e eu não vejo nada. Uma garotinha de cerca de quatro anos de idade coloca a cabeça para fora do canto do prédio, seus olhos assustados. Eu pulo de pé. — De quem é a criança? — eu digo em direção a ela.

— Minha, — uma voz vem de trás dela e meu corpo entra em modo de alerta instantâneo, e eu solto um grito tão fraco que não vai chamar a atenção de ninguém. Jared. Mas que diabos? Antes que eu possa dizer uma palavra, sua mão me acerta com força o rosto. Meus joelhos cedem e eu caio no chão, mas continuo gritando porque sei que essa é a minha única salvação agora. Ele me levanta e passa as mãos ao redor da minha garganta. Eu chuto e arranho com todas as minhas forças. Algo é enfiado na minha boca e braços fortes seguram meu corpo, me deixando imóvel.

— Pare aí mesmo, porra, — eu escuto alguém gritar atrás. O homem bate a sua cabeça na minha e tudo fica escuro.

* * *

Minha cabeça lateja enquanto eu me movo de um lado para o outro lentamente. Escuto gemidos baixos e percebo que são meus. Meus braços estão amarrados ao ponto da dor, e meus ombros estão pegando fogo. Eu tento abrir os olhos, mas eles estão pesados e ásperos, como se alguém tivesse jogado areia neles, deixando minha visão totalmente borrada. Eu pisco repetidamente, tentando limpar meus olhos, olho para cima e descubro porque meus braços e ombros doem tanto.

Minhas mãos estão amarradas em uma corrente larga de ferro, e eu estou pendurada em uma viga, meus pés mal tocam no chão. Eu mexo um pouco meus braços e as correntes tilintam alto, mas não cedem. Eu olho para o meu corpo, minhas roupas estão retorcidas, mas ainda me cobrem. Perto de mim, Shaina está exatamente na mesma posição, mas sua cabeça está caída sobre o peito e ela não se mexe.

Olhando ao redor do cômodo, tudo está completamente escuro, exceto por uma pequena faixa de luz que entra por uma pequena janela e por debaixo da porta, me dando uma pontada de esperança. É o bastante para olhar ao redor, mas não há muito para ver. As paredes de concreto são cinzas e lisas, as únicas presenças aposento são Shaina, as correntes e eu.

Shaina começa a gemer e murmurar de forma incoerente. Eu fico quieta, não confiando nem um pouco na mulher. Eu não faço ideia se ela está trabalhando para esses filhos da puta, e não vou arriscar mais nenhuma maldita chance, especialmente se tratando dela.

— Eu sinto muito, — ela geme alto agora, e se eu não estivesse amarrada, ia dar uma surra nela. Eu tento controlar minha raiva, isso não vai me fazer bem algum agora.

— Casey? Você está bem? — ela sussurra.

— Por que Jared me sequestrou? — eu rosno.

— Jared? Eu não sei quem é esse, — sua voz sai arranhada e eu olho para ela.

— Como assim, você quer dizer que não sabe quem ele é? Você o levou até mim, Shaina!

— Eu levei Paine e os T-Darts, — absoluto terror corre por mim. Jared é Paine. Ótimo. Isso é maravilhoso pra caralho. Confusão se mistura com o medo, mas eu empurro isso para baixo. Agora não é hora de surtar. Eu já saí de uma péssima situação. Posso sair de outra. Eu só tenho que pensar.

— Quantos? — pelo menos eu posso fazer algo sobre a confusão.

— Somente três, até onde eu sei.

— Como vocês entraram no clube e por que você deixou eles me levarem? — eu pergunto a encarando.

— Um novato estava de guarda na porta e eu lhe disse quem eu era. Então ele me deixou entrar, — sua voz fica mais baixa. — Eles iam me matar.

— Então você disse *foda-se, em vez de ir até os irmãos, vou armar para as suas garotas*, — eu a interrompo. Quem diabos faz uma merda dessas?

— Eu não estava pensando.

Puxa, eu nem duvidei disso. Porra. Acho que essa parte está bem explicada. Eu puxo as correntes e sinto que elas cedem levemente, mas não muito, os aros mordendo a minha pele e queimando. Eu não vou conseguir separá-las em breve. É então que a porta abre lentamente, minha cabeça gira na direção do som e eu pisco várias vezes para enxergar quando a luz brilhante invade o espaço.

— Awww. As moças estão acordas? Compartilhando histórias de infância, eu aposto. Uma era filha de motoqueiro... a outra queria ser filha de um motoqueiro, mas o papai não queria ter nada a ver com ela, — meus olhos se arregalam, meu corpo fica duro e minha boca cai aberta. Eu observo em puro choque o homem à minha frente, incapaz de formar quaisquer palavras. Eu já o vi antes, mas é só agora que minha ficha está caindo. Não posso acreditar que esse homem com quem eu bebi em um bar é o mesmo homem que me sequestrou. Como diabos Jace o conhece?

— Casey. É um prazer te conhecer... de novo, — ele sorri e anda ao redor do meu corpo, seus dedos percorrendo a altura do meu quadril. Leva todo meu autocontrole não estremecer de repulsa. Meu coração bate tão rápido que é capaz de explodir do meu peito. — Eu estou há um tempo esperando ansioso por esse momento. Veja, quando nós fomos àquele bar eu pude ver nos seus olhos que você me queria. E isso é bom, porque agora você é minha. Minha para eu fazer o que quiser. Você nunca mais vai ver algum daqueles imbecis do Ravage, e com certeza nunca mais vai ver aquele filho da puta do G.T. outra vez.

Eu escuto o que ele diz, mas não deixo transparecer o quanto isso está me atingindo. Como diabos eu não vi isso? Minha mente começa a correr na velocidade da luz, tentando encaixar as peças desse quebra-cabeças.

— Ah, por sinal, eu sou Paine ou Jared, mas apenas a minha mãe me chama assim, — ele passa as mãos sujas pelo meu colete de couro e acaricia o tecido macio. Ele pega uma faca e meu corpo tenciona, o que eu tento impedir, mas falho.

Minha mente não para. Paine é Jared. Isso significa que Jace e Paine se conhecem esse tempo todo, e tudo não passou de uma maldita armadilha desde o começo. Mas como? Como eles se conhecem?

— Ahh... eu vejo as rodas girando na sua cabeça, mas vou responder tudo quando for a hora. Talvez. Vamos ir por ordem. Essa merda tem que sair, — eu moro o lábio com força a ponto de sentir o gosto de sangue e tento segurar as palavras quando ele corta o meu

colete de couro e o joga em um canto como se fosse lixo. Minha cabeça não consegue processar o que está acontecendo. Ele passa a faca entre os meus seios e eu continuo olhando diretamente para a frente. Algo dentro de mim diz que eu preciso agir como Harlow.

Eu não sou nada parecida com ela, mas ao longo dos anos, a vi muitas vezes em ação. Tenho que ter aprendido algumas coisas.

— Talvez eu devesse cortar essa camiseta também, assim posso ver os seus peitos. Eu amo um bom par de peitos, — eu o ignoro e sua mão vem voando e me acerta com força no rosto. Eu seguro um gemido, mas minha respiração agora está ofegante. A dor é agonizante, mas eu não vou derramar uma lágrima. Não vou dar a ele essa satisfação.

— Você vai reagir quando eu te tocar. Caso contrário, vou te dar uma surra até você fazer isso, porra! — ele grita e me dá um soco no estômago que me faz perder todo o ar. Dessa vez, não consigo segurar o gemido e a falta de ar.

— Nós vamos te ensinar a ser uma boa garota, assim como Shaina é, — suas botas ecoam no chão de concreto enquanto ele se afasta de mim, e vejo pela minha visão periférica que ele está parado ao lado de Shaina. — Viu, ela sabe como foder e vai fazer muito disso em breve. Aqui nos T-Darts eu não acredito em monogamia, nem os meus garotos. Nós todos vamos comer você. E Casey, nós vamos comer você, — suas mãos correm pelo braço de Shaina e o corpo dela começa a tremer.

O pensamento de ter Paine e seus homens me tocando faz meu estômago revirar, um pouco de vômito sobe à minha boca. Eu faço força para engolir novamente a bile. Eu vou me matar antes de deixar esses homens me machucarem.

— Eu disse várias vezes a esses otários que eu faria eles pagarem se eles não me dessem o meu maldito território, mas por alguma razão, eles não acreditaram. Então, eu vou fazer com que eles me deem. Então eu vou ficar com você, apenas porque eu posso, porra, — ele rosna alto. A porta se abre, meus olhos correm nessa direção e um arrepio gelado desce pela minha espinha. Dois homens entram no aposento. Os dois possuem olhos frios que me dizem que eles não dão a mínima para o que vão fazer com Shaina e comigo. — Ótimo. Hora de começar a compartilhar, — ele dá um tapa forte na minha bunda e se afasta.

* * *

G. T.

Eu salto fora do carro e três irmãos da facção de Clayton correm na minha direção, expressões de terror em seus rostos. — Um cara levou ela embora, porra!

— Que merda você está falando? — esses babacas estão tremendo, seja por adrenalina ou medo, e eu acho que se o que eles vão me contar é verdade, é melhor que seja de medo.

— Cerca de dois minutos atrás dois caras levaram Casey embora, vocês provavelmente passaram por eles. Van preta, janelas escuras. Nós atiramos e corremos atrás deles, mas eles conseguiram escapar.

— E por que caralho vocês não estão nas suas motos? — eu rosno pegando dois pelo pescoço. Esses filhos da puta têm sorte que eu preciso encontrar a minha garota, ou eu ia acabar com os dois.

— Nós estávamos fazendo isso e vocês chegaram, — um dos homens diz apressado.

— Ela estava usando o seu colete?

— Sim.

— Subam nas suas malditas motos agora e encontrem ela! Eu estou indo! — eu me viro para Buzz. — O chip no colete dela. Rastreie. Me mande uma mensagem dizendo onde ela está, — ele acena e corre para dentro do clube.

Eu olho para Pops. — Vá buscar a sua garota, eu vou ficar com Rhys. Cruz, Dagger e Becs, vão! — ele grita e nós saímos. Para onde, eu não faço a menor ideia. Nesse momento, eu estou seguindo dois imbecis de merda que supostamente sabem a direção em que a minha garota foi levada. Ainda que eles sejam irmãos, são de outra facção, e eles não sabem como as coisas funcionam por aqui. Depois que eu achar a minha garota, vou mostrar a eles.

Esse tempo na moto não acalma os meus nervos. Cada arrancada do acelerador envia um corte de medo pelo meu corpo. Cada segundo que passa no relógio é um maldito segundo em que eu não posso protegê-la. Eu tenho um palpite de quem está com ela, e só pode ser Paine. E se eu estiver certo... isso me deixa com medo pra caralho. Eu ouvi o jeito que ele trata as suas mulheres, e isso faz a porra do meu estômago revirar. Ele é um entusiasta de infligir dor e ter muitas participantes contra sua vontade no quarto. Ele até chama seus irmãos

para se juntar a eles, sem o consentimento das mulheres. Depois que ele já danificou o corpo de uma mulher ao ponto de não ter mais retorno, ela acaba tirando a própria vida, porque não quer ter que viver com a lembrança do que aconteceu. Não posso deixar isso acontecer com o meu anjo.

Deixo meu telefone acomodado na minha virilha, olhando para baixo sem parar, esperando as coordenadas e orando para que aquele pequeno chip maldito funcione. Eu não tive a chance de testá-lo ainda, e Angel nem sabe que ele está lá.

Buzz apareceu quando eu estava contando aos meus homens que ia dar a ela o meu colete, e ele disse algo sobre essa pequena merda tecnológica que poderia rastrear a minha garota, caso eu precisasse. Ele disse que o chip podia ser costurado dentro do couro, e ela nunca ia saber que estava ali. Eu concordei, sem pensar que algum dia ia precisar da coisa maldita. Agora eu espero com todas as forças para que essa merda funcione. É a minha única opção agora; eu vou encontrar a minha garota.

Minha virilha se ilumina eu tenho certeza que vibra, mas não posso dizer por causa da vibração da moto. Com sorte eu continuava a ficar olhando para a maldita coisa. O endereço que aparece é na direção totalmente oposta à que estávamos indo. Eu faço um giro rápido e me afasto dos caras à toda velocidade, enquanto eles diminuem a velocidade, viram e me seguem.

Nós chegamos rápido ao endereço, desligamos nossos motores e andamos em silêncio total até o grande prédio de tijolos. Ele tem dois andares e muitas luzes acesas, além de muitas motos e carros enfileirados do lado de fora. As janelas nos permitem ver a luz brilhando através delas, mas não consigo ver qualquer sombra ali dentro.

Pego as minhas armas, adiciono o silenciador e verifico os clips, e coloco uma no meu coldre. Cada passo que dou estou mais perto da minha garota. Me movo lentamente, com cuidado para não fazer barulho ou pisar em algo que vai chamar atenção para mim. Meus irmãos estão bem ao meu lado. Eu inspiro e expiro devagar para acalmar meu coração. Já fiz merdas como esta centenas de vezes, mas saber que estou procurando pela minha garota, leva as coisas para um nível totalmente fodido.

Becs e Dagger fazem gestos com as mãos para dizer que vão ir por trás com um dos irmãos de Clayton. Isso deixa eu, Cruz e dois irmãos de Clayton para entrar pela frente. Eu giro a maçaneta e a porta se

abre, e eu me movo rápido para o lado, esperando tiros. Quando eles não vêm, eu entro e vejo dois homens, levanto minha arma, puxo o gatilho com precisão e atiro um, Cruz no outro. Ambos caem no chão na mesma hora e não se mexem mais.

Nós andamos pelo prédio procurando em todos os quartos, e o cheiro de mofo invade o meu nariz. Nós costas estão sempre pressionadas contra um irmão ou contra a parede o tempo todo. Eu dou um passo e um estalo, quase como um gemido, ecoa pela sala. Merda. Eu olho ao redor rápido e não vejo ninguém. Viro em um canto e vejo dois homens de costas para nós, sem ideia alguma de que estamos prestes a acabar com eles. Atiramos facilmente em seus corações e eles caem pesados no chão.

Andando pelo corredor, eu viro e entro na primeira porta. Vejo imediatamente três homens, que puxam suas armas e nos xingam rápido. Cruz e eu atiramos instantaneamente, sem lhes dar tempo de reação, e eles caem mortos no chão. Suor começa a escorrer no meu olho, e eu seco rápido com a mão. Merda. Eu odeio ficar nervoso.

Andamos em silêncio até a próxima porta, quando uma arma é colocada na minha têmpora do lado oposto. — Não se mexa, — o idiota rosna e eu respiro lentamente.

Cruz não lhe dá chance. Ele dá a volta na esquina e coloca uma bala exatamente entre os olhos do homem, e dá conta do cara atrás dele. Tudo está assustadoramente silencioso, e ainda não há sinal da minha garota. Eu inspiro e expiro, acenando para Cruz.

Andamos lentamente pelo longo corredor deserto com as costas contra a parede. Nossas botas fazem um pouco de eco no chão de linóleo, mas não há como evitar.

Olhamos em todos os quartos pelos quais passamos, com sorte todas as portas estão abertas, mas não encontramos ninguém. Vamos até a última porta e meu coração acelera. Minha intuição está me dizendo que Angel está atrás dessa porta. Eu levanto a bota e chuto a porta, me empurrando contra ela, meu irmão logo atrás de mim.

Minha respiração fica presa, duas mulheres estão ali, uma é a minha garota, penduradas por correntes na porra do teto, as roupas arrancadas dos seus corpos e os pés mal tocam no chão. Olho para o rosto de Angel e não vejo sinal de lágrimas, mas seus olhos estão mortos. Vazios. Quase como se ela tivesse se escondido em um lugar dentro dela mesmo, seu lugar seguro.

— Mas olhem só quem se juntou à festa, — Paine se move rápido para trás da minha garota e coloca a arma contra a cabeça dela. — Eu suponho que você passou pelos meus homens, ou então não estaria aqui agora, — ele balança a cabeça de forma divertida. — Eu estou impressionado que você nos encontrou.

— Seu filho da puta. Você está morto, — eu rosto e aponto minha arma para a sua direção. Os olhos de Angel se viram para mim e brilham ao ouvir a minha voz. Ela levanta a cabeça levemente.

Eu ouço um gemido ao lado e sem tirar os olhos da minha garota, eu sei que é Shaina. — Oh meu Deus, — Shaina diz com a voz rouca, as correntes tilintando dos seus esforços para se soltar. — Me tirem daqui! — ela grita, mas é ignorada. Eu estou ocupado demais olhando para Angel, cujos braços estão de um tom estranho tom de branco pela falta de sangue neles.

— Você não vai sair daqui, Paine, então pode desistir, — minha voz sai forte e autoritária, mesmo que por dentro meu nível de ódio e medo estejam me sufocando como uma cobra.

— Você acha que eu só vou largar tudo e ser morto? — ele ri de forma sádica. — Porra, não. Se tudo está acabado, eu vou levar essa garota comigo. Você vai saber o que é sentir dor pelo resto da sua vida miserável.

Eu não tenho uma mira limpa porque esse pedaço de merda inútil está se protegendo atrás do corpo de Angel. Paine puxa o cabelo de Casey com força, e a cabeça dela voa para trás. Ele segura a arma na sua têmpora e os olhos dela encontram os meus. Dentro deles eu vejo uma faísca de determinação. Eu sei que algo vai acontecer. Seguro a minha arma com firmeza, pronto para o que vier.

Então, do nada, Casey chuta a perna para trás e acerta Paine nas bolas, o que o faz tropeçar para trás com um gemido, se afastando das mulheres. Eu miro e tiros são disparados por mim, Cruz e Paine ao mesmo tempo. Quando Paine cai no chão com um baque, eu corro para a minha garota e a seguro pela cintura, aliviando a pressão dos seus braços. — Você está bem, — ela acena com cuidado, mas não diz uma palavra. Eu tiro a minha camiseta e cubro o seu corpo. Cruz corre até Paine para verificar sua pulsação. — Morto? — eu pergunto rápido.

— Sim. Morto pra caralho.

Isso é por Diamond e pela minha garota. Filho da puta.

— Ligue para os outros. Nós precisamos de alguém para limpar essa merda. Temos que segurar elas para o sangue voltar para os seus braços, — Cruz pega o telefone e dá as instruções ao demais. Becs e Dagger entram correndo, as armas em punho.

— Porra. Nós perdemos toda a diversão, — Dagger abaixa a arma e a coloca nas costas.

— Dagger, segure Shaina para o sangue voltar para os seus braços, — ele faz isso e Angel começa a tremer em meus braços. Eu a seguro com mais força.

— Está tudo bem, Angel. Eu vou te levar para casa, — eu repito as palavras suaves para ela uma e outra vez. Seus olhos se fecham lentamente e sua cabeça cai no meu peito. Eu quero desprender seus braços agora mesmo.

— Ele... Jace... — suas palavras são gaguejadas e incoerentes, mas eu sei exatamente de que informação secreta ela tomou conhecimento. Porra. O medo em seus olhos e o som da sua voz me dão um medo que jamais senti antes. Eu faria qualquer coisa para tomar a sua dor e tirar isso da minha garota. Eu quero esse filho da puta vivo outra vez, só para poder matá-lo várias vezes de novo.

— Eu sei. Está tudo bem. Está tudo acabado, — ela acena lentamente, mas o medo ainda está visível em seus olhos, o que parte o meu maldito coração. — Está tudo limpo na outra saída? — eu pergunto para Becs.

— Sim. Matamos quatro homens.

— Nós acabamos com sete, — Cruz diz quando volta, guardando seu telefone no bolso do colete. — Eles estão a caminho, chegam aqui em dez minutos.

* * *

Faz quatro dias que ela foi levada e eu não deixei ela sair da minha vista nem por um minuto maldito. E ela não se afastou de mim, também. Angel teve altos e baixos sobre o que aconteceu com ela. Ela não quer falar sobre isso, mas à noite ela tem esse grito atormentado durante o sono que corta o meu coração. Eu a pressionei por respostas, mas ela se fechou. Ela jura que não foi estuprada, mas não consegui

mais informações além disso. Até mesmo Princesa tentou, mas nada. Tudo que eu sei é que eu a amo e vou fazer tudo que ela precisa. Eu sei que a conexão entre Jace e Paine realmente mexeu com a sua cabeça. Mas eu espero que não tenha sido demais.

A discussão sobre como eu a encontrei veio muito antes do que eu previ. Eu pensei que ela ia ficar furiosa, mas ela não disse nada sobre o chip no seu colete. Ela até me disse que estava agradecida por isso. Isso apenas me fez a abraçar com mais força. Eu não sei que porra eu fiz para merecê-la, mas estou feliz que isso tenha acontecido.

Princesa, por outro lado, quando descobriu, teve um ataque de fúria. Ela saiu procurando o chip no seu colete, mas isso é com ela. Vou deixar Cruz lidar com essa merda. Eu já tenho coisas demais na cabeça.

Agora que Paine e a maior parte da sua gangue estão mortos, nós podemos respirar um pouco. Primeiro foi Rabbit, e então Paine veio atrás de nós com todas as suas armas. Eu preciso de uma folga, porra. Estou pronto para montar com a minha garota e relaxar um pouco, para variar.

Shaina é uma grande bagunça com a qual Princesa está tentando lidar. Eu posso ver porque Diamond a manteve longe dessa vida. Ela não consegue lidar, não mesmo. Ainda que Shaina ou Angel estejam falando, minha intuição me diz que Shaina foi muito mais ferida do que Angel. E se é assim, então ela tem todo o direito de se sentir uma merda.

Hoje eu vou levar minha garota para longe do clube, vamos montar na direção que o vento nos levar. Nós dois precisamos de uma folga. Ela diz que tem trabalho da faculdade para fazer, o que ela sempre diz, mas nunca faz. Só que isso vai ter que esperar. Eu preciso dela presa ao redor do meu corpo e a estrada à nossa frente. Ela precisa disso também.

— Eu realmente não quero ir, — ela fez enquanto coloca as botas e faz beicinho.

— Nós vamos.

— Mas... esquece, — ela termina de amarrar as botas e coloca sua velha jaqueta de couro. Eu sei que ela não quer usar isso, e não posso culpá-la; eu sei o que ela quer usar. — Pronta, — sua voz é baixa e carrancuda. Eu sorrio e vou até o meu armário.

Eu pego o seu colete e o levanto em minhas mãos. — Você está esquecendo de algo, — seus olhos veem o colete e se enchem de lágrimas.

Ela se levanta e caminha até mim. Ela estende o braço, toca no couro e o esfrega entre os dedos. Ela o puxa para o lado e percebe as novas amarrações que eu fiz nele. — Você consertou? — ela sussurra.

— Mas é claro que sim, — por todo o caminho onde aquele filho da puta cortou, eu fiz novas amarrações, conectando o couro e transformando-o em uma peça única outra vez.

— Eu te amo, — ela diz me olhando nos olhos.

— Eu te amo também, Angel.

Dezoito

CASEY

Nos últimos dois dias G.T. tem sido a minha rocha. Depois da nossa longa viagem, eu me senti um pouco mais relaxada. Mas assim que voltamos ao clube, senti isso acontecer outra vez. A ansiedade retorcida e repentina que invade o meu corpo e eu não consigo afastar. Eu sei que Paine e Jace estão mortos. G.T. não deveria me contar isso porque são negócios do clube. Mas depois de falar com Pops ele ganhou permissão para me contar sobre Jace, os dois concordaram que eu deveria saber.

Graças a Deus por isso. Eu não acho que poderia aguentar nem mais um dia sabendo que aquele homem poderia passar por mim na rua um dia, pronto para me sequestrar, me machucar ou me matar. Mesmo que eu tenha visto Paine levar um tiro, ainda posso senti-lo, e toda vez que isso acontece preciso tomar um banho para me sentir limpa.

Mas, mesmo com ele morto, não posso deixar de pular com os barulhos, batidas na porta e até mesmo com o meu telefone. Não é apenas o que aconteceu comigo. Tudo que Paine realmente fez comigo foi tocar o meu corpo por fora e me aterrorizar com palavras sobre matar G.T. Eu ouço essas palavras sem parar em meus sonhos, e acordo suando frio. Nada vai acontecer com G.T. E eu provavelmente nunca vou superar a conexão entre Paine e Jace. Mas não é isso que realmente me abala.

É o que eu testemunhei ele fazer com Shaina que eu não consigo deixar para lá. Isso fica se repetindo na minha cabeça quando estou acordada, dormindo e a cada momento do dia. Seus gritos, soluços e sussurros não saem da minha cabeça. Eu não pude ajudá-la. Eu não

pude fazer nada para salvá-la. Eu apenas ouvi, e quando Paine me obrigava a abrir os olhos, sob o roscó de atirar em nós duas, eu vi também. Eu tinha que comprar tempo e esperança de que seríamos encontradas com vida.

Eu quero falar com Shaina, mas G.T. não acha que isso vai ser bom para mim. Eu não posso culpá-lo. Eu sei que estive apenas seguindo o fluxo da vida. Eu disse a ele que tenho trabalhos da faculdade para fazer, mas na verdade não ligo. Tudo que realmente quero é deitar na cama e ter G.T. me abraçando. E eu também sei que não vou escapar disso por muito mais tempo.

Princesa está jogando todo seu lado perspicaz comigo, e esse é um lado que ninguém quer ver. É apenas uma questão de tempo antes que ela exploda e me leve para um passeio. G.T. não sabe o que fazer comigo; porra, eu não sei o que fazer comigo. Mas ele tem sido tão compreensivo e amoroso que me mata quando eu quebro na sua frente. A expressão em seus olhos, ele está perdido e eu não posso encontrá-lo agora. Eu preciso me encontrar primeiro.

Eu pulo quando alguém bate na porta, mas solto uma respiração profunda. — Quem é? — eu pergunto desconfiada.

— Sou eu, Casey. Ou é Angel agora? — o canto da minha boca se levanta um pouco ao som da voz de Doc me chamando de Angel. Eu destranco lentamente a porta e giro a maçaneta. — Oi. Você queria me ver?

— Sim. Entre, — eu saio do caminho e fecho a porta quando ele entra. Meu coração está tão acelerado que sinto medo que ele exploda. Minhas mãos estão suadas e eu as seco na minha calça jeans. Doc se vira e segura minhas mãos.

— O que eu posso fazer por você? — eu olho para o homem e não sei por onde começar. Eu nunca pedi a alguém que me ajudasse assim e acho difícil achar as palavras. Não tenho certeza do que eu preciso, mas espero que Doc tenha. Ele me encara e levanta as sobrancelhas. — Angel, eu sei que você passou por momentos difíceis. É sobre isso que você quer falar?

Eu aceno com a cabeça e olho para o chão. Inspiro e expiro, tentando acalmar meu coração. Minhas palavras saem todas de uma vez. — Eu-não-sei-o-que-fazer-Doc-eu-não-consigo-dormir-merda-eu-pensei-que-tinha-totalmente-superado-Mia-mas-com-tudo-que-aconteceu-com-Jace-e-Paine-ela-continua-assombrando-os-meus-pensamentos-eu-me-preocupo-com-Shaina-e-não-aguento-mais, — eu

paro, mas não olho para Doc, não quero ver o olhar em seu rosto, pena, condenação... quem sabe?

— Angel, — sua voz é calma, mas eu ainda o evito. — Casey, — sua voz é mais firme e autoritária dessa vez, e eu levanto os olhos. Ele sorri. — Querida. Isso é normal. Você foi até o Inferno e voltou. O primeiro passo para melhorar é pedir ajuda. O fato de você ter pegado o seu telefone e me ligado me diz que você quer melhorar. Sua mente está em um lugar complicado agora, e ela precisa encontrar paz.

Eu não me incomodo em parar as lágrimas que caem enquanto ele fala. — Agora, você precisa ir a um psicólogo, — eu olho para ele em choque. De jeito nenhum eu vou conversar com um estranho sobre os meus problemas. Eu nem consigo contar a G.T. tudo o que aconteceu, muito menos para uma pessoa que eu nunca vi. — Eu posso ver que você não gosta da ideia, mas você quer melhorar?

Eu quero. De verdade. Eu não quero viver como vivi nesses últimos dias, ou pior, no fundo do poço em que eu estava quando perdi Mia. Os médicos do hospital disseram que eu deveria conversar com alguém, e eu queria ter ouvido esse conselho, mas naquela época eu estava em negação. — Sim.

— Então vamos conseguir a ajuda que você precisa. Você se sente mais confortável em falar com um homem ou uma mulher? — eu pondero a questão apenas por um momento.

— Mulher.

— Certo, uma colega minha vai ser perfeita, Dra. Anderson. E eu acho que vocês duas vão se dar muito bem. Eu vou ligar para ela e marcar uma hora para você. Tudo bem?

Eu aceno. — Obrigada, Doc.

— Não por isso, — ele para na minha frente e se aproxima. — Olhe para mim, Casey, — eu levanto os olhos e vejo um pequeno sorriso em seus lábios. — Você fez bem. Eu estou orgulhoso de você, — ele avança e passa os braços ao redor do meu corpo. Eu retribuo, e apenas um momento depois, relaxo em seus braços.

A porta se abre, eu pulo, engasgo e rapidamente me afasto do abraço de Doc.

— Mas que porra está acontecendo aqui? — G.T. ruge e nossos olhos se encontram.

— Pare. Não é o que você está pensando.

— Sério, Angel? E o que eu estou pensando? — ele olha para Doc.
— Saia daqui! — ele grita e se vira para mim. Doc não se mexe.

Eu ando até G.T. e coloco uma mão no seu peito. — Se acalme. Eu preciso que Doc me ajude, — eu respiro fundo. — Com tudo que aconteceu, eu não sei como fazer isso. Eu pedi a ele para me ajudar.

— Você chamou ele e não me chamou?

— Me desculpe. Eu deveria. Mas G.T., foi realmente muito difícil pegar o telefone e ligar para ele, para começar, então por favor, podemos não brigar sobre isso? — ele suspira e passo os braços ao meu redor, me puxando para o seu corpo. Ele beija a minha cabeça e eu me derreto nele.

Doc limpa a garganta. — Eu vou entrar em contato com você com novas informações, — eu tento sair do aperto de G.T., mas ele não deixa.

— Obrigada, — minhas palavras saem abafadas pela camiseta de G.T. Ele acena e caminha até a porta.

— Desculpa, cara. Não gosto de ninguém com as mãos na minha garota, — G.T. diz, pressionando o queixo na minha cabeça.

— Cuide dela, G.T., — ele diz e fecha a porta ao passar.

— Fale comigo, — sua voz é firme, mas cheia de preocupação.

Tantos pensamentos correm pela minha cabeça, mas eu falo com o coração. Está na hora de colocar para fora. — Eu me sinto como me sentia quando perdi Mia. Perdida. Quebrada. Eu apenas sigo o fluxo do dia, mas não é assim que deve ser. Eu preciso sair disso antes que piore. E vai piorar. Eu já estive lá. Eu não posso voltar. E eu preciso falar com Shaina.

— Você tem certeza que está pronta para isso?

— Sim, — não, na verdade não, mas é um passo.

— Você vai me dizer o que aconteceu? — ele pergunta me puxando para a cama e me acomodando no seu colo. Eu não quero dizer a ele o que eu vi, mas preciso. Eu preciso contar para alguém. Eu puxo a sua camiseta e me acomodo o mais perto possível do seu corpo.

— Ele... — minha voz quebra... — me tocou, — seu corpo endurece. — Não do jeito que você está pensando. Ele passou as mãos pelo meu corpo e disse coisas que estão ecoando na minha cabeça. Principalmente a parte sobre matar bem na minha frente, — eu respiro fundo e sinto o cheiro de G.T., o que me dá um pouco de conforto. — Mas... não é em mim que eu não paro de pensar. É em Shaina, — ele passa a mão pelas minhas costas, me acalmando. — Ele tomou dela o que ela não estava disposta a dar. Seus gritos ecoam nos meus sonhos. Quando eu fecho os olhos, ouço ela pedindo para ele parar, para alguém ajudá-la. Para *eu* ajudá-la. E eu não ajudei. Eu não podia. Eu estava tão impotente, — lágrimas escorrem e eu seco meu nariz com as costas da mão. — Eu preciso dizer a ela que eu sinto muito. Preciso que ela entenda que eu a teria ajudado, custasse o que for, se eu pudesse. Preciso que ela... — meus soluços explodem e eu me agarro à sua camiseta. G.T. começa a me balançar devagar como se eu fosse uma criança, e o movimento é uma distração bem-vinda.

— Eu apenas tenho que falar com ela, por favor, — eu peço a ele.

— Certo, Angel. Eu vou arrumar isso. Ela está aqui por enquanto. Pops quer que todos fiquem juntos depois do que aconteceu.

— Eu sei, — eu quero dizer a ele para me levar para longe daqui. Não que eu não goste do clube, é que são muito barulhos o tempo todo, e eu não acho que isso está me ajudando.

— Nós vamos fazer as malas e ir para nossa casa amanhã. Hoje vai ser nossa última noite aqui, e eu espero que seja por um bom tempo.

Eu viro a cabeça para ele e enxugo as lágrimas. — Sério? Nós vamos embora? — eu digo surpresa.

Ele sorri. — Sim. Eu finalmente vou poder te levar para casa, baby. Para longe de tudo isso, onde vai ser apenas você e eu. Não vou fazer nenhuma corrida pelas próximas duas semanas, então é só e você por um tempo.

Eu o abraço apertado. — Obrigada, — não ignoro o fato de que não continuamos a conversa sobre morar juntos, mas deixo isso para lá. Afinal de contas, ele vai ser o meu marido.

— Qualquer coisa por você, e eu vou fazer todo o necessário para você se sentir melhor.

Nós ficamos abraçados por um bom tempo. Quando ele me solta um pouco, pega seu telefone e digita um número. Ouço enquanto ele conversa com Princesa para arranjar um encontro entre eu e Shaina essa noite. Não consigo evitar o nervosismo. Não quero que ela me odeie, porque nesse momento eu já me odeio por nós duas.

Quando meu telefone vibra, eu pulo, mas respondo quando vejo o nome de Doc. Ele marcou uma hora para mim com a Dra. Anderson para amanhã de manhã, e G.T. diz que vai me levar. As coisas têm que melhorar. Certo?

* * *

O rosto de Shaina está cheio de hematomas e com cortes parcialmente cicatrizados cobrindo suas bochechas e a testa. Seus olhos se arregalam quando eu entro no quarto e eu me preparo, esperando os gritos que vão sair da sua boca, dirigidos a mim. G.T. está atrás de mim quando entro no quarto. Eu não queria que ele entrasse, mas ele insistiu. Ele não queria que eu viesse ao porão sozinha. Ele me prometeu que nunca mais ficaria longe.

Shaina se levanta da cadeira e caminha até mim. Meus olhos se arregalam e sou invadida por um pânico, pronta para a sua explosão. Quando Shaina passa os braços ao redor do meu corpo, ela aperta com força e nós duas soltamos as lágrimas que há tanto tempo precisamos deixar rolar. Ficamos presas nesse abraço por um bom tempo, as duas precisando sentir a dor de Paine. E as duas entendendo o que aconteceu naquele quarto. Ninguém nunca vai saber o terror que nós sentimos, mas Shaina teve a pior parte disso.

Quando ela se afasta de mim e me olha nos olhos, as palavras saem da minha boca. — Me desculpe, Shaina. Eu sinto muito.

— Shh... não é culpa sua, Casey, — ela pega minha mão e me leva até a mesa e as cadeiras. Nós sentamos. G.T. fica longe o bastante para nos dar privacidade, mas perto o suficiente caso algo aconteça. — Você não fez isso. Foi aquele filho da puta.

— Mas eu não pude impedi-lo.

— Não, você não pôde. Eu também não. Eu vou mentir se disser que estou bem, porque com certeza não estou. Mas eu sei que aquilo não foi sua culpa. Não mesmo. Você não pode pensar algo assim.

— Eu me sinto tão culpada.

— Por quê? Porque você não é a filha de Diamond? É por isso que ele me queria, Casey. Você o ouviu. Ele queria que Diamond pagasse de dentro da cova. Em vez disso, ele me faz pagar. Não havia como mudar a sua cabeça. Ninguém ia conseguir. O que aconteceu comigo foi resultado de quem era o meu pai.

— Você não pode culpar o seu pai, — eu sussurro.

— Eu não sei como me sinto sobre isso agora. Não sei como eu me sinto sobre um monte de coisas. Mas uma coisa é certa, eu não vou culpar você de maneira alguma. Você provavelmente é a única razão por ele não ter nos matado na hora. Eu sei que nós estávamos comprando tempo, mas isso não torna as coisas mais fáceis.

— Eu vou falar com alguém. Acho que você deveria fazer isso também, — eu digo, tentando sugerir que ela procure ajuda, mas não querendo ultrapassar seus limites.

— Princesa me disse a mesma coisa. Eu não sei o que fazer agora. Mas vou pensar nisso. Você não precisa se preocupar comigo. A única coisa que eu peço é que você mantenha contato. Preciso saber que você está bem.

Eu fico surpresa pelas suas palavras. Eu pensei que ela iria querer ir a quilômetros de distância do clube e nunca mais voltar. Nunca pensei que ela gostaria de manter contato comigo, e muito menos para saber se eu estou bem. Pelo contrário, deveria ser eu a estar demonstrando minha preocupação por ela. — Claro. Mas você tem que fazer o mesmo.

— Claro. Eu vou ficar na cabana da minha mãe por um tempo. Lá é um lugar tranquilo e eu preciso de tempo para pensar.

— Você tem certeza que ficar sozinha é uma boa ideia?

— Para mim, sim.

Eu aceno com a cabeça tentando entender, mas eu não sou ela e não faço escolhas pelos outros.

— Mantenha contato. Ok?

— Ok, — eu me levanto da cadeira e a abraço apertado. Um pouco do peso que carrego nos ombros se vai, mas a ansiedade ainda me sufoca. Espero que a médica consiga me ajudar.

* * *

— Como você está, Angel? — G.T. me pergunta quando saímos do consultório da Dra. Anderson. Ele queria entrar comigo, mas eu precisava fazer isso sozinha. Para ser honesta, estou feliz que foi assim. Dra. Anderson é uma mulher alta e magra, com o cabelo castanho bem curto. Ela usa óculos que lhe dão um ar de médica. Mas o que eu realmente gostei dela foi que quando eu entrei, ela exalava conforto. Há algo nela que faz sentir que eu posso conversar e me abrir.

Eu com certeza não pensei que isso ia acontecer, mas com ela aconteceu. E cara, eu realmente consegui me abrir com ela.

— Foi tudo bem, — eu sorrio. — Ela é fácil de falar e eu gosto dela.

— Eu fico feliz que você está vendo uma mulher, — como se eu já não soubesse disso. Eu não escolhi uma mulher apenas por mim, mas por ele também. Eu não sou idiota. — Você quer falar sobre isso?

— Eu me sinto bem, G.T. Pronta para seguir em frente, — eu digo animada pela primeira vez desde que tudo aconteceu.

— Eu também. Vamos para casa, — ele sorri e coloca a mão na parte baixa das minhas costas, me direcionando para dentro do meu carro.

Pela primeira vez em um tempo, calor corre pelo meu corpo. Casa. Algo que eu não tive por um bom tempo. Agora, eu vou ter uma casa com G.T. Agora eu posso superar todo o resto.

* * *

— E esse é o último, — G.T. diz largando a caixa no chão com um baque.

— Obrigada, — eu digo olhando ao redor do espaço que G.T. que fazer ser nosso. O termo *apartamento de homem solteiro* não parece certo, mas é a única coisa que me vem em mente. Quando nós entramos a casa tinha tanto mofo que eu comecei a sufocar, até G.T. abrir algumas janelas para deixar o ar entrar.

Caixas de comida, garrafas de cerveja e roupas estão espalhadas por todo o lugar, e eu tive que fazer uma limpeza apenas para conseguir andar. Não há muita mobília, apenas sofá, cadeira e uma grande TV. Eu vou precisar trazer algumas coisas do armazém em breve.

O quarto é a mesma coisa, quase vazio, com uma cama e um armário. A primeira coisa que eu fiz foi tirar os lençóis da cama. G.T. riu quando eu fui direto até a cozinha e coloquei tudo no lixo. Eu não quero saber quem esteve ou o que aconteceu sobre esses lençóis, e nossa prioridade é comprar uma cama nova. Se essa é a nossa nova vida, ela não vai acontecer em cima de uma cama na qual só Deus sabe o que aconteceu.

— Angel, vamos comprar uma cama e qualquer merda que você quiser. Eu quero que você faça daqui a sua casa. Mas nada de porcarias cor-de-rosa, — ele sorri e eu sei muito bem que vou encontrar um maldito travesseiro rosa, ele vai ter que engolir e aguentar isso, pelo menos por um tempo.

— Por favor. Eu quero um lugar para dormir hoje à noite, — eu brinco e ele ri.

* * *

Depois de compras e jantar, nós levamos tudo para casa, e quando eu digo levamos estou falando de dez sacolas de coisas novas. A cama vai ser entregue em uma hora, e eu estou exausta. Muito, muito cansada. Eu não tenho dormido muito bem nas últimas noites.

Eu bocejo e me jogo no sofá, sentindo uma calma correr pelo meu corpo. Os barulhos aqui são suaves e eu consigo relaxar. Eu caio em um sono profundo.

Meus olhos se abrem quando G.T. me pega e carrega em seus braços fortes através do corredor. Eu olho para o quarto onde acabamos de entrar. A cama foi entregue enquanto eu estava dormindo, e G.T. a arrumou com os novos lençóis que nós compramos. — Você arrumou a cama? — eu sussurro surpresa.

— Tudo para você, Angel. Durma, — ele me coloca gentilmente sobre a cama e puxa as cobertas sobre o meu corpo. A cama afunda e G.T. se acomoda atrás de mim, passando os braços ao meu redor. Eu

me acomodo no seu calor, sinto a maciez dos lençóis e fecho meus olhos para o mais pacífico sono que tive em muito tempo.

* * *

G. T.

Eu observo Angel dormir, sua respiração calma e profunda. Eu faria qualquer coisa para levar sua dor embora. Eu com certeza a colocaria sobre os meus ombros e carregaria isso para ela. Mas, infelizmente, eu não posso, e isso me faz sentir totalmente impotente.

Me mata ela não poder falar comigo sobre o que aconteceu. Como se eu realmente fosse pensar menos dela se ele tivesse a tocado. Mas quem sabe o que se passa na cabeça de uma mulher. Eu apenas estou feliz que aquela médica é alguém que ela sente que pode conversar. Eu não deveria ficar magoado por não ser eu, mas porra, não consigo evitar. Tudo que eu posso dizer é que estou feliz por ela ter escolhido uma mulher. Já foi difícil ter que esperar ela sair da sessão. Se eu tivesse que esperar enquanto ela estava com outro homem dentro de uma sala fechada, eu teria perdido a cabeça.

Eu mantive em mente que devo ser carinhoso com ela o tempo todo. Eu não vou pressioná-la. Eu vou mostrar a ela todos os dias que eu a quero e sempre vou achá-la bonita, não importa como ela se sinta sobre o que aconteceu.

As memórias daquele dia estão gravadas no meu cérebro e eu faria qualquer coisa para apagá-las. Há noites em que eu acordo em um salto com visões dela pendurada pelos braços, mas disfarço rapidamente, não querendo assustar a minha garota. Ela está melhorando tanto. Ela é forte pra caralho, e eu amo ainda mais a cada dia que passa.

Quando ela quis ver Shaina, eu queria dizer não. De jeito nenhum eu queria que ela revivesse aquela merda, e ver Shaina com certeza faria isso. Eu fui egoísta, admito. Mas eu tinha as melhores intenções. Eu apenas queria protegê-la o máximo possível. Várias vezes eu pensei em trancá-la em um quarto e nunca mais deixar ela sair. Mas eu sei que ela nunca deixaria isso acontecer. Eu rio de mim mesmo por causa dessa ideia.

Na verdade, seria muito bom ver esse fogo. Ela tem sido doce. Forte, mas derrotada.

Tudo que eu sei é que eu amo e vou fazer tudo e qualquer coisa para ajudá-la a passar por isso.

Dezenove

CASEY

UM MÊS DEPOIS

— G.T.! Pare com isso! — eu rio e tento colocar a salada de batata em uma grande tigela, mas derrubo por todos os lados. — Eles vão estar aqui a qualquer momento, — eu digo quando sua mão ao redor da minha cintura e viaja pela minha camisa, agarrando meu seio. Eu largo a colher, não querendo fazer uma sujeira ainda maior.

— Eles podem esperar, — ele rosna no meu pescoço. Depois de conversar com a Dra. Anderson várias vezes por semana, eu me sinto muito melhor. Mais parecida com o meu antigo eu. Ela está me ajudando a superar o luto pela Mia, embora eu saiba que a dor pela sua perda jamais vai desaparecer. Também estou começando a processar o que aconteceu com Jace e Paine. É incrível o que um mês pode fazer. Depois que saímos do clube, eu tenho dormido muito melhor. O sono vem mais fácil, e embora eu ainda tenha alguns pesadelos, eles estão se tornando menos frequentes.

Eu voltei a trabalhar na oficina e acho que isso me ajudou muito. Estar sob o capô de um carro sempre me acalmou. Eu consegui organizar os meus horários, essa coisa de aulas online está dando muito certo, na verdade. G.T. arrumou o depósito como um escritório, com uma mesa para eu estudar. A casa de G.T. é agora a *nossa casa*.

Quando eu tento transar pela primeira vez depois do incidente, G.T. é muito gentil, e se mantém conectado comigo em todos os momentos. Eu pensei que ia ter problemas no sexo, mas falar com a médica ajudou. Um dia, eu apenas decidi que queria isso, e também me

ajuda a me sentir mais próxima dele, algo que eu quero desesperadamente.

— Mais rápido, — eu digo me virando em seus braços e conectando nossos lábios.

* * *

— Você veio! — eu digo para Blaze a puxo para dentro da casa. Eu não achei que ela viesse, embora eu tivesse a convidado e tudo mais. Mas ela está aqui e eu estou feliz. Os irmãos e suas *old ladies* estão aqui há duas horas, e a bebida e a comida estão correndo soltas. Eu descobri que eu amo dar festas.

— Eu vim, — ela diz passando os braços ao meu redor. Eu faço o mesmo, apertando seu corpo macio.

— Venha comer, — eu a puxo na direção da cozinha e os olhos de todos se viram para ela. Blaze é linda, e tanto os homens quando as mulheres presentes podem apreciar a sua beleza. Ela junta os ombros e dá pequenos sorrisos e acena um *oi* com confiança. Embora ela sempre veja os irmãos no clube, ela não interage com eles com frequência.

— Eu não estou com fome e não posso ficar muito.

— Besteira. Você vai ficar, comer e se divertir. Você precisa parar de se esconder o tempo todo, — ela me dá um pequeno sorriso, mas não responde.

— Beer Pong⁴! — Bubbles, a *old lady* de Becs, grita. Eu reviro levemente os olhos.

— Quantos anos vocês têm, dezoito? — Harlow provoca. — Ah, merda... que se foda! — ela joga os braços para cima e cava dentro do armário até puxar um saco cheio de copos de cerveja vermelhos e amarelos. Ela enche doze deles até a metade. — Você tem uma bolinha de pingue-pongue, mulher?

— E você acha que eu sei? — eu digo e vou atrás de G.T., que está sentado lá fora com todos os irmãos, Cruz, Becs, Dagger, Rhys e Zed, e

⁴ É um jogo que consiste acertar bolinhas de pingue-pongue em copos de cerveja cheios ou parcialmente cheios, muito comum em fraternidades universitárias. Quem acerta, faz o adversário beber.

eles sorriem quando eu me aproximo. G.T. aumenta seu sorriso, os olhos presos nos meus. — Oi, baby. Você tem uma bolinha de pingue-pongue?

— Ah, cara. Sério, Angel?

Eu dou de ombros. — Bubbles queria jogar, Harlow gostou da ideia e agora eu estou procurando uma bola.

— Eu tenho bolas aqui para você, — Dagger diz e G.T. rosna.

— Você quer manter essas malditas bolas? — ele pergunta para Dagger, que explode rindo. — Vamos lá, baby. Eu cuido disso.

Nós já estamos no segundo round do jogo e porra, Harlow deve ter praticado. Ela continua acertando todos os copinhos e está com sua fúria focada em mim. Eu já tomei vários copos de cerveja, mas ainda estou firme.

Olho do outro lado da sala e vejo Blaze e Tug no parece uma conversa séria. As mãos de Blaze não param de se mexer e Tug está com os braços cruzados sobre o peito, na famosa pose *eu sou o homem, você escuta*. G.T. faz muito isso, então estou bastante familiarizada com ela.

Eu tento ler os seus lábios, mas não consigo. Tenho certeza que isso não tem a ver com o tanto de álcool que tomei. Eu realmente quero saber, mas sei que não é da minha conta.

Meus olhos então disparam para o homem mais gostoso que eu conheço, *o meu homem*. Seus olhos encontram os meus e eu posso vê-los dançando. Eu dou uma piscada e ele sorri. Deus, eu amo aquelas covinhas. Eu sinto os laços que nos conectam me puxando para ele, mas também sei que se eu ceder e for até lá, isso vai acabar com ele me carregando pela casa até o quarto. Não que eu me importe. Eu apenas quero cuidar dos nossos convidados.

A vida com certeza tem várias reviravoltas. Algumas nós esperamos, outras podem ser devastadoras. Eu não tenho certeza absoluta de como G.T. e eu chegamos aqui, mas eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar.

* * *

G. T.

— Graças a Deus eles foram embora, porra, — eu bato a porta quando Rhys e Dagger passam, os dois são sempre os últimos a deixar as festas. O que em geral não tem problema, mas essa noite eu quero estar dentro de um anjo.

Eu me viro e marchoo direto para ela, os olhos de Angel se arregalam e ela prende a respiração. Eu não fui capaz de ficar com as mãos longe dela mais do que alguns minutos, desde que ela me deixou voltar a tocá-la. Eu totalmente amo estar enterrado dentro dela. Ela é a minha droga, o meu vício.

Eu a pego pela cintura e a puxo para o meu corpo, ela ofega, suas mãos correm para o meu peito para se segurar. Eu esmago meus lábios nos dela, provando o gosto de cereja do seu gloss enquanto devoro sua boca. Ela me fez amar cerejas. Ela me beija de volta e se segura firme, suas mãos passam pelo meu cabelo e dão um leve puxão. Eu rosno.

Eu cubro seu traseiro e a puxo para cima, ela aceita o convite e passa as pernas ao redor do meu corpo. Eu a levo direto para o sofá, caindo em cima dela. Minhas mãos viajam pelo seu corpo até a borda da sua camiseta, que eu tiro rápido pela sua cabeça. Nossos lábios se separam por um momento, mas voltam a se encontrarem um segundo depois.

Eu solto seu sutiã, jogo a peça no chão e amasso seus peitos enquanto ela geme na minha boca. Eu puxo seus mamilos e giro eles entre meus dedos, fazendo suas costas arquearem do sofá.

Eu me afasto da sua boca e olho para a minha linda mulher. Ela voltou a sorrir. Parece que seu sorriso tirou férias por um tempo, mas seja lá o que a Dra. Anderson está fazendo, está funcionando. Ela está se abrindo e me mostrando a Angel que eu amo.

Eu abro suas calças e as puxo para baixo junto com a calcinha em um único movimento. Ela se mexe para tirar a minha calça. — Não. Fique parada, — eu me levanto e tiro rápido as minhas roupas, jogando tudo sobre elas dela, no chão.

— Eu vou te foder agora, baby, — ela assente, incapaz de falar agora.

— Sim, por favor, — é tudo que ela choraminga.

Eu não perco tempo e bato dentro de casa, dentro dela, esticando sua buceta apertada, e ela grita. Suas unhas curtas cavam na minha pele e eu amo isso pra caralho. Eu desejo mais. Eu quero que ela me marque. Eu quero fazer ela minha.

Depois que estamos os dois bem satisfeitos, mal chegamos até a cama e caímos em um sono pacífico e feliz.

Epílogo

CASEY

DUAS SEMANAS DEPOIS

Felicidade. Quem teria imaginado? Eu com certeza não. Mas é incrível como a vida muda. Meus braços se agarram a G.T. enquanto o rugido do motor da sua Harley vibra entre as minhas pernas. Minha buceta treme quando eu me empurro mais contra a bunda firme de G.T. O vento chicoteia meus cabelos e óculos de sol impedem que insetos entrem nos meus olhos. Eu aprendi ainda criança a manter a boca fechada, somente falar quando necessário. Porra, uma boa ventania pode dar muita dor de garganta.

Mas é isso que eu amo. Eu amo estar na moto do meu homem, sentindo o mundo passar por nós. Nada mais que um borrão. Tudo é cheio de cores vivas e eu saboreio cada segundo. G.T. me surpreendeu essa manhã, me dizendo que queria me levar para um passeio, e eu rapidamente aceitei. Não existe lugar melhor no mundo do que este em que estou agora.

Minha mente corre para as últimas semanas e para montanha-russa pela qual passei. Eu tive tantos momentos difíceis, mas outros de felicidade para equilibrar. Uma coisa é certa: eu amo esse homem. Eu o amo com todas as forças da minha alma.

Eu o abraço com mais força; sua mão deixa o guidão da moto e aperta a minha, me dizendo que ele também sente isso. Eu deixo tudo para trás e aproveito o passeio.

* * *

G. T.

MAIS TARDE NAQUELA NOITE

O som estridente do meu telefone me tira de um sono tranquilo. O quarto está na total escuridão, com apenas uma fresta da luz da lua entrando por uma fresta na cortina. Rosnando, eu rolo sobre a cama e aperto os olhos para tentar ler as horas no relógio digital sobre a cabeceira, mas a luz queima minhas pupilas. 3h37. Mas que porra? Tem que ser algo ruim. Meu corpo cai de volta na cama, mas em um instante estou alerta, inquieto e com a adrenalina correndo pelo meu corpo, fazendo meu coração martelar dentro do peito.

Estico o braço e procuro o telefone. Eu tento encontrar a coisa rápido, antes que a linda mulher dormindo ao meu redor acorde. Pegando a calça jeans que deixei jogada no chão na noite anterior, procuro dentro do bolso. Fecho a mão em volta do aparelho e o trago perto do rosto para ver quem está ligando. Pops. Merda, isso realmente não vai ser bom.

— O quê? — eu resmungo no telefone e rezo para que não seja nada. Com sorte vai ser apenas para dizer que minha mãe está gripada ou que Low explodiu por causa de alguma coisa. Ravage tem passado por um moedor nos últimos tempos, e nós precisamos de uma folga. Mais do que merecemos.

— Venha já para cá, porra! Os policiais acabaram de sair. Eles entraram no clube e destruíram tudo! — Pops grita no telefone.

Eu saio da cama com cuidado para não assustar Angel. Coloco a calça jeans, e o tecido áspero me acorda mais do que as palavras de Pops rodando pela minha cabeça. um milhão de perguntas, e eu finalmente foco em uma.

— Eles encontraram algo? — eu pergunto, sabendo que temos esqueletos que precisamos manter escondidos.

— Eu não sei, porra. Eles não prenderam ninguém, mas isso não significa merda nenhuma.

Pops está puto. Isso tem sido um ciclo sem fim, ultimamente. Nós cuidamos de uma situação e então outra explode na nossa cara.

— Estou a caminho, — eu desligo e o coloco no bolso. Eu me viro para Angel, seus olhos fechados, os cílios fazendo sombra sobre suas bochechas delicadas. Ela parece tão calma e angelical. Eu odeio acordá-la, mas ela precisa saber que eu vou sair. Eu me abaixo e dou um beijo na sua cabeça, chamando seu nome baixinho. Com um gemido ela acorda e faz um beicinho com seus lábios de cereja.

— Baby, eu tenho que ir até o clube. Vou estar de volta logo.

Ela pisca e abre os olhos. — Ok, baby. Te amo.

Ela me beija e volta a dormir.

Eu coloco a primeira camiseta de algodão que vejo no armário e saio do quarto escuro para o corredor, onde coloco minhas botas. Eu saio de casa me preparando para o que estiver por vir agora.

Pulo na minha moto, ligo o motor e a vibração não faz nada para acalmar meus nervos e pensamentos. Eu apenas preciso chegar lá, saber o que aconteceu e ajudar os irmãos a pensar em um plano. Pisando no acelerador, eu corro na direção do clube, o rugido do motor ecoando pelas ruas desertas.

Será que um homem não pode ter um momento de paz?

Fim